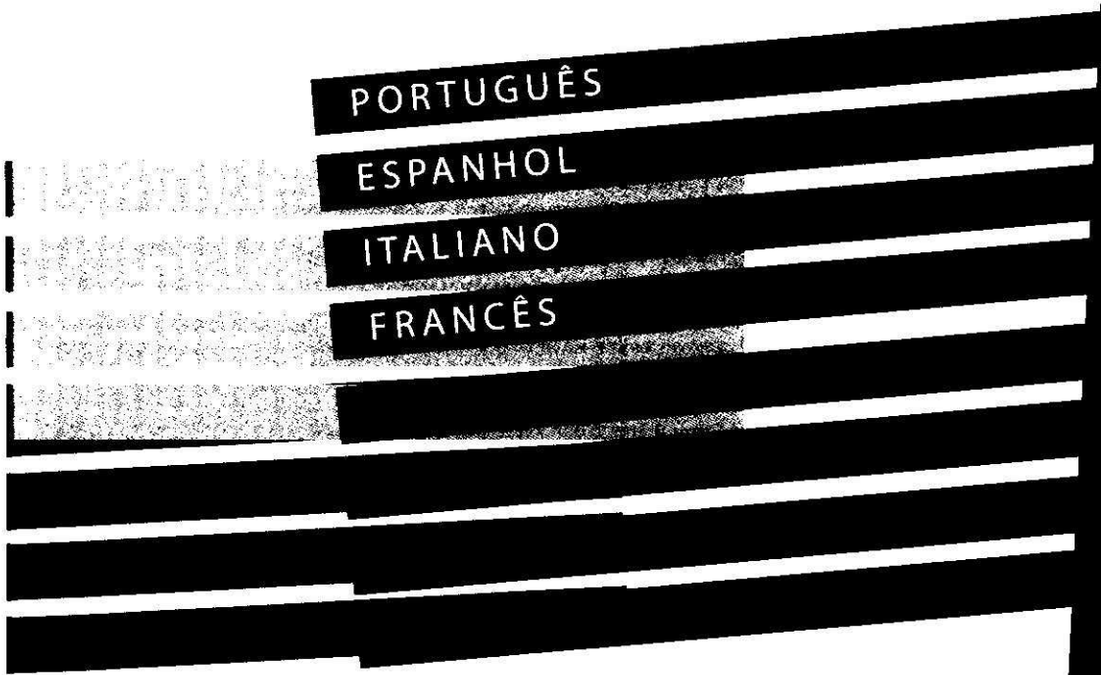
A ideia que inspirou a criação desta obra é a certeza de que, observando as regularidades com que se estabelecem diferenças entre línguas de mesma origem, o usuário nativo de uma delas se torne capaz de entender as outras. A *Gramática Comparativa Houaiss* serve de guia para o processo de compreensão das quatro línguas românicas mais faladas: português, espanhol, italiano e francês.

Trata-se, em primeiro lugar, de compreender e não de falar ou escrever. Assim, o leitor que já fala e escreve o português poderá adquirir, com facilidade e por empenho autodidata, em espanhol, em italiano e em francês, competência suficiente para a leitura de textos simples e, numa segunda etapa, entender enunciados orais. O objetivo é permitir que os falantes de cada uma das quatro línguas estabeleçam uma comunicação entre si sem precisar recorrer a uma terceira língua.

A intercompreensão é um instrumento de resistência ao nivelamento cultural e à dominação de algumas línguas sobre as demais. É uma forma de integrar-nos no universo da globalização sem prejuízo do patrimônio linguístico que, acumulado historicamente, traduz a identidade cultural.

GRAMÁTICA COMPARATIVA HOUAISS QUATRO LÍNGUAS ROMÂNICAS

GRAMÁTICA COMPARATIVA HOUAISS QUATRO LÍNGUAS ROMÂNICAS



Obra elaborada por uma equipe de romanistas.
Volume em português redigido e organizado por:

Ana Maria Brito
Universidade do Porto, Portugal

Birger Lohse
Universidade de Copenhagen, Dinamarca

Godofredo de Oliveira Neto
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

José Carlos de Azeredo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

HOUAISS PUBLIFOLHA

À memória de
Jørgen Schmitt Jensen †
Coordenador-Geral do Projeto

Instituto Antônio Houaiss

Coordenação editorial
Rodrigo Villar

Projeto gráfico
Susan Johnson

Editoração eletrônica
Susan Johnson
Patricia Esteves

Revisão
Isabel Newlands
Colaboraram nesta edição André Neme Conforte (formatação dos anexos)
e Flávio de Aguiar Barbosa (verificação de transcrições fonéticas)

Publifolha

Editora-assistente
Adriane Piscitelli

Coordenadora de produção gráfica
Soraia Pauli Scarpa

Capa
Rita da Costa Aguiar

Revisão
Marcia Menin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gramática comparativa : Houaiss : quatro línguas românicas : português, espanhol, italiano e francês / Ana Maria Brito...[et al.]. – São Paulo : Publifolha, 2010.

Outros autores: Birger Lohse, Godofredo de Oliveira Neto, José Carlos de Azeredo.
ISBN 978-85-7914-241-3

1. Gramática comparada – Estudo e ensino 2. Espanhol – Gramática – Estudo e ensino 3. Francês – Gramática – Estudo e ensino 4. Italiano – Gramática – Estudo e ensino 5. Português – Gramática – Estudo e ensino 6. Línguas românicas I. Brito, Ana Maria. II. Lohse, Birger III. Oliveira Neto, Godofredo de. IV. Azeredo, José Carlos de.

10-10469 CDD-415.02

Índices para catálogo sistemático:
1. Gramática comparada : Línguas românicas : Estudo e ensino 415.02

A grafia deste livro segue as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição reservados à:
Publifolha – Divisão de Publicações
da Empresa Folha da Manhã S.A.
Al. Barão de Limeira, 401, 6º andar,
Campos Elíseos, CEP 01202-900, São Paulo, SP
Tel.: (11) 3224-2186/2187/2197
Fax: (11) 3224-2163

Sob licença de:
Paracatu Editora
R. Voluntários da Pátria, 89, sala 702,
Botafogo, CEP 22270-010,
Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2246-3688
Fax: (21) 2535-3457

Todos os direitos desta edição reservados à Publifolha – Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S.A. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito da Publifolha.

Una Europa di poliglotti non è una Europa di personne che parlano correntemente molte lingue, ma nel migliori dei casi di persone che possono incontrarsi parlando ciascuno la propria lingua e intendendo quella dell'altro, che pure non saprebbero parlare in modo fluente, e intendendola, sia pure a fatica, intendessero il "genio", l'universo culturale che ciascuno esprime parlando la lingue dei propri avi e della propria tradizione.

Umberto Eco: *La ricerca della lingua perfetta*, Editori Laterza Fare l'Europa, 1993

Uma Europa de poliglotas não é uma Europa de pessoas que falam correntemente muitas línguas, mas, na melhor das hipóteses, de pessoas que podem encontrar-se falando cada uma a própria língua e compreendendo a do outro e que, apesar de não saberem falá-la de forma fluente, a entendem mesmo com alguma dificuldade e compreendem o "gênio", o universo cultural que cada um exprime falando a língua dos seus antepassados e da sua tradição.

SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA ... 15

INTRODUÇÃO ... 19

I O PORTUGUÊS E AS OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

1.1. As línguas românicas ... 25
1.2. A ortografia e a fonética ... 26
1.2.1. A ortografia ... 26
1.2.2. A fonética ... 27
1.3. A morfologia e a sintaxe ... 28
1.4. O léxico ... 30

II ORTOGRAFIA E FONÉTICA

2.1. O alfabeto e a pronúncia do espanhol ... 35
2.1.1. O alfabeto espanhol ... 35
2.1.2. O acento tônico e o acento gráfico ... 35
2.1.3. Valor fonético das letras ... 36
2.1.3.1. As consoantes ... 36
2.1.3.2. As vogais ... 38
2.1.4. Fenômenos de pontuação ... 39
2.2. O alfabeto e a pronúncia do italiano ... 39
2.2.1. O alfabeto italiano ... 39
2.2.2. O acento tônico e o acento gráfico ... 39
2.2.3. Valor fonético das letras ... 40
2.2.3.1. As consoantes ... 40
2.2.3.2. As vogais ... 41
2.3. O alfabeto e a pronúncia do francês ... 42
2.3.1. O alfabeto francês ... 42
2.3.2. O acento tônico e o acento gráfico ... 43
2.3.3. Valor fonético das letras ... 43
2.3.3.1. As consoantes ... 43
2.3.3.2. As vogais ... 47

III O LÉXICO

3.1. O vocabulário das quatro línguas românicas ... 53
3.2. Léxico acumulado e vocabulário utilizado ... 55
3.3. Estrutura da formação de palavras ... 55
3.4. Pseudoafixos ... 58
3.5. Vocábulos "populares" e vocábulos "eruditos" ... 59
3.6. Conclusão ... 60

IV A HISTÓRIA DAS PALAVRAS
4.1. O patrimônio hereditário 63
4.1.1. Comparação de algumas evoluções 64
4.1.2. Algumas particularidades 65
4.2. A criatividade lexical 69
4.2.1. Formas convergentes e divergentes 73
4.2.2. Os empréstimos 75
4.3. Criação de sistemas organizados 76
4.4. A eliminação dos sinônimos 79
4.5. Conclusão 80

V ORGANIZAÇÃO DO LÉXICO
5.1. Análise lexical 83
5.1.1. Generalidades 83
5.1.2. Exemplo de análise lexical comparada 85
5.2. Algumas fronteiras lexicais 88
5.2.1. Os verbos *ser* e *estar* 88
5.2.2. O pai + a mãe = os pais 89
5.2.3. Diminutivos e aumentativos 91

VI FLEXÃO DOS NOMES E DOS ADJETIVOS
6.1. O gênero nos nomes e nos adjetivos 97
6.1.1. Distribuição dos nomes pelas formas masculina e feminina 97
6.1.2. Formação do feminino nos nomes e nos adjetivos 97
6.1.2.1. Feminino em *-a/-e* 97
6.1.2.2. Nomes e adjetivos uniformes quanto ao gênero 98
6.1.2.3. Sufixos próprios para a formação do feminino 99
6.1.3. O caso particular dos nomes de profissões 99
6.2. O número nos nomes e nos adjetivos 99
6.2.1. O plural nas quatro línguas 99
6.2.2. A formação do plural em espanhol 100
6.2.3. A formação do plural em francês 100
6.2.4. A formação do plural em italiano 100
6.3. Apócope de adjetivos 101
6.4. A expressão do grau nos adjetivos 102
6.4.1. Quadro geral 102
6.4.1.1. Algumas observações sobre a expressão do grau dos adjetivos 102
6.4.2. Comparativos e superlativos sintéticos 103
6.5. Posição do adjetivo qualificativo 103

VII OS ARTIGOS
7.1. Artigos definidos 107
7.1.1. Quadro das formas simples 107
7.1.2. Formas contraídas com certas preposições 107
7.1.3. Observações sobre o emprego dos artigos definidos 108
7.2. Artigos indefinidos 109
7.2.1. Quadro das formas simples 109
7.2.2. Observações sobre o emprego dos artigos indefinidos 109
7.3. Artigos partitivos 109
7.4. Artigo definido ou pronome? Uma origem comum 110

VIII OS PRONOMES PESSOAIS
8.1. Aspectos gerais 115
8.2. Pronomes pessoais 115
8.2.1. Pronomes pessoais sujeito 115
8.2.2. Pronomes pessoais: formas de complemento 117
8.2.2.1. Formas de P1, P2, P4 e P5 (acusativo e dativo) 117
8.2.2.2. Formas de P3 e P6 (acusativo e dativo) 117
8.2.2.3. Dativo e oblíquo (regidos de PREP) 118
8.2.2.4. O pronome *si* 119
8.3. Combinação de pronomes clíticos 119
8.4. Posições dos pronomes fracos (clíticos) 120
8.5. A designação dos interlocutores 121
8.5.1. A designação do locutor 121
8.5.2. O tratamento do interlocutor 122
8.6. Pró-formas próprias do italiano e do francês 123

IX OS DETERMINANTES E PRONOMES POSSESSIVOS
9.1. Observações gerais 127
9.2. Os determinantes possessivos 127
9.2.1. As formas 127
9.2.2. Regras gerais de emprego 128
9.2.3. Os pronomes possessivos 129

X OS DEMONSTRATIVOS
10.1. Aspectos gerais 133
10.2. Determinantes e pronomes demonstrativos 133
10.2.1. Formas dos determinantes 133
10.2.2. Formas dos pronomes 133
10.2.2.1. Formas variáveis 133
10.2.2.2. Formas invariáveis 134
10.2.3. Observações quanto ao uso de determinantes e pronomes 134
10.2.4. Os advérbios demonstrativos "localizadores" 135

XI OS RELATIVOS, OS INTERROGATIVOS E OS EXCLAMATIVOS
11.1. Os relativos 139
11.1.1. As formas 139
11.1.2. Condições de emprego 139
11.2. Os interrogativos 141
11.2.1. As formas 142
11.2.2. Algumas particularidades no emprego dos interrogativos 143
11.2.3. Ordem de palavras nas interrogativas 143
11.2.4. Interrogação indireta 144
11.3. Os exclamativos 144

XII A QUANTIFICAÇÃO: OS INDEFINIDOS
12.1. Quantificação universal 147
12.1.1. *Todo, todos, tudo* 147
12.1.2. *Qualquer, quaisquer* e formas complexas correspondentes 148
12.2. Quantificação distributiva 149
12.2.1. Adjetivos 149
12.2.2. Pronomes 149
12.3. Quantificadores existenciais (valores de singularidade ou pluralidade); quantificadores discretos 149
12.3.1. Adjetivos 149
12.3.2. Pronomes (variáveis ou invariáveis) 150
12.4. Quantificação de conjunto vazio 150
12.4.1. Adjetivos e formas variáveis de pronomes 150
12.4.2. Pronomes invariáveis 151
12.5. Elementos de quantificação: síntese das diferenças principais 151

XIII A QUANTIFICAÇÃO: OS NUMERAIS
13.1. Numerais cardinais 155
13.1.1. Formas 155
13.1.2. Formação e emprego 157
13.2. Numerais ordinais 158
13.2.1. Formas 158
13.2.2. Emprego 159

XIV MORFOSSINTAXE DO VERBO
14.1. Introdução 163
14.1.1. Terminologia: quadro comparativo 163
14.1.2. Apresentação dos verbos auxiliares 164
14.1.3. As três classes de conjugação 165
14.2. As formas não pessoais 167
14.2.1. O infinitivo 167

14.2.2. O gerúndio 167
14.2.3. O particípio 168
14.2.3.1. Particípio "passado" e particípio "presente" 168
14.2.3.2. Formas regulares do particípio 168
14.2.3.3. Os particípios irregulares 169
14.3. Formas pessoais simples 170
14.3.1. Blocos de conjugação 170
14.3.2. As marcas de pessoa 170
14.3.3. O infinitivo flexionado ou pessoal do português 172
14.3.4. Presente do indicativo e presente do subjuntivo 172
14.3.4.1. O presente do indicativo regular 172
14.3.4.2. O presente do subjuntivo regular 174
14.3.4.3. Alterações gráficas 175
14.3.4.4. As irregularidades dos presentes 175
14.3.4.4.1. Irregularidades que afetam o vocalismo do radical 175
14.3.4.4.2. Irregularidades que modificam o consonantismo do radical 176
14.3.4.4.3. Irregularidades simultaneamente vocálicas e consonânticas 177
14.3.4.4.4. Outras irregularidades 178
14.3.5. O imperativo 178
14.3.6. Futuro do presente e futuro do pretérito (condicional) 180
14.3.6.1. Formas regulares 180
14.3.6.2. Uma particularidade das formas de futuro 182
14.3.7. Pretérito imperfeito do indicativo 183
14.3.7.1. Conjugação regular 183
14.3.7.2. Algumas irregularidades 184
14.3.8. Pretérito perfeito 184
14.3.8.1 O paradigma regular 184
14.3.8.2. Irregularidades 186
14.3.8.2.1. Pretéritos fracos e pretéritos fortes 186
14.3.8.2.2. Uma particularidade dos verbos franceses 187
14.3.8.2.3. Outras irregularidades 187
14.3.9. Os pretéritos imperfeitos e os futuros do subjuntivo 187
14.3.9.1. Pretéritos imperfeitos 187
14.3.9.2. O futuro do subjuntivo 189
14.3.10. Pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo do português 190
14.4. As formas compostas 190
14.4.1. Os "tempos compostos" 190
14.4.2. A voz passiva 192

XV EMPREGO E SINTAXE DAS FORMAS VERBAIS
15.1. A propósito de certas formas verbais simples 195
15.1.1. O infinitivo 195
15.1.2. O gerúndio e formas afins 196
15.1.3. As formas em *-ra* do português e do espanhol 196
15.2. Relações entre tempos simples e tempos compostos 197
15.2.1. A escolha do auxiliar 197
15.2.2. Concordância do particípio nas formas compostas 198
15.2.3. Condicionais simples e composto 199
15.2.4. Pretérito perfeito simples (ou pretérito indefinido) e pretérito perfeito composto (ou pretérito perfeito) 199
15.2.5. Os três mais-que-perfeitos do indicativo do português 201
15.2.6. O pretérito anterior 201
15.3. A voz e outras perífrases verbais 202
15.3.1. *Ser* e *estar* 202
15.3.2. Outras perífrases verbais 202
15.3.2.1. Perífrases aspectuais 202
15.3.2.2. Perífrases modais 204
15.4. As relações verbais no período composto 204
15.4.1. Princípios gerais 204
15.4.2. Nas orações substantivas 205
15.4.2.1. Casos de convergência das quatro línguas 205
15.4.2.2. Variação da atitude e respectiva expressão modal 206
15.4.2.3. O verbo *esperar* 206
15.4.2.4. Verbos de opinião 207
15.4.2.5. A concordância dos tempos 207
15.4.3. Nas orações adjetivas 208
15.4.4. Nas orações adverbiais 209
15.4.4.1. Subordinadas temporais introduzidas por *quando* 209
15.4.4.2. Subordinadas condicionais introduzidas por *se* 210
15.4.5. O futuro do subjuntivo do português 211

XVI AS CONJUNÇÕES
16.1. Conjunções coordenativas 215
16.1.1. Aditivas ou copulativas 215
16.1.2. Alternativas 216
16.1.3. Adversativas 216
16.1.4. Conclusivas 217
16.1.5. Explicativas 217
16.2. Conjunções subordinativas 218
16.2.1. Integrantes 218
16.2.2. Finais 218
16.2.3. Consecutivas 218
16.2.4. Causais 219

16.2.5. Temporais 219
16.2.6. Condicionais ou hipotéticas 220
16.2.7. Concessivas 220
16.2.8. A conjunção *como* 221

XVII AS PREPOSIÇÕES
17.1. Aspectos gerais 225
17.2. As preposições mais frequentes 225
17.2.1. A preposição *de* e seus equivalentes 226
17.2.2. A preposição *a* e seus equivalentes 228
17.2.3. A preposição *em* e seus equivalentes 229
17.2.4. As preposições *para*, *por* e seus equivalentes 230
17.2.5. A preposição *com* e seus equivalentes 232
17.3. Outras preposições e locuções prepositivas 232

XVIII OS ADVÉRBIOS
18.1. Aspectos gerais 237
18.2. Adjetivos e advérbios 237
18.3. Formação dos advérbios em *-mente* 238
18.4. Alguns advérbios e locuções adverbiais de modo 239
18.5. Advérbios e locuções adverbiais de lugar 240
18.6. Advérbios e locuções adverbiais de tempo 241
18.7. Quadros comparativos 241
18.7.1. Pares antitéticos 241
18.7.2. Sequência dos dias na linha do tempo 241
18.7.3. Advérbios e locuções que expressam a frequência da ação 242
18.7.4. *Já*, *mais* e *ainda* 243
18.8. Advérbios e locuções adverbiais de quantidade e de intensidade 244
18.9. A negação e a afirmação 246
18.9.1. A negação proposicional e predicativa 246
18.9.2. A negação de constituintes 248
18.9.3. Afirmação e negação como respostas a um enunciado anterior 249
18.9.3.1. Resposta positiva 249
18.9.3.2. Resposta negativa 250

Anexo I Tabela de símbolos fonéticos utilizados 255
Anexo II Confronto prático das formas lexicais 257
Anexo III Paradigmas verbais 268
Referências 289

NOTA PRÉVIA

O projeto que deu origem a este livro é o produto da minha experiência de professor de línguas românicas na Universidade de Aarhus, Dinamarca.

A ideia inicial foi-me sugerida pela situação linguística do meu país. O dinamarquês pertence, como se sabe, à família das línguas escandinavas, que são a continuação do antigo nórdico, o ramo setentrional do germânico. Esta família compreende dois grupos, entre os quais a intercompreensão não é possível: de um lado, o islandês e o feroico, do outro, o dinamarquês, o norueguês e o sueco. Mas um dinamarquês, um norueguês e um sueco podem compreender-se entre si falando cada um a própria língua. Uma aprendizagem prévia muito simples permite observar, entre as nossas três línguas, semelhanças evidentes e diferenças sistemáticas. Sabemos também que, em condições normais de diálogo, certos termos devem ser evitados e que convém uma expressão clara e sem pressa excessiva. Atinge-se tanto mais a intercompreensão quanto mais os locutores possuírem um nível cultural elevado, sobretudo se viverem numa região onde se pode captar diretamente a televisão dos outros países. Os nossos programas de ensino refletem esta situação. Há cerca de um século que se apresentam aos estudantes das nossas escolas as bases da gramática das outras línguas. O que importa, não é demais repeti-lo, é compreender estas línguas sob a sua forma escrita e oral e não falá-las ou escrevê-las.

Pusemos então a questão de saber se este tipo de intercompreensão podia também funcionar entre as línguas românicas e, para começar, entre o português, o espanhol, o italiano e o francês, línguas que são ensinadas nas nossas universidades. Colocam-se aqui algumas questões, uma vez que as diferenças que separam estas quatro línguas são talvez maiores do que as que constatamos entre as nossas línguas escandinavas. Fizemos a experiência com os estudantes e apercebemo-nos rapidamente que funcionava. Um estudante formado numa dessas quatro línguas românicas conseguia, através de uma aprendizagem apropriada, compreender relativamente depressa uma das outras três. Um trimestre basta em geral para conseguir ler enunciados escritos simples. E pode-se, continuando a aprendizagem, ter acesso à imprensa, a textos literários e à língua falada. Criamos então cursos e redigimos manuais baseados nestes princípios.

Vimos assim construir-se uma nova pedagogia. Por exemplo, as correspondências fonéticas entre as quatro línguas podiam ser expostas em sincronia, a partir do uso atual e sem exigir dos estudantes um estudo prévio do latim: quando se observa, por exemplo, que ao português *cheio* corresponde *plein* em francês, *pieno* em italiano, *lleno* em espanhol, deduz-se facilmente que onde o português tem o grupo inicial *ch-* as outras três línguas têm respectivamente *pl-*, *pi-* e *ll-*, o que faz com que se possam reter imediatamente outras palavras da mesma série, por exemplo, o português *chover*, o francês *pleuvoir*, o italiano *piovere* e o espanhol *llover*.

Existem inúmeras correspondências deste gênero entre as quatro línguas românicas, dizendo respeito não só à fonética, mas também à morfologia, à sintaxe e à organização do léxico. A análise destes domínios constitui uma espécie de nova "gramática comparativa" sem recurso ao latim. E vemos que a procura da "intercompreensão românica" não tem apenas um interesse prático: ela pode constituir por si só uma disciplina de uma grande riqueza e contribuir para a formação de uma verdadeira cultura. Foi por isso que desenvolvemos as nossas análises num nível elevado, com a finalidade de construir uma obra que possa ser útil não só aos leitores desejosos de adquirir as bases necessárias à intercompreensão, mas também, de modo geral, a todos aqueles que se interessam pelas línguas românicas.

Este foi o projeto que, por ocasião de uma estadia em Paris, apresentei ao Sr. Maurice Aymard, administrador da Maison des Sciences de l'Homme. Imediatamente se mostrou interessado e a Maison des Sciences de l'Homme trouxe-nos, em todos os momentos do nosso trabalho, um apoio constante, que foi precioso. Reunimos uma equipe internacional que compreendia universitários romanistas dinamarqueses: Svend Bach (da Universidade de Aarhus) para o italiano e Birger Lohse (então da Universidade de Copenhagen) para o português; e universitários dos próprios países românicos: Carmen Hernandez Gonzàlez (da Universidade de Valladolid), Jack Schmidely (da Universidade de Rouen) e, a partir de 1993, Manuel Alvar Ezquerra (da Universidade Complutense de Madrid) para o espanhol; Jacqueline Brunet (da Universidade de Franche-Comté), Carlo Alberto Mastrelli (da Universidade de Florença e da Accademia della Crusca) para o italiano; Paul Teyssier (da Universidade de Paris IV-Sorbonne) para o francês; Ana Maria Brito (da Universidade do Porto) e Godofredo de Oliveira Neto (da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e, a partir de 2002, José Carlos de Azeredo (da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) para o português.

Outros colegas deram uma contribuição durante alguma das fases da realização do projeto: Gerhard Boysen (Aarborg), John Kuhlman Madsen (Copenhagen), Maurizio Dardano (Roma) e Michael Metzeltin (Viena).

A Professora Gendreau Massaloux, então Reitora Chanceler das Universidades de Paris, Harald Weinrich (professor em Munique e no Collège de France) e Bernard Darbord (professor de espanhol em Paris X-Nanterre) apoiaram o nosso projeto.

A primeira reunião da nossa equipe – para a qual convidamos Claire-Blanche Benveniste, responsável pelo projeto EUROM4, e na qual Allan Karker (Universidade de Aarhus) expôs a situação das línguas escandinavas, de que é especialista – realizou-se em Paris, na Maison des Sciences de l'Homme, em janeiro de 1992. Outras sessões de trabalho tiveram lugar em Paris, na Universidade de Aarhus (Dinamarca), na Accademia della Crusca (Florença), na Universidade de Valladolid (Espanha), na Universidade do Porto (Portugal) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil). Todas estas instituições nos deram um grande apoio e a todas

elas devo exprimir aqui o meu reconhecimento, com um pensamento particular de gratidão para o Professor Lehman, Reitor da Universidade de Aarhus.

O presente volume é o fruto da cooperação de todos os membros da equipe, que conceberam o plano geral do livro e prepararam os dossiês dos diversos capítulos. O primeiro livro a ser concluído foi o volume francês, cuja redação foi confiada ao Professor Paul Teyssier; por essa razão, esse volume influenciou, de maneira decisiva, os outros volumes – *editados em outros países*. Além do livro francês e do português, foram redigidos um em espanhol e outro em italiano.

Jørgen Schmitt Jensen†
Coordenador-Geral do Projeto
Universidade de Aarhus (Dinamarca)

INTRODUÇÃO

A presente obra dirige-se aos leitores de língua portuguesa e propõe-se ajudá-los a compreender o espanhol, o italiano e o francês. Aproveitaremos para isso as semelhanças que existem entre estas línguas, em razão da sua origem comum. O português, o espanhol, o italiano e o francês são, com efeito, línguas românicas, oriundas do latim.

Três outras obras já estão publicadas (cf. bibliografia). Cada uma delas parte da língua em que se acha redigida, como esta parte do português, e tem exatamente o mesmo objetivo.

Apenas compreender, para começar

A ideia que está na base deste livro é a de que, dada a proximidade entre o português, o espanhol, o italiano e o francês, é possível levar o falante de uma delas a compreender as outras três. Trata-se, em primeiro lugar, de compreender e não de falar ou escrever. Compreender uma língua põe em funcionamento uma competência essencialmente passiva, enquanto falar e escrever exigem uma competência ativa que demora muito mais tempo a adquirir.

Propusemo-nos, portanto, dar aos leitores lusófonos as chaves que lhes permitirão aceder à compreensão das outras três línguas românicas, em primeiro lugar sob a sua forma escrita, depois talvez sob a sua forma falada. Esforçar-nos-emos por apresentar as semelhanças e as diferenças das quatro línguas românicas de maneira precisa e aprofundada para que todos aqueles que se interessam pela linguística românica em geral encontrem neste livro um instrumento de trabalho útil.

Façamos uma experiência com os três enunciados a seguir, escritos respectivamente em espanhol, em italiano e em francês:

El español, el francés, el italiano y el portugués son cuatro lenguas derivadas del latín. Para quien sabe uno de ellos es fácil entender también los otros.	Lo spagnolo, il francese, l'italiano e il portoghese sono quattro lingue derivate dal latino. Per chi ne sa una è facile capire anche le altre.	L'espagnol, le français, l'italien et le portugais sont quatre langues issues du latin. Il est facile, pour celui qui en sait une, de comprendre aussi les autres.

Traduzido em português, teremos: "O espanhol, o francês, o italiano e o português são quatro línguas derivadas do latim. Para quem sabe uma delas é fácil entender também as outras".

O leitor de língua portuguesa não terá dificuldade em compreender os três enunciados. De fato, são inteligíveis muitas palavras: *español*, *spagnolo*, *espagnol* correspondem a *espanhol*. Também *francés*, *francese*, *français*

remetem para *francês*. As frases apresentam algumas diferenças gráficas que é fácil detectar: em *español* (esp.), *spagnolo* (it.), *espagnol* (fr.) escreve-se *ñ* em espanhol aquilo que em italiano e francês se escreve *gn*. Em *cuatro* (esp.), *quattro* (it.) e *quatre* (fr.) é só a grafia do grupo inicial que isola o espanhol das outras três línguas. Outras vezes, o paralelismo desaparece: enquanto o português, o espanhol e o italiano usam *derivadas* e *derivate*, o francês emprega o termo *issues*. Para os equivalentes de *compreender*, a situação é igualmente complicada. O lusófono compreenderá facilmente o espanhol *entender* e o francês *entendre* porque na sua língua existe *entender*, mas já *capire* do italiano é uma palavra opaca. De modo que por vezes deverá recorrer a um dicionário.

O falante lusófono notará facilmente que a sua língua está muito próxima do espanhol, como mostram as semelhanças entre *também* e *también*, entre *quem* e *quien*, enquanto *sabe* é comum. Pelo contrário, o italiano e o francês são as únicas que apresentam as partículas *ne* e *en* ("per chi ne sa una" e "pour celui qui en sait une"). Uma aprendizagem prévia é indispensável para dominar estas diferenças, mesmo quando não criam dificuldades à compreensão. Por sua vez, no texto italiano o artigo aparece sob três formas diferentes: "lo spagnolo", "il francese" e "l'italiano". Por quê?

É este tipo de informações que a presente obra se propõe dar. O leitor poderá assim adquirir relativamente depressa em espanhol, em italiano e em francês uma competência suficiente para compreender textos simples na forma escrita. Poderá numa segunda etapa compreender enunciados orais. O objetivo é permitir aos falantes de cada uma das quatro línguas entenderem-se ou conversarem entre si sem precisarem recorrer a uma terceira língua.

E o latim?

Todo o estudo histórico verdadeiramente aprofundado das línguas românicas exige o conhecimento do latim. As semelhanças e as diferenças que existem entre as nossas quatro línguas tornam-se infinitamente mais claras quando se recupera sua origem comum. Os escritores portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII que tinham recebido uma educação clássica liam facilmente o espanhol, o italiano e o francês. Para eles, a intercompreensão românica, graças ao conhecimento do latim, era uma realidade.

Mas no nosso tempo os falantes do português, na sua grande maioria, nunca estudaram a língua de Cícero. Por isso, escrevemos a presente obra. O recurso ao latim está reduzido ao mínimo. Quando isso nos pareceu indispensável, procedemos de maneira a que os leitores que nunca estudaram essa língua pudessem acompanhar o texto.

Lugar do francês no conjunto românico

Apesar de o francês estar próximo do italiano por algumas afinidades nos planos lexical e morfológico, não há dúvida de que a análise das quatro línguas aqui estudadas mostra que o francês ocupa um lugar à parte, por ser mais diferente das outras três línguas do que estas entre si. Por isso, a intercompreensão funcionará mais facilmente entre o português, o espanhol e o italiano do que com o francês.

No entanto, estamos convencidos da validade da nossa tarefa. As semelhanças e as analogias que existem entre as quatro línguas são tão numerosas e tão profundas que as diferenças que as separam não destroem a unidade fundamental do modelo românico. Há mesmo alguma vantagem nesta situação: na medida em que o francês se separa das outras línguas, aproxima-se, no seu vocabulário e em parte na sua sintaxe, do inglês, da língua germânica. Uma grande parte do vocabulário do inglês é românico, derivado do francês. Visto desta maneira, o francês aparece como uma espécie de ponte entre o mundo românico e o mundo germânico.

Uma política linguística a longo prazo

A presente obra tem também uma finalidade de política linguística a longo prazo. A diversidade das línguas europeias deve ser preservada. Daí derivam a originalidade e a sobrevivência das culturas das quais estas línguas são o meio de expressão. Esta causa interessa não só os europeus, mas também todos aqueles que, no mundo inteiro, utilizam estas mesmas línguas.

A intercompreensão, como a entendemos, é um meio de resistir ao nivelamento cultural e à dominação de algumas línguas sobre todas as outras. O português, o espanhol, o italiano e o francês são usados no seu conjunto por várias centenas de milhões de homens e mulheres, na Europa e fora dela. Dão acesso a culturas ricas e diversificadas. Ora tudo o que contribui para aproximar os povos que as falam vai no sentido do progresso humano.

Uma nova pedagogia

Mas não é tudo. Pensamos que a investigação que deu origem a este livro pode conduzir a uma verdadeira renovação da pedagogia. A comparação das línguas revela o seu funcionamento, mostra uma parte da sua história e ajuda a compreender o modo como os homens, através delas, apreendem o mundo. O conhecimento aprofundado de apenas uma língua tem os seus limites. O estudo paralelo, mesmo superficial, de várias línguas é fator de incomparável riqueza. Pode constituir a base de uma cultura, como antigamente proporcionava a aprendizagem do latim. O ponto de vista que aqui adotamos pode, portanto, contribuir para uma nova pedagogia, cujo fim será, em última instância, para além da aquisição prática de um instrumento útil, a formação do espírito.

I

O português e as outras línguas românicas

1.1. AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Chamam-se românicas ou neolatinas as línguas modernas derivadas do latim. O conjunto das línguas românicas constitui a *Romania*. Podemos enumerar cinco línguas românicas nacionais: o espanhol (ou castelhano), o francês, o italiano, o português e o romeno. Encontramos igualmente línguas regionais que são o meio de expressão de importantes regiões autônomas; é o caso do catalão e do galego. Devem-se mencionar ainda o provençal, o reto-românico e o sardo.

As cinco línguas românicas nacionais que enumeramos ocupam, na Europa, uma área que compreende Portugal, a Espanha, a França, uma parte da Bélgica e da Suíça, a Itália e mais longe, isolada por territórios eslavos e magiares, a Romênia. Estes países são a antiga *Romania*, ou *Romania Vetus*, a da Europa, que tem origem no Império Romano. Mas a partir da Renascença a expansão europeia levou três destas línguas, o português, o espanhol e o francês, para outros continentes, de modo que atualmente existe uma outra *Romania*, a *Romania Nova*, que ocupa territórios consideráveis na América, na África, assim como na Ásia e na Oceania. O português, o espanhol e o francês são, numa grande parte dessa nova România, línguas maternas de populações importantes, com o estatuto de línguas nacionais: o português no Brasil, o espanhol do México à Terra do Fogo, o francês numa parte do Canadá. Além disso, e em particular na África, o português e o francês têm o estatuto de línguas oficiais em diversos países e coabitam com as línguas nacionais, que são ou línguas africanas pertencentes a diferentes ramos ou são crioulas.

Romania Vetus, *Romania Nova*, línguas maternas ou línguas segundas, línguas nacionais ou línguas oficiais: vemos como o estatuto das línguas românicas pode ser diversificado. Independentemente dos dados estatísticos, por vezes discutíveis, a dupla România engloba neste início de século várias centenas de milhões de homens e de mulheres, que constituem uma parte importante da humanidade.

A presente obra dirige-se aos leitores lusófonos e propõe-se facilitar-lhes a compreensão do espanhol, do italiano e do francês. A quinta língua românica nacional, o romeno, foi deixada de lado por razões práticas. Lamentamo-lo e esperamos que seja possível um dia integrá-la num estudo mais alargado.

Olhemos, portanto, com mais detalhe para as nossas quatro línguas, tentando definir o que as une e o que as distingue. Como veremos e como já referimos previamente, o português, o espanhol e o italiano têm muitas semelhanças, enquanto o francês apresenta particularidades que o separam das outras três línguas. Por isso, o leitor lusófono deverá conhecer especialmente a distância que separa a sua língua do francês.

Examinemos, pois, brevemente as quatro línguas nos níveis da ortografia e da fonética (1.2), nos níveis da morfologia e da sintaxe (1.3) e no nível do léxico (1.4).

1.2. A ORTOGRAFIA E A FONÉTICA

1.2.1. A ortografia

Numa ortografia ideal cada uma das unidades distintivas que na pronúncia de uma língua permitem opor as palavras entre si, os fonemas, devia ser representada por uma letra. Conhecendo a pronúncia duma palavra saber-se-ia imediatamente escrevê-la e vendo uma palavra escrita saber-se-ia imediatamente pronunciá-la.

Esta situação ideal não existe em nenhuma língua; mas o português, o espanhol e o italiano aproximam-se mesmo assim mais desse ideal do que o francês. Neste aspecto, a língua mais "perfeita" é o italiano (ver 2.2). O código gráfico desta língua permite em geral estabelecer entre as letras e os fonemas relações biunívocas muito rigorosas. Há, contudo, um problema: exceto nas palavras oxítonas (i. e., acentuadas na última sílaba) como em *virtù* ("virtude"), nada permite saber que sílaba leva o acento tônico: *ancora*, por exemplo, pode ler-se *ancóra* ("ainda") e *áncora* ("âncora").

Em espanhol (ver 2.1), quando se vê uma palavra escrita sabe-se pronunciá-la, mas o inverso não é verdadeiro, sobretudo no que diz respeito às consoantes. Por exemplo, duas letras, o *b* e o *v*, correspondem a um único fonema: *barón* ("barão") e *varón* ("homem") são rigorosamente idênticos na pronúncia (tecnicamente há uma neutralização, em favor do arquifonema /B/). O mesmo ocorre com o *g* antes de *e* e de *i* e com o *j*. Assim, a sílaba final de *coger* ("pegar") e de *mujer* ("mulher") têm a mesma pronúncia.

Quanto ao francês, a sua ortografia é arcaica, complicada e muitas vezes incoerente. As relações entre a grafia das palavras e a sua pronúncia são imprevisíveis. Os grupos *ph* (que se pronuncia [f]), *th* (pronunciado [t]) e *ch* (soando [k]), provenientes do grego, conservam-se numa série de palavras cultas, como em *philosophe* ("filósofo"), *mathématiques* ("matemática") *chorégraphie* ("coreografia"), enquanto as outras línguas as substituem por *f*, *t* e *c*. Escrevem-se no fim das palavras muitas consoantes que desapareceram na pronúncia, como em *prêt* ("pronto") e *près* ("perto"), *palais* ("palácio") e *palet* ("pateta"). As desinências verbais distinguem-se graficamente, como em *je chante*, *tu chantes*, *ils chantent* ("canto, cantas, cantam"), mas deixaram de se pronunciar há alguns séculos. A mesma vogal é escrita *o* em *piano* ("piano"), *au* em *haut* ("alto"), *eau* em *beau* ("belo"), sem contar os plurais *pianos*, *hauts* e *beaux*, que foneticamente não se distinguem dos singulares. A vogal nasal representada [ã] pode corresponder na grafia a *an*, *am*, *en*, *em*, *ean* e mesmo a *aon*. Eis alguns exemplos de palavras com este som: *ban* ("bando"), *banc* ("banco"), *pan* ("aba"), *(il) pend* ("pende", "pendura"), *quand* ("quando"), *quant* ("quanto"), *sang* ("sangue"), *(il) sent* ("sente"), *tant* ("tanto"), *taon* ("moscardo"), *temps* ("tempo"), *(il) tend* ("estende", "tende"), *van* ("joeira"), *(il) vend* ("vende"), *vent* ("vento").

E, no entanto, estas grafias aparentemente arbitrárias são uma ajuda preciosa para a intercompreensão românica. O arcaísmo da ortografia francesa permite encontrar semelhanças que a pronúncia dissimula. Algumas palavras da nossa lista anterior oferecem-nos exemplos muito claros: *banc* e *camp* evocam *banco* e *campo*, que aparecem nas outras línguas, *dent* aproxima-se do espanhol *diente*, do português e do italiano *dente*, *lent* lembra *lento* (igual nas três línguas), *sang* pouco se distingue do espanhol *sangre* e do português e italiano *sangue*. Em todos estes exemplos, a ortografia francesa conserva a vogal e as consoantes etimológicas, permitindo assim perceber as analogias com o português, o espanhol e o italiano. A situação seria mais difícil se o francês tivesse adotado uma ortografia puramente fonética, escrevendo, por exemplo, *bã* em vez de *banc* ("banco"), *dã* em vez de *dent* ("dente"), *lã* em vez de *lent* ("lento"), e assim por diante. Acrescentemos que este caráter conservador da ortografia francesa permite igualmente identificar grande número de palavras inglesas de origem românica, cuja pronúncia é bem diferente: *religion* ("religião"), *parliament* ("parlamento"), *intelligence* ("inteligência"). Assim se constitui, para além da diversidade das línguas faladas, graças à complicação da ortografia francesa, uma espécie de "europeu comum" que mostra certa unidade cultural do Ocidente.

1.2.2. A fonética

Se, fazendo abstração da ortografia, analisarmos o sistema fonético das nossas quatro línguas românicas, constatamos uma vez mais que o francês se isola das outras três.

O espanhol, o português e o italiano possuem um acento tônico que pode recair sobre uma das três últimas sílabas de uma palavra (e mesmo sobre a quarta em italiano): quando o acento recai sobre a última diz-se que é oxítona (ou aguda), quando recai sobre a penúltima é paroxítona (ou grave) e quando recai sobre a antepenúltima é proparoxítona (ou esdrúxula). Este acento tônico pode ter um valor distintivo: em espanhol, *cántara* ("cântara"), *cantara* (imperfeito do conjuntivo de *cantar*) e *cantará* (futuro do mesmo verbo) só se distinguem pelo lugar do acento (a situação não é exatamente igual em português porque as vogais não acentuadas não são abertas e por isso entre as três formas verbais correspondentes há distinção não só de acentuação, mas também de timbre vocálico). Em português, *dúvida* é um nome, *duvida* é uma forma do verbo *duvidar*. O italiano, como vimos, é menos explícito: o acento gráfico só é obrigatório nas oxítonas – um exemplo, *canterà* ("cantará") –, mas nada permite distinguir a paroxítona *ancora* ("ainda"), acentuada sobre a sílaba *co*, da proparoxítona *ancora* ("âncora"), acentuada em *an*. Nada disto se passa em francês: todas as palavras são acentuadas na última sílaba pronunciada. Esta diferença fundamental confere à frase francesa uma entoação particular, que a distingue radicalmente das outras três línguas românicas.

Uma outra grande particularidade do francês diz respeito às vogais. O francês possui três fonemas vocálicos, ilustrados nas palavras *mur*, *jeûne* e *jeune*. Trata-se de vogais anteriores (cujos pontos de articulação são semelhantes aos das vogais de *tir*, *thé* e *tais*), mas que são pronunciadas com arredondamento dos lábios (como as três vogais recuadas de *tour*, *môle* e *molle*). Estas três vogais anteriores e arredondadas não existem nas outras línguas românicas e existem no domínio germânico, por exemplo, no alemão.

Estas duas diferenças radicais que opõem a fonética do francês à das outras línguas não impedem que elas se distingam entre si. O espanhol (ver 2.1) tem um sistema consonântico muito original, caracterizado pelos seguintes pontos: neutralização da oposição entre *b* e *v*, pronúncia velar do *j* por exemplo, em *mujer* ("mulher"), som pronunciado como o *ch* alemão em *lachen*. O italiano (ver 2.2) possui um sistema completo de consoantes geminadas, tendo então a duração valor distintivo: por exemplo, *cappello* ("chapéu") é diferente de *capello* ("cabelo"), *cammino* ("caminho") é diferente de *camino* ("chaminé") etc. Além disso, os códigos gráficos destas línguas são bastante diferentes uns dos outros.

1.3. A MORFOLOGIA E A SINTAXE

Neste item referir-nos-emos a algumas particularidades de funcionamento das unidades significativas, do ponto de vista da morfologia (formação de palavras) e da sintaxe (formação de grupos de palavras e de frases).

O latim era uma língua sintética, as línguas românicas são analíticas. Queremos com isto dizer que o latim concentrava em poucas palavras (num processo de síntese) as unidades significativas que as línguas românicas distribuem em várias palavras isoladas. Mas a passagem do tipo sintético ao tipo analítico não se fez da mesma maneira nas nossas quatro línguas: em espanhol, em português e em italiano esta deriva foi mais longe do que em francês. O francês é mais analítico do que as outras três línguas. É o que mostra o exemplo seguinte:

três palavras	cinco palavras	seis palavras
Do librum Petro.	Dou o livro a Pedro. Doy el libro a Pedro. Do il libro a Pietro.	Je donne le livre à Pierre.

Assim, para dizer o que o latim exprime em três palavras, o português, o espanhol e o italiano empregam cinco e o francês exige seis palavras. A razão

desta diferença é clara: a declinação do latim permitia exprimir a função gramatical por meio de certas desinências. As quatro línguas românicas já não têm declinações e por isso tiveram de exprimir o dativo contido em *Petro* por meio de uma preposição *a* ou *à*. Por sua vez, têm artigos (*o*, *el*, *il*, *le*). Em português, em espanhol e em italiano a deriva não afetou muito a forma verbal: *dou*, *doy*, *do* têm, como o latim *do*, a marca da primeira pessoa. Pelo contrário, no francês, com o decorrer dos séculos muitas das desinências verbais foram-se apagando na língua falada (na pronúncia não se distingue *donne*, *donnes* e *donnent*), o que tornou necessário o emprego sistemático dos pronomes pessoais: *je donne*, *tu donnes*, *il donne*, *ils donnent*. Assim, a deriva para um tipo analítico progrediu em francês mais um passo do que nas outras línguas. Este fato ilustra um fenômeno geral. Na verdade, no francês, uma língua analítica, as unidades lexicais esvaziam-se a jusante da sua substância funcional e compensam essa perda fazendo-se preceder a montante de palavras que desempenham os mesmos papéis. O que é incluído na palavra sob a forma de desinências e de sufixos (tipo sintético) é transferido para morfemas separados situados antes das palavras (tipo analítico).

Um outro exemplo é a expressão do plural (ver 6.2). Enquanto o português, o espanhol e o italiano possuem desinências particulares (*livro-s* em português, *libro-s* em espanhol, *libr-i* em italiano), o francês moderno, na sua forma falada, não distingue (exceto em caso de "liaison") o plural do singular: *livres* pronuncia-se exatamente da mesma maneira que *livre*. São os artigos, os possessivos e os demonstrativos que trazem a marca do plural (*les livres*, *mes livres*, *ces livres*). Por essa mesma razão, para exprimir o plural o francês tem de usar a forma *des* (plural de *un*), enquanto as outras três línguas podem exprimir a pluralidade usando simplesmente a palavra isolada com a desinência própria: *livros*, *libros*, *libri* (ver VII).

Observou-se muitas vezes que o português, o espanhol e o italiano usam diminutivos e aumentativos, a que estão ligados valores semânticos diversos, que podem ir da ternura à ironia, da admiração ao escárnio. O italiano, em particular, utiliza-os com uma abundância, um pitoresco e uma fantasia extraordinários. O português e o espanhol também os usam. Estes diminutivos e estes aumentativos exprimem-se por meio de sufixos. Ora o francês, que conheceu esse meio de expressão até ao século XVI, ignora-os hoje quase completamente. Apenas sobrevivem o diminutivo *-ette* ("une maisonnette", uma casinha) e o aumentativo-pejorativo *-ard* ("un chauffard", um mau condutor). De modo geral, o francês exprime por meio de adjetivos situados antes da palavra o que as outras línguas exprimem por meio de sufixos. Assim, enquanto o português diz *uma velhinha*, o espanhol *una viejita* e o italiano *una vecchietta*, o francês diz *une petite vieille* E o que o português designa *um palavrão*, o espanhol *una palabrota* e o italiano *una parolaccia* em francês é *un gros mot* (ver 5.2.3).

É possivelmente o fato de os sufixos serem pouco produtivos em francês que justifica que nesta língua haja tão poucos nomes que designam profissões a terem a forma feminina. Se *directeur* tem o feminino *directrice*, já *professeur* não tem e diz-se *Madame le professeur*. As outras três línguas criam formas femininas com muito mais liberdade (ver 6.1.2).

Poderíamos ilustrar este traço do francês com muitos outros exemplos. No francês oral o "passé composé" (forma analítica) suplantou completamente o "passé simple" (forma sintética): *j'ai fait* ("fiz") substitui *je fis* ("fiz") (ver XIV). Em italiano esta evolução está em curso mas ainda não se generalizou. Em espanhol, tal como em português, este fenômeno não acontece.

Também os superlativos em *-issimus* foram introduzidos sem problemas nestas três línguas: *altíssima* (port.), *altísima* (esp.), *altissima* (it.). Mas em francês falar de uma torre *altissime* seria ridículo; dir-se-á que é *très haute*, *fort haute* ou *extrêmement haute* (ver 6.4).

Existe, assim, sempre esta recusa do francês em usar a derivação e uma tendência em exprimir por morfemas situados "a montante" (construção analítica) o que as outras três línguas exprimem por sufixos situados "a jusante" (construção sintética).

1.4. O LÉXICO

No que diz respeito ao léxico, constata-se muitas vezes que o português, o espanhol e o italiano são semelhantes entre si e opõem-se em bloco ao francês: assim, ao francês *danger* corresponde *perigo* em português, *peligro* em espanhol e *pericolo* em italiano. Ao francês *maison* corresponde nas três línguas *casa*.

É frequente o espanhol e o português aproximarem-se, constituindo um grupo à parte no conjunto românico. Assim, o verbo *matar*, comum ao português e ao espanhol, distingue-se do francês *tuer* e do italiano *uccidere*.

Noutros casos um subgrupo franco-italiano faz frente ao subgrupo hispano-português. Temos, por exemplo, *comer* em português e espanhol, ao lado de *manger* do francês e *mangiare* do italiano.

O francês distingue-se frequentemente das outras três línguas pelo seu léxico, como se distingue pela fonética e pela morfossintaxe (ver III). Mas em relação a grande número de palavras a origem latina é ainda perceptível e a afinidade é visível: as palavras *parte* e *muro*, comuns ao português, espanhol e italiano, aproximam-se de *part* e *mur* em francês. Outras vezes, a origem latina não é facilmente identificável, mesmo quando os quatro termos têm um vago ar de família: é o caso de *olho*, esp. *ojo*, it. *occhio* e fr. *oeil*. É que esta palavra pertence ao fundo mais antigo das quatro línguas, a essa parte do léxico que foi transmitida de geração em geração e que foi "gasta" pelos homens como as pedras que rolam na praia com a força das ondas. Às palavras deste tipo,

muitas vezes designadas "populares", opõem-se as palavras ditas "cultas", que são palavras latinas ressuscitadas nas nossas línguas em diversos períodos da sua história. Como aqui a forma latina foi conservada no essencial, com algumas adaptações, essas palavras são muito semelhantes entre si: assim, *ocular*, comum ao português e ao espanhol, é praticamente idêntica ao italiano *oculare* e ao francês *oculaire*, derivando todas do latim *oculare*.

Reencontramos aqui uma ideia já referida a propósito da ortografia. As palavras cultas, transcritas numa ortografia largamente etimológica, aproximam o francês das outras três línguas, ao mesmo tempo que o aproximam do inglês. Assim se constitui uma espécie de "europeu" médio que "corrige" de certa maneira e com certos limites os inconvenientes resultantes da "maldição de Babel".

II

Ortografia e fonética

Neste capítulo, oferecemos uma visão geral da ortografia e da fonética do espanhol, do italiano e do francês a partir da perspectiva de um lusofalante, pondo em destaque, sobretudo, os fenômenos em que estas línguas se diferenciam do português. A perspectiva adotada será da letra ao som, dada a importância da leitura para a compreensão. Utilizaremos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (ver anexo I, ao fim do volume).

2.1. O ALFABETO E A PRONÚNCIA DO ESPANHOL

Apresentaremos algumas características fonéticas e ortográficas do espanhol em confronto com o português.

2.1.1. O alfabeto espanhol

A	a	**H**	hache	**Ñ**	eñe	**U**	u
B	be	**I**	i	**O**	o	**V**	uve
C	ce	**J**	jota	**P**	pe	**W**	uve doble
D	de	**K**	ka	**Q**	cu	**X**	equis
E	e	**L**	ele	**R**	erre	**Y**	ye (ou i griega)
F	efe	**M**	eme	**S**	ese	**Z**	ceta
G	ge	**N**	ene	**T**	te		

Como em português, as letras *k* e *w* são usadas apenas em certas palavras de origem estrangeira: *kilo*, *wolframio*, *k* com o valor de [k] e *w* com o valor de [v]. Até recentemente as combinações *ch* e *ll* foram consideradas unidades gráficas com valor de letras, sendo colocadas no alfabeto depois de c e de *l*; por exemplo, a palavra *ducha* se encontra(va) dicionarizada depois de *ductilidad* e *allá* ("lá") depois de *alzar* ("alçar").

2.1.2. O acento tônico e o acento gráfico

Em palavras espanholas, o acento tônico pode cair, como em português, em uma das três últimas sílabas (última, penúltima e antepenúltima), mas também, como em italiano, na sílaba anterior à antepenúltima em casos especiais: *dígamelo* ("diga-mo"), *dándoselo* ("dando-lho"). Em alguns casos, a posição do acento tônico não coincide nas duas línguas, p. ex.: *democracia*, com acento na antepenúltima sílaba, [-'kra-], em espanhol, mas na penúltima, [-'si-], em português; *demócrata* em espanhol, mas *democrata* em português.

Como não há distinção fonológica entre vogal aberta e vogal fechada, o espanhol usa apenas um acento escrito para indicar o acento tônico, o acento

agudo. Com as seguintes exceções, as regras de acentuação espanholas assemelham-se às portuguesas:

- em palavras que terminam em ditongo crescente, *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo*, o espanhol não coloca acento na vogal da sílaba anterior: *familia(s)*, *palacio(s)*, mas coloca-o quando o acento tônico cai no *i* ou no *u* destas combinações e não formam ditongo: *filosofía(s)*, *vendía(s)*, *vendían* ("vendiam"), *mío(s)* ("meu(s)"), *grúa(s)*;
- *i* e *u* em final de palavra (seguida ou não por *s*) precisam de acento escrito para indicar que a última sílaba leva o acento tônico: *vendí* ("vendi"), *Jesús*;
- palavras polissilábicas que terminam em *n* têm acento tônico na penúltima sílaba: *cantan* ("cantam"), *cantaron* ("cantaram"), *venden* ("vendem"), precisando de acento gráfico quando o acento tônico cai na última sílaba: *cantarán* ("cantarão"), *desdén*, *corazón* ("coração"), *algún* ("algum");
- o acento serve para distinguir homônimos, p. ex.: *mas* ("mas") – *más* ("mais"), *que* ("que") – *qué* ("quê" e "que" interrogativo/exclamativo), *si* ("se" conjunção) – *sí* ("si", "sim"), *tu* ("teu") – *tú* ("tu"), mas a falta de acento não implica, como em português, que a palavra seja átona, p. ex.: *da* ("dá"), *ve* ("vê"), *o* ("ou");
- não se usa acento em *dio* [djo] e *vio* [vjo] ("deu" e "viu"); o mesmo acontece quando as formas verbais aparecem ligadas a pronome clítico: *violo* ("viu-o").

2.1.3. Valor fonético das letras

2.1.3.1. As consoantes

Como o quadro apresentado no início do capítulo já revela, o sistema das consoantes espanholas difere bastante do português, que, neste domínio, exibe maiores semelhanças com o francês e o italiano. As particularidades do espanhol residem, sobretudo, nas fricativas: o espanhol conhece apenas uma sibilante, [s], em contraste com as quatro do português ([s], [z], [ʃ] e [ʒ]). Em contrapartida, existem duas fricativas, [θ] e [x], desconhecidas no português comum.

B e ***V*** não se distinguem na pronúncia, como também acontece em certas zonas do norte de Portugal, representando ambas as letras os mesmos valores fonéticos, oscilando entre um valor oclusivo [b] e um valor fricativo bilabial [β]. Assim, não há diferença de pronúncia entre, p. ex., *la bandera* ("a bandeira") e *lavandera* ("lavandeira"). A pronúncia oclusiva de *b* e *v* ocorre em posição inicial absoluta (depois de pausa) e depois de consoante nasal: *Bien!* ("Bem"), *Venga* ("Venha"); *también* ("também"), *envidia* ("inveja"). Nos outros casos, *b* e *v* realizam-se com valor de fricativa, sobretudo entre vogais: *cantaba* ("cantava"), *caballo* ("cavalo"), *yerba* ("erva"), *nieve* ("neve"), *salvaje* ("selvagem").

C antes de *e* e *i* representa [θ], com pronúncia igual ao *th* no inglês *thing*: *ceniza* ("cinza"), *ciento* ("cento"). No espanhol do sul da Espanha e da América, a letra *c* representa [s], como em português. Além de corresponder ao *c* português, o *c* em espanhol pode corresponder a um *z* na palavra equivalente portuguesa: *cero* ("zero"), *hacer* ("fazer"), *jueces* ("juízes"). Não conhecendo ç, o *c* alterna em espanhol com *z*, que representa o mesmo som: *vencer* – *venzo* ("vencer – venço"). Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, *c* representa [k], como em português: *camino* ("caminho"), *costa*, *cuanto* ("quanto"), *claro*, *crudo* ("cru").

Ch representa [tʃ], como também em certos dialetos do norte de Portugal, sendo este som equivalente à pronúncia de *t* antes de [i] no português do Brasil, como em *tio* e *dente*: *muchacho* ("rapaz"), *noche* ("noite"), *hecho* ("feito", "fato").

D tem duas realizações fonéticas, como no português europeu: um valor oclusivo [d] e um valor fricativo [ð], dando-se a pronúncia oclusiva (em paralelo com o caso de *b*/*v*) em posição inicial absoluta (depois de pausa) e depois de *l* e *n*: *Diós!* ("Deus!"), *caldo*, *blando* ("brando"). A realização fricativa ocorre nos outros casos, mais marcadamente entre vogais, onde a articulação se torna tão fraca que *d* tende a **desaparecer foneticamente, sobretudo na desinência *–ado*: *lavado*** [laβaðo], *nada*, *piedra* ("pedra"), *izquierda* ("esquerda").

G antes de *e* e *i* representa [x], igual ao *ch* no alemão *ach* e aproximando-se da pronúncia carioca de *r* em *cantar*: *gente*, *girasol* ("girassol"). Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, a letra *g*, como em português, representa [ɡ], tendo valor fricativo, [ɣ], sobretudo entre vogais, como no caso de *b* e *d*: *gallo* ("galo"), *gordo*, *guarda*, *guía* ("guia"), *grave*, *luego* ("logo").

J representa [x], equivalente ao *g* espanhol antes de *e* e *i*: *jamás* ("jamais"), *jefe* ("chefe"), *caja* ("caixa"), *hijo* ("filho"), *justo*.

L representa [l], que é mais semelhante ao *l* no português do Brasil do que ao *l* velar no português europeu: *leche* ("leite"), *malo* ("mau"), *hilo* ("fio"), também em final de sílaba, onde, diferentemente da pronúncia brasileira, nunca sofre vocalização: *faltar*, *tunel* ("túnel") e *mal*, todos com [ɬ], p. ex., [mal] (e não [maw]).

Ll representa [ʎ], equivalente a *lh* em português e *gli* em italiano, ou simplificado a um [j], equivalente a *y* em espanhol e *ill* e *y* em francês: *llamar* ("chamar"), *calle* ("rua"), *bello* ("belo"), *canalla* ("canalha", it. "canaglia", fr. "canaille").

M e ***N*** são sempre articulados como consoantes e não servem para indicar a nasalidade de uma vogal, como em português e francês: *campo* ['kampo], *canto* ['kanto], e não ['kẽpu], ['kẽtu]; igualmente em final de palavra, *pan* ("pão"), *en* ("em"), *fin* ("fim"), *son* ("são"), *estación* ("estação"), *un* ("um"), que se pronunciam como se escrevem ([pan], [un] etc.). É raro terminar uma palavra em ***m***, que, nesta posição, não se distingue de *n* na pronúncia: *álbum* ['albun].

Ñ representa [ɲ], equivalente a *nh* em português e *gn* em italiano e francês: *año* ("ano"), *caña* ("cana"), *español*.

R é sempre alveolar, como na pronúncia do norte de Portugal, tanto simples: *caro*, como múltiplo: *tierra* ("terra"). Nunca é *r* uvular como em *rua* e *carro* na pronúncia de Lisboa e do Rio de Janeiro.

S é sempre alveolar, ligeiramente palatalizado tanto em posição inicial como final de sílaba: *santo*, *español*, *listo* ("esperto"), *más* ("mais"). No sul da Espanha e na América, porém, soa como o *s* português em "sete". Em espanhol, em contraste com o português, não existe distinção entre *s* surdo e *s* sonoro, e o *s* entre vogais é sempre surdo: *mesa*, *masa* ("massa"), ambas com [s].

Z representa [θ], equivalente ao *c* espanhol antes de *e* e *i*: *zapato* ("sapato"), *mozo* ("moço"), *juez* ("juiz"). No espanhol do sul da Espanha e da América, a letra *z* representa [s]. Além de corresponder ao *z* português, o *z* em espanhol pode corresponder a *ç* ou *s* na palavra equivalente portuguesa: *azúcar* ("açúcar"), *mozo* ("moço"), *zapato* ("sapato"). Antes de *e* e *i* não se encontra *z*, sendo substituído por *c*, nas seguintes alternâncias: *luz – luces* ("luzes"), *rezar – rece* ("reze").

Y tem, em espanhol, valor de consoante, de semivogal e de vogal. Quando funciona como consoante, representa [j]: *ya* ("já"), *yegua* ("égua"), *mayor* ("maior"), *yo* ("eu"), podendo chegar a ter uma pronúncia africada semelhante a [dʒ], como *g* em italiano antes de *e* e *i* (*Giovanni*) ou *d* antes de [i] no português do Brasil (*dia*). É semivogal nos ditongos decrescentes: *ley* ("lei"), *hoy* ("hoje"), e vogal, pronunciada [i], em um único caso, a palavra *y* ("e").

2.1.3.2. As vogais

Em espanhol, o número de vogais (fonemas) é apenas cinco, número menor do que em português por não haver distinção fonológica entre timbre aberto e fechado em *e* e *o* (entre, p. ex., port. *pode* e *pôde*). Em contrapartida, as vogais espanholas são pronunciadas com a mesma clareza tanto em sílaba tônica como em sílaba átona e as vogais átonas não sofrem "redução", como frequentemente acontece em português, sobretudo na variante europeia. Assim, pela oposição entre *o* e *u* átonos distinguem-se *romano* e *rumano* ("romeno"), contraste que não seria possível estabelecer no português europeu.

Os ditongos *iu* e *ui*, também escrito *uy*, são ditongos crescentes, [ju] e [wi]: *viuda* ("viúva"), *fui*, *muy* ("mui(to)"), diferentemente do português, onde são decrescentes ([iw], [uj] em "viu", "fui"). Os ditongos *ie* e *ue*, crescentes também, correspondem muitas vezes (sobretudo *ie*) a *e* e *o* abertos em português: *piedra* ("pedra"), *ciego* ("cego"), *niega* ("nega"), *siete* ("sete"), *diez* ("dez"); *puerta* ("porta"), *mueve* ("move"), *nueve* ("nove"), *luego* ("logo"). Esta correspondência, no entanto, não se verifica no masculino singular dos substantivos e adjetivos, onde o português normalmente tem *o* fechado: *puerto* ("porto"), *hueso* ("osso"), *nuevo* ("novo"), em contraste com o plural e o feminino de *o* aberto em português: *puertos* ("portos"), *huesos* ("ossos"), *nuevos*, *nueva(s)* ("novos", "nova(s)"). Falta de correspondência é também o caso em certas formas verbais (primeira pessoa do singular do presente do indicativo e as formas derivadas): *muevo* ("movo").

Em contraste com o português, não existe, em espanhol, nasalização e fechamento das vogais antes de consoante nasal. As vogais mantêm o timbre aberto também quando seguidas por *m*, *n* ou *ñ*, de modo que o *a* em *cama*, *campo*, *italiano*, *canto* e *caña* ("cana"), por exemplo, tem o som de *a* em *caro*.

2.1.4. Fenômenos de pontuação

O espanhol usa o ponto de interrogação e o ponto de exclamação invertidos no começo da oração interrogativa ou exclamativa: *¿Qué quieres?* ("O que queres?"), *¡Qué maravilla!*.

2.2. O ALFABETO E A PRONÚNCIA DO ITALIANO

Vejamos agora algumas características fonéticas e ortográficas do italiano em confronto com o português.

2.2.1. O alfabeto italiano

nome		nome		nome		nome	
A	a	**H**	acca	**O**	o	**V**	vu (ou vi)
B	bi	**I**	i	**P**	pi	**W**	vu doppio
C	ci	**J**	i lungo	**Q**	qu [ku]	**X**	ics
D	di	**K**	cappa	**R**	erre	**Y**	ipsilon
E	e	**L**	elle	**S**	esse	**Z**	zeta [dz-]
F	effe	**M**	emme	**T**	ti		
G	gi	**N**	enne	**U**	u		

A letra *j* é de pouco uso atual, sendo substituída por *i*, com valor de [j] ou [i]. Aparece, no entanto, tal como as letras *k*, *w*, *x* e *y*, em palavras estrangeiras: *jeep*, *fax*, *kayak*, *watt*. Neste caso, estas letras representam um som semelhante ao que se atribui à letra na língua de origem.

2.2.2. O acento tônico e o acento gráfico

Em palavras italianas, o acento tônico pode cair em uma das quatro últimas sílabas, mas apenas na última sílaba é obrigatório marcar o acento tônico por um acento gráfico, e usa-se, neste caso, geralmente o acento grave. Quando se quer fazer distinção gráfica entre vogal aberta e vogal fechada, pode-se empregar o acento agudo para indicar o timbre fechado (*é* [e], *ó* [o]), diferentemente do português:

- a última sílaba leva o acento tônico em palavras oxítonas (*parole tronche*), p. ex.: *città* ("cidade"), *caffè*, *perché* ("porque"), *sentì* ("sentiu"), *dirò* ("direi"), *più* ("mais");
- o acento tônico cai na penúltima sílaba em palavras paroxítonas (*parole piane*): *casa*, *amore*, *venti* ("vinte"), *porto;*
- o acento tônico está na antepenúltima sílaba em palavras proparoxítonas (*parole sdrucciole*): *politica*, *albore* ("árvore"), *facile* ("fácil"), *vendere* ("vender"), *undeci* ("onze"), *uomini* ("homens"), *altissimo*;
- nos verbos, na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, o acento tônico pode cair na sílaba que precede à antepenúltima, formando-se assim palavras biesdrúxulas (*parole bisdrucciole*): *telefonano* ("telefonam"), *abitano* ("habitam").

2.2.3. Valor fonético das letras

2.2.3.1. As consoantes

Em italiano, existe distinção entre consoante curta (breve) e consoante longa (dupla), tanto na ortografia como na pronúncia. Por exemplo:

cacio ("queijo") vs. *caccio* ("caço")
camino ("chaminé") vs. *cammino* ("caminho")
sono ("sou", "são") vs. *sonno* ("sonho")
fato ("fado") vs. *fatto* ("fato")

A pronúncia das consoantes italianas é muito semelhante à das portuguesas, mas há algumas diferenças importantes no valor fonético das letras entre as duas línguas:

C antes de *e* e *i* representa [tʃ]: *cento*, *cinque* ("cinco"). Este som é semelhante a *ch* em espanhol e em certos dialetos do norte de Portugal e corresponde, no português do Brasil, à pronúncia de *t* antes de [i], como em *tio* e *dente*. Assim, o nome italiano da letra, *ci*, soa igual às palavras *ti* e *te* como pronunciadas por muitos brasileiros. Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, a letra *c* representa [k], como em português: *caro*, *colpa* ("culpa"), *cuore* ("coração"), *clima*, *crudo* ("cru").

Ch é uma combinação gráfica que se usa apenas antes de *e* e *i* para representar [k], equivalente, em muitos casos, à grafia *qu* em português, espanhol e francês: *che* e *chi* ("que"), *macchina* ("máquina").

Ci antes de *a*, *o* e *u* representa [tʃ]: *ciao*, *bacio* ("beijo"), *ciuffo* ("tufo").

G antes de *e* e *i* representa [dʒ]: *gente*, *giro* ("volta"). Este som corresponde, no português do Brasil, à pronúncia de *d* antes de [i], como em *dia* e *cidade*. Assim, o nome italiano da letra, *di*, soa igual à palavra *de* como pronunciada por muitos brasileiros. Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, a letra *g* representa [g], como em português: *gallo* ("galo"), *golfo*, *gusto* ("gosto"), *grande.* (Sobre as combinações *gli* e *gn* ver página ao lado.)

Gh é uma combinação gráfica que se usa apenas antes de *e* e *i* para representar [g], equivalente, em muitos casos, à grafia *gu* em português, espanhol e francês: *Ghinea* ("Guiné", esp. "Guinea", fr. "Guinée").

Gi antes de *a*, *o* e *u* representa [dʒ] e corresponde, frequentemente, a *j* em português, espanhol e francês: *già* ("já"), *gioco* ("jogo"), *giusto* ("justo").

Gli é uma combinação gráfica que representa [ʎ], equivalente a *lh* em português e a *ll* em espanhol: *figlio* ("filho"), *canaglia* ("canalha", esp. "canalla").

Gn é uma combinação gráfica que representa [ɲ], equivalente a *nh* em português, a *ñ* em espanhol e *gn* em francês: *signore* ("senhor", esp. "señor", fr. "seigneur").

L representa [l], sendo semelhante ao *l* dental do português do Brasil e do português europeu: *latte* ("leite"), *male* ("mal"), *filo* ("fio").

M e ***N*** são sempre articulados como consoantes e não servem para indicar a nasalidade de uma vogal, como em português e francês: *campo* ['kampo], *canto* ['kanto], e não ['kẽpo], ['kẽto].

Qu tem sempre valor de [kw], tanto antes de *a* e *o* como *e* e *i*: *quanto*, *quotidiano*, *questo* ("este", "isto"), *qui* ("aqui").

R tem sempre a pronúncia de vibrante simples dental [r], tanto curto (breve): *caro*, como longo: *terra*. Nunca é *r* uvular como em *rua* e *carro* na pronúncia lisboeta ou carioca.

S é sempre alveolar, [s], tanto em posição inicial como final de sílaba: *santo*, *questo* ("este").

Sc antes de *e* e *i* é uma combinação gráfica que representa [ʃ], equivalente a *x* e *ch* em português e *ch* em francês: *pesce* [peʃe] ("peixe"), *scintilla* ("faísca"). Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, o grupo *sc* representa [sk]: *scala* ("escada", "escala"), *scuola* ("escola"), *scrivere* ("escrever").

Sch é a combinação gráfica de *s* e *ch*, usada antes de *e* e *i* para representar [sk]: *schema* ("esquema"), *meschino* ("mesquinho", esp. "mezquino", fr. "mesquin").

Sci antes de *a*, *o* e *u* representa [ʃ]: *sciampagna* (fr. "champagne"), *sciopero* ['ʃopero] ("greve").

Z tem dois valores fonéticos, [ts] surdo e [dz] sonoro. O *z* é surdo em *alzar* ("alçar"), *bellezza* ("beleza"), p. ex., mas sonoro em *zona*, *civilizzare* ("civilizar").

2.2.3.2. As vogais

Em italiano, as vogais são pronunciadas com a mesma clareza tanto em sílaba tônica como em sílaba átona e não ocorre "redução" de vogais átonas, como frequentemente acontece em português, sobretudo na variante europeia.

Em posição tônica, o italiano e o português têm os mesmos fonemas: *casa*, *sette* ("sete"), *nove*, mas em alguns casos o timbre da vogal (sobretudo do *o*) pode variar entre as duas línguas. Assim, a vogal tônica é aberta em italiano em, por exemplo, *cosa*, *forza* e *porto*, mas fechada em "coisa", "força" (subst.)

e "porto" em português, enquanto é fechada em *noce*, *ora* e *pesca* em italiano, mas aberta em "noz", "hora" e "pesca" em português.

Em sílaba pretônica, as vogais italianas pronunciam-se como no português do Brasil (centro-sul): *a* é sempre aberto, *appartamento*, e *e* e *o* são sempre fechados: *peregrino*, *fotografia*. Também em sílaba final, as vogais conservam o seu valor pleno; assim, *e* e *o* se pronunciam [e] e [o], e não [i]/[ə] e [u], como em português: *gente*, *modo*.

Em contraste com o português, não existe, em italiano, nasalização e fechamento das vogais antes de consoante nasal. As vogais mantêm o timbre aberto também quando seguidas por *m* ou *n*, de modo que o *a* em *fame* ("fome"), *campo*, *italiano* e *canto*, por exemplo, tem o som do *a* em *caro*.

Os ditongos *ie* e *uo* são ditongos crescentes e correspondem frequentemente, tal como *ie* e *ue* em espanhol, e sobretudo *ie*, a *e* e *o* abertos em português: *pietra* ("pedra"), *siepe* ("sebe"), *cieco* ("cego"); *ruota* ("roda"), *muove* ("move"), *fuori* ("fora", adv.). Esta correspondência, no entanto, não se verifica no masculino singular dos substantivos e adjetivos, onde o português normalmente tem *o* fechado: *uovo* ("ovo"), *nuovo* ("novo"), em contraste com o plural e o feminino de *o* aberto em português: *uova* ("ovos"), *nuovi*, ("novos", "nova(s)"). Falta de correspondência é também o caso em certas formas verbais (primeira pessoa do singular do presente do indicativo e as formas derivadas): *muovo* ("movo").

2.3. O ALFABETO E A PRONÚNCIA DO FRANCÊS

Finalmente, analisemos algumas propriedades fonéticas e ortográficas do francês.

2.3.1. O alfabeto francês

A	[a]	**H**	[aʃ]	**O**	[o]	**V**	[ve]
B	[be]	**I**	[i]	**P**	[pe]	**W**	[dubl 've]
C	[se]	**J**	[ʒi]	**Q**	[ky]	**X**	[iks]
D	[de]	**K**	[ka]	**R**	[ɛR]	**Y**	[i'grɛk]
E	[ə]	**L**	[ɛl]	**S**	[ɛs]	**Z**	[zɛd]
F	[ɛf]	**M**	[ɛm]	**T**	[te]		
G	[ʒe]	**N**	[ɛn]	**U**	[y]		

Não tendo, em francês, os nomes das letras uma forma gráfica, damos aqui apenas a pronúncia destes nomes. As letras *k* e *w* são usadas em palavras estrangeiras, *w* com o valor de [v] ou (menos frequente) de [w]: *kayak*, *wagon*, *watt*.

Em geral, a ortografia francesa é bastante conservadora, obedecendo a princípios etimológicos, de modo que se escreve, p. ex.: *théâtre*, *philosophe* e *technologie*, em contraste com as ortografias portuguesa, espanhola e italiana, predominantemente fonéticas: *teatro*, *filósofo* e *tecnologia* (port.), *teatro*, *filósofo* e *tecnología* (esp.), *teatro*, *filosofo* e *tecnologia* (it.). O uso, na ortografia francesa, de letras "mudas" leva facilmente ao surgimento de homófonos, como, p. ex., as seguintes formas do verbo *donner* ("dar"): *donne*, *donnes*, *donnent* ("dou"/ "dá"/ "dê", "dás"/ "dês", "dão"/ "deem"), que são todas pronunciadas [dɔn].

2.3.2. O acento tônico e o acento gráfico

O francês distingue-se das três línguas românicas "do sul" pelo fato de o acento tônico não possuir valor distintivo, de modo que o uso dos acentos gráficos não visa assinalar a posição da sílaba acentuada. Os acentos escritos servem principalmente para indicar o timbre da vogal, havendo, no entanto, bastantes casos em que se mantém um acento, motivado pela história da língua e para assim diferenciar graficamente palavras homônimas, p. ex.: *délégué* ("delegado"), *élève* ("aluno"), *même* ("mesmo"), *mur – mûr* ("muro" – "maduro").

2.3.3. Valor fonético das letras

2.3.3.1. As consoantes

Os sistemas das consoantes em francês e em português coincidem em grande parte, faltando ao francês, no entanto, a distinção entre *r* e *rr* ("caro", "carro") e um fonema que corresponda ao fonema escrito *lh* em português ("velho"). A pronúncia das consoantes francesas é profundamente semelhante à das portuguesas, de modo que a exposição a seguir se concentra, paralelamente ao que se fez com o espanhol e o italiano, apenas nos casos em que o valor fonético das letras diverge entre o francês e o português. O ponto mais complicado, e que difi-culta bastante a interpretação ortoépica do francês, é o elevado número de consoantes "mudas", letras que não têm correspondência fonética ou que apenas a têm de maneira indireta. Em certos casos, porém, uma consoante que é "muda" quando a palavra se pronuncia isoladamente aparece como "latente", podendo ganhar valor fonético se se lhe segue uma vogal, como, p. ex.: *les* [le] ("os"), mas *les enfants* [lezɑ̃ 'fɑ̃] ("as crianças"), *les hommes* [lɛ'zɔm] ("os homens"). Este fenômeno tão característico da pronúncia francesa, a "liaison", ocorre em determinados contextos linguísticos, dependendo, fora dos casos obrigatórios, também da situação comunicativa e do registro sociolinguístico se uma "liaison" se realiza ou não.

B é "mudo" na combinação gráfica *mb* em final de palavra: *plomb* [plɔ̃] ("chumbo"), tendo, noutros casos, valor fonético de [b]: *bombe* [bɔ̃b] ("bomba"), ou [p], antes de consoante surda: *observer* [ɔpsɛʀ've](“observar").

C em posição final (de palavra e sílaba) representa [k]: *accent* [ak'sɑ̃] ("acento"), *respecter* ("respeitar"), *lac* ("lago"), mas não tem valor fonético

em certas palavras, p. ex.: *blanc* [blɑ̃] ("branco"), *estomac* ("estômago"), *porc* ("porco"), *tabac* ("tabaco"), como *ct* também não o tem em *aspect* [aspɛ] ("aspecto"), *instinct* [ɛ̃sˈtɛ̃] ("instinto"), *respect* [ʀɛsˈpɛ] ("respeito"), em contraste com *distinct* [disˈtɛ̃kt] ("distinto"), *exact* [ɛgzakt] ("exato") e *suspect* ("suspeito"), em que *ct* se pode pronunciar [kt]. Na palavra *donc* ("pois", "então") pronuncia-se o *c* sob ênfase e antes de vogal.

Ch é uma combinação gráfica que, antes de vogal, tem o mesmo valor que em português ([š]), correspondendo, em muitos casos, a *c* em português: *cheval* [šəˈval] ("cavalo"), *vache* ("vaca"), *Charles*. Antes de consoante, *ch* tem valor de [k]: *technique* ("técnica", subst., "técnico", adj.), como também em certas palavras onde se lhe segue uma vogal: *choeur* ("coração"), *orchestre* ("orquestra"), *psychologique* ("psicológico") – mas *psychique* ("psíquico") com *ch* = [ʃ].

D nunca tem valor fricativo como no português europeu (como em "lado"), mas apenas valor da oclusiva [d] (como em port. "brando"). Em posição final, *d* é "mudo": *grand* [gʀɑ̃] ("grande"), *froid* [fʀwa] ("frio"), *pied* [pje] ("pé"), exceto em *sud* [syd] ("sul") e antes de vogal, em caso de "liaison", onde *d* tem valor de [t]: *grand ami* [gʀɑ̃tami] ("grande amigo").

F é "mudo" em *oeufs* [œf] ("ovos"), *boeufs* [bœf] ("bois"), *clef* [kle] ("chave"), *chef-d'oeuvre* ("obra-prima") e sobretudo o plural de *nerf(s)* ("nervo(s)"), mas tem valor de [v] em *neuf ans* [nœvɑ̃] e *neuf heures* ("nove anos", "nove horas").

G representa [ʒ] não apenas antes de *e* e *i*, como em português, mas também quando se lhe segue *y*: *gymnastique* ("ginástica", subst., "ginástico", adj.). Não tem valor fonético na combinação gráfica *ng* em final de palavra: *long* [lɔ̃] ("longo"), *poing* [pwɛ̃] ("punho"), em *bourg* ("burgo", "vila"), *doigt* [dwa] ("dedo") e *vingt* [vɛ̃] ("vinte") e em palavras compostas desta última palavra. Antes de *a*, *o* e *u* e consoante, a letra *g* representa [g], como em português: *garde* ("guarda"), *gomme* ("goma"), *gout* ("gosto"), *guele* ("goela"). (Sobre as combinações *gn* e *gu*, ver abaixo.)

Ge antes de *a*, *o* e *u* representa [ʒ], p. ex.: *mangeons* ("comemos"), *Georges*.

Gn é uma combinação gráfica que representa [ɲ], equivalente a *nh* em português, a *ñ* em espanhol e *gn* em italiano: *seigneur* ("senhor", esp. "señor", it. "signore").

Gu representa [g] não apenas antes de *e* e *i*, como em português, mas também quando se lhe segue *y* e outras vogais: *Guy* [gi], *fatiguons* [fatiˈgɔ̃] ("fatigamos"). Em certos casos, porém, o *u* em *gu* tem valor vocálico, p. ex.: *aiguille* [eˈgyi:j] ("agulha"). É de notar a pronúncia de *orgueil* [ɔˈʀgœj] ("orgulho").

H, como em português, não tem valor fonético, de maneira que há tanto elisão de vogal final como "liaison" antes de palavras que começam com *h* mais vogal : *l'heure* ("a hora"), *l'hôtel*, *les heures* [leˈzœʀ] ("as horas"), *les hôtels*.

Existem, no entanto, bastantes palavras em que o *h* inicial funciona como consoante, o chamado "*h* aspirado", que também não tem valor fonético, mas

que impede que elisão e "liaison" se realizem: *la hache* ("o machado"), *les haches* [leˈaʃ] ("os machados"). Muitas das palavras com "*h* aspirado" são de origem germânica, mas também se encontram algumas palavras herdadas do latim: *la haine* ("o ódio"), *le harem*, *le haricot* ("o feijão"), *la harpe* ("a harpa"), *le hasard* ("o azar"), *la hauteur* ("a altura"), *le héros* ("o herói", mas não as palavras derivadas, como *l'héroïne* e *l'héroïsme*), *la honte* ("a vergonha"), junto com *hardi* ("audacioso"), *haut* ("alto"), *haïr* ("odiar"), *hausser* ("alçar"), *huit* ("oito"), *hors* ("fora") e palavras compostas com *hors* (p. ex.: *hors-d'oeuvre*).

Il e ***Ill*** depois de vogal representam [j], correspondendo não raramente a *lh* em português, *ll* em espanhol e *gli* em italiano: *canaille* ("canalha", esp. "canalla", it. "canaglia"), *travail* [travaj] ("trabalho"), *travailler* [travaˈje] ("trabalhar"), *soleil* ("sol"), *vieille* [vjɛj] ("velha"), *fauteuil* [foˈtœj] ("poltrona"), *feuille* [fœj] ("folha"), *oeil* [œj] ("olho"), equivalendo, no entanto, *-oil* a [-wal]: *poil* ("pelo"). Depois da vogal *u* e depois de consoante, *ill* soa [ij]: *cuiller* [kɥiˈjɛʀ] ("colher", subst.), *fille* [fi:j], *billet* [biˈjɛ] ("bilhete"). Em alguns casos, porém, *ill* tem valor de [il], p. ex.: *mille* ("mil"), *ville* ("cidade"), *bacille* [basil] ("bacilo"), *tranquille* [tʀɑ̃ˈkil], *distiller* [distile] ("destilar"), *Lille*, *Séville*.

L e ***Ll*** representam [l], que é mais semelhante ao *l* no português do Brasil do que ao *l* velar no português europeu: *lait* ("leite"), *malade* ("doente"), também em final de sílaba, onde, diferentemente da pronúncia brasileira, não sofre vocalização: *fil* ("fio"), *mal*, *altérer* ("alterar"), com [l], não [w]. Em poucos casos o *l* final não tem valor fonético, p. ex.: *fils* ("filho"), *fusil*, *gentil*, *outil* ("ferramenta"), *sourcil* ("sobrancelha"), *pouls* [pu] ("pulso").

M e ***N*** em final de sílaba não se pronunciam como consoantes, indicando, como em português, a nasalidade da vogal precedente: *champ* [ʃɑ̃] ("campo"), *chant* [ʃɑ̃] ("canto", subst.), *temps* [tɑ̃] ("tempo"), *ancien* [ɑ̃ ˈsjɛ̃] ("antigo", "velho"; "ancião"), *timbre* [tɛ̃bʀ], *fin* [fɛ̃] ("fim"), *non* [nɔ̃] ("não"), *parfum* [paʀˈfœ̃], *un* [œ̃]. Em poucos casos, porém, *m* e *n* têm valor de consoante nesta situação, p. ex.: *álbum* [albɔm], *harem* [aʀɛm], *Citroën* [sitʀoɛn]. No caso de "liaison", pronuncia-se a consoante *n*, mas conservando-se a nasalização da vogal: *un ancien ami* [œ̃nɑ̃sjɛ̃nami] ("um velho amigo"), *mon ami* [mɔ̃nami]. Em *bon ami*, ocorre desnasalização da vogal: [bɔnami], como também em *moyen âge* [mwajɛnaʒ] ("Idade Média") e mais alguns casos.

P não tem valor fonético em posição final: *coup* [ku] ("golpe"), *trop* [tro] ("demasiado"), como também não o tem em, p. ex.: *baptême* [batɛm], *corps* [kɔʀ] ("corpo"), *temps* [tɑ̃] ("tempo"), *prompt* [pʀɔ̃] ("pronto"), *compter* [kɔ̃ˈte] ("contar"), *dompter* ("domar"), *sept* [sɛt] e nas formas *romps* e *rompt* do verbo *rompre*, ambas pronunciadas [ʀɔ̃]. No caso de "liaison", o *p* final tem valor de [p]: *trop aimable* [tʀɔpɛmabl], *beaucoup aimable* ("demasiado, muito amável"), como também o tem em *cap*, *stop* e *handicap*.

Ph é uma combinação gráfica que tem o valor de [f], correspondendo, normalmente, a um "f" em português: *philosophe* ("filósofo").

Q tem valor de [k]: *coq* ("galo"), *cinq* [sɛ̃] (ou [sɛ̃k]) ("cinco"). A grafia *qu* também tem valor de [k], não apenas antes de *e* e *i*, como em português: *que*, *qui* ("que", "quem"), *queue* [kø] ("cauda"), mas também antes de *a* e *o*: *quand* [kɑ̃] ("quando"), *cinquante* [sɛ̃ˈkɑ̃t] ("cinquenta"). Em alguns casos, *qu* pronuncia-se [kw]: *aquarium*, *équateur* ("equador"), *quoi* [kwa] ("(o) que", "(o) quê").

R é sempre uvular como na pronúncia lisboeta ou carioca do português de "rua", "terra" (não alveolar como em "caro", "branco"): *rue* , *terre*. Em final de palavra, *r* é "mudo" depois de *e*: *sentier* [sɑ̃tje] ("senda"), *léger* [leʒe] ("ligeiro"), *aimer* [eme] ("amar") e em *monsieur* [məsjø] e *messieurs* [məˈsje] ("senhor(es)"), pronunciando-se, no entanto, em certos casos: *cuiller* [kɥiˈjɛʀ] ("colher", subst.), *enfer* ("inferno"), *hiver* ("inverno"), *mer* ("mar"), *ver* [vɛʀ] ("verme"), *amer* [amɛʀ] ("amargo"), *cher* ("caro"), *fier* ("altivo") e *tiers* [tjɛʀ] ("terceiro").

S é sempre alveolar, como no português "senso", tanto em posição inicial como final: *sens* [sɑ̃s] ("sentido"), *rester* ("restar"), nunca palatal em posição final como no português europeu e na pronúncia carioca ("bons", "restar").

Em final de palavra, no entanto, o *s* é normalmente "mudo" em francês: *pas* ("passo", "não"), *les* [le] ("os"/ "as"), *ils* [il] ("eles"), *elles* [ɛl] ("elas"), *nous* [nu] ("nós", "nos"), *jours* [ʒuʀ] ("dias"), *sans* [sɑ̃] ("sem"), *petits* [pəti] ("pequenos"). Também não tem valor fonético nos seguintes casos: *(il) est* [ɛ] ("(ele) é"), *lesquel(le)s* e *desquel(le)s* ("os/as quais", "dos/das quais"), *mesdames* [mɛdam] ("minhas senhoras"), *mesdemoiselles* [mɛdəmwazɛl] ("meninas"), *Descartes*, *Jésus-Christ* [ʒezykʀist] (mas *le Christ* [ləkʀist]).

Em certas palavras, porém, *s* tem valor de [s] em posição final, p. ex.: *atlas*, *autobus* ("autocarro", "ônibus"), *bis*, *fils* [fis] ("filho"), *ours* ("urso"). Em *os* ("osso"), o *s* pronuncia-se no singular: [ɔs], mas não no plural: *os* [o]. Como em português, *s* pronuncia-se [z] entre vogais, o que também é o caso quando há "liaison": *rose* [roz] ("rosa"), *les hommes* [lɛzɔm] ("os homens"), *nous avons* [nuzavõ] ("(nós) temos"), *sans argent* [sɑ̃ zaʀʒɑ̃] ("sem dinheiro").

Sc antes de *e*, *i* e *y* representa [s]: *scène* ("cena"), *science* ("ciência"), *conscience*, e antes de *a*, *o* e *u* e consoante representa [sk]: *scandale*, *obscur* ("obscuro", "escuro"), *scrupule* ("escrúpulo").

Sch pronuncia-se normalmente [ʃ]: *schéma* [ʃema] ("esquema"), mas [sk] nas derivações de *schizo*.

T não tem valor fonético em posição final: *lait* [lɛ] ("leite"), *petit* [pəti] ("pequeno"), *cent* [sɑ̃] ("cento"), *vingt* [vɛ̃] ("vinte"), *(il) part* ("(ele) parte"), pronunciando-se, no entanto, nos seguintes casos: *concept* [kõsɛpt] ("conceito"), *dot* ("dote"), *l'est* [lɛst] ("o leste"), *l'ouest* ("o oeste"), *mat* ("mate"), *net* ("limpo"), *cet* ("este"), *sept* [sɛt] ("sete") e nos numerais 21 a 29, p. ex., *vingt et un* (21), *vingt-deux* (22) [vɛ̃tdø]. Em *huit* [ɥit] ("oito"), *t* é "mudo" antes de consoante: *huit francs* [ɥifʀɑ̃] ("oito francos"); em *but* [by(t)] ("alvo") e *fait* [fɛ(t)] ("fato") é facultativo pronunciar o *t*. No caso de "liaison", *t* tem valor de [t]: *petit ami* [p(ə)titami] ("pequeno amigo", "amiguinho").

Ti antes de vogal tem valor de [sj], correspondendo a *c* ou ç em português: ***initial***, ***démocratie***, ***ambitieux*** [ɑ̃ bisjø] ("ambicioso"), ***station*** [stasjõ] ("estação"), ***stationner*** [stasj ne] ("estacionar"), ***(les) portions*** [(le)pɔʀsjõ] ("(as) porções"). No entanto, *t* pronuncia-se [t] quando *ti* vem depois de *s*: ***modestie***, ***question***, em formas e palavras derivadas dos verbos em *-ter* e *-tir*: ***partie*** ("partida"), ***nous portions*** [nupɔʀtjõ] ("(nós) levávamos/levemos"), e do verbo ***tenir*** ("ter", "segurar"): ***(je/tu) tiens*** e ***(il) tient***, ambas [tjɛ̃], ***entretien*** ("manutenção"), ***soutien*** ("apoio"), como também nos seguintes casos: ***patient***, ***satiété*** ("saciedade"), ***(in)satiable***, ***balbutier***, ***initier***.

X pronuncia-se [ks]: ***fixer***, ***luxe*** [lyks], ***expliquer***; ou [gz], em *ex-* mais vogal: ***exemple***, ***existir***, ***exhaustif*** e em ***xénophobie*** [gzenɔfɔbi]. Tem valor de [s] em ***soixante*** [swasɑ̃t] ("sessenta") e ***Bruxelles***, mas valor de [z] em ***dix-huit*** [dizɥit], ***dix-neuf*** [diznœf], ***deuxième*** [døzjɛm] ("segundo"), ***sixième*** ("sexto"), ***dixième*** ("décimo") e em caso de "liaison": ***deux hommes*** [døzɔm], ***dix hommes*** ("dois/dez homens"). Em posição final, *x* é "mudo", p. ex.: ***prix*** [pri] ("preço"), ***voix*** [vwa] ("voz"), ***faux*** [fo] ("falso"), ***deux*** [dø] ("dois"), tendo, no entanto, valor fonético de [ks] em alguns casos, p. ex.: ***index***, ***lynx*** [lɛ̃ks] ("lince"), ***sphinx***, ***Aix***, ***Astérix***, e valor de [s] em ***six*** ("seis") e ***dix*** ("dez") quando têm valor de substantivo.

Z não tem valor fonético em posição final: ***nez*** [ne] ("nariz"), ***riz*** ("arroz"), ***(vous) allez*** ("(vós) ides", "vocês vão"), ***chez*** ("em casa de"), pronunciando-se [z], no entanto, em ***gaz*** [gɑz] ("gás") e em caso de "liaison": ***chez eux*** [ʃezø] ("em casa deles").

2.3.3.2. As vogais

O sistema das vogais francesas difere bastante do sistema português: o francês tem vogais orais [a, ɑ, ɛ, e, i, œ, ø, ɔ, o, y, u], das quais o português não conhece a série de vogais anteriores arredondadas [æ, ø, y] fora da pronúncia dialetal de certas zonas (Beira Baixa e Alto Alentejo, os Açores). Estas vogais são escritas *u* e *eu/oeu*: *tu* [ty], *feu* [fø] ("fogo"), *boeuf* [bœf] ("boi"), sendo o som [u] representado pela grafia *ou*: *ours* ("urso").

A distinção entre [ɑ] e [a], que muitos franceses atualmente deixam de observar, também não existe no português, onde a oposição entre "*a* fechado" e "*a* aberto" de, p. ex., "aquele" [ɐ] vs. "àquele" [a] e "contamos" vs. "contámos" no português europeu é foneticamente muito diferente de [ɑ] vs. [a] em francês. Nesta língua, *a* nunca é "fechado" como em português, tendo [ɑ] uma pronúncia mais "aberta" do que [a].

A vogal [ə], chamada *e caduc* ou *e féminin*, é bastante semelhante ao "e reduzido" no português europeu, em, p. ex., "me", "que", "levar", embora pronunciado mais aberto em francês do que o [ə] português, que muitas vezes se aproxima de [i].

Em contraste com o português, o francês conhece apenas ditongos crescentes, [ɥi], [wi] e [wa] em, p. ex.: *lui* ("ele", "lhe"), *Louis*, *loi* ("lei"), dos quais

o primeiro não existe no português. As muitas grafias do tipo *ai*, *au*, *ei*, *eu*, *ou* e *eau*, *oeu* não representam ditongos ou tritongos, mas apenas vogais monotongais na pronúncia francesa, p. ex.: *lait* [lɛ] ("leite"), *feu* [fø] ("fogo"), *au* e *eau*, ambos [o] ("ao" e "água").

Tal como o português, mas diferentemente do espanhol e do italiano, o francês tem a oposição entre vogais orais e vogais nasais. As vogais nasais, porém, não são foneticamente as mesmas no francês e no português: em francês, são de timbre aberto; em português, de timbre fechado: *fin* [fɛ̃] vs. "fim" [fĩ], *agenda* [aʒɛ̃da] vs. "agenda" [ẽ], *un* [œ̃] vs. "um" [ũ], *bon* [bɔ̃] vs. "bom" [bõ], *banc* [bɑ̃] vs. "banco" [ẽ]. Também em contraste com o português, o francês desconhece os ditongos nasais, como "ãe" e "ão", representando as grafias *ain*, *ein* monotongos nasais.

A representa [a] e [ɑ], ocorrendo este último apenas antes de *s* em certas palavras: *pas* [pɑ] ("passo", "não"), *gras* [gʀɑ], *grasse* [gʀɑs] ("gordo/a"), e [a] nos outros casos, p. ex.: *ma* ("minha"), *patte* [pat] ("pata"), *année* ("ano"). Antes de *m* e *n* em final de sílaba, *a* torna-se nasal, [ɑ̃], como em *champ* [ʃɑ̃] ("campo"), *an* [ɑ̃] ("ano"), *langue* [lɑ̃g] ("língua").

Â representa [ɑ]: *âne* [ɑn] ("asno"), *pâte* [pɑt] ("massa"), *mât* [mɑ] ("mastro"), exceto nas desinências verbais: *parlâmes* ("falamos"), *parlâtes* ("falastes"), onde é pronunciado [a].

Ai representa [ɛ]: *lait* [lɛ] ("leite"), *quai* [kɛ] ("cais"), *aimer* ("amar"), que, antes de *m* e *n* em final de sílaba, se nasaliza: *faim* [fɛ̃] ("fome"), *ainsi* ("assim").

Au representa [o] e [ɔ]: *faux* [fo] ("falso"), *autre* [otʀ] ("outro/a"), *mauvais* [mɔvɛ] ("mau"), *maure* [mɔʀ] ("mouro/a").

Ay representa [e] + [j] antes de vogal: *payer* [peje] ("pagar"), mas [a] + [j] em *mayonnaise* [majɔnɛz], [e] + [i] em *abbaye* [abei] ("abadia") e *pays* ("país") e em derivados desta última palavra.

E representa [ɛ] normalmente antes de consoante (gráfica) em final de sílaba: *fer* ("ferro"), *respect* [ʀɛspɛ] ("respeito"), mas [e] antes de *r* e *z*: *parler* ("falar"), *parlez* ("falais"), ambos [paʀle], na palavra *et* ("e") e nas palavras monossilábicas em *-es* [-e]: *ces* [se] ("estes"/ "estas"), *les* ("os"/ "as") etc., exceto em (*tu*) *es* [ɛ]. Em poucos casos e tem valor de [a]: *femme* [fam] ("mulher"), *solennel* [sɔlanɛl] e nos advérbios em *-emment* [-amɑ̃]. Na grafia *ge* e *je* antes de vogal, *e* não tem valor fonético: *Georges* [ʒɔʀʒ], *Jean* [ʒɑ̃], o que também é o caso em *asseoir* [aswaʀ] ("sentar") e na grafia *eau: eau* [o] ("água"), *beau* [bo] ("belo").

Antes de *m* e *n* em final de sílaba, *e* torna-se nasal, como em português, mas representando [ɑ̃]: *membre* [mɑ̃bʀ], *vent* [vɑ̃], *en* [ɑ̃], *naturellement* [-mɑ̃]. Em certos casos, porém, tem valor de [ɛ̃], como depois de *i*: *bien* [bjɛ̃], *vient* [vjɛ̃] ("vem"), e em *européen* [øʀɔpeɛ̃], *examen*, *moyen* [mwajɛ̃] ("médio") e *citoyen* [sitwajɛ̃] ("cidadão"). Porém, nos substantivos e adjetivos em *-ient* e *-ience* e os seus derivados, o *e* nasal tem valor de [ɑ̃]: *client* [klijɑ̃], *science* [sjɑ̃s] ("ciência"), *scientifique* [sjɑ̃tifik].

Quando *e* termina a sílaba ou se lhe segue *s*, *e* tem valor de [ə], como no português europeu: *le* ("o"), *me*, *que* etc., *demi* ("meio"), *retard* [ʀətaʀ] ("atraso"). Em sílaba final átona, o *e caduc* muitas vezes perde o valor fonético, ficando "mudo": *parle*, *parles*, *parlent*, todos [parl] ("falo/a/e", "falas/es", "falam/em").

É representa a vogal semifechada [e]: *délégué* ("delegado"), *école* [ekɔl] ("escola"), *café*, *année* [ane] ("ano").

È, Ê e ***Ë*** representam [ɛ]: *mère* ("mãe"), *près* [pʀɛ] ("perto"), *fête* ("festa"), *prêt* [pʀɛ] ("pronto"), *être* [ɛtʀ] ("ser", "estar").

Ei, que é raro, representa [ɛ]: *reine* [ʀɛn] ("rainha"), *seize* [sɛz] ("dezesseis") e, quando nasal, [ɛ̃]: *sein* [sɛ̃] ("seio"), *peintre* [pɛ̃tʀ] ("pintor").

Eu e ***Eû*** representam [ø] e [æ], conforme o contexto fonético em que se encontram: *jeu* [ʒø] ("jogo"), *jeune* [ʒœn] ("jovem"), *jeûne* [ʒøn] ("jejum"), *seul* [sœl] ("só"), *neutre* [nøtʀ]. Em formas de *avoir* ("haver", "ter"), a grafia *eu* tem o valor de [y], p. ex.: *j'ai eu* [ʒɛy] ("tive", "tenho tido"). Quando nasal, *eu* tem o valor de [œ̃]: *à jeun* [aʒœ̃] ("em jejum").

I, Î e ***Ï*** representam [i]: *ici* ("aqui"), *vîmes* ("vimos", pret. de "ver"), *naïf* [na'if] ("ingênuo"), mas [j] quando se lhe segue uma vogal tônica ou entre vogais: *pied* [pje] ("pé"), *faïence* [fajɑ̃s] ("faiança", "louça"), *aïe* ("ai"). Antes de *m* e *n* em final de sílaba, *i* (e *î*) torna-se nasal, como em português, mas representando [ɛ̃]: *timbre* [tɛ̃bʀ], *vin* ("vinho"), *vînmes* ("viemos").

O representa [o], geralmente quando seguido por apenas uma consoante, e [ɔ] nos outros casos: *mot* [mo] ("palavra"), *gros* [gʀo] ("grosso"), *rose* [ʀoz], mas *colonne* [kɔlɔn] ("coluna"), *port* [pɔʀ], *cote* [kɔt] ("quota"). Antes de *m* e *n* em final de sílaba, o torna-se nasal, como em português, mas representando [ɔ̃]: *nom*, *ombre* [ɔ̃bʀ], *mon* [mɔ̃] ("meu"), *oncle* [ɔ̃kl] ("tio").

Ô representa [o]: *côté* [kote] ("lado"), *côte* [kot] ("costa").

Oe representa normalmente dois sons: *poète* [poɛt], mas não em *oeil* [œj] ("olho") e *poêle* [pwal] ("fogão", "frigideira").

Oeu representa [ø] e [œ] conforme o contexto fonético: *voeu* [vø] ("voto"), *noeud* [nø] ("nó"), *oeufs* [øf] ("ovos"), mas *oeuf* [œf] ("ovo"), *boeuf* [bœf] ("boi"), *coeur* [kœʀ] ("coração").

Oi representa o ditongo [wa]: *moi* ("mim"), *oiseau* [wazo] ("pássaro"), *croire* [kʀwaʀ] ("crer") e, quando nasal, [wɛ̃]: *coin* ("cunha"), *moindre* [mwɛ̃dʀ] ("menor").

Ou e ***Où*** representam [u] (nunca [o], como em português): *coup* [ku] ("golpe"), *cour* [kur], *où* ("onde"), [w] antes de vogal tônica: *louer* [lwe] ("alugar", "louvar"), *oui* [wi] ("sim").

Oy representa [waj] antes de vogal: *loyal* [lwajal] ("leal"), *moyen* [mwajɛ̃] ("médio").

U, Û, Ü representam a vogal [y]: *tu*, *sur* ("sobre"), *sûr* ("seguro"), *Saül* [sayl], mas a semivogal [ɥ] antes de *i* e *y* normalmente: *lui* [lɥi] ("ele", "lhe"),

fruit [fʀɥi] ("fruto"), *appui* [apɥi] ("apoio"), *appuyer* [apɥije] ("apoiar"). Antes de *m* e *n* em final de sílaba, *u* torna-se nasal, como em português, mas representando [œ̃]: *parfum* [paʀfœ̃], *humble* [œ̃bl] ("humilde"), un [œ̃], *brun* [bʀœ̃] ("castanho", "marrom").

Y representa [i]: *type* ("tipo"), *rythme* [ʀitm], ou [j] antes de vogal: *yeux* [jø] ("olhos"), *payer* [peje] e, quando nasal, [ɛ̃]: *symbole* [sɛ̃bɔl], *symphonie* [sɛ̃fɔni].

III

O léxico

O léxico, em sentido geral, é o conjunto de palavras e locuções de uma língua. **Este** amplo acervo se divide em duas categorias principais: a das unidades gra**maticais** (artigos, pronomes demonstrativos, pronomes pessoais, pronomes pos**sessivos**, pronomes indefinidos, preposições, conjunções e verbos auxiliares) e **a das** unidades lexicais (verbos, substantivos, adjetivos e advérbios terminados **em** *-mente*). O universo da primeira categoria é limitado, já os elementos da **segunda** constituem conjuntos permanentemente abertos e refletem as transfor**mações** por que passa a sociedade. Daí a criação de novas palavras, bem como **o** desuso ou modificação de sentido de outras. Se em 1850, conforme estudo da Unesco, 240 palavras bastavam para designar todas as ciências, artes, técnicas **e** profissões, nos anos 60 do século XX eram necessárias mais de 24 mil para a **designação** desse mesmo universo com suas novas subdivisões. Em sentido mais **restrito**, dá-se o nome de léxico a essa segunda categoria de palavras, estreita**mente** ligadas ao contexto biossociocultural do falante.

Com o objetivo de tornar mais geral a noção de palavra, sobre a qual há inú**meras** definições, considerar-se-á aqui este termo como a unidade significativa que, na modalidade escrita, vem separada por espaço em branco.

3.1. O VOCABULÁRIO DAS QUATRO LÍNGUAS ROMÂNICAS

Logo à primeira vista, é fácil perceber que existe grande semelhança entre o vocabulário das quatro línguas românicas e sua origem comum é evidente.

mão	mano	mano	main
bom	bueno	buono	bon
vir	venir	venire	venir

Esse paralelismo, porém, às vezes, se desfaz.

perigo	peligro	pericolo	danger
trabalho	trabajo	lavoro	travail
cão	perro	cane	chien
cachimbo	pipa	pipa	pipe

Sucede, ainda, por vezes, que as quatro palavras não possuam semelhança alguma entre elas.

fechado	cerrado	chiuso	fermé

Numa comparação um pouco mais abrangente, pode-se notar que das quatro é o francês que se distancia mais da nossa língua.

cego	ciego	cieco	aveugle
esconder	esconder	nascondere	cacher
alegria	alegría	allegria	joie
cuspir	escupir	sputare	cracher
cansado	cansado	stanco	fatigué

Em contrapartida, a semelhança entre o vocabulário espanhol e o português é notória. Em alguns casos o italiano e o francês são semelhantes, mas diferentes do par português/espanhol; noutros, ao par português/espanhol correspondem vocábulos diferentes entre o francês e o italiano.

bigode	bigote	baffi	moustache
esquerda	izquierda	sinistra	gauche
sapatos	zapatos	scarpe	souliers
cerveja	cerveza	birra	bière
primo	primo	cugino	cousin
comer	comer	mangiare	manger

Observa-se, pois, no léxico românico, que, com frequência, o espanhol e o português se aproximam; a aproximação francês e italiano, se frequente, o é algo menos que a aproximação ibérica; o francês é a língua que, por vezes, se separa completamente do grupo. Ocorre, ainda, que nem sempre as formas de etimologia comum mantiveram sentidos semelhantes nas quatro línguas.

subir	subir	subire (= sofrer, padecer, estar sujeito a)	subir (= sofrer, padecer, estar sujeito a)
sair	salir	salire (= sofrer)	salir (= manchar)
largo	largo	largo	large

Como se pode ver, há uma complexa relação de semelhança e oposição entre o vocabulário das quatro línguas na sua forma (o significante) e no seu conteúdo (o significado).

3.2. LÉXICO ACUMULADO E VOCABULÁRIO UTILIZADO

É praticamente impossível calcular o número de palavras de uma língua como o português. Existem palavras de uso geral e palavras de uso restrito (como os termos técnicos dos muitos ramos da ciência, do esporte, da religião, bem como o vocabulário característico dos diversos grupos socioculturais e o vocabulário regional). O contingente vocabular contemplado por um dicionário varia segundo a extensão do público a que a obra se destina. Dicionários da língua portuguesa para o público escolar reúnem em média 30 mil palavras. *O Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa (Lisboa: Verbo [2001]), tendo em vista as 70 mil entradas que o constituem, pertence à categoria dos dicionários médios. Já os grandes dicionários, como o *Aurélio* (FERREIRA [1999] e FERREIRA [2009]) e o *Houaiss* (HOUAISS [2001] e HOUAISS [2009]) superam a cifra dos 160 mil itens. Em sua primeira edição (2001), o *Dicionário Houaiss* registra aproximadamente 229 mil verbetes. Esse contingente vocabular pode atingir a cifra de 300 mil palavras relativamente a qualquer das quatro línguas. O usuário românico de cultura média, habitante dos centros urbanos, emprega, na modalidade oral, em torno de 4 mil palavras, e até 8 mil, quando se inclui a modalidade escrita. Quanto à frequência das palavras na modalidade escrita, segundo os especialistas, as cem palavras mais frequentes num texto recobrem 60% do vocabulário utilizado nesse texto; as mil palavras mais frequentes recobrem 85% e as quatro mil representam quase a totalidade, 97,5%, das palavras do texto.

3.3. ESTRUTURA DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS

As palavras podem ser classificadas em duas categorias, como já visto na introdução deste capítulo: as unidades gramaticais (artigos, pronomes, preposições, conjunções, verbos auxiliares), cujo elenco é fechado e não comporta novas entradas, e as unidades lexicais (verbos, substantivos, adjetivos e advérbios em *-mente*), cujo acervo é aberto e ilimitado. A unidade lexical pode ser representada por um vocábulo ou por uma combinação de vocábulos (as palavras compostas, como *beija-flor*) ou expressões idiomáticas (*Maria deu a lata ao namorado*; *A miúda pôs a cabeça em água aos pais*, port. eur.). As palavras, assim, não podem ser estudadas de maneira isolada, mas necessariamente nas suas relações morfológicas e semânticas, havendo uma estreita interação entre léxico e gramática. São as unidades gramaticais (pouco mais de cem) que definem as regras, permitindo a construção de enunciados. É, pois, indispensável que se conheçam essas unidades já expostas nos capítulos precedentes.

Algumas unidades lexicais não podem ser divididas em unidades significativas, como, por exemplo, *mar*. Na palavra *incompreensível*, entretanto, podem-se depreender três unidades significativas, a saber: o núcleo *compreen-*, que

encerra o significado de *compreender*, o sufixo *-ível*, que indica possibilidade, e o prefixo *in-*, indicando a negação. Há, pois, unidades significativas menores que as palavras: esses elementos morfológicos são denominados morfemas. Se analisada historicamente, porém, poder-se-á decompor a palavra *incompreensível* de outra maneira. Com efeito, *compreen-*, o núcleo central, é ele próprio um derivado da palavra latina *comprehensum*. Em latim, o núcleo central é *prehens* (captar, pegar), com a desinência gramatical *um* e o prefixo *com*. *Compreender* é "captar a totalidade". Em português contemporâneo, entretanto, esse recorte da palavra não é mais percebido pelo falante. São apenas notados os elementos *in-compreens-ível*. Os afixos (*in* = prefixo e *ível* = sufixo) modificam o sentido e a classe gramatical da palavra e, por isso, são unidades significativas. O plural de *incompreensível* é uma marca do código da língua. A simples presença do *s* indica pluralidade. Essa desinência (no caso o *s*, desinência de plural) é um morfema chamado morfema gramatical, como o é, por exemplo, a desinência *-mos*, de *cantamos*, que indica estar o verbo no presente e na primeira pessoa do plural. Os afixos e as desinências gramaticais permitem a criação de um número ilimitado de derivados. Os prefixos e os sufixos da língua portuguesa são basicamente os mesmos das outras três línguas românicas estudadas. Em função do seu número relativamente reduzido – e, ademais, comum às quatro línguas – pode-se conhecer muito das línguas espanhola, italiana e francesa a partir desse aspecto comparativo. Vejamos alguns exemplos de prefixos e sufixos.

IN-	inanimado	inanimado	inanimato	inanimé
RE-	reanimado	reanimado	rianimare	réanimé
INTER-	internacional	internacional	internazionale	international
BI(S)-	bicéfalo	bicéfalo	bicefalo	bicéphale

ANTI-	antipático	antipático	antipatico	antipathique
PERI-	periódico	periódico	periodico	périodique
PARA-	paralisia	paralisis	paralisi	paralysie

DIS-	desagradável	desagradable	sgradevole	désagréable
EX-	expedição	expedición	spedizione	expédition
EXTRA-	extraordinário	extraordinario	straordinario	extraordinaire

Apenas os prefixos italianos *s-*, no exemplo acima, em que se fundiram os prefixos latinos *dis-* e *ex-*, e *str-*, transformação do latim *extra-*, desfazem a regularidade das correspondências.

Sufixos formando substantivos:

-ARIUS	carvoeiro funcionário barbeiro	carbonero funcionário barbero	carbonaio funzionario barbiere	charbonnier fonctionnaire barbier
-ISMUS	liberalismo	liberalismo	liberalismo	libéralisme
-ITIA	riqueza justiça	riqueza justicia	ricchezza giustizia	richesse justice
-TAS	variedade	variedad	varietà	variété
-ITUDO	multidão	multitude	moltitudine	multitude
-OR	esplendor	esplendor	splendore	splendeur
-ATICUS	personagem	personaje	personaggio	personnage
-ANTIA	abundância	abundancia	abbondanza	abondance
-MENTUM	armamento sentimento	armamento sentimiento	armamento sentimento	armement sentiment
-TOR	distribuidor	distribuidor	distributore	distributeur
-TURA	escritura	escritura	scrittura	écriture
-TIO	abolição	abolición	abolizione	abolition
-SIO	evasão	evasión	evasione	évasion

Sufixos formando adjetivos:

	Português	Espanhol	Italiano	Francês
-ALIS	mortal	mortal	mortale	mortel
-ANUS	vilão	villano	villano	vilain
-ETICUS	sintético	sintético	sintetico	synthétique
-ATICUS	selvagem	salvaje	selvaggio	sauvage
-OSUS	ervoso	herboso	erboso	herbeux
-BILIS	visível	visible	visibile	visible
-IVUS	tardio	tardio	tardivo	tardif

Sufixos formando verbos:

Acento	Português	Espanhol	Italiano	Francês
-IDIARE	guerrear latinizar	guerrear latinizar	guerreggiare latinizzare	guerroyer latiniser
-IZ	mortificar	mortificar	mortificare	mortifier

Sufixos formando advérbios:

-MENTE	somente	solamente	solamente	seulement

Esta relação não abarca a totalidade dos prefixos e dos sufixos, mas permite uma observação organizada das semelhanças entre as quatro línguas românicas. Há, no entanto, alguns fatos que merecem destaque. Por exemplo, *-itia* dá em italiano ou *-ezza*, como forma popular (exemplo: *riccezza*), ou *-izia*, como forma erudita (exemplo: *giustizia*). Poder-se-ão, igualmente, ressaltar as influências que as quatro línguas exerceram umas sobre as outras. Por exemplo, *-arius* dá em francês *-ier*. É esse sufixo francês que, ao entrar em italiano, explica a forma *-iere* (exemplo: *barbiere*). Sublinhe-se ainda que, por vezes, as quatro línguas românicas recorrem a sufixos diferentes para a criação de derivados semelhantes.

-TAS e -ITIA	pobreza	pobreza	povertà	pauvreté

3.4. PSEUDOAFIXOS

Convém mencionar, ainda, o processo de derivação através de neologismos científicos e técnicos. Trata-se de elementos extraídos do latim e do grego, que alguns linguistas, como J. G. Herculano de Carvalho, (*Teoria da linguagem*, t. II. Coimbra: Atlântida, 1974), denominam prefixoides e sufixoides, como *tele, mono, poli, auto, radio, foto, metro, forme, filo, logia* etc. Esses elementos estão presentes nas quatro línguas.

TELE-	televisão	televisión	televisione	télévision
MONO-	monomotor	monomotor	monomotore	monomoteur
-METRUM	termômetro	termometro	termometro	thermomètre
-FORMIS	cuneiforme	cuneiforme	cuneiforme	cunéiforme

Tais neologismos eruditos deram origem a grande número de vocábulos e muito contribuíram para a unificação da terminologia nas línguas românicas.

3.5. VOCÁBULOS "POPULARES" E VOCÁBULOS "ERUDITOS"

Observemos o quadro abaixo:

olho	ojo	occhio	oeil
ocular	ocular	oculare	oculaire
oculista	oculista	oculista	oculiste
oftalmólogo	oftalmólogo	oftalmologo	ophtalmologue

Os quatro vocábulos da primeira linha são bastante diferentes. Todos provêm, no entanto, do vocábulo latino *oculus* (olho). As alterações fonéticas por que tal vocábulo passou se deram diferentemente segundo as regiões da România. Esses vocábulos são formas hereditárias ou populares. Os quatro vocábulos da segunda linha derivam do latim *ocularis*, forma ressuscitada após séculos de esquecimento e adaptada à morfologia das quatro línguas românicas. Os quatro vocábulos da terceira linha foram inteiramente fabricados a partir de *oculus* mais o sufixo *-ista*. A última série, finalmente, é constituída por vocábulos construídos a partir da raiz grega *oftalmo* (olho) mais o sufixo *-logus*. Essas três últimas séries são compostas por vocábulos geralmente denominados eruditos. Como se pode facilmente ver, a semelhança entre as quatro línguas é evidente nos vocábulos eruditos. Essa constatação remete para a evidente unidade da cultura românica. Durante séculos o latim foi a língua de cultura do Ocidente. Caso faltasse a algum erudito um vocábulo na sua língua "vulgar", bastava voltar ao inesgotável arquivo inicial – o mesmo dos seus colegas das outras línguas "vulgares" – e tomar posse do vocábulo latino, adotando-o ou adaptando-o para a "significação" da nova ideia. Muitas das formas eruditas atuais acabaram por perder a relação com outras raízes. É o exemplo do português *fácil*, do espanhol *fácil*, do italiano *facile* e do francês *facile*. Na origem tratava-se do latim *facilis*, reintroduzido nas línguas modernas em fins da Idade Média. *Facilis* em latim era um derivado de *facere* (fazer). O que é fácil é aquilo que é factível/fazível. Para o falante atual das quatro línguas românicas, tal derivação já não é entendida dessa forma. Observe-se, como prova, que o espanhol manteve o *f* inicial. Não fora essa forma erudita, ter-se-ia a transformação em *h*, como procede essa língua nessas situações, a começar pelo próprio verbo *facere* (em espanhol *hacer*). Os vocábulos eruditos constituem uma parte considerável do vocabulário usual, como é indicado no quadro a seguir.

Português	Espanhol	Italiano	Francês
catálogo	catálogo	catalogo	catalogue
globo	globo	globo	globe
memória	memoria	memoria	memoire
plácido	plácido	placido	placide
inteligente	inteligente	intelligente	intelligent
parlamento	parlamento	parlamento	parlement

3.6. CONCLUSÃO

A introdução de vocábulos greco-latinos não é o único processo de criação lexical. Termos estrangeiros foram ao longo do tempo – e ainda são – introduzidos regularmente nas nossas línguas (e pensemos, ainda, nos empréstimos mútuos entre as próprias línguas românicas). Evoluções semânticas vêm se acrescentar às modificações da forma do vocábulo e provocam o surgimento de novos termos. Encontram-se, também, nas línguas românicas vocábulos com formas abreviadas – fenômeno universal –, particularmente com os compostos greco-latinos, por exemplo: *foto* (fotografia), *ônibus* (auto-ônibus), *pneu* (pneumático), *quilo* (quilograma). Essas formas abreviadas têm o sentido pleno, como assinalam Celso Cunha e Lindley Cintra (*Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984). Esse fenômeno é comum nas quatro línguas. Novos vocábulos também surgem através da criação e vulgarização de uma sigla que "passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados" (Cunha e Cintra, obra cit.).

O vocabulário útil necessário para a intercomunicação românica é limitado. O conhecimento de algumas dezenas de prefixos e sufixos facilita sobremodo a intercompreensão entre essas línguas. Algumas dificuldades podem surgir quando se trata de vocábulos do patrimônio hereditário. Alterações fonéticas distintas segundo as regiões deram origem a significantes diferentes. Faz-se então uso da diacronia com o objetivo de favorecer a leitura dessas diferenças.

IV

A história das palavras

Analisaremos neste capítulo a composição do léxico das quatro línguas, cujo acervo foi sendo estruturado ao longo dos séculos.

4.1. O PATRIMÔNIO HEREDITÁRIO

É a base fundamental constituída pelas palavras cuja origem remonta ao latim e que, transmitidas de geração em geração, constituem o fundo comum das nossas quatro línguas. Em português pertencem à herança lexical, por exemplo, os substantivos *pai*, *água* e *terra*; os verbos *vir*, *pôr* e *ser*; os adjetivos *belo*, *novo* e *grande*; os advérbios *bem* e *mal*; os numerais *dez* e *vinte*. Os elementos gramaticais da língua, como preposições e conjunções, têm, igualmente, origem no acervo latino. As alterações fonéticas por que passaram essas palavras através dos séculos, e em regiões variadas, tornam-nas, por vezes, completamente diferentes da sua original latina, como, por exemplo, o português *olho*, o espanhol *ojo*, o italiano *occhio* e o francês *oeil*.

Em contrapartida, é comum a identificação imediata entre as quatro línguas, como *parte* (português), *parte* (espanhol), *parte* (italiano) e *part* (francês). Visando a uma melhor intercompreensão, cabe, pois, identificar as modificações dessas palavras através da sua própria história. A chamada gramática histórica, que, a partir do latim, descreve as alterações fonéticas – as "leis fonéticas" –, encarregou-se de estabelecer os grandes princípios que regem essas transformações. Mas é, também, perfeitamente possível a exposição das principais transformações fonéticas das quatro línguas sem que, necessariamente, se recorra ao latim, ainda que, obviamente, a análise diacrônica facilite sobremaneira a tarefa.

Poderemos observar, inicialmente, que o desgaste fonético se deu diferentemente nas quatro línguas estudadas. Nas três palavras latinas *partem*, *murum* e *cymam*, citadas no acusativo por ter sido o caso das declinações latinas que se manteve, o acento tônico era na primeira sílaba e a segunda, por ser átona, foi se enfraquecendo.

Assim, temos:

PARTEM	parte	parte	parte	part
MURUM	muro	muro	muro	mur
CYMAM	cima	cima	cima	cime

Como se pode ver, o *u* final de *murum* sobreviveu com a forma *o*, bem como o *e*, de *partem*, em português, espanhol e italiano; já em francês essas duas vogais latinas desapareceram. Quanto ao *a* de *cymam*, ele permanece em português, espanhol e italiano, enquanto em francês transformou-se em *e* "mudo". Essas vogais átonas finais do latim sobrevivem em italiano, espanhol e português, mas desaparecem em francês ou se distanciam da sua forma primitiva.

Observemos algumas consoantes, como, por exemplo, nas palavras *vitam*, *amicum* e *videre*.

VITAM	vida	vida	vita	vie
AMICUM	amigo	amigo	amico	ami
VIDERE	ver	ver	vedere	voir

Trata-se das consoantes *t*, c e *d* situadas entre duas vogais. O italiano conservou-as. Em português e em espanhol as surdas *t* e *c* intervocálicas se sonorizaram em *d* e *g* nas palavras *vitam* > *vida* e em *amicum* > *amigo*, e *d*, já sonoro, desaparece em *videre* > *veer* (forma usada na Idade Média) > *ver*. Em francês houve o desaparecimento completo – *vie*, *ami*, *voir*. Assim, no exemplo citado, pode-se notar que o português e o espanhol se mantiveram em posição intermediária, enquanto o francês inovou e o italiano conservou a forma primitiva.

4.1.1. Comparação de algumas evoluções

1) Ditongação de *e* breve e *o* breve tônicos

O latim possuía cinco vogais breves e cinco longas. Observemos o quadro abaixo:

PEDEM	pé	pie	piede	pied
BENE	bem	bien	bene	bien
CERVUM	cervo	ciervo	cervo	cerf
NOVUM	novo	nuevo	nuovo	neuf
FORTEM	forte	fuerte	fort	fort

Nessas situações a ditongação modificou, por vezes, a vogal. Não ocorreu ditongação em português e, quando ocorre em qualquer uma das três outras línguas, o *e* breve se transforma em *ie*. O *o* breve, por sua vez, passa a *ue* em espanhol, *uo* em italiano e *eu* em francês. A evolução se dá, pois, de *o* breve se ditongando em *uo* em italiano, *ue* em espanhol e *eu* em francês.

2) Os grupos *pl*, *cl* e *fl* em início de palavra

PLENUM	cheio	lleno	pieno	plein
CLAVEM	chave	llave	chiave	clé
FLAMMAM	chama	llama	fiamma	flamme

Nesse caso, como se pode ver, o francês conservou os grupos consonânticos. Nas demais línguas deu-se a palatalização – o *l* dos grupos *pl*, *cl* e *fl* se transformou em iode. O italiano manteve-a. Essa palatalização continuou em português e espanhol, dando lugar, em espanhol, a uma consoante palatal fricativa lateral sonora [ʎ], escrita *ll* (*lleno*, *llave*, *llama*), e, em português, à fricativa palatal [tʃ] do português antigo – e em seguida à fricativa escrita *ch* (*cheio*, *chave*, *chama*), com a pronúncia [ʃ].

3) Os grupos *cl* e *ct* no interior de palavras

OC(U)LUM	olho	ojo	occhio	oeil
LACTEM	leite	leche	latte	lait

Houve, nesse caso, fenômeno de palatalização tão forte que a alteração tornou irreconhecível as palavras latinas primitivas, com exceção do italiano *occhio* e *latte*.

4) Dissimilação

ARBOREM	árvore	árbol	albero	arbre

É comum a supressão de fonemas idênticos em sílabas que se sucedem. Assim, por exemplo, o latim *arborem* possuía dois *r*. Em português e em francês essa sequência se manteve. Em italiano e espanhol deu-se a sua eliminação – *albero* em italiano e *árbol* em espanhol. É o que se chama dissimilação.

4.1.2. Algumas particularidades

A) Do português

Como sabemos, no português padrão as vogais *e* e *o* breves não se ditongam. Em português pronuncia-se *porta* (espanhol *puerta*), *novo* (espanhol *nuevo*), *sete* (espanhol *siete*), *bem* (espanhol *bien*). Nossa língua conhece ainda dois fenômenos que a tornam diferente das outras: a queda do *l* e do *n* intervocálicos.

1) Queda do *l* intervocálico

Essa consoante desaparece em português. Sua queda provoca um hiato que pode, por vezes, ser eliminado.

FILUM	fio	hilo	filo	fil
CANDELAM	candea > candeia	candela	candela	chandelle
COLOREM	coor > cor	color	colore	couleur

Na palavra *fio* o hiato resultante do desaparecimento do *l* intervocálico se mantém. Em compensação ele é eliminado em *candea* pela introdução de um *i* [j] (*candeia*) e em *coor* pela crase das duas vogais.

2) Queda do *n* intervocálico

Antes de desaparecer, o *n* nasalizou a vogal que o precedia. Esses novos contatos vocálicos tiveram evoluções distintas.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
CORONAM	coroa	corona	corona	couronne
PLENUM	cheio	lleno	pieno	plein
LANAM	lã	lana	lana	laine
MANUM	mão	mano	mano	main
VINUM	vinho	vino	vino	vin

Em *coroa*, a primeira das vogais se desnasalizou e o hiato se manteve – *corona* > *coro-a* > *coroa*. Em *cheio*, houve, após a desnasalização da primeira vogal, o acréscimo de um *i*, como em *candeia*, já citado. Em *lã*, a nasalidade conservou-se e o resultado foi uma única vogal nasal: *lã-a* > *lã*. Em *mão*, o *a* nasal, que também se conservou, fundiu-se com o *o*, formando o ditongo nasal *ão*, tão característico da nossa língua. Em *vinho*, o hiato foi suprimido pelo surgimento de [ɳ] *vi-o* > *vinho*. Os exemplos acima servem para que se tenha ideia de um fenômeno mais geral, comum a grande número de palavras.

B) Do espanhol

Já vimos algumas evoluções características do espanhol. Por exemplo, *pl*, *cl* e *fl* passando a *lleno*, *llave* e *llama*; *cl* e *ct* passando a *j* e *ch* – *ojo* e *leche*. Uma outra característica do espanhol é a passagem do *f* inicial a *h*. Tal fenômeno separa, no particular, o espanhol das outras línguas românicas.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
FACTUM	feito	hecho	fatto	fait
FARINAM	farinha	harina	farina	farine
FURNUM	forno	horno	forno	four

As palavras iniciadas por *fo* e ditongadas no espanhol em *fue* não observam essa evolução e conservam o *f*.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
FORTEM	forte	fuerte	forte	fort

C) Do italiano

O fenômeno da assimilação se dá com certa frequência em italiano, já que muitos grupos de consoantes se transformam em geminadas. Tem-se, por exemplo, *bs* > *ss-*, *ps* > *ss-*, *pt* > *tt-*.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
OBSERVARE	observar	observar	osservare	observer
CAPSAM	caixa	caja	cassa	caisse
SEPTEM	sete	siete	sette	sept

O léxico italiano conta, também, com grande número de palavras iniciadas por s mais consoante. Esse grupo consonantal ou é etimológico ou consequência da perda de uma vogal.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
SPERARE	esperar	esperar	sperare	espérer
HISTORIAM	história	historia	storia	histoire
HISPANIAM	Espanha	España	Spagna	Espagne

D) Do francês

A língua francesa é, das quatro línguas românicas, a que mais se afastou do latim. Pudemos ver a fragilidade das vogais átonas finais nessa língua (*part*, *mur*, *cime*), bem como das consoantes intervocálicas (*vie*, *amie*, *voir*). Analisamos a ditongação de *e* e *o* breves (*pied*, *bien*, *neuf*) e a manutenção da vogal (*fort*). Vimos, igualmente, a evolução de certos grupos consonânticos (*oeil*, *lait*). Ressalte-se que o francês é a única das quatro línguas estudadas que não possui acento tônico com valor fonológico. Vejamos outras particularidades dessa língua.

1) Vogais

Ao ditongar, sob acento tônico, *e* breve em *ie* (*pied*, *bien*) e *o* breve em *eu* (*neuf*), o francês se solidariza com as demais línguas românicas, com exceção do português. Mas delas se separa por uma série de evoluções que o distanciam consideravelmente do latim.

- Ditongação francesa de *e* e *o* longos

O francês realiza uma ditongação das vogais longas *e* e *o* tônicas diferente da realizada pelas demais línguas estudadas.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
HABERE	haver	haber	avere	avoir
FLOREM	flor	flor	fiore	fleur

A evolução de *e* longo em *oi* (pronunciado hoje [wa]) e de *o* longo em *eu* só foi possível em alguns contextos. A vogal deve estar solta, ou seja, não travada por duas consoantes.

- Passagem de *a* tônico não travado a [e]

PRATUM	prado	prado	prato	pré

Quando, ao contrário, a vogal *a* tônica está travada pelas duas consoantes, não se produz a modificação.

PARTEM	parte	parte	parte	part

2) Consoantes

- Palatalização do *c* em *ch* antes de *a*

É um dos fenômenos mais característicos da língua francesa.

CARRUM	carro	carro	carro	char
CASTELLUM	castelo	castillo	castello	château
CABALLUM	cavalo	caballo	cavallo	cheval

- Vocalização do *l* implosivo

Trata-se da consoante *l* situada antes de consoante ou em fim de palavra. Nessa posição *l* teve uma pronúncia velar, como no português de Portugal *mal*. Outras vezes esse *l* velar fundiu-se com a vogal precedente, com resultados variados (*a* + *l* > *au*; *e* + *l* > *eau*; *o* + *l* > *ou*).

SALVUM	salvo	salvo	salvo	sauf
PELLEM	pele	piel	pelle	peau
COLAPUM	golpe	golpe	colpo	coup

- Queda do *s* diante de consoante

Nessa posição o *s* desapareceu (na Idade Média), provocando o alongamento da vogal que o precedia. Tal alongamento traduz-se, hoje, pela presença de um acento circunflexo.

FESTAM	festa	fiesta	festa	fête
COSTA	costa	cuesta	costa	côte
CASTANEA	castanha	castaña	castagna	châtaigne

Como se pode constatar, a língua francesa é a que mais se afastou da fonte latina. No entanto, as correspondências aqui apontadas possibilitam a memorização. No francês *fête* identifica-se com o português *festa*, o espanhol *fiesta* e o italiano *festa*, o mesmo sucedendo com *pâte*, que remete para *pasta* das três outras línguas. O código gráfico também pode ser facilmente assimilado. A consoante [ɲ], escrita *gn* em francês (*seigneur*) e em italiano (*signore*), é o *nh* português (*senhor*) e o *ñ* espanhol (*señor*).

4.2. A CRIATIVIDADE LEXICAL

As palavras do patrimônio hereditário constituem uma pequena parte do léxico atual das nossas línguas. Inúmeras palavras novas vieram enriquecer o acervo lexical através do processo de derivação (prefixos e sufixos), do retorno à fonte latina (palavras eruditas), bem como pelos empréstimos de outras línguas. Tal criatividade lexical é ilimitada e constitui um dos aspectos mais fascinantes da história das línguas. Tomemos como exemplo as palavras derivadas do latim *pars* (acusativo PARTEM), *parte* em português.

parte	parte	parte	parte	part / partie (parte)

1) Partir

partir	partir (partir em dois)	partire (arcaico: dividir)	partir (arcaico: repartir, dividir)
parcela	parcela	parcella	parcelle
parcial	parcial	parziale	partiel
partição	partición	partizione	partition
participar de, em	participar de, en	participare a	participer à
partícula	partícula	particola	particule

partida	partida	partita	partie
aparte	aparte	a parte	à part
apartar	apartar	appartare	
apartamento	apartamento	appartamento	appertement
contrapartida	contrapartida	contropartita	contrepartie
departamento	departamento	dipartimento	département
repartir	repartir	ripartire, spartire	répartir, départir
repartição	repartición	ripartizione	répartition
repartidor	repartidor	ripartitore	ripartiteur
reparto	reparto		partage, partager, partegeur, partageux
a maior parte	la mayor parte	la maggior parte	la plupart

2) Dar parte, anunciar

dar parte de uma notícia	dar parte de una noticia	far parte di, mettere a parte di una notizia	fair part d'une nouvelle
participar uma notícia	participar una noticia	participare una notizia	

3) Ir-se embora

partir	partir	partire	partir
partida	partida	partenza	départ, partance

4) Responder

			repartie (réplica) repartir (replicar)

5) Partido (grupo de pessoas)

	Espanhol	Italiano	Francês
partido	partido	partito	parti
partidário	partidario	partenaire partigiano (associado)	partenariat partenaire partisan (colaboração)
parcial	parcial	parziale	partial
imparcial	imparcial	imparziale	impartial
parcialidade	parcialidad	parzialità	partialité
imparcialidade	imparcialidad	imparzialità	imparcialité

6) Próprio de uma pessoa ou coisa

particular	particular	particolare	particulier
particularidade	particularidad	particolarità	particularité
particularismo	particularismo	particolarismo	particularisme
		particolareggiare (pormenorizar)	

7) Quebrar

partir o pão	partir el pan

Buscamos, nos quadros anteriores, classificar as formas levando em consideração a variedade de sentidos. Mas não foi possível abarcar toda a diversidade semântica. Assim, por exemplo, não se considerou o emprego de *parte* em italiano, no sentido de "papel" de um ator de teatro. Diz-se, na língua de Dante, *interpretare*, *recitare una parte* (interpretar um papel). Em espanhol *parte* pode ter esse sentido, mas diz-se comumente *un papel*. Em português ocorre situação semelhante, ao passo que em francês emprega-se unicamente *rôle*. Na área musical emprega-se em italiano *partitura*, transposto assim para o português e o espanhol, mas em francês diz-se *partition*.

Teria sido possível, também, nos quadros apresentados, apontar a época em que cada vocábulo entrou na língua. Os dicionários etimológicos registram a data dessa entrada. Em português, palavras como *moderno*, *procela* e *lúcido* têm em *Os Lusíadas* (1572) seu primeiro registro escrito. *Lucidez* só aparece em 1873. A palavra *inhame*, de origem africana, já aparece na Carta de Pero Vaz de Caminha. Claro, uma palavra pode ter existido bem antes da sua

abonação por um texto, mas o registro no dicionário etimológico é de grande utilidade. Em espanhol, por exemplo, com base no dicionário etimológico de Juan Corominas e José Antonio Pascual (*Diccionario crítico etimológico castellano e histórico*), *partícula* e *particular* remontam à Idade Média (primeiros registros em meados do século XV); *particularidad* aparece na Celestina (1499); *parcial* aparece no fim do século XVI; *partidario*, no século XVII; e *departamento*, influência do francês *département*, apenas em 1817. As datas possibilitam, assim, a verificação da origem da palavra. Além do de Corominas e Pascual, onde há constantes referências às formas portuguesas, podem ser consultados, para a língua portuguesa, os dicionários etimológicos de Francisco da Silveira Bueno, José Pedro Machado, Antenor Nascentes, Antônio Geraldo da Cunha. No de Wilhelm Meyer-Lübke – *Romanisches etymologisches Wörterbuch* – há uma extensa comparação das formas portuguesas com as das demais línguas românicas.

Os quadros permitem, igualmente, reconstituir as diferentes camadas que se foram superpondo na evolução do vocábulo. E não é difícil constatar que o patrimônio hereditário vem representado apenas pelo substantivo *parte* e pelo verbo *partir*. Este último foi construído com a reclassificação do latim clássico *partir*, que era depoente, na quarta conjugação. São os únicos vocábulos realmente "populares" dos quadros, transmitidos oralmente de geração em geração desde o latim. Os demais foram reintroduzidos mais tarde, com datas variadas, ou totalmente reconstruídos. Há aí latinismos eruditos, puro latim clássico, como *partícula*, que é o diminutivo latino *particula*, ou ainda *particular*, do adjetivo latino *particularis*.

Vários desses vocábulos foram "repescados" no vocabulário latino e adaptados às chamadas "línguas vulgares". Os vocábulos fabricados a partir da palavra base *pars* (acusativo *partem*) valeram-se de prefixos e de sufixos do latim. Surgiram, assim, *parcialidade*, *parcialidad*, *parzialità*, *partialité* e seus antônimos *imparcialidade*, *imparcialid*, *imparzialità*, *impartialité*. Trata-se de criações românicas fiéis ao modelo latino. Pode-se notar, outrossim, que certos termos são morfológica e semanticamente semelhantes nas quatro línguas, como, por exemplo, *particular*, *particular*, *particolare*, *particulier*, enquanto outros não aparecem nas quatro colunas (*partir*, por exemplo, no sentido de "quebrar", "romper", extremamente comum em português, não existe em francês nem em italiano).

A criação verbal exposta refere-se principalmente às palavras lexicais (substantivos, verbos, adjetivos, advérbios). As palavras gramaticais (artigos, pronomes, conjunções etc.) constituem um conjunto menos aberto cuja renovação é mais lenta e mais rara. Há, no entanto, casos de criação lexical com palavras gramaticais, como:

1) A preposição espanhola *hacia*

Hacia, em espanhol moderno, significa "em direção", quer no sentido concreto (***mirar hacia la derecha/olhar para a direita***), quer no abstrato (***hacia las cuatro/por volta de, em torno das quatro horas***). Essa preposição provém da locução ***face a***, onde o *f* inicial, segundo a regra geral do espanhol, passa a *h* (como em ***farina*** > *harina*).

2) O português *embora*

O nosso *embora* (ir embora) traduz-se por *irse* em espanhol, *s'en aller* em francês e *andarsene* em italiano. *Mandar embora* tem como equivalentes *despedir* em espanhol, *renvoyer* em francês e *rimandare* em italiano. Como conjunção concessiva, *embora* tem como equivalentes em espanhol *aunque*, em francês *quoique*, *bien que* e em italiano *benché*. *Embora* origina-se da locução *em boa hora*, "na hora boa, favorável, propícia". Acreditava-se que para se empreender uma ação, particularmente uma viagem, dever-se-ia aguardar o momento propício, "vai-se em boa hora". *Em boa hora* costumava vir junto a expressões de desejo e de ordem. Assim, *embora ele esteja cansado* significa algo como *concedo* ("concordo") *que ele esteja cansado*, daí a conjunção concessiva.

4.2.1. Formas convergentes e divergentes

Durante a evolução da palavra – e em qualquer época – pode acontecer que sacerdotes, poetas, juristas, cientistas etc. recorram ao patrimônio hereditário com o objetivo de encontrar palavras novas que traduzam uma ideia nova ou, até, com o simples desejo de valorizar seus textos com palavras cultas. Assim, ignoram-se as alterações fonéticas ocorridas na história de uma palavra e volta-se ao estágio inicial desse mesmo vocábulo em latim. Do latim *circulus* obtém-se *cerchio* e *circolo* em italiano, ambos com o sentido de *círculo*; do latim *legitimus* tem-se *lindo* e *legítimo* em espanhol, com sentidos diferentes, o mesmo acontecendo em português. Neste último exemplo a língua portuguesa criou ainda uma terceira forma (*lídimo*) com um significado próximo de *legítimo*. Coexistem, assim, o vocábulo erudito *legítimo*, o semierudito *lídimo*, que sofreu alterações parciais – ambos empregados na Idade Média –, e *lindo*, que passou por uma evolução fonética mais profunda.

Essas formas divergentes podem existir simultaneamente nas quatro línguas estudadas, como:

AUGUSTUM	agosto augusto	agosto augusto	agosto augusto	août auguste

O mês *agosto* traz o nome do imperador Augusto, mas volta à forma primitiva quando se trata do latinismo *augusto* (adjetivo).

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
PENSARE	pesar pensar	pesar pensar	pesare pensare	peser penser

Em latim, em todos os grupos *ns* a consoante [s] desapareceu da pronúncia na época do Império Romano. Assim se explicam, por exemplo, *insulam* > *isola* (italiano); *mensem* > *mês* (português), *mes* (espanhol), *mese* (italiano), *mois* (francês). *Pensare* foi pronunciado *pesare*, daí as quatro formas "populares" românicas (português *pesar*, espanhol *pesar*, italiano *pesare*, francês *peser*), que mantiveram o sentido de *pesar* (como em português, o espanhol também emprega o substantivo *pesar* no sentido de "mágoa"). As quatro formas em *ns* – o português e o espanhol *pensar*, o italiano *pensare* e o francês *penser* – têm o sentido de *pensar* ("avaliar o peso no espírito", daí "pensar"). É de supor que coexistiam, na época latina, uma pronúncia popular *pesare* e uma pronúncia erudita *pensare*.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
INTEGRUM	inteiro íntegro	entero íntegro	intero integro	entier intègre
PARABOLAM	palavra parábola	palabra parábola	parola parabola	parole parabole
LEGALEM	leal legal	leal legal	leale legale	loyal légal
A(U) SCULTARE	escutar auscultar	escuchar auscultar	ascoltare auscultare	écouter ausculter

A simetria das quatro línguas românicas pode ser rompida por empréstimos de uma para a outra.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
IMPLICARE	empregar implicar	emplear implicar	impiegare implicare	employer impliquer

O espanhol *emplear* foi tomado de empréstimo ao francês *empleiier* na Idade Média.

Às vezes esses pares só ocorrem em duas ou três das línguas estudadas.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
SOLITARIUM	solteiro solitário	soltero solitario	solitario	solitaire
LIBERARE	livrar liberar	librar liberar	liberare	livrer libérer

4.2.2. Os empréstimos

Outra maneira corrente de enriquecer o acervo lexical é o recurso aos empréstimos. Na época dos descobrimentos, os portugueses, por exemplo, forneceram a toda a Europa grande número de vocábulos exóticos, como *mandarim*, *banana* e *coco* (este último é um antigo vocábulo português, com sentido de "bicho-papão", que para os marinheiros de Vasco da Gama passou a designar o fruto da palmeira em função da semelhança com uma cabeça). A França medieval, por sua vez, forneceu grande número de palavras às três outras línguas românicas (*dama* em espanhol e português bem como *mangiare* em italiano são galicismos). A partir do século XV a Itália foi particularmente dinâmica como fonte exportadora de vocábulos. Assim, *soldato* se transforma em *soldado* em espanhol e em português e *soldat* em francês. Palavras italianas passam a designar as novidades renascentistas no mundo das letras e das artes, como *sonetto*, dando origem ao espanhol e português *soneto*, *sonnet* em francês. Na música o italiano reina até o século XIX. O espanhol também influenciou consideravelmente nos séculos XVI e XVII e invade o francês – *bravoure* (bravura), *camarade*, *tabac* – e o italiano – *piccaro* (pícaro), *disinvoltura*. O século das luzes vai, por sua vez, inundar com palavras francesas todas as línguas europeias.

Um aspecto interessante dessa permuta lexical verifica-se na relação do português com o espanhol. Durante dois séculos e meio – de meados do século XV ao fim do século XVII – o espanhol serviu de segunda língua para todos os portugueses cultos. Era de esperar, pois, a existência de grande número de hispanismos na nossa língua. Tal fato, porém, não ocorreu. Os hispanismos identificados com segurança são poucos. Pode-se registrar, por exemplo, *frente*, termo originariamente militar, que, para designar a parte da frente de um objeto, substituiu o antigo *fronte*, e *castelhano*, que veio substituir o antigo *castelão* (de Castela). Os empréstimos podem vir de fora do mundo românico. Grande número de arabismos foi introduzido pelos mouros durante a ocupação da península Ibérica (em Portugal de 711 a 1249, com a tomada de Faro; na Espanha até 1492, com a retomada de Granada, ou 1610, com a expulsão dos últimos muçulmanos do país). Há cerca de mil palavras de origem árabe em português e em espanhol. Duas mil se considerarmos as derivadas, como atesta a edição do *Dicionário Aurélio* de 1999. Em muitos desses vocábulos manteve-se o artigo árabe *al* (se a consoante for dental, o *l* se assimila à consoante inicial da palavra seguinte). Por exemplo, o português *almotacé* (hoje em desuso) e o espanhol *almotacén*, do árabe *al-muhtacib*; o português *azeite* e o espanhol *aceite*, do árabe *az-zait*. Um novo extrato lexical oriundo da África do Norte e do oceano Índico veio se acrescentar ao português na época das grandes navegações, de que é um exemplo o vocábulo *almadia*. O francês e o italiano também possuem arabismos, mas em menor número e, em geral, não guardam o artigo *al*. Resultam daí, às vezes, pares, como no caso de *açúcar* (árabe *sukkar*, donde o artigo *as-sukkar*), que entrou na Europa por duas vias:

- Pela península Ibérica:
  ar. *as-sukkar* > port. *açúcar*, esp. *azúcar*
- Pela Sicília e Itália:
  ar. *sukkar* > it. *zucchero*; é a partir da forma italiana *zucchero* que o francês obteve *sucre*.

4.3. CRIAÇÃO DE SISTEMAS ORGANIZADOS

Certos grupos de palavras formam sistemas organizados: os meses do ano, os dias da semana, as estações do ano, os pontos cardeais etc. Tais microssistemas ordenam as partes do universo no tempo e no espaço. Analisemos alguns deles nas nossas quatro línguas.

1) Os dias da semana

Contrariamente aos doze meses do ano, que mantiveram os nomes herdados da antiguidade pagã, os dias da semana em português constituíram um sistema que afasta a nossa língua das outras três.

domingo	domingo	domenica	dimanche
segunda-feira	lunes	lunedì	lundi
terça-feira	martes	martedì	mardi
quarta-feira	miércoles	mercoledì	mercredi
quinta-feira	jueves	giovedì	jeudi
sexta-feira	viernes	venerdì	vendredi
sábado	sábado	sabato	samedi

Como se pode ver, o domingo é, nas quatro línguas, o "dia do Senhor" (*dies Dominica* ou *dies Dominicus*), e o sábado também é, para todos, o *sabbat* (*sabbatum*), do hebraico *shabbath*. Em francês, em italiano e em espanhol os outros cinco dias conservam o nome de origem pagã. Segunda-feira é o dia da Lua, terça o de Marte, quarta o de Mercúrio, quinta o de Júpiter e sexta-feira o de Vênus. Em português recorreu-se a uma numeração estabelecida a partir do domingo. Nessa fórmula a palavra *feira* (do latim *feria*, "dia consagrado", subentendido "a Deus") representa um dia qualquer. Essa maneira de designar os dias da semana é semelhante à do árabe e do hebraico (na semana árabe o primeiro dia é a sexta-feira; na semana hebraica, o sábado). Não há dúvida de que o sistema português, a exemplo dos sistemas árabe e hebraico, organizou-se por razões religiosas. A cristianização dos dias da semana remonta a época muito antiga, provavelmente anterior à invasão muçulmana da península.

2) As estações

O sistema das quatro estações nas quatro línguas estudadas é atualmente o seguinte:

a primavera	la primavera	la primavera	le printemps
o verão	el verano	l'estate	l'été
o outono	el otoño	l'autunno	l'automne
o inverno	el invierno	l'inverno	l'hiver

A origem latina desses vocábulos é clara. *Primavera* é a "primeira primavera", de *prima* e *vera*, forma feminina reconstruída do neutro latim *ver*, *veris* (primavera). Em francês *printemps* é a "primeira estação", de *primum tempus*. *Verão* e *verano* (esp.) provêm de *veranum tempus* (a estação primaveril). As formas *estate* italiana e *été* francesa traduzem diretamente o latino *aestatem* (verão). *Outono* e os equivalentes nas outras três línguas saem do latinismo erudito *autumnus*. Encontram-se, em português antigo, as variantes "semieruditas" *autuno*, *autonho* e *outonho*. Para a origem de *inverno* em português e nas suas correlatas românicas, basta remontar ao latim *hibernum tempus* (a estação invernal).

A história das duas línguas ibéricas apresenta uma modificação de sentido que merece registro. O português passou pela mesma evolução do espanhol:

verano	primavera	primavera
estío	verano	verano (estío)
otoño	estío	otoño
invierno	otoño	invierno
	invierno	

Na Idade Média, o sistema das estações em português era *verão*, *estio* (do latim *tempus aestivum*, "tempo de forte calor"), *outono* e *inverno*. Em espanhol, atualmente, como em português, é *primavera*, *verano* (com a variante literária *estío*), *otoño*, *invierno*. Nos séculos XVI e XVII o surgimento de *primavera* empurrou *verão* em direção a *estio*, e durante algum tempo o sistema comportava cinco estações. *Estio* acabou por desaparecer, salvo como variante literária de *verão*. O sistema de cinco estações encontra ainda exemplo no *Dom Quixote*, de Cervantes:

> *Pensar que en esta vida las cosas de ella han de durar siempre en un estado es pensar en lo excusado; antes parece que ella anda todo en redondo, digo, a la redonda: la primavera precede al verano; el verano al estío; el estío al otoño, y el otoño al invierno y el invierno a la primavera, y así torna a andarse el tiempo com esta rueda continua* (2ª parte, capítulo 53).

3) Os pontos cardeais

Pelos pontos cardeais é possível ter uma ideia de como se constituiu uma terminologia técnica com ramificações em toda a Europa. O vocabulário dos pontos cardeais, oriundo do léxico relativo aos ventos, é essencial para a navegação. Na época dos descobrimentos havia na Europa românica dois conjuntos lexicais: o do Poente, ou seja, do Atlântico, e o do Levante, do Mediterrâneo. O espanhol e o português usavam o vocabulário do Atlântico; o italiano, o do Mediterrâneo. A França possuía os dois: na costa atlântica, o vocabulário do Poente; no litoral mediterrânico, o do Levante. O do Poente era mais usual. O quadro abaixo resume o vocabulário empregado.

Norte	Norte	Nord	Tramontana	Tramontane
Leste	Este	Est	Levante	Levant
Sul	Sur	Sud	Mezzogiorno/ Mezzodì	Midi
Oeste	Oeste	Ouest	Ponente	Ponent

Todos esses vocábulos designam, originariamente, os ventos. Os termos do Atlântico são derivados do antigo vocabulário inglês empregado no inglês contemporâneo (*North*, *East*, *South*, *West*) e em toda a Europa germânica. O sistema passou inicialmente para o francês e daí para o espanhol e o português. O vocabulário do Mediterrâneo surgiu na Itália, razão pela qual o norte é chamado *Tramontana*, pois o vento do norte, para os italianos, vem de "trás dos montes". Adotado pelo provençal e pelo catalão, invadiu o francês mediterrânico.

Considerando, além dos quatro pontos fundamentais, os quatro pontos intermediários, chega-se ao seguinte quadro:

Norte	Norte	Nord	Tramontana	Tramontane
Nordeste	Nordeste	Nord-Est	Greco	Grec
Leste/Este	Este	Est	Levante	Levant
Su(d)este	Sudeste/ Sureste	Sud-Est	Scilocco/Scirocco	Siroc/Sirocco
Sul	Sur	Sud	Mezzogiorno/Mezzodì	Midi
Sudoeste	Sudoeste/ Suroeste	Sud-Ouest	Libeccio/Garbino	Labèche/ Lebèche/Garbin
Oeste	Oeste	Ouest	Ponente	Ponent
Noroeste	Noroeste	Nord-Ouest	Maestrale/ Maestro	Mistral/Mestre

Com mais oito pontos intermediários obtinham-se dezesseis direções. Por exemplo, em português o primeiro ponto intermediário era o *Nor-Nordeste*, em espanhol o *Nor-Nor(d)este*, em italiano o *Greco* e *Tramontana*, no francês do Poente o *Nord-Nord-Est* e no do Levante o *Grec* e *Tramontane*. O mesmo sistema se aplicava em todo o perímetro da rosa dos ventos. A origem das denominações próprias ao Levante é bastante clara. *Sirocco* é etimologicamente o vento que vem do Oriente (em árabe *charqi*, "oriental"), o *Libeccio* é o que vem da Líbia, ou seja, da África do Norte, também chamado *Garbino*, ou seja, ocidental (em árabe *garbi* > *ocidental*). Em italiano *Greco* é o vento do nordeste. Essa terminologia vem, pois, das técnicas de navegação no mar Mediterrâneo. Apenas o *Tramontana* e o *Mistral* (o *Mestre*, o vento a quem ninguém resiste) têm denominações diferentes.

Na época dos descobrimentos os navegadores dispunham de um sistema unificado com uma dupla terminologia. É fácil constatar pela leitura dos textos antigos. O sistema do Atlântico, porém, acabou por se generalizar em toda a Europa.

4) As grandes nomenclaturas científicas

Com a explosão científica e técnica ocorrida a partir do século XVIII houve uma grande unificação do vocabulário. Uma das ideias matrizes do século das luzes era que uma ciência, segundo a fórmula do francês Condillac, é "uma língua benfeita". O progresso das ciências se traduzia, pois, pelo aperfeiçoamento da linguagem. As classificações introduzidas em história natural e em química simplificaram e racionalizaram a terminologia científica. Os complicados termos de outrora desapareciam. O emprego de sufixos especializados, como os de origem grega *-algia* (nevralgia), *-fagia* (aerofagia), *-scopia* (radioscopia), *-ose* (artrose), *-oma* (fibroma), *-ite* (artrite) etc., e a vulgarização de vocábulos como *acetato de chumbo* para "açúcar de Saturno" ou *cloro* para um ácido de nome complicado permitiam a unificação do léxico nas línguas europeias. O avanço da ciência sem fronteiras estava assim assegurado pela linguagem.

4.4. A ELIMINAÇÃO DOS SINÔNIMOS

A necessidade de racionalização do século XVIII levará à eliminação de muitos sinônimos. Avaliava-se que uma língua bem construída deveria dispensar sinônimos, buscando-se clareza e precisão. Em caso de vocábulos com dois sentidos, impunha-se a criação de outro vocábulo que exprimisse a diferença. O abade francês Gabriel Girard (1677-1748) escreveu *La Justesse de la langue française, ou les différentes significations des mots qui passent pour synonymes*, com grande repercussão na Europa. Os redatores da *Encyclopédie* fizeram sucessivos acréscimos nas reedições da obra de Girard. Em 1772, tratando do mesmo

tema para a língua italiana, é publicada pelo abade Bencirechi em Paris. Para o espanhol, José Lopez de la Huerta e Manuel Dendo y Ávila publicam, em 1756 e 1789, respectivamente, obras semelhantes. Em Portugal, frei Francisco de São Luís (1766-1845), o futuro cardeal Saraiva, patriarca de Lisboa, monge beneditino, escreve, no tomo VII das suas *Obras completas*, "Ensaio sobre alguns synonymos da Lingua Portugueza", só publicado em 1877, após a sua morte. Nesse trabalho vem aplicado o método de Girard para o vocabulário português. Quando há paralelismo nas duas línguas, ele faz a mesma distinção em português. Assim, *desculpa* e *perdão* são a tradução de *excuse* e *pardon* (Girard fazia a diferença entre *excuse*, para um erro aparente, e *pardon*, para um erro real); *futuro* e *porvir* são *futur* e *avenir*; *enamorado* e *amante* são *amoureux* e *amant*. O esforço de racionalização e de organização do léxico português de frei Francisco de São Luís, pelo método de Girard, é utilizado com tal ênfase que, por vezes, há até alguns deslizes etimológicos, como, por exemplo, ao vir apontado *dis*, *ditis* (rico) como etimologia de *ditoso*, adjetivo derivado, na verdade, do substantivo latino *dita* (fortuna).

4.5. CONCLUSÃO

A um fundo românico transmitido de geração em geração, consideravelmente desfigurado por alterações fonéticas, vieram se acrescentar vocábulos eruditos escolhidos diretamente no latim, inúmeras derivações construídas com afixos latinos e, ainda, empréstimos de outras línguas. O estudo da história desse vocabulário é uma das maneiras de facilitar a intercompreensão dos falantes das línguas portuguesa, espanhola, italiana e francesa. O enfraquecimento do estudo e conhecimento do latim nas sociedades contemporâneas pode ser compensado pelo conhecimento das línguas românicas. Durante séculos, a língua latina foi, em vários países da Europa ocidental, a base de toda a cultura. Era através do latim que a intercompreensão se dava. Escritores, juristas, poetas, cientistas, estudiosos e religiosos do mundo românico liam-se mutuamente. Quando se conhecem, por exemplo, os verbos *im-primere*/*ex-primere*, compreendem-se imediatamente as palavras *im-pressio*/*ex-pressio*, e por elas o português *impressão*/*expressão*, o espanhol *impresión*/*expresión*, o italiano *impressione*/*espressione* e o francês *impression*/*expression*. Um aprendizado simples permite facilmente a comunicação entre os falantes das nossas quatro línguas.

V

Organização do léxico

Cada língua revela uma visão particular do mundo. Analisemos a organização do léxico das nossas quatro línguas através de alguns exemplos.

5.1. ANÁLISE LEXICAL

5.1.1. Generalidades

Já vimos que nossas quatro línguas têm vocabulários muito semelhantes. Tais semelhanças são evidentes: *cantar – cantare – chanter*; *mão – mano – main*; *inteligente – intelligente – intelligent*. As regras sintáticas que determinam as condições de emprego das palavras são, igualmente, semelhantes. Por exemplo, as modificações de sentido obtidas através da anteposição ou posposição do adjetivo, como em *pobre homem* e *homem pobre*, também ocorrem nas outras línguas românicas. Mas há, às vezes, diferenças. Observemos os vocábulos abaixo:

rio	río	fiume	fleuve rivière
melancia	sandía	anguria cocomero	pastèque
peixe	pez pescado	pesce	poisson
lábio beiço	labio	labbro	lèvre

Em cada um dos quatro exemplos uma das línguas possui dois vocábulos enquanto as outras três possuem apenas um. Ressalte-se que esses dois vocábulos não têm exatamente o mesmo sentido. Em português, *lábio* e *beiço*; em francês *fleuve* e *rivière* (rio menor que desemboca em outro rio, contrariamente a *fleuve*, maior e que desemboca no mar); em italiano *anguria* e *cocomero* (designação de melancia, com vocábulos de origem dialetal diferentes); em espanhol *pez* e *pescado* (peixe para fins alimentares). Outras vezes uma das línguas dispõe de três vocábulos, enquanto as demais possuem apenas um, o que leva à necessidade de precisões suplementares.

relógio	reloj	orologio (a muro)	pendule
relógio de sala	reloj de pared	orologio (a pendolo)	horloge
relógio de pulso	reloj de pulsera	orologio da tasca, da polso	montre

O que torna mais complexa a comparação do léxico, porém, é a polissemia dos vocábulos. Excluídos os termos científicos, que fazem parte de nomenclatura especializada, os vocábulos são em geral polissêmicos, isto é, têm vários sentidos. A polissemia é uma regra universal. Por exemplo, o substantivo *secretariado* designa a função de secretário, o local onde trabalha o secretário e o coletivo de secretários de Estado. Ao se diversificar infinitamente, os sentidos de certos vocábulos vão se distanciando uns dos outros, a ponto de o falante esquecer que se trata do mesmo vocábulo. Ao contrário, tem a impressão de estar empregando termos com sentidos diferentes, mas com formas idênticas, o que seria a homonímia. Dificilmente um falante de língua portuguesa vai associar *macaco*, o primata, a *macaco*, instrumento que é a salvação para um pneu furado! Ou a "peso que, no bate-estacas, cai de certa altura sobre a cabeça da estaca, afundando-a", a "pilar que leva dois tijolos", conforme algumas definições do *Dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; a "dor nas costas resultante da ceifa ou da cova" (regionalismo) ou a "muco nasal seco" (familiar), registrados no *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* (2001).

A diferença entre a polissemia (uma palavra com vários significados) e a homonímia (formas idênticas com sentido, origem e às vezes ortografia diferentes) é, por vezes, tênue. *Manga* (a fruta), do malaio *manga*, não se confunde com *manga*, a parte do vestuário, do latim *manica* (manga de túnica). Mas essa última "roça" o sentido de *manga*, do espanhol argentino (pastagem cercada onde se guarda o gado), talvez a partir do significado de corredor com paredes de varas, ou remete para o sentido de *manga* (grupo, ajuntamento), do latim *manus* > *manica* (exército, hoste)?

A comparação do léxico das quatro línguas românicas torna-se, por isso, complexa. Um bom exemplo para análise é o vocábulo francês *bureau*, amplamente conhecido nas quatro línguas estudadas. Esse termo, em francês contemporâneo, significa a mesa de trabalho, o espaço físico em que a mesa está instalada, o lugar de trabalho dos empregados da administração de uma empresa, o trabalho realizado nesse lugar e o conjunto dos empregados que aí trabalham. Todos os sentidos derivam da primeira acepção. As três outras línguas não possuem um vocábulo que recubra todos aqueles sentidos. O português *escritório*, por exemplo, não traduz *bureau* no sentido de mesa de trabalho (em português *mesa*, *secretária*, *escrivaninha*). O espanhol dirá *escritorio* no primeiro sentido, *oficina* ou *despacho* nos dois seguintes, *negociado* para trabalho realizado etc. Em italiano a mesa de trabalho é um *scrittorio* ou uma *scrivania*, os demais sentidos podem, *grosso modo*, ser traduzidos por *ufficio*.

Do exposto depreende-se que a análise lexical poderá ser feita a partir de sua forma (significante) ou de seu conteúdo (significado). O processo de análise partindo do significante para chegar ao significado é o semasiológico; o que faz o caminho inverso, ou seja, parte do significado para o significante, é o onomasiológico. A análise semasiológica é a que se encontra nos dicionários unilíngues.

Exemplo: *esperar*, em espanhol, será definido com dois sentidos, como em português (*tener esperanza* e *aguardar*). Só a partir dessa análise se torna possível encontrar o equivalente de *esperar* nas outras línguas românicas (os dicionários bilíngues utilizam, pois, os dois processos de análise). Daí:

esperar (ter esperança)	esperar	sperare	espérer
esperar (aguardar)	esperar	aspettare	attendre

5.1.2. Exemplo de análise lexical comparada

A) O FRANCÊS *JOUER* E AS TRÊS OUTRAS LÍNGUAS

Brincar: "Os meninos brincam no pátio"	Jugar: "Los niños juegan en el patio"	Giocare: "I bambini giocano nel cortile"	Jouer: "Les enfants jouent dans la cour"
Jogar: "Jogam xadrez"	Jugar: "Jugan al ejedrez"	Giocare: "Giocano agli scacchi"	Jouer: "Ils jouent aux échecs"
Representar: "Representaram uma comédia"	Representar: "Han representado una comedia"	Recitare: "Hanno recitato una commedia"	Jouer: "Ils ont joué une comédie"
Tocar: "Toca violino"	Tocar: "Toca el violín"	S(u)onare: "S(u)ona il violino"	Jouer: "Il joue du violon"

No quadro pode-se ver que a língua francesa manteve o verbo *jouer* nos quatro exemplos, enquanto as outras línguas recorreram a outros verbos para recobrir o mesmo sentido. Fato semelhante pode ocorrer em português com o verbo *tocar* (análise feita a partir do *Dicionário do português básico*, de Mário Vilela):

1) Tocar em: *Não toquem na fruta, por favor.*
Ne touchez pas aux fruits, s'il vous plaît.
2) Tocar: *A fome na África toca o mundo inteiro.*
La faim en Afrique atteint le monde entier.
3) Tocar: *A sua carta tocou-me muito.*
Votre lettre m'a énormément touché.
4) Tocar: *O Armando sabe tocar piano.*
Armando sait jouer du piano.
5) Tocar a: *Foi à Carla que tocou a maior parte da herança.*
C'est à Carla qu'a échu la plus grande partie de l'héritage.

6) Tocar: *Vamos para a aula, já tocou o sinal.*
Allons en classe, il a déjà sonné.
7) Pelo que toca a: *Pelo que me toca, o trabalho está terminado.*
En ce qui me concerne, le travail est fini.
8) Tocado: *Ele está um pouco tocado (bêbado).*
Il a bu un coup de trop.

Como se pode ver, contrariamente ao exemplo anterior, desta feita foi o francês que recorreu a outros verbos para recobrir o sentido do nosso *tocar*. Exemplos dessa natureza podem ser estendidos ao infinito nas quatro línguas românicas.

B) CORRESPONDÊNCIAS DO VOCÁBULO PORTUGUÊS *LETRA*

As letras do alfabeto	Las letras del alfabeto	Le lettere dell'alfabeto	Les lettres de l'alphabet
Faculdade de Letras	Facultad de Letras	Facoltà di Lettere	Faculté des Lettres
Ter uma boa letra	Tener una buena letra	Avere una bella scrittura	Avoir une belle écriture
A letra de uma canção	La letra de una canción	Le parole di una canzone	Les paroles d'une chanson

Como se pode verificar, há uma aproximação entre o francês e o italiano por um lado e entre o espanhol e o português por outro. As mesmas aproximações fazem-se sentir entre *lettera/lettre*, que significam em português e espanhol *carta*:

Uma carta	Una carta	Una lettera	Une lettre

C) O VERBO *OUVIR*, O *OUVIDO*, A *ORELHA*

1) O pavilhão do ouvido

orelha	oreja	orecchio (orecchia)	oreille

2) O órgão do ouvido em seu conjunto

ouvido (ter ouvido)	oído (tener oído)	orecchio (avere orecchio)	oreille (avoir de l'oreille)

3) O sentido do ouvido (audição)

ouvido	oído	udito (avere l'udito fino)	ouïe

Podem ser observadas no quadro duas raízes: a) a que aparece em *orelha*, *oreja*, *orecchio*, *oreille* e b) a que compõe a série *ouvido*, *oído*, *udito*, *ouïe*. O português e o espanhol utilizam, para os significados números 2 e 3, a segunda série; o italiano e o francês utilizam-na apenas no significado número 3. A simetria é perfeita entre os pares português/espanhol e francês/italiano. *Ouvir* tem como equivalente em espanhol *oir*, em italiano *udire/sentire* e em francês *ouir/entendre*. Nestas duas últimas línguas *udire* e *ouir* se tornaram arcaicos e foram substituídos, no uso corrente, por *sentire* e *entendre*.

D) OS EQUIVALENTES DO PORTUGUÊS *SAIR*

sair	salir	uscire	sortir

O português *sair* e o espanhol *salir* vêm do latim *salire* (saltar, de saltar o umbral, o limite = sair). O italiano *uscire* provém do verbo latino *exire* (sair). Ao francês *sortir* coube vereda semântica mais complexa. Com efeito, o medievo *issir* acabou substituído por *sortir*, do latim *sortiri* (escolher, determinar à sorte; subentendido, a pessoa escolhida por sorteio poderá ir-se, daí fugir, daí sair). *Salire*, origem do nosso *sair*, deu *salire* (subir) em italiano e *saillir* (sobressair) em francês. O sentido original de *salire* foi recuperado pela forma *saltare*, daí o *sauter* francês e o *saltare* italiano como equivalentes do português e do espanhol *saltar*.

E) OS EQUIVALENTES DO PORTUGUÊS *SUBIR*

subir	subir	salire	monter

O português e o espanhol *subir* derivam do latim *subire* (ir por baixo, a partir de baixo, subentendido para um lugar elevado). A forma francesa *subir* tomou o sentido de ir sob, suportar, estar submetido a. *Monter* é um neologismo derivado de *mont* (monte). *Salire* em italiano mantém-se fiel ao original latino.

F) OS EQUIVALENTES DO PORTUGUÊS *SONHO* E *SONO*

Em latim também havia dois vocábulos semelhantes semântica e morfologicamente: *somnus* (sono), no acusativo *somnum*, e *somnium* (sonho), a diferenciá-los apenas um *i* breve. A evolução desses dois vocábulos levou às seguintes formas nas quatro línguas românicas:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
SOMNUM	sono	sueño	sonno	somme
SOMNIUM	sonho	sueño	sogno	songe

As duas formas latinas convergiram em espanhol para uma única palavra. A evolução fonética criou essa homonímia que sugere a fusão de *sono* e *sonho*, particularidade semântica, lembremo-nos, presente em *La vida es sueño*, de Calderón de la Barca.

Os exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito. Não é esse, já se disse, o escopo da presente obra. Servem eles, no entanto, como ilustrações para que se tenha uma ideia da repartição semântica e da variedade de recortes operados pelas nossas quatro línguas. Mais que enfatizar as diferenças, servem essas variedades – derivadas de um patrimônio comum – para reforçar a ideia de unidade da cultura românica.

5.2. ALGUMAS FRONTEIRAS LEXICAIS

Como pudemos verificar em vários capítulos, nossas quatro línguas se assemelham e se diferenciam de maneiras diferentes. Na formação de plural de substantivos e adjetivos, o italiano se separa das três outras línguas; na utilização dos pronomes de tratamento de terceira pessoa, o espanhol, o português e o italiano se afastam do francês; nos anafóricos *y/en* e *ci-vi/ne* é o francês e o italiano que se unem e se afastam das duas línguas ibéricas. Acabamos de ver como a organização lexical permite agrupamentos ou oposições entre as quatro línguas estudadas. Não foi difícil notar, outrossim, a solidariedade entre o espanhol e o português, e o isolamento do francês. Estudemos quatro casos particulares de "fronteiras lexicais".

5.2.1. Os verbos *ser* e *estar*

Já vimos que os verbos *ser* e *estar*, presentes no espanhol e no português, correspondem a um único verbo em francês (*être*) e em italiano (*essere*). Poderíamos traçar, então, uma fronteira lexical entre a Ibéria e o resto da Romania. Convém, entretanto, dar algumas explicações a respeito dessa particularidade do espanhol e do português, e, assim, analisar a evolução dos três verbos latinos *esse*, *sedere* e *stare* nas línguas românicas.

Esse é o verbo latino significando "ser". Sua conjugação era irregular e mesclava raízes verbais de origem diferente. *Sum* ("sou"), *es*, *est* etc., *eram* ("eu era"), *fui* ("eu fui"). *Sedere* e *stare* significavam em latim, respectivamente, "estar sentado" e "estar de pé". Esses três verbos evoluíram da seguinte maneira nas quatro línguas:

a) O italiano é, das quatro, a língua que permaneceu mais fiel ao latim. Ele possui três verbos: *essere*, cujas formas são originárias de *esse*, com exceção dos tempos compostos que fazem o particípio a partir de *stare* (*stato*, ex.: *sono stato*, "eu fui"; *ero stato*, "eu tinha sido"). *Sedere*, "estar sentado", derivado direto de *sedere*. *Stare*, "estar de pé", derivado diretamente de *stare* latino, cujos tempos compostos (*sono stato*, *ero stato* etc.) se confundem com os de *essere*. Ademais, *stare* mais gerúndio se emprega com o mesmo sentido do português, por exemplo, *sta leggendo*: "está lendo". Finalmente, *stare* se emprega como verbo de estado para exprimir um estado duradouro ou permanente como em *sto a Roma* ("moro em Roma"), *stare al sole* ("ficar ao sol"), *stare bene* ("sentir-se bem"), *le cose stanno cosi* ("isto é assim"), *state attenti*! ("estejam/fiquem atentos!"). Em todos esses empregos *stare* tem um sentido muito semelhante ao de *estar* nas línguas ibéricas.

b) Em francês o verbo *être* ("ser" e "estar") se formou com a combinação de formas derivadas de *esse* e de *stare*. Daí, o particípio passado *été* (>*stato*), como em italiano (*sono stato*), mas também o particípio presente *étant* ("sendo" e "estando") e o imperfeito *j'étais* ("eu estava" ou "eu era"). *Stare* desapareceu em francês como verbo independente. Em contrapartida, *sedere* sobreviveu sob a forma arcaica *seoir* ("convir", "assentar"), que deu lugar ao derivado *asseoir* ("sentar").

c) Em português e em espanhol foi *sedere* que veio a completar a conjugação originária de *esse*. Origina-se de *sedere* o infinitivo *ser* (< *sedere*), bem como o futuro e o condicional, o gerúndio *sendo* (< *sedendo*) e o presente do subjuntivo espanhol *sea* e português *seja* (< *sedeam*). A conjugação de *ser* nessas duas línguas resulta, pois, da confluência das formas originárias de *esse* e de *sedere*.

Como se pode ver, duas fronteiras se constituíram na Romania: uma isolou o italiano, que permaneceu fiel aos três verbos latinos, outra separa hoje o francês (com os dois verbos *être* e *seoir*) das duas línguas ibéricas (com os dois verbos *ser* e *estar*).

Português e espanhol	ser		estar
Italiano	sedere	essere	stare
Francês	seoir (asseoir)	être	

5.2.2. O pai + a mãe = os pais

O exemplo seguinte diz respeito à organização estrutural do léxico. Vejamos o caso do português e do espanhol:

	No singular	Designação dos dois
Em português	o pai – a mãe	os pais
	o filho – a filha	os filhos
	o rei – a rainha	os reis
Em espanhol	el padre – la madre	los padres
	el hijo – la hija	los hijos
	el rey – la reina	los reyes

O espanhol, como se pode ver, adota o mesmo sistema do português, recorrendo ao vocábulo masculino para fazer o plural. O mesmo não se dá no francês, onde se tem uma terceira palavra totalmente diferente, no masculino e no plural.

No singular	Designação dos dois
le père - la mère	les parents
le fils - la fille	les enfants
le roi - la reine	les souverains

O italiano criou uma situação ambígua, que ora lembra o francês, ora as línguas ibéricas.

No singular	Designação dos dois
il padre – la madre	i genitori (próximo do francês)
il figlio – la figlia	i figli (próximo do espanhol e do português)
il re – la regina	i sovrani (próximo do francês)

Ressalte-se que em espanhol e em português o sistema funciona para todos os "pares" do mesmo gênero.

Português	Espanhol
o tio + a tia = os tios	el tío + la tía = los tíos
o primo + a prima = os primos	el primo + la prima = los primos
o irmão + a irmã = os irmãos	el hermano + la hermana = los hermanos

Em francês, ao contrário, o conjunto de *l'oncle* (o tio) e *la tante* (a tia) não será jamais *les oncles* (essa forma designaria plural de *tios*), no masculino. Dir-se-á, então, *l'oncle et la tante*, bem como *le frère et la soeur* (o irmão e a irmã) ou, ainda, se há mais de dois, *les frères et soeurs*. Mas para conjuntos mais extensos e menos individualizados será adotado o mesmo sistema que em espanhol e em português. Por exemplo, o conjunto de *cousins* (primos) e *cousines* (primas) será chamado *les cousins*.

Essa maneira de designar um conjunto formado por pessoas de sexos diferentes é um caso particular de um fenômeno geral. Em português (como nas demais línguas românicas), para designar, por exemplo, o conjunto de alunos e alunas, se recorrerá ao masculino: *os alunos*. Os professores e as professoras de um colégio constituem *os professores* desse colégio. De uma forma mais geral, o conjunto de homens e de mulheres constituem a coletividade dos *homens* (o gênero humano). Quando um adjetivo depende de substantivos dos dois gêneros, emprega-se o masculino. Há, aí, uma relação presente em várias oposições binárias, que consiste em considerar um elemento marcado (o feminino) e outro não marcado (o masculino). Podemos reconhecer esta relação noutras oposições, por exemplo, entre *dia* e *noite*. Por um lado o *dia* se opõe à *noite* com o sentido de *é dia* (a claridade) e *é noite* (a escuridão), mas *dia* designa igualmente o conjunto das vinte e quatro horas (incluindo as horas relativas à noite). *Dia* é, pois, se recorrermos à terminologia estruturalista, "o caso não marcado" e *noite* "o caso marcado", o que equivale a dizer que *dia* é a realidade fundamental, enquanto *noite* se define em relação à noção de *dia*.

5.2.3. Diminutivos e aumentativos

A terceira fronteira a ser estudada tem importância ainda maior do que as precedentes. Ela diz respeito aos diminutivos e aos aumentativos, mais particularmente ao diminutivo. Em português, espanhol e italiano o diminutivo é muito produtivo e com valores similares, contrariamente ao francês, onde praticamente desapareceu.

A) O ESPANHOL

Há, em espanhol, um sufixo diminutivo extremamente produtivo, *-ito*, *-ita*, além de outros extremamente frequentes, como *-illo*, *-illa*, ou *-ico*, *-ica*, ou ainda *-uelo*, *-uela*.

- *-ito*, *-ita*, ex.: *hijo* ("filho") > *hijito*, *caja* ("caixa") > *cajita*.
- *-illo*, *-illa*, ex.: *jardín* ("jardim") > *jardinillo*.
- *-ico*, *-ica*, ex.: *ave* ("ave") > *avecica*.
- *-uelo*, *-uela*, ex.: *mozo* ("moço") > *mozuelo*, *moza* ("moça") > *mozuela*.

O sufixo aumentativo por excelência é *-ón*, ex.: *hombre* ("homem") > *hombrón*, *mujer* ("mulher") > *mujerón* (no gênero masculino, como em português). Esse sufixo pode se combinar com outros elementos, ex.: *mozo* > *mocetón*, *hombre* > *hombrazón*, *voz* > *vozarron*.

Há, finalmente, em espanhol, grande número de sufixos pejorativos, como nos exemplos: *casa* > *casucha*, *animal* > *animalejo*, *gente* > *gentualla*.

Esses sufixos ocasionam muitas derivações livres, de que é um bom exemplo o vocábulo *chico* ("pequeno"), segundo descrição de Dámaso Alonso.

Sufixos simples:

1) Diminutivos: *chiquito*, *chiquillo*, *chiquete*, *chicuelo*, *chiquín*.
2) Aumentativos: *chicazo*, *chicote*.
3) Pejorativos: *chicuco*, *chicajo*, *chicujo*.

Sufixos repetidos:

chiquitito, *chiquinín*, *chiquitinín*.

Combinação de sufixos:

1) Diminutivo + diminutivo: *chiquitillo*, *chiquitín*, *chiquitico*, *chiquillín*.
2) Diminutivo + aumentativo: *chicarrón*.
3) Diminutivo + pejorativo: *chiquituco*, *chiquitajo*, *chiquitujo*.
4) Aumentativo + pejorativo: *chicarrón*.

Dámaso Alonso acrescenta a essa lista outras formas em que se reconhecem elementos derivados de *chico*, como *chiquirritito*, *chiquirritillo*, *chiquirritico*, *chiquirritaco*, *chiquirritujo* etc. E ele completa essa lista precisando que todas as formas citadas, quando empregadas como adjetivo, podem vir reforçadas pelos prefixos *re-* e *rete-*, ex.: *rechiquitín*, *retechiquillo* etc.

O espanhol possui diminutivos antigos usados de forma independente, por exemplo: *pañuelo* ("lenço"). O emprego de sufixos diminutivos causa algumas restrições de emprego. Se as palavras terminadas em *o* ou *em* admitem os sufixos *-ito*, *-illo* ou *-uelo* e os femininos correspondentes, as que terminam em *e*, *n* ou *r* exigem, se tiverem duas sílabas ou mais, uma consoante de reforço. Por exemplo: *hombre* > *hombrecito*, *mujer* > *mujercita*. Se tiverem apenas uma sílaba, um *e* virá preceder esta consoante. Exemplo: *flor* > *florecita*. Essas regras sofrem, no entanto, exceções. Já citamos *jardinillo*, que coexiste com *jardincillo*. Acrescentemos que certos sufixos são sentidos como regionais: *-inho* é galego, *-ín* é asturiano, *-ico* é mais frequente na América Latina. Esse tipo de derivação se estende a certos advérbios. Exemplos: *lejos* ("longe") > *lejitos*, *cerca* ("perto") > *cerquita*. A língua falada emprega com uma frequência vista por vezes como abusiva pelos gramáticos. Por exemplo: *tanto* > *tantito*, *mismo* > *mismito*, *nada* > *nadita*, *adiós* > *adiosito* etc.

b) O italiano

Em matéria de diminutivo o italiano está em primeiro lugar. O número de sufixos diminutivos é considerável nessa língua, bem como os sufixos aumentativos e pejorativos. A *Grammaire critique de l'italien* (vols. 11, 12), de Jacqueline Brunet, apresenta um sugestivo estudo:

- *-ello*, *-ella*, ex.: *povero* ("pobre") > *poverello*, *finestra* ("janela") > *finestrella*, muitas vezes integrado a outros elementos, como *fiume* ("rio") > *fiumicello*.

- *-etto*, *-etta*, ex.: *giardino* ("jardim") > *giardinetto*, *stanza* ("quarto") > *stanzetta*, *vecchia* ("velha") > *vecchietta*.
- *-ino*, *ina*, ex.: *tavola* ("mesa") > *tavolino*, *città* ("cidade") > *cittadina*. Esse sufixo também vem com outras combinações. Ex.: *fiume* ("rio") > *fiumicino*, *leone* ("leão") > *leoncino*, *sasso* ("pedra") > *sassolino*, *fettuccia* ("fita") > *fettucina*, *fiore* ("flor") > *fiorellino*.
- *-(u)olo*, *-(u)ola*, ex.: *sasso* ("pedra") > *sassuolo*, *figlio* ("filho") > *figliolo*, *montagna* ("montanha") > *montagnola*.
- *-uccio*, *-uzzo*, ex.: *bocca* ("boca") > *fare boccucce* ("simular timidez"), *pietra* ("pedra") > *pietruzza*.

Todos esses derivados são chamados *vezzegiativi*, do verbo *vezzegiare* ("mimar, acariciar"). Trazem um toque de simpatia e de amabilidade. Para o aumentativo, sublinhemos principalmente *-one*, ex.: *libro* ("livro") > *librone* ("livrão"), *voce* ("voz") > *vocione* ("vozão, vozeirão"), *donna* ("mulher") > *donnone* ("mulherão"). Com sentido pejorativo o sufixo principal é *-accio*, *-accia*, ex.: *povero* ("pobre") > *poveraccio* ("miserável"), *bestia* ("besta") > *bestiaccia* ("bicho repugnante"). Esses sufixos podem combinar-se entre si e se acumular.

- *Libro* ("livro") dará *libriccino*, *librettuccio* e até *librettucciaccio*.
- De *poco* ("pouco") sairá *pochettino*.
- De *grande* ("grande"), *grandettino*.
- De *basso* ("baixo"), *bassotto*, *bassottino*.

Como em português e em espanhol, o italiano possui vocábulos que – apesar de originariamente derivados – se lexicalizaram. Assim, um *cavalletto* é um cavalete de pintor (palavra lexicalizada), enquanto um *cavallino* é um cavalo pequeno, ou seja, um autêntico diminutivo. Os gramáticos italianos chamam o primeiro caso de palavras derivadas e o segundo de palavras alteradas. Apenas os vocábulos alterados são verdadeiros diminutivos ou aumentativos. Muitas dessas formas admitem vários sufixos, como, por exemplo, *fiume* ("rio") > *fiumicello*, *fiumicino*. Alguns vocábulos têm um único derivado diminutivo, como *piede* ("pé") > *piedino*, *bastone* ("bastão") > *bastoncino*, *via* ("rua") > *viuzza*.

Os diminutivos, os aumentativos e os pejorativos são inúmeros e presentes em todas as partes da Itália e emolduram até a toponímia: o aeroporto de Roma, por exemplo, situado perto da foz do rio Tibre, se chama *Fiumicino*. Igualmente, caracterizam certas personagens históricas, como São Francisco de Assis, conhecido como o *poverello di Assisi*; Lorenzo de Médicis, por ter matado seu primo Alexandre, ficou conhecido como *Lorenzaccio*, personagem horrível e corrupto. Também estão presentes na arte e na literatura. Um bom exemplo é o título do filme de Pier Paolo Pasolini *Uccellini e uccellacci* ("Passarinhos e pássaros"). O personagem de Mickey Mouse se chama em italiano *Topolino* ("Ratinho").

c) O FRANCÊS

A língua francesa contemporânea praticamente só mantém como sufixo produtivo diminutivo a forma *-ette*. Com esse sufixo criaram-se vocábulos inteiros, como *calculette* ("calculadora de bolso"), em que o sentido contido no sufixo vai, pouco a pouco, desaparecendo. Muitos vocábulos franceses contemporâneos eram, originariamente, diminutivos, ex.: *chevalet* (como *cavalete*, em português) ou *pommette* ("maçã do rosto"). Para o falante contemporâneo, a noção do diminutivo de origem se perdeu. O diminutivo está totalmente lexicalizado. Por exemplo, *pardal* (o pássaro) traduz-se por *moineau* em francês. Poucos falantes lembrar-se-ão de que, à letra, se trata de um pequeno monge (*moine*, português "monge" + *eau*, sufixo diminutivo). Subsistem, entretanto, em francês, dois tipos particulares de derivação que remetem à noção de diminutivo e aumentativo: os hipocorísticos e as formas verbais diminutivas e pejorativas.

1) Os hipocorísticos são vocábulos familiares carinhosos. Alguns são formados com os sufixos diminutivos *-ette* (no feminino) e *-ot* (no masculino). Exemplos: *Paulette*, *Marinette*, *Charlot*, *Pierrot* etc. Outros, a exemplo do português, são constituídos por sílabas repetidas (no máximo duas), como *Lulu*, *Gigi*, *Mimi* etc. Esses hipocorísticos imitam a linguagem infantil e serviram de modelo para a criação de autênticos diminutivos, como, por exemplo, *chien* ("cachorro") > *chienchien*, *fille* ("menina, filha") > *fifille*, *guerre* ("guerra") > *guéguerre*.

2) As formas verbais diminutivas e pejorativas são comuns no francês contemporâneo, principalmente na língua oral, e guardam um sentido iterativo e frequentativo, como nos exemplos:

- Sufixo *-eter*: *voler* ("voar") > *voleter*.
- Sufixo *-oter*: *parler* ("falar") > *parloter*.
- Sufixo *-ouiller*: *danser* ("dançar") > *dansouiller*.
- Sufixo *-iller*: *mordre* ("morder") > *mordiller*.
- Sufixo *-iquer*: *tourner* ("dar volta") > *tourniquer*.

Excetuados, pois, esses dois últimos casos e como já afirmado, os diminutivos praticamente não existem em francês (a ideia obviamente mantém-se, mas é construída com a ajuda de uma outra palavra, ex.: *petite main* ("mãozinha"). É conhecida pelos estudiosos do francês a tendência dessa língua em colocar os morfemas antepostos aos vocábulos. Daí *petite vieille*, em vez de *velhinha*, *viejita*, *vecchietta*.

VI

Flexão dos nomes e dos adjetivos

Com este capítulo iniciamos o estudo da morfologia flexional e da morfossintaxe, procurando evidenciar as semelhanças e as diferenças mais relevantes entre as quatro línguas românicas que constituem o objeto do nosso estudo. As quatro línguas possuem flexão de gênero e flexão de número nos nomes e adjetivos; os adjetivos possuem ainda variação de grau. Começaremos por analisar o gênero.

6.1. O GÊNERO NOS NOMES E NOS ADJETIVOS

6.1.1. Distribuição dos nomes pelas formas masculina e feminina

Em relação à grande maioria dos nomes, há frequentemente coincidência de gênero entre o português, o espanhol, o italiano e o francês:

o livro	el libro	il libro	le livre
a vida	la vida	la vita	la vie

Mas há numerosas diferenças entre as quatro línguas:

o dente	el diente	il dente	la dent
o fim	el fin	la fine	la fin
a ponte	el puente	il ponte	le pont
o sangue	la sangre	il sangue	le sang

Os nomes derivados com o mesmo tipo de sufixo são em geral do mesmo gênero: assim, os nomes em *-mento* em português, espanhol e italiano e em *-ment* em francês são masculinos. Uma exceção importante relaciona-se com os nomes em *-agem*, que são femininos em português e masculinos em espanhol, italiano e francês:

a linguagem	el lenguaje	il linguaggio	le langage

6.1.2. Formação do feminino nos nomes e nos adjetivos

6.1.2.1. Feminino em *-a*/*-e*

Em português, espanhol e italiano os nomes e os adjetivos formam o feminino *-a*; em francês, *-e* (numa perspectiva diacrônica, poder-se-ia dizer que o *-a* latino se conservou em muitas palavras nas três primeiras línguas, enquanto em francês o *-a* evoluiu para *-e*):

amigo (m.) amiga (f.)	amigo (m.) amiga (f.)	amico (m.) amica (f.)	ami (m.) amie (f.)
alto (m.) alta (f.)	alto (m.) alta (f.)	alto (m.) alta (f.)	haut (m.) haute (f.)

No francês, o feminino dos adjetivos termina sempre com a vogal *-e*, que ou não se pronuncia (*ainée*) ou provoca modificações fonológicas da consoante final: *vieux, vieille; blanc, blanche*. A terminação *-e* representa um antigo *-a*. Mas o francês tem também uma classe de adjetivos invariáveis, que é possível encontrar ainda em *grand-mère, grand-rue, grand-place* ou *Rochefort*.

6.1.2.2. Nomes e adjetivos uniformes quanto ao gênero

Há nomes e adjetivos em *-a* e em *-e* que podem ser uniformes quanto ao gênero:

pianista (m./f.)	**pianista (m./f.)**	**pianista (m./f.)**	**pianiste (m./f.)**
anarquista	anarquista	anarchista	anarchiste
(fácil)	(fácil)	facile	facile
(jovem)	(joven)	giovane	jeune
(possível)	posible	possibile	possible

Mas as quatro línguas apresentam neste aspecto alguma diferença: há palavras terminadas em *-e* que em português, espanhol e italiano são uniformes para o masculino e o feminino, mas que em francês apresentam uma diferença entre a forma masculina e a forma feminina:

cliente	cliente	cliente	client, e
grande	grande	grande	grand, e
forte	fuerte	forte	fort, e
cortês	cortés	cortese	courtois, e
cruel	cruel	crudele	cruel, elle

Como se vê, no que diz respeito aos adjetivos, o italiano permanece fiel à terminação *-e* do latim; o português e o espanhol conservaram-na em palavras como *grande* ou abandonaram-na em casos como *cruel, fácil, cortês* e *jovem/joven*. Estas duas línguas adotaram a desinência *-a* para formar o feminino de alguns adjetivos que etimologicamente pertenciam ao grupo dos uniformes; é o caso dos adjetivos de nacionalidade: *francês, francesa* (port.); *francés, francesa* (esp.), ao lado do italiano *francese*.

6.1.2.3. Sufixos próprios para a formação do feminino

Há sufixos para formar o feminino que por vezes são idênticos nas quatro línguas:

herói heroína	heroe heroína	eroe eroina	héros héroïne

Outras vezes variam de língua para língua:

vendedor vendedora/ vendedeira	vendedor vendedora	venditore venditrice	vendeur vendeuse

6.1.3. O caso particular dos nomes de profissões

Numerosas profissões reservadas no passado aos homens são atualmente acessíveis às mulheres. As línguas comportam-se de maneira diferente em relação a esta nova realidade. Tal como o português, o espanhol e o italiano possuem em geral formas no masculino e no feminino para os nomes de profissões: *profesor/profesora* (esp.), *professore/professoressa* (it.); *escritor/escritora* (esp.), *scrittore/scrittrice* (it.).

Em italiano, os vocábulos com o sufixo *-essa* para o feminino de certas profissões ou são antigos, como *studentessa, professoressa*, ou então foram criados mais recentemente, como *deputatessa, avvocatessa* (sendo *avvocata* mais frequente), *ministressa* (forma rara). Muitas vezes continua a usar-se unicamente a forma masculina para homem ou mulher: *il deputato, l'avvocato, il ministro*.

Em francês, os femininos introduzidos há muito tempo na língua não levantam problemas: *boulanger/boulangère, directeur/directrice, vendeur/vendeuse*; pelo contrário, há numerosos outros nomes para os quais não existem femininos e que por isso exprimem só a função e não a pessoa: *professeur, tailleur, peintre, juge, écrivain, médecin, guide, témoin*. Assim, diz-se: *Madame Durand, professeur, Madame le professeur*.

6.2. O NÚMERO NOS NOMES E NOS ADJETIVOS

6.2.1. O plural nas quatro línguas

Nas quatro línguas há um pequeno número de nomes que é usado unicamente no plural: *as trevas, las trevas, le tenebre, les ténèbres*. Outros nomes têm forma plural, mas referem um só objeto da realidade: *óculos, gafas, occhiali, lunettes*.

No entanto, a grande maioria dos nomes possui uma forma de singular e outra de plural. No que diz respeito à formação de plural, as línguas dividem-se em dois grupos:

a) Tal como em português, o espanhol forma o plural acrescentando ao singular a forma *-s*, que se pronuncia: *livro/livros*; *libro/libros*; *alto/altos*; *grande/grandes*. Em francês, forma-se o plural acrescentando em geral um *-s*, que não é pronunciado.
b) Em italiano, o plural forma-se pela modificação da vogal final do nome em *-i*, *-e* ou *-a*.

Vejamos algumas das regras de formação de plural em espanhol, italiano e francês.

6.2.2. A formação do plural em espanhol

Em espanhol, o plural forma-se acrescentando a terminação *-es* quando a forma singular termina:

- em consoante: *profesor/profesores*; *jóven/jovenes*;
- em semivogal representada graficamente por *y*: *rey/reyes*;
- em *-és* acentuado: *interés/intereses*; *cortés/corteses*.

6.2.3. A formação do plural em francês

Em francês o *-s* não é pronunciado há séculos: *dent/dents*; *grand/grands*. Mas nos casos em que há "liaison", realiza-se uma sibilante sonora antes da vogal: *les élèves* [lɛzelɛv].

Num número relativamente elevado de palavras (terminadas em *-ou*, *-eau*), o *-s* é substituído por um *-x*, também não pronunciado: *château/châteaux* (castelos); *chou/choux* (couves); *beau/beaux* (belos); *nouveau/nouveaux* (novos). No francês antigo o *-x* representava a abreviatura do grupo gráfico *-us* (em vez de se escrever *châteaus*, escrevia-se *châteax* para abreviar); depois restabeleceu-se o *-u*, conservando-se o *-x*, daí a forma escrita *châteaux*.

As palavras terminadas em *-x* no singular mantêm a mesma forma no plural (ex.: *croix*).

Noutras palavras certas transformações fonéticas vieram juntar-se à presença do *-x*, como em *oeil/yeux*, *ciel/cieux*, *cheval/chevaux*, *normal/normaux*.

6.2.4. A formação do plural em italiano

No italiano o plural forma-se substituindo a última vogal da palavra no singular por *-e*, *-i* e mais raramente *-a*, de acordo com as seguintes regras:

- Nomes femininos em *-a* – plural em *-e*: *la porta/le porte*; *la casa/le case*.
- Nomes masculinos em *-a* – plural em *-i*: *il poeta/i poeti*; *il problema/i problemi*.
- Nomes masculinos e femininos em *-o* – plural em *-i*: *il libro/i libri*; *la mano* (sendo esta palavra a única feminina em *-o*)/*le mani*.
- Nomes masculinos e femininos em *-e* – plural em *-i*: *il leone/i leoni*; *la madre/le madri*.

Os adjetivos formam o plural de acordo com regras paralelas às dos nomes:

- Adjetivos masculinos em *-o* – plural em *-i*: *alto/alti*.
- Adjetivos femininos em *-a* – plural em *-e*: *alta/alte*.
- Adjetivos em *-e* – plural em *-i*: *grande/grandi*.

Alguns nomes masculinos em *-o* fazem o plural em *-a* e esse plural é feminino: *l' uovo/le uova* (ovo/ovos), *il centinaio/le centinaia* (centena/centenas).

Um certo número de nomes masculinos em *-o* tem dois plurais: um plural masculino em *-i* e um plural feminino em *-a*, como *il ginocchio/i ginocchi* ou *le ginocchia*, *il braccio/i bracci* ou *le braccia*.

Os dois plurais têm muitas vezes sentidos diferentes: *il labbro/i labbri* (lados de uma ferida)/*le labbra* (os lábios de uma pessoa); *il braccio/i bracci* (os braços, em sentido figurado)/*le braccia* (os braços, em sentido concreto).

São nomes invariáveis no plural as palavras oxítonas e as palavras monossilábicas, por exemplo: *città*, *caffè*, *re*, *film*. O mesmo acontece com *cinema*, *radio*, *foto*, devido à sua natureza "truncada" (como em *le foto* vs. *le fotografie*).

Certas palavras terminadas em *-ca*, *-ga*, *-co*, *-go* sofrem no plural uma modificação ortográfica para indicar a manutenção da oclusiva: *barca/barche*; *lago/laghi*; *cuoco/cuochi* (cozinheiro/s); *bianco/bianchi*; *bianca/bianche*; *largo/larghi*; *larga/larghe*.

Outras palavras, sobretudo esdrúxulas, com as mesmas terminações *-co* e *-go* formam o plural em *-ci* e *-gi*: *medico/medici*; *amico/amici*; *nemico/nemici*; *greco/greci*; e ainda *ornitologo/ornitologi*; *antropofago/antropofagi*.

6.3. APÓCOPE DE ADJETIVOS

Em português, espanhol e italiano há adjetivos que colocados antes do nome que qualificam sofrem um processo de apócope, perdendo a sua última sílaba.

Em português e espanhol este fenômeno só tem lugar em *grande* ou *santo*: *um grão-duque*, *a Grã-Bretanha*, *São João*, *São Jorge* em português; ou *un gran poeta*, *un gran hombre*, *una gran reina*, *San Francisco*, *San Sebastián* em espanhol. Em português *são* usa-se em geral antes de palavra começada por consoante e *santo* antes de palavra começada por vogal. No caso de *grão*, *grã*, o feminino deixou de ser produtivo.

Em italiano o fenômeno é mais frequente e diz respeito aos adjetivos *bello*, *buono*, *grande* e *santo* empregados no masculino: *bel giardino*, *buon libro*, *gran signore*, *San Francesco*.

A apócope é obrigatória para *bello* e *buono*, que funcionam como os artigos – definido para *bello/bel* e indefinido para *buono/buon* (*buon ragazzo*, *buono scolaro*) – e também para *santo* antes de nomes próprios (*San Francesco*). Apenas a apócope de *grande* é facultativa (*gran/grande città*)

6.4. A EXPRESSÃO DO GRAU NOS ADJETIVOS

6.4.1. Quadro geral

O quadro seguinte indica as construções que nas quatro línguas constituem a expressão regular e mais frequente dos graus dos adjetivos:

Comparativo de igualdade

A Maria é tão inteligente como o Pedro.	Maria es tan inteligente como Pedro.	Maria è così intelligente come Pietro.	Marie est aussi intelligente que Pierre.

Comparativo de superioridade/de inferioridade

A Maria é mais/ menos inteligente que o Pedro.	Maria es más/ menos inteligente que Pedro.	Maria è piu/ meno intelligente di Pietro.	Marie est plus/ moins intelligente que Pierre.

Superlativo relativo

A Maria é a mais/ menos inteligente de todas.	Maria es la más/ menos inteligente de todas.	Maria è la più/ meno intelligente di tutti.	Marie est la plus/ moins intelligente de toutes.

Superlativo absoluto (analítico e sintético)

A Maria é muito inteligente. A Maria é inteligentíssima.	Maria es muy inteligente. Maria es inteligentísima.	Maria è molto inteligente. Maria è intelligentissima.	Marie est très intelligente.

6.4.1.1. Algumas observações sobre a expressão do grau dos adjetivos

Em italiano, se se compara a mesma qualidade em duas pessoas, usa-se *di* como segundo elemento da construção: *Maria è più intelligente di Pietro*. Se se comparam duas qualidades da mesma pessoa, usa-se *che* como segundo elemento da construção: *Maria è più intelligente che studiosa.*

Em francês, quando o adjetivo no superlativo relativo segue imediatamente um nome que é precedido de artigo definido, repete-se o artigo: *Marie est la jeune fille la plus intelligente de toutes / Marie est la plus intelligente de toutes.*

Ainda no superlativo relativo, se o segundo membro da construção contém uma oração, o italiano e o francês usam o conjuntivo/subjuntivo, enquanto o português e o espanhol usam o indicativo. Comparem-se as seguintes frases: *Maria è la ragazza più intelligente che io conosca* (it.); *Marie est la jeune fille la plus intelligente que je connaisse* (fr.); *Maria é a menina mais inteligente que conheço* (port.); *Maria es la niña más inteligente que conozco* (esp.).

6.4.2. Comparativos e superlativos sintéticos

As quatro línguas possuem para um pequeno número de adjetivos formas sintéticas de comparativos e superlativos herdadas diretamente do latim:

Português	bom	melhor	o melhor	ótimo
	mau	pior	o pior	péssimo
	grande	maior	o maior	máximo
	pequeno	menor	o menor	mínimo
Espanhol	bueno	mejor	lo mejor	óptimo
	malo	peor	el peor	pésimo
	grande	mayor	lo mayor	máximo
	pequeño	menor	lo menor	mínimo
Italiano	buono	migliore	il migliore	ottimo
	cattivo	peggiore	il peggiore	pessimo
	grande	maggiore	il maggiore	massimo
	piccolo	minore	il minore	minimo
Francês	bon	meilleur	le meilleur	---
	mauvais	pire	le pire	---

Tal como o português, o espanhol e o italiano conservam formas do latim de superlativo em *-íssimo*; em francês são raras:

belíssimo	hermosísimo	bellissimo	---
branquíssimo	blanquísimo	bianchissimo	---
tristíssimo	tristísimo	tristissimo	---
puríssimo	purísimo	purissimo	purissime
riquíssimo	riquísimo	ricchissimo	richissime

6.5. POSIÇÃO DO ADJETIVO QUALIFICATIVO

Diferentemente das w germânicas, que colocam os adjetivos qualificativos ou atributivos sempre em posição prenominal, as línguas românicas têm duas posições para os adjetivos: a prenominal e a pós-nominal, como *uma linda menina*, *uma menina linda*.

Em relação a certos adjetivos como *grande*, *pobre*, as duas posições estão associadas a significados distintos: a posição pós-nominal está ligada ao sentido mais literal; a posição prenominal, a um sentido mais subjetivo (*pobre*, por exemplo, tem nessa posição o valor de simples, simplório):

Português	Espanhol	Italiano	Francês
um homem pobre	un hombre pobre	un uomo povero	un homme pauvre
um pobre homem	un pobre hombre	un pover'uomo	un pauvre homme

VII

Os artigos

As quatro línguas românicas que estamos a analisar possuem artigos definidos e indefinidos. O francês e o italiano têm artigos partitivos, embora nesta segunda língua com emprego mais limitado.

7.1. ARTIGOS DEFINIDOS

7.1.1. Quadro das formas simples

Sing. masc.	o	el	il, l', lo	le, l'
Sing. fem.	a	la	la, l'	la, l'
Plur. masc.	os	los	i, gli	les
Plur. fem.	as	las	le	les
	o livro	el libro	il libro	le livre
	a língua	la lengua	la lingua	la langue
	os livros	los libros	i libri	les livres
	as línguas	las lenguas	le lingue	les langues

Em espanhol *la* é substituído por *el* antes de um nome feminino começado por *a* acentuado (*el agua*). Antes de nome feminino começado por *a* não acentuado, emprega-se a forma *la* (*la alegria*).

Em italiano e em francês emprega-se *l'* antes de palavra começada por vogal (*l'amico*, *l'acqua*; *l'ami*, *l'eau*).

Em italiano, emprega-se:

- no singular, *lo* em vez de *il* antes de nomes começados por certos sons, a exemplo de: [ʃ] como em *lo sciopero* (a greve), por certos grupos consonânticos, em especial [sk], [sp], como em *lo scherzo* (a graça), *lo specchio* (o espelho), [ts], [gn], [ps], como em *lo zio* [tsio] (o tio), *lo gnomo* (o gnomo), *lo psicologo* (o psicólogo);
- no plural, *gli* nos mesmos casos: *gli scioperi*, *gli scherzi*, *gli specchi*, *gli zii*, *gli gnomi*, *gli psicologi*; usa-se também antes de palavra começada por vogal como em *gli anni* (os anos).

7.1.2. Formas contraídas com certas preposições

Em português, há formas contraídas com as preposições *em*, *de*, *a* e *por* (vejam-se, por exemplo, as formas masculinas *no*, *do*, *ao* e *pelo*); com a preposição *a*, a forma feminina *a* sofre um processo de crase: *à*.

Em espanhol, há formas contraídas com *a* e *de*: *a* + *el* > *al* (*al libro*); *de* + *el* > *del* (*del libro*).

Formas paralelas existem em francês: *à + le > au; à + les > aux; de + le > du; de + les > des.*

O italiano destaca-se pelo grande número de formas contraídas com *a, di, da, in, su.*

Alguns exemplos: *del libro* (do livro); *allo specchio* (ao espelho); *alla lingua* (à língua); *agli amici* (aos amigos); *nell' acqua* (na água); *dall' inizio alla fine* (do princípio ao fim).

7.1.3. Observações sobre o emprego dos artigos definidos

São notáveis as seguintes particularidades:

1. Na indicação de hora ou na introdução de um título, o português, o espanhol e o italiano utilizam o artigo definido, enquanto em francês não se usa o artigo: *às cinco; a las cinco; alle cinque; à cinq heures. Chega o Sr. Mota; llega el Señor García; il Signor Rossi arriva; Monsieur Durand arrive.*

2. Para indicar a idade, o italiano e o francês não empregam o artigo definido, diferentemente do português e do espanhol: *aos trinta anos; a los treinta años; a trent' anni; à trente ans.*

3. Com os nomes próprios, não só não há sistematicidade no interior de uma mesma língua como não há paralelismos entre as quatro línguas:

(a) França	Francia	la Francia	la France
Portugal	Portugal	il Portogallo	le Portugal
o Brasil	(el) Brasil	il Brasile	le Brésil
em França/ na França	en Francia	in Francia	en France

4. Também as expressões idiomáticas podem apresentar variação no emprego do artigo:

ter tempo	tener tiempo	aver tempo	avoir le temps

5. O artigo definido precede o possessivo em português e italiano, mas essa coocorrência é impossível em espanhol e francês (ver cap. IX):

os meus livros	mis libros	i miei libri	mes livres

7.2. ARTIGOS INDEFINIDOS

7.2.1. Quadro das formas simples

Sing. masc.	um	un	un, uno	un
fem.	uma	una	una, un'	une
Plur. masc.	uns	unos	dei, degli	des
fem.	umas	unas	delle	des

Em italiano, a variante *uno* do masc. sing. usa-se nos mesmos casos em que se emprega *lo* em vez de *il* (*uno zio, uno scherzo*, mas *un amico*). A forma *un'* em vez de *una* (feminina) emprega-se (como *l'*) antes de palavra começada por vogal (*un'immagine*).

Em espanhol, antes de palavra feminina começada por vogal, pode usar-se a forma *un: un agua.*

Em francês, tal como no artigo definido, há uma só forma do artigo no plural, *des.*

7.2.2. Observações sobre o emprego dos artigos indefinidos

Para exprimir uma quantidade plural não determinada de uma entidade, o português e o espanhol usam o artigo indefinido plural (*Tenho uns livros para as férias. Tengo unos libros para las vacaciones*) ou não empregam qualquer artigo ou quantificador (*Tenho livros para as férias. Tengo libros para las vacaciones*) ou utilizam o quantificador *alguns* (*Tenho alguns livros para as férias. Tengo algunos libros para las vacaciones*).

A afinidade entre os artigos indefinidos *um* (port.), *un* (esp.), *un, uno* (it.) e *un* (fr.) explica-se pelo fato de serem derivados do numeral latino *unus.*

O artigo indefinido serve ainda para exprimir um valor aproximativo: *O Pedro tem uns 50 anos. Pedro tiene unos 50 años.*

7.3. ARTIGOS PARTITIVOS

O francês possui um artigo partitivo para exprimir uma quantidade não determinada de uma substância: *du, de la* no singular e *des* no plural: *Je bois du vin/de l'eau* (bebo vinho/água). *Je mange des pommes* (como maçãs). Estas formas só se usam em enunciados positivos; em enunciados negativos usa-se a forma preposicional *de*: *Je ne bois pas de vin/d' eau* (não bebo vinho/água). *Je ne mange pas de pommes* (não como maçãs).

O italiano possui um partitivo, mas o seu emprego é restrito e de qualquer modo facultativo. Não se emprega em frases negativas e é raro depois de certas

preposições: *Mangio del pane* ou *Mangio pane* (como pão). *Bevo del vino* ou *Bevo vino* (bebo vinho).

Como o português e o espanhol não possuem artigos partitivos, para se exprimir uma parte não determinada de uma substância não se usa artigo: *Comi pão e pastéis. Comí pan y pasteles.*

7.4. ARTIGO DEFINIDO OU PRONOME? UMA ORIGEM COMUM

Em português e em espanhol, antes de um sintagma preposicional, de um adjetivo ou de uma oração relativa, empregam-se formas idênticas às dos artigos definidos. Em francês e em italiano usam-se as formas dos demonstrativos, mas antes de adjetivo tanto o artigo (no seu uso pronominal) como o demonstrativo podem aparecer:

a casa do Pedro e a do João	la casa de Pedro y la de Juan	la casa di Pietro e quella di Giovanni la casa vecchia e la/quella nuova	la maison de Pierre et celle de Jean la vieille maison et la nouvelle

Tradicionalmente considera-se que antes de um nome *o*, *a*, *os*, *as* em português e os correspondentes em espanhol são artigos, mas antes de um adjetivo, de um sintagma preposicional ou de oração relativa são pronomes demonstrativos, o que é corroborado pelo fato de o italiano e o francês exibirem nestes contextos as formas *quello*, *celui* etc. A pesquisa diacrônica mostra-nos que os artigos definidos tiveram origem em certos demonstrativos latinos. De fato, as formas de artigo definido derivam do demonstrativo latino *ille*, que, quando funcionava como complemento de objeto direto, tinha tomado as formas *ello*, *ella*, *ellos*, *ellas* no latim falado da época imperial.

É este demonstrativo, empregado com o valor de um simples artigo e pronunciado sem acento tônico (porque formava um grupo fonético com o nome que se lhe seguia), que deu origem a todas as formas românicas acima indicadas. Como não tinha acento tônico, reduziu-se a uma única sílaba. Foi em geral a segunda que "sobreviveu": o esp. *la*, *los*, *las* e o fr. *le*, *la*, *les* derivam diretamente de *(el)lo*, *(el)la*, *(el)los*, *(el)las*. O italiano *lo*, *la* representa também *(el)lo*, *(el)la*. Mas no esp. *el* e no it. *il* é a primeira sílaba que permaneceu.

O italiano, que perdeu muito cedo todos os *s* do fim das palavras, recorreu, para indicar o plural, às desinências *-i* e *-e* (como nos nomes e adjetivos): daí *i* e *le*.

Em português, os artigos definidos derivam também de *(el)lo*, *(el)la*, *(el)los*, *(el)las*; mas, depois de terem perdido a primeira sílaba deste antigo demonstrativo, perderam também o *l*, passando as formas *lo*, *la*, *los*, *las* a *o*, *a*, *os*, *as*.

Vemos que as diferentes formas, assim como o *gli* italiano, resultam de evoluções fonéticas regulares.

A estranheza aparente do emprego de *el* em vez de *la* no espanhol em *el agua* explica-se também, uma vez que *el* não é senão a primeira sílaba do feminino *el(la)*.

A mesma explicação se justifica para todas as formas contraídas do italiano, em que se conserva o *-ll-* geminado da origem: *dello* é afinal a forma *d(e) ello*.

Assim, sob uma aparente diversidade, surge a profunda unidade das nossas quatro línguas. Acrescente-se que o mesmo demonstrativo latino, pronunciado igualmente sem acento tônico, deu origem, nas línguas românicas, aos pronomes pessoais átonos. É por essa razão que a maior parte dos pronomes tem, nas línguas que estamos a analisar, as mesmas formas que os artigos.

VIII

Os pronomes pessoais

8.1. ASPECTOS GERAIS

Os pronomes pessoais, tais como os possessivos (ver cap. IX), variam, entre outros fatores, em função do sistema da pessoa: daí as formas de 1ª pessoa (P1), 2ª pessoa (P2), 3ª pessoa (P3). Além disso, exibem diferentes formas consoante o número (P1, P2 e P3 para o singular e P4, P5 e P6 para o plural) e o gênero (nas formas de sujeito e de complemento direto de 3ª pessoa dos pronomes pessoais e nos possessivos). Os pronomes pessoais variam também consoante as funções sintáticas; conforme a ligação ao verbo e a consequente configuração morfológica, há ainda a distinguir entre formas fortes (tônicas, não clíticas) e fracas (átonas, clíticas).

8.2. PRONOMES PESSOAIS

8.2.1. Pronomes pessoais sujeito

S	P1	eu	yo	io	je
I	P2	tu	tú	tu	tu
N	P3	ele	él	egli, lui, esso	il
G		ela	ella	ella, lei, essa	elle
		--	ello	--	--
P	P4	nós	nosotros, nosotras	noi	nous
L	P5	vós	vosotros, vosotras	voi	vous
U	P6	eles	ellos	loro, essi	ils
R		elas	ellas	loro, esse	elles

Observações sobre o emprego e a omissão dos pronomes sujeito:

1. No português europeu, em espanhol e italiano o sujeito é normalmente omitido quando é um pronome de 1ª ou 2ª pessoa (sing. ou plural), dado que a flexão verbal é suficiente para indicar o seu valor.

	Falo.	Hablo.	Parlo.	Je parle.

A presença do sujeito de 1ª e 2ª pessoas em frases simples nestas três línguas exprime reforço, insistência:

	Eu falo.	Yo hablo.	Io parlo.
	Eu dei autorização.	Yo di la autorización.	Io ho datto l'autorizzazione.

Tal como acontece em português, em espanhol e italiano usa-se o pronome sujeito de 3ª pessoa como forma de desfazer a ambiguidade, uma vez que a forma verbal nem sempre é suficiente para indicar o valor do sujeito:

Olhava para o quadro e ria. / Ele (ela) olhava para o quadro e ria.	Miraba el cuadro y reía. / Él (ella) miraba el cuadro y reía.	Parlava e rideva. / Egli (lui) parlava e rideva.	

No português brasileiro falado é comum o uso do pronome sujeito eu. Em francês, por outro lado, é obrigatório o uso dos pronomes pessoais sujeito, tal como nas línguas germânicas: *Je parle*, *I speak*, *Ich spreche*.

2. Os pronomes sujeito podem ser utilizados precedidos de certas formas focalizadoras (em espanhol *hasta*, *según*, *excepto*, *salvo*; em italiano *anche*, *perfino*, *neanche*, *pure*, *salvo*, *ecceto*):

Até eu o conheço.	Hasta yo lo conozco.	Anche io lo conosco.	

Em idênticos contextos, o francês utiliza as formas fortes *moi*, *toi*, *lui*, *elle*, *nous*, *vous*, *eux*, *elles* (comuns às formas complemento): *Même moi je le connais*.

3. Para exprimir um sujeito não específico, o espanhol e o italiano dispõem, à semelhança do português, de um *se/si* nominativo (*se* "impessoal"), enquanto o francês emprega o pronome *on*:

Aqui se fala português.	Aqui se habla español.	Qui si parla italiano.	Ici on parle français.

4. Em construções de tipo impessoal, o francês, diferentemente das outras três línguas românicas, exige um sujeito suporte de 3ª pessoa (*il*) ou o demonstrativo *ce* ou *ça*:

Chove.	Llove.	Piove.	Il pleut.
É duro trabalhar.	Es duro trabajar.	È duro laborare.	Il est dur de travailler. C'est dur de travailler.

8.2.2. Pronomes pessoais: formas de complemento

8.2.2.1. Formas de P1, P2, P4 e P5 (acusativo e dativo)

P1	me	me	mi*	me*
P2	te	te	ti*	te*
P4	nos	nos	ci	nous
P5	vos	os (vos)	vi	vous
	(Ele) vê-me.	(El) me ve.	(Lui) mi vede.	Il me voit.
	Dou-te um livro.	Te doy un libro.	Ti do un libro.	Je te donne un livre.

Reflexos:
Estas formas, e ainda o *se* para a 3ª pessoa do singular e plural, podem servir de reflexos:

	Eu lavei-me.	Io me lavé.	Io mi ho lavato.	Je me suis lavé.

8.2.2.2. Formas de P3 e P6 (acusativo e dativo)

Acusativo:

P3	o a	lo la	lo* la*	le* la*
P6	os as	los las	li le	les

Dativo:

P3	lhe	le	gli / le	lui
P6	lhes	les	loro	leur
	Vejo-a. Dou-lhe um livro. Dou-lhes livros.	La veo. Le doy un libro. Les doy libros.	La vedo. Gli/le do un libro. Do loro dei libri.	Je la vois. Je lui donne un livre. Je leur donne des livres.

8.2.2.3. Dativo e oblíquo (regidos de PREP)

P1	mim	mi	me*	moi
P2	ti	ti	te*	toi
P3	ele	él	lui, esso	lui
	ela	ella	lei, essa	elle
		ello		
	si	sí	sé	soi
P4	as mesmas formas que representam o sujeito			
P5	as mesmas formas que representam o sujeito			
P6	as mesmas formas que representam o sujeito			eux, elles
	contra ti	contra ti	contro te	contre toi
	cada um para si	cada uno para sí	ciascuno per sé	chacun pour soi

Observações:

1. As formas com asterisco elidem-se (francês) ou podem elidir-se (italiano) antes de vogal.

2. Com um número limitado de verbos, a forma de O.D. animado em português e espanhol pode vir precedida da PREP *a*, tomando então a forma oblíqua correspondente: *É a ele que eu amo. Es a él a quien yo amo.*

3. Tal como em português a forma *o*, o pronome *lo* do espanhol é a forma neutra nominal (*lo que dices, lo difícil, lo de tu padre*). O italiano e o francês recorrem a demonstrativos neutros como antecedente: *ciò che dici, ce que du dis.*

4. *Leísmo, laísmo, loísmo* em espanhol: a forma *le* do dativo pode substituir a forma do acusativo *lo* para os Ns masculinos animados (leísmo); a forma *la* do acusativo pode substituir a forma *le* do dativo dos Ns femininos (laísmo); e a forma *lo* do acusativo pode substituir o dativo *le* (loísmo).

Vieron al ladrón y le apresaron. (leísmo)
Vio a Julia y la regaló flores. (laísmo)
Encontró a su amigo en la calle, pero no lo hablo. (loísmo)

O fenômeno de leísmo é muito frequente. Na norma culta, estes fenômenos são geralmente considerados incorretos. No entanto, a Real Academia aceita já *le* quando este funciona como acusativo de pessoa: *He buscado a Juan y no le veo.*

5. Em italiano, o pronome *loro* coloca-se sempre depois do verbo e, na língua falada, cada vez mais se substitui por *gli*: *gli do dei libri* em vez de *do loro dei libri.*

6. Em português, as formas acusativas do pronome de 3ª pessoa *o(s)* e *a(s)* dão lugar às variantes *lo, la, los, las* quando vêm colocadas depois de uma forma verbal terminada em *-s, -z ou -r*; quando vêm colocadas depois de uma forma verbal terminada em ditongo nasal tomam a forma *no, na, nos, nas.*

7. As combinações *comigo, contigo, consigo* (derivadas do latim *mecum, tecum, secum*...) têm formas correspondentes em espanhol (*conmigo, contigo, consigo*). No italiano as formas *meco, teco, seco* são antigas e literárias, sendo hoje pouco usadas. As expressões analíticas *con me, con te, con sé*, como as do francês *avec moi, avec toi, avec lui*, são frequentes. É de notar que no português existem ainda as formas *connosco* (que no Brasil se escreve *conosco*) e *convosco*. Refira-se ainda que no português do Brasil *consigo* tem sempre um valor de 3ª pessoa (*Ele fala consigo mesmo*) e não tem valor de você (ver 8.4).

8. Já vimos no capítulo anterior que *o* (port.) e *lo* (esp.) podem usar-se como forma neutra antes de adjetivo ou oração relativa: *o que dizes, o difícil, lo que dices, lo difícil*. O italiano e o francês recorrem frequentemente a um demonstrativo neutro seguido de oração relativa: *ciò che dici, ciò che è difficile, ce que tu dis, ce que est difficile.*

8.2.2.4. O pronome *si*

Em português, a forma *si* tem dois valores: um valor de 3ª pessoa, em referência a um sujeito determinado ou indeterminado que lhe serve de antecedente (*Cada um pensa em si. Ele só pensa em si* [em si próprio]) e um valor de 2ª pessoa, servindo para exprimir o interlocutor (emprego não usual no Brasil): *Isto é para si/você* (ver 8.5).

Em espanhol o pronome *sí* é cada vez menos utilizado, sendo substituído pelas formas correspondentes de 3ª pessoa.

Em italiano e francês as formas *sé* e *soi* têm exclusivamente valor de 3ª pessoa: *ciascuno per sé, chacun pour soi.*

Refira-se que em português, italiano e espanhol as formas *se* e *si* têm ainda valores de indefinido (equivalente ao francês *on*) e de partícula apassivante (ver 14.4.2).

8.3. COMBINAÇÃO DE PRONOMES CLÍTICOS

1. Em português europeu, há formas contraídas dos pronomes dativo e acusativo: *mo, ma, mos, mas; to, ta, tos, tas; lho, lha, lhos, lhas; no-lo, no-la, no-los, no-las; vo-lo, vo-la, vo-los, vo-la.* O pronome *ele*... quando contraído com as PREPs *de* e *em* toma as formas *dele*..., *nele*...

No português do Brasil, uma vez que as formas do pronome objeto direto de 3ª pessoa estão a desaparecer, as contrações são raras: *me dá o livro*; *me dá*.

Em espanhol e francês nunca ocorrem contrações.

Em italiano podem ocorrer mudanças quando um dos clíticos em *i (mi, ti, ci, vi e gli)* é seguido de *lo, la, li, le* ou *ne*. Nesse caso, dão-se as seguintes alterações:

mi + lo	→	me lo	(me lo garantisce)
ti + li	→	te li	(te li regalo)
si + lo	→	se lo	(se lo procurerà)
ci + lo	→	ce lo	(ce lo ha spiegato)
gli + la	→	gliela	(gliela porterò)
mi + ne	→	me ne	(me ne ha parlato)

2. Em espanhol e francês, quando coocorrem formas átonas de P3 (acusativo) com formas de P1 e P2, estas últimas precedem as primeiras: *Me lo contó. Il me l'a raconté. Me las entregó en mano. Il me les a donnés.*

Mas em francês, quando as mesmas formas de P3 acusativo se combinam com pronome dativo de P3, a ordem é a inversa, isto é, *lui* e *leur* seguem as formas acusativas: *Je le lui ai donné.*

3. O espanhol caracteriza-se por não admitir a sequência *le/les* (dativo) + formas de acusativo, substituindo as primeiras por *se*:

Digo-lho.	Se lo digo.	Glielo dico.	Je le lui/leur dis.

8.4. POSIÇÕES DOS PRONOMES FRACOS (CLÍTICOS)

Nas quatro línguas românicas que estamos a analisar são possíveis três posições dos pronomes clíticos, aparecendo em uma ou outra das quatro línguas:

- ênclise, o clítico depois do V (V + CL)
- próclise, o clítico antes do V (CL + V)
- mesóclise (posição no interior da forma verbal)

O português europeu é a única língua românica que exibe os três padrões de ordem dos pronomes clíticos. A mesóclise usa-se nos tempos futuro e condicional, ocupando os pronomes a posição medial entre a forma infinitiva e os afixos flexionais: *dir-te-ei; vê-la-iam.*

Em português europeu a ênclise é a posição dos pronomes em frases declarativas afirmativas (*A Maria encontrou-o na rua*); a próclise é utilizada quando algum tipo de operador (negação, quantificadores, certos advérbios, o operador de interrogação, entre outros) ocupa uma posição à esquerda da frase, tendo escopo sobre ela: *A Maria não a encontrou. Alguém o encontrou. Quem o encontrou?*

No português do Brasil e no português falado nos países africanos de língua portuguesa os padrões de ordem dos pronomes clíticos estão praticamente limitados a um só – a próclise –, quer em relação ao único verbo da oração, quer em relação ao verbo principal numa "locução verbal": *Eu me sento aqui. Te amo. Eu quero te dizer uma coisa. Isso não pode me acontecer.*

Neste aspecto estas variantes do português aproximam-se das outras línguas românicas. Com efeito, em espanhol, italiano e francês a próclise é o padrão de ordem dominante.

Em espanhol e italiano, a próclise opera em frases finitas:

Juan la conoce. Giovanni la conosce.
Quien la conoce? Chi la conosce?
No la conocemos. Non la conosciamo.

Nessas duas línguas a ênclise utiliza-se em orações infinitivas, imperativas positivas e gerundivas (e no italiano ainda no particípio absoluto):

Para darme la mano. Per guardarlo.
Dame la mano. Guardalo.
Dandome la mano. Guardandolo.
Guardatolo.

Em francês, domina a próclise: *Il m'a embrassé. Ne me parle pas.* A ênclise usa-se unicamente no imperativo positivo (assinalada na escrita por hífen e não como "ênclise total" como em italiano e espanhol). É de notar que nestas circunstâncias são as formas fortes dos pronomes as utilizadas: *Parle-moi. Tais-toi.*

8.5. A DESIGNAÇÃO DOS INTERLOCUTORES

8.5.1. A designação do locutor

Para se autorreferenciar, o locutor dispõe, nas línguas que estamos a analisar, de pronomes da 1ª pessoa do singular (*eu, yo, io, je*).

O uso de P4 (*nós, nosotros, noi, nous*) pode ser ou uma forma de inclusão do alocutário num conjunto plural ou manifestação da autoridade ("nós" majestático) ou de modéstia:

(Nós) vimos na aula passada que...	(Nosotros) habemos visto en la última classe que...	(Noi) abbiamo visto nell'ultima lezione che...	Nous avons vu au cours de la leçon précedente que...

A forma *a gente* pode expressar, em português, o locutor ou um sujeito plural em que o locutor se inclui; este mesmo valor pode ser dado pelo chamado "*se* impessoal", o mesmo acontecendo em espanhol e italiano. O italiano dispõe do pronome *uno* e o francês de *on*, um pronome derivado do étimo latino *homo-*:

A gente está bem aqui. Está-se bem aqui. Se está bem aqui. (PB)	Se está bien aqui.	Si sta bene qui.	On est bien ici.

As quatro línguas dispõem de uma fórmula de distância para o locutor: *o abaixo assinado* (port.), *un(a) servidor(a)*, *el abajo firmante* (esp.), *il sottoscritto* (it.), *le soussigné* (fr.).

8.5.2. O tratamento do interlocutor

O português é de todas as línguas românicas a que tem o sistema mais complexo de formas de tratamento do interlocutor, que podem ir do uso de *tu* e do verbo na 2ª pessoa até ao uso de *você*, ausência de pronome, nome próprio, fórmulas como *o senhor*, *vossa excelência* e verbo na 3ª pessoa, dependendo do tipo de relação que se estabelece entre locutor e interlocutor. É ainda usado o pronome *si* para exprimir o interlocutor, quando precedido de preposição: *Isto é para si/você*. O pronome de 5ª pessoa *vós* seguido da forma verbal só subsiste em português como um conservadorismo (no falar regional e popular) ou em certos registros ultraformais.

O sistema não é idêntico no Brasil, sendo aqui a forma *você* (com valor de *tu*) a mais usada: *Você vem comigo?*

Em espanhol, *tú* (sing., P2) e *vosotros*, *as* (plural, P5) exprimem uma relação de familiaridade. *Usted* (sing., P3) e *ustedes* (plural, P6) usam-se para a cortesia:

Usted es muy simpático.
Está usted en su casa.
Esta casa es para usted.
Le hablo a usted.

Como forma muito respeitosa, empregam-se os pronomes de 3ª pessoa *los*, *les*: *Queridos señores, los/les invito a ceuar.*

Na América de língua espanhola, há três situações distintas: ou o sistema do espanhol se mantém nas esferas acadêmicas; ou as formas de P5 desapareceram (zonas de "tuteo"); ou perderam o seu valor de plural (zonas de "voseo") [América Central e estados do Rio da Prata].

O quadro seguinte sintetiza o que acaba de ser dito para o espanhol americano:

Sing.	tu (tuteo)	vos (voseo)	usted
Plur.	ustedes		

Em italiano, o *tu* (para o interlocutor sing.) e o *voi* (para o interlocutor plural) mantêm-se vivos, apesar dos esforços do período fascista para generalizar o *voi* referencial. A forma de cortesia mais frequente para exprimir o interlocutor singular é o pronome *lei*; o pronome *loro* tem vindo a tornar-se cada vez mais formal:

Sing.	tu	lei
Plur.	voi (loro – formal)	

Para designar o interlocutor, o francês serve-se quer da forma familiar *tu* (P2), quer da forma cortês *vous* (P5); nos dois casos o plural é *vous*: *tu es chez toi*; *vous êtes chez vous*.

Sing.	tu	vous
Plur.	vous (tu + tu)	vous

Como noutras línguas, é possível recorrer a expressões como *monsieur*, *madame*, *Son Altesse*, *Votre Sainteté*.

8.6. PRÓ-FORMAS PRÓPRIAS DO ITALIANO E DO FRANCÊS

O italiano e o francês destacam-se por conterem pró-formas de natureza preposicional ou adverbial com valor locativo ou partitivo; o quadro seguinte sintetiza essas formas e os seus valores:

ci, vi	y (= a X, de X ou em X)
ne	en (= de X)
Ci vado	J'y vais (Vou ali)
Vi, ci pensi	Tu y penses (Pensas nele/a, nisso)
Non ci capisco niente	Je n'y comprends rien (Não compreendo nada disso)
Me ne vado	Je m'en vais (Vou-me embora daqui)
Ne veniamo	Nous en venons (Vimos dali)
Non ne parliamo più	N'en parlons plus (Não falemos mais acerca disso)

Sendo átonas, estas formas sofrem a ênclise ou a próclise de acordo com os mesmos princípios apresentados em 8.4:

Per andarci	Pour y aller (para ir ali)
Andandovi/ci	En y allant (indo ali)
Parliamone	Parlons-en (falemos disso)

IX

Os determinantes e pronomes possessivos

9.1. OBSERVAÇÕES GERAIS

O francês e o espanhol possuem duas séries de possessivos, consoante o seu valor de determinantes ou adjetivos ou o seu valor de pronomes; os primeiros são formas fracas ou átonas, os segundos são formas fortes ou tônicas. Em português e italiano as formas dos determinantes possessivos e dos chamados pronomes possessivos são idênticas, com a diferença de que os pronomes são precedidos de artigos.

As quatro línguas apresentam diferentes formas de acordo com a pessoa do discurso a que se referem (o possuidor) e o número do possuidor (daí as formas de P1, P2, P3, P4, P5, P6), e ainda o número e o gênero do objeto possuído.

9.2. OS DETERMINANTES POSSESSIVOS

9.2.1. As formas

Um poss.								
P1 masc.	meu	mi	mio	mon	meus	mis	miei	mes
fem.	minha	mi	mia	ma	minhas	mis	mie	mes
P2 masc.	teu	tu	tuo	ton	teus	tus	tuoi	tes
fem.	tua	tu	tua	ta	tuas	tus	tue	tes
P3 masc.	seu	su	suo	son	seus	sus	suoi	ses
fem.	sua	su	sua	sa	suas	sus	sue	ses
Vár. poss.								
P4 masc.	nosso	nuestro	nostro	notre	nossos	nuestros	nostri	nos
fem.	nossa	nuestra	nostra	notre	nossas	nuestras	nostre	nos
P5 masc.	vosso	vuestro	vostro	votre	vossos	vuestros	vostri	vos
fem.	vossa	vuestra	vostra	votre	vossas	vuestras	vostre	vos
P6 masc.	seu	su	loro	leur	seus	sus	loro	leurs
fem.	sua	su	loro	leur	suas	sus	loro	leurs

Obs.: Em francês, antes de um nome começado por vogal ou *h* mudo, *ma*, *ta*, *sa* são substituídos por *mon*, *ton*, *son: ton école*.

9.2.2. Regras gerais de emprego

1. O italiano e o francês caracterizam-se por possuírem um possessivo *loro*, *leur* para P6, enquanto o português *seu* e o espanhol *su*, *suyo* empregam a mesma forma para P3 e P6.

2. Tal como em português, no italiano o artigo definido precede os possessivos:
i miei libri (**miei libri*)
la nostra automobile (**nostra automobile*)

Nestas duas línguas o artigo é frequentemente omitido com nomes que designam relações de parentesco:
Minha irmã chegou. Mia sorella è arrivata.

No português do Brasil, o artigo definido é também muitas vezes omitido:
Meus livros estão sobre a mesa.

3. Em francês e em espanhol a coocorrência entre artigo definido e possessivo é impossível:
mes livres (**les mes livres*)
mis libros (**los mis libros*)

Nestas duas línguas, o único elemento que pode antepor-se ao possessivo é o quantificador *todos*, *tous*:
todos mis libros
tous mes livres

4. Em francês o artigo definido pode ser usado em vez do possessivo se na frase um pronome ou um nome antecedente forem suficientes para indicar a relação de pertença:
Il se lave les mains.

O espanhol e o italiano podem fazer o mesmo:
(Lui) si lava le mani.
(El) se lava las manos.

5. Em espanhol e italiano, tal como em português, os possessivos antepõem-se ao N quando este vem acompanhado do artigo definido, mas pospõem-se geralmente ao N quando este vem precedido de artigo indefinido, interrogativo. Neste caso, em espanhol empregam-se formas fortes dos possessivos, que são as mesmas formas dos pronomes (ver 9.2.3):

Ele conhece um amigo teu.	El conoce a un amigo tuyo.	Lui conosce un amico tuo/un tuo amico.
Quantos livros meus leste?	Cuantos libros míos has leido?	Quanti libri miei hai letti?

Em português, espanhol e italiano há posposição do possessivo em vocativos e frases exclamativas:

Deus meu!	Dios mío!	Signori miei!
Filho meu não faz isso!	Hijo mío no lo hajas!	Figlio mio non far(e) questo/non farlo!

6. No espanhol e no italiano, tal como em português, os possessivos de P3 e P6 podem referir-se ao interlocutor. Por isso, para evitar a ambiguidade que expressões como *la casa es suya*, *la casa è sua* podem causar, usam-se as formas analíticas: *la casa es de èl/de usted* (esp.); *la casa è di lui/ di lei* (it.) (ver VIII).

9.2.3. Os pronomes possessivos

Como foi dito, o português e o italiano têm formas dos chamados pronomes possessivos idênticas às dos determinantes possessivos:
A minha (det.) *casa e a tua* (pron.) *são no centro.*
La mia (det.) *casa e la tua* (pron.) *sono in centro.*

O francês e o espanhol dispõem de formas próprias de pronomes:

Um poss.				
P1 masc.	el mio	le mien	los mios	les miens
fem.	la mia	la mienne	las mias	les miennes
P2 masc.	el tuyo	le tien	los tuyos	les tiens
fem.	la tuya	la tienne	las tuyas	les tiennes
P3 masc.	el suyo	le sien	los suyos	les siens
fem.	la suya	la sienne	las suyas	les siennes
Vários Poss.				
P4 masc.	el nuestro	le nôtre	los nuestros	les nôtres
fem.	la nuestra	la nôtre	las nuestras	les nôtres
P5 masc.	el vuestro	le vôtre	los vuestros	les vôtres
fem.	la vuestra	la vôtre	las vuestras	les vôtres
P6 masc.	el suyo	le leur	los suyos	les leurs
fem.	la suya	la leur	las suyas	les leurs

Os exemplos a seguir ilustram o uso dos dois tipos de formas possessivas nessas duas línguas:

La mia casa y la tuya son en el centro.
Ma maison et la tienne sont au centre.

Em francês, num contexto predicativo, não podem usar-se os determinantes possessivos e apenas é gramatical o uso dos pronomes ou da preposição *à* seguida de formas fortes dos pronomes pessoais:

Ces poires sont à moi.
Ce sont les miennes.
(**Ce sont miennes.*)

X

Os demonstrativos

10.1. ASPECTOS GERAIS

Os demonstrativos são expressões linguísticas que o locutor utiliza para indicar pessoas, objetos, lugares, momentos, tendo como ponto de referência o local e o tempo da enunciação.

Em português e em espanhol, a organização dos demonstrativos obedece a um sistema ternário, indicando a pertença de um objeto à vizinhança do locutor (*este/isto*); do interlocutor (*esse/isso*); ou a uma esfera que não é nem a do locutor nem a do interlocutor (*aquele/aquilo*).

O francês organiza os demonstrativos num sistema binário, a partir da oposição entre a proximidade e a não proximidade em relação ao locutor. No italiano, o sistema ternário existe, mas está cada vez mais em desuso, sendo o sistema binário o dominante.

Na linearidade do discurso, o sistema é nas quatro línguas binário, remetendo as formas como *este* para uma expressão nominal mais próxima e *aquele* para uma expressão nominal mais distante.

O francês é a língua em que existem diferenças mais nítidas entre formas de determinantes e formas de pronomes demonstrativos. Nas quatro línguas, os demonstrativos exibem formas variáveis (conforme o número e o gênero do objeto referido) e invariáveis. Destas, destacam-se os demonstrativos "localizadores", que do ponto de vista morfossintático são advérbios.

10.2. DETERMINANTES E PRONOMES DEMONSTRATIVOS

10.2.1. Formas dos determinantes

Português	Espanhol	Italiano	Francês
este, esta, estes, estas	este, esta, estos, estas	questo, questa, questi, queste	ce/cet (antes de vogal ou *h* mudo), cette, ces
esse, essa, esses, essas	ese, esa, esos, esas		
aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquel, aquella, aquellos, aquellas	quello, quella, quelli, quelle	

10.2.2. Formas dos pronomes

10.2.2.1. Formas variáveis

este, esta, estes, estas	éste, ésta, éstos, éstas	questo, questa, questi, queste	celui-ci, celle-ci ceux-ci, celles-ci
esse, essa, esses, essas	ése, ésa, ésos, ésas		
aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquél, aquélla, aquéllos, aquéllas	quello, quella, quelli, quelle	celui-là, celle-là ceux-là, celles-là

10.2.2.2. Formas invariáveis

isto	esto	questo	ceci	
isso	eso	(codesto) — ció		— ça
aquilo	aquello	quel(lo)	cela	

10.2.3. Observações quanto ao uso de determinantes e pronomes

Em espanhol:

1. Nesta língua as formas de pronomes diferem das dos determinantes por serem fortes, acentuadas (embora o acento gráfico só seja obrigatório em caso de confusão).

2. O pronome *ello* pode usar-se com o mesmo sentido que *aquello*: *No hablemos más de ello*.

Em italiano:

1. As diferentes variantes dos demonstrativos em italiano distribuem-se em função da natureza do som da palavra seguinte, exatamente como as formas dos artigos *il*, *lo*, *l'* (sing.) e *i*, *gli* (plural):

questo, *questa*, *quella* antes de consoante: *questo ragazzo*, *quella tazza*;
quest' antes de palavra começada por vogal: *quest'amico*, *quest'amica*;
quello (pl. *quegli*) antes de [z], [ps], [gn], [sk]: *quello scrittore*, *quegli zeri*;
quel (pl. *quei*) antes de consoante diferente das mencionadas acima: *quel romanzo*, *quei romanzi*;
quell' (pl. masc. *quegli*, pl. fem. *quelle*) antes de vogal: *quell' episodio*, *quell' invenzione*.
(Refira-se que *questi* e *quegli* só são usadas como sujeito.)

2. Nesta língua há formas de reforço dos demonstrativos: *qui/qua* para *questo* e *lì/là* para *quello*, quer no seu uso como determinantes, quer como pronomes: *questi libri qui/qua*, *questi qui/qua*.

3. A forma *sta*, variante de *questa*, surge amalgamada ao N em *stamattina*, *stasera*, *stanotte*.

4. As formas *codesto,a,i,e*, na origem ligadas à esfera do interlocutor, são formas regionais usadas na Toscana e em certos registros formais da língua escrita. O fato de terem praticamente desaparecido torna o sistema italiano dos demonstrativos binário e não ternário.

As formas *costui* (m.s.), *costei* (f.s.), *costoro* (m. e f. pl.) (com o valor de *este* ou *esse*) e *colui* (m.s.), *colei* (f.s.), *coloro* (m. e f. pl.) (com o valor de *aquele*) são literárias. A primeira pode ter um sentido pejorativo: *Chi è costui?*

5. As formas *ciò*, *quello/quel* usam-se antes de oração relativa ou de complemento nominal.

É de notar que *ciò* aparece em certas locuções: *cioè* (isto é), *perciò* (por esta razão), *acciocché* (a fim de que).

Em francês:

1. Os valores de "vizinhança do locutor/não vizinhança do locutor" são dados pelas partículas *ci* e *là* pospostas ao N: (*ces livres-ci*; *ces gens-là*), ou incorporadas a *ce*, nas formas de pronomes invariáveis (*ceci*, *cela*).

2. Antes de oração relativa ou de um complemento nominal, enquanto o português e o espanhol usam as formas *o*, *a*, *os*, *as* ou *el*, *lo*, *la*, *los*, *las*, o francês e o italiano usam as formas de demonstrativos *ce*, *c'*, *ciò*:

Faz o que te digo.	Hace lo que te digo.	Fa ciò/quello/ quel che ti dico.	Fais ce que je te dis.
Os do Porto são mais conservadores.	Los de Porto son mas conservadores.	Quelli di Porto sono piu conservatori.	Ceux de Porto sont plus conservateurs.

10.2.4. Os advérbios demonstrativos "localizadores"

aqui, cá	aquí, acá	qui, qua	ici
aí	ahí		
ali, lá	allí, allá	lì, là	là

Nas formas "localizadoras" que designam um espaço mais circunscrito (em *-i*) o português e o espanhol têm um sistema ternário: *aqui* (em relação ao locutor), *aí* (em relação ao alocutário), *ali* (um espaço que não pertence nem à vizinhança do locutor nem à do interlocutor); nas formas que designam a localização de forma mais vaga (em *-a*), o sistema é binário.

O italiano e o francês têm um sistema binário: *qui/qua*, *ici* para o locutor; *lì/là*, *là* indicando uma localização vaga, podendo ou não incluir o locutor (veja-se um exemplo como *Je suis là pour vous dire que...*, em que *là* inclui o espaço do locutor). Os mesmos valores podem ser encontrados nas formas compostas *quaggiù e quassù* (it.), *ici-bas* (fr.) (proximidade em relação ao locutor); *laggiù*, *lassù* (it.), *là-bas*, *là-haut* (fr.) (distância relativamente ao locutor). Note-se, no entanto, relativamente ao italiano a existência na Toscana das formas *costì*, *costà* (com valor de *aí*), o que mostra que a este nível houve uma certa "resistência" ao desaparecimento de um sistema ternário.

XI

Os relativos, os interrogativos e os exclamativos

11.1. OS RELATIVOS

Os pronomes relativos desempenham no interior das orações a que pertencem várias funções sintáticas correspondentes aos "lugares vazios" que representam.

11.1.1. As formas

Sujeito	que	que	che	qui
O. direto	que	que	che	que
O. de PREP (dativo ou oblíquo)				
[+ humano]	quem/o qual	quien/el cual	cui/il quale	qui/lequel
[– humano]	que/o qual	que/el cual (el) que	cui/il quale	lequel
Comp. nominal (genitivo)	cujo/do qual	cuyo/del cual	il cui/del quale	dont/duquel

11.1.2. Condições de emprego

Tal como em português, em espanhol e em italiano *que* e *che* são os morfemas relativos básicos, podendo desempenhar as funções de sujeito e de objeto direto na oração a que pertencem:

A menina que está a jogar no parque...	La niña que juega en el parque...	La ragazza che gioca nel parco...
A menina que vi no parque...	La niña que/a quien vi en el parque...	La ragazza che ho visto nel parco...

O francês distingue-se das outras três línguas por empregar *qui* como sujeito e *que* como objeto direto:

La fille qui joue dans le parc est jolie. (*qui* = sujeito)

La fille que j'ai vue dans le parc est jolie. (*que* = objeto direto)

O *que* em francês sofre apócope antes de vogal: *La femme qu'il aime.*

Enquanto em português o morfema *que* precedido de preposição pode funcionar como objeto indireto e como oblíquo, em espanhol emprega-se frequentemente o artigo *el* entre a PREP e o *que*:

El tema del que hablaste...

El tema de que hablaste...

Em francês e italiano, os morfemas *que* e *che* não podem vir precedidos de PREP, sendo então empregados os morfemas *qui/lequel* e *cui/il quale*, consoante o tipo de antecedente:

La table sur laquelle tu es assis...	L'argomento di cui mi voleva parlare...
La fille à qui j'ai donné un cadeau...	L'argomento del quale mi voleva parlare...
	La ragazza (a) cui ho dato un regalo...

Quando o antecedente da relativa é [+ humano], usam-se nas quatro línguas, desde que precedidos de preposição, os pronomes *quem*, *quien*, *cui*, *qui* (embora a forma italiana se empregue também para [– humano]). As quatro línguas dispõem das formas variáveis em número e em gênero *o qual*, *el cual*, *il quale*, *lequel*, que só se empregam (em relativas restritivas) precedidas de preposições:

O autor ao qual entregamos o primeiro prêmio...	El autor al cual entregamos el primer premio...	L' autore al quale abbiamo dato il primo premio...	L'auteur auquel nous avons donné le premier prix...

Nas construções de complementação nominal, o espanhol (à semelhança do português) emprega as formas variáveis em número e gênero *cuyo*, *de + el cual* ou *de + el que*:

La revista cuyo editorial he escrito...
La revista de la cual he escrito el editorial...
La revista de la que he escrito el editorial...

Para este tipo de construção, o francês dispõe da forma invariável *dont*:
La revue dont j'ai écrit l'éditorial...

Ao contrário de *cujo* e *cuyo*, *dont* não pode ser precedido de preposição, nem vir inserido numa expressão nominal por sua vez precedido de preposição; nesse caso surge a forma *lequel*:

Le garçon avec les parents duquel je veux parler...
La revue au directeur de laquelle je me suis adressée...

Em italiano, a forma *cui* precedida de artigo definido ou precedida da preposição *di* emprega-se em construções de complementação nominal (sendo a preposição *di* indispensável quando o sujeito da oração relativa e o complemento do antecedente são diferentes):

Un soldato il cui coraggio è straordinario...
Un soldato il coraggio del quale è straordinario...
Il soldato di cui io ammiro il coraggio...

Para a expressão do locativo, as línguas em estudo dispõem de formas paralelas a *onde* e *aonde*: *donde* (esp.), *dove* (it.), *où* (fr.):

El pais donde nací...	Il paese dove sono nato...	Le pays où je suis né...

As relativas apositivas (que se diferenciam das restritivas pela natureza do antecedente e pela marcação por pausa) caracterizam-se pela possibilidade de emprego das formas *o qual*, *el cual*, *il quale*, *lequel* como sujeito e objeto direto:

O pai dos meus amigos, o qual vive na América,...	El padre de mis amigos, el cual/ quien vive en América,...	Il padre dei miei amici, il quale vive in America,...	Le père de mes amis, lequel/qui vit en Amérique,...

Como os exemplos mostram, este aspecto só se verifica quando o antecedente é um nominal.

Quando o antecedente de uma relativa apositiva é uma frase ou um predicado, os pronomes usados são *o que*, *lo que/lo cual*, *il che*, *ce que/ce qui*

O João é simpático, o que não se pode dizer da Maria.	Juan es simpático, lo cual (lo que) no se puede decir de Maria.	Giovanni è simpatico, il che non si può dire di Maria.	Jean est sympathique, ce qu'on ne peut pas dire de Marie.

11.2. OS INTERROGATIVOS

Nos morfemas interrogativos podemos distinguir entre as formas invariáveis (pronomes ou advérbios) e as formas variáveis (umas só em número, outras em gênero e número). As formas variam ainda em função do valor humano/não humano.

11.2.1. As formas

F. invariáveis	quem	¿quién	chi	qui
[+ humano]	que/(o) que	¿qué	che	que/quoi
[– humano]	(o) quê			
	quando	¿cuándo	quando	quand
	como	¿cómo	come	comme(nt)
	quanto	¿cuánto	quanto	combien (de)
	onde	¿dónde/adónde	dove	où
	por que/por quê	¿por qué	perché	pourquoi
F. variáveis	qual (sing.)	¿cuál (sing.)	quale (sing.)	quel, quelle (sing.)
	quais (pl.)	¿cuáles (pl.)	quali (pl.)	quels, quelles (pl.)
				lequel etc.
	quanto,a,os,as	¿cuanto,a,os,as	quanto,a,i,e	----

O quadro seguinte ilustra o emprego das formas interrogativas nas quatro línguas:

	Quem são estes rapazes?	¿Quiénes son esos chicos?	Chi sono questi ragazzi?	Qui sont ces garçons?
	Com quem estavas a falar?	¿Con quién hablabas?	Con chi stavi parlando?	Avec qui parlais-tu?
	De que estavas a falar?	¿De qué hablabas?	Di che (di che cosa) stavi parlando?	De quoi parlais-tu?
	Que horas são?	¿Qué hora es?	Che ora è?	Quelle heure est-il?
	Que livros lês?	¿Qué libros lees?	Che/ quali libri leggi?	Quels livres lis-tu?
	Quantos são?	¿Cuántos son?	Quanti sono?	Combien sont-ils?
	Onde estamos?	¿Dónde estamos?	Dove siamo?	Où sommes-nous?

11.2.2. Algumas particularidades no emprego dos interrogativos

Em espanhol, a forma pronominal *quien* pode ser flexionada em número (*quién*, *quiénes*).

Nesta língua, a interrogação é assinalada por pontuação dupla no princípio e no fim da oração.

Em italiano, pode usar-se *che*, *che cosa* ou a forma reduzida *cosa*, como nos exemplos seguintes:

Che è successo?
Che cosa è successo?
Cosa è successo?

Em francês, destacam-se os seguintes aspectos:

a) *que* (forma átona) e *quoi* (forma tônica) têm um emprego de certo modo paralelo a *que* e *quê* em português: *que* em posição inicial; *quoi* em posição final:

Qu'as-tu fait?
Tu as fait quoi?

Mas depois de uma preposição e antes de verbo o francês usa exclusivamente a forma *quoi*:

De quoi s'agit-il?

Quoi usa-se ainda antes da forma *de* + adjetivo:

Quoi de neuf?

b) tal como nas expressões de quantidade em geral em francês, *combien* leva ao emprego da preposição *de*:

Combien de livres as-tu?

11.2.3. Ordem de palavras nas interrogativas

Tanto as interrogativas independentes como as subordinadas podem apresentar nas línguas românicas alterações à ordem básica de palavras.

Em português, a inversão nas interrogativas independentes opera em função da natureza dos morfemas que as iniciam: *O que fez a Maria? *O que a Maria fez? / Que livros a Maria comprou? Que livros comprou a Maria?*

Como construção alternativa, emprega-se a expressão *é que* geralmente sem inversão: *O que é que a Maria fez? / Que livros é que a Maria comprou?*

Em francês, fenômenos de certo modo paralelos se passam nas interrogativas, mas nesta língua o que é determinante é a natureza do sujeito. Assim, opera a inversão do sujeito quando este é um pronome; ocorre a "inversão complexa" (com uma forma de pronome pessoal associada ao verbo) ou uma inversão opcional, estilística quando o sujeito é uma expressão nominal "plena". O emprego de *est-ce que* é uma alternativa à inversão: *Qui aimes-tu? Quand Pierre est-il arrivé? / Quand est arrivé Pierre? Qui est-ce que tu aimes?*

11.2.4. Interrogação indireta

Quando a oração interrogativa é expressa por uma oração subordinada introduzida por um verbo do tipo de *perguntar*, *não saber*..., temos uma interrogação indireta:

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Não sei de que estavam a falar/falando.	No sé de qué estaban hablando.	Non so bene di (che) cosa stavano (stessero) parlando.	Je ne sais pas bien de quoi ils parlaient.

Em construções infinitivas desse tipo o pronome *quoi* é obrigatório (sendo *que* agramatical) quando precedido de preposição: **Je ne sais de que les enfants parlent*. Sem preposição, pode usar-se *que* ou *quoi*:

Je ne sais que faire. / Je ne sais pas quoi faire.

Lequel e *quel* podem usar-se em interrogativas diretas ou indiretas:

Lequel vas tu choisir?

J'ai vu plusieurs appartements mais je ne sais pas encore lequel je vais choisir.

C'est à quelle distance l'Université?

J'ignore quel livre tu as lu.

11.3. OS EXCLAMATIVOS

Certos morfemas apresentados no ponto anterior servem para introduzir as orações exclamativas, ilustradas nos seguintes exemplos:

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Que desgraça!	¡Qué desgracia!	Che disgrazia!	Quel malheur!
Como ela é bela!	¡Qué / Cuán bella es!	Com(e) è bella! Quanto è bella!	Qu'elle est belle! Comme elle est belle!

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Quantos livros tens! Tantos livros que tu tens!	¡Cuántos libros tienes!	Quanti libri hai!	Que de livres tu as! Tu en as des livres!
Quanto me alegro!	¡Cuánto me alegro!	Quanto me rallegro! Come mi fa piacere!	Comme je me réjouis!

Como os exemplos mostram, a exclamação pode afetar constituintes de natureza categorial distinta (nominal, adjetival, verbal) e daí as diferentes formas assumidas pelas exclamativas.

O espanhol marca graficamente a exclamação por pontuação no princípio e no fim da oração, assim como usa o acento no morfema exclamativo.

XII

A quantificação: os indefinidos

A noção de quantificação perpassa algumas classes de palavras, como os adjetivos (cf. 6.4) e os advérbios (cf. 18.5) que são passíveis de gradação.

Vejam-se, a título ilustrativo, os seguintes exemplos:

Mais/menos leite	Más/menos leche	Più/meno latte	Plus/moins de lait
Tantas	Tantas	Tante	Tant
Muitas folhas	Muchas hojas	Molte foglie	Beaucoup de feuilles
Poucas	Pocas	Poche	Peu
Demasiadas	Demasiadas	Troppe	Trop
Bastantes	Bastantes	Abbastanza	Assez
Tem muitas	Tiene muchas	Ne ha molte	Il en a beaucoup

Sob a designação tradicional de "indefinidos" incluem-se inúmeras palavras que do ponto de vista distribucional são ou adjetivos (antecedendo nomes) ou pronomes; do ponto de vista semântico exprimem diferentes e complexos valores ligados à quantificação.

12.1. QUANTIFICAÇÃO UNIVERSAL

12.1.1. *Todo, todos, tudo*

A referência à totalidade dos membros de um conjunto é dada por dois tipos de quantificadores – *todo* e *qualquer* – e seus correspondentes nas línguas românicas.

todo,a,os,as	todo,a,os,as	tutto,a,i,e	tout,e,tous,toutes

- Nas quatro línguas, a posição típica de *todo* como quantificador universal é antes de ART./DEM. + N:

todos os livros	todos los libros	tutti i libri	tous les livres

- Tal como em português, em espanhol e italiano *todos* precede o pronome pessoal:

todos nós	todos nosotros	tutti noi

Em francês, só a ordem inversa é gramatical (aliás, também possível nas outras línguas): *nous tous*/* *tous nous* (*nós todos*, *noi tutti*). Refira-se que no português do Brasil *todo* pode não ser seguido de artigo: *todo homem é mortal; todo o mundo/todo mundo* (com o sentido de *toda a gente*, *nós todos*)

• Ao lado de *tutto, tutti* o italiano emprega *quanto, quanti*: *Sono venuti tutti quanti.*

A forma *tudo* (port.), *todo* (esp.), *tutto* (it.) e *tout* (fr.) é invariável: *Entendi tudo. Lo entendí todo. Ha capito tutto. J'ai tout compris.*

12.1.2. *Qualquer, quaisquer* e formas complexas correspondentes

qualquer (d. + p.) quaisquer (d. + p.)	cualquier,a cualesquiera (d. + p.) quienquiera (d. + p.) quienesquiera (p.)	qualunque (d.) qualsiasi (d.) qualsiansi	quelconques (d.) quiconque (p.)
Dá-me uma qualquer.	Dami cualquiera de ellas.	Damene una qualunque.	Donne-moi n'importe laquelle.

Enquanto *qualquer* é usado em português antes do N ou depois do N (se este for precedido de *um*), em francês *quelconque* só se usa depois do N como quantificador: *une personne quelconque*. Antes do N, como na construção *une quelconque personne*, tem valor pejorativo.

Em italiano *qualunque* é invariável: *un giorno qualunque*.

As formas *qualsiasi* (depois do N) e *qualsiansi* (antes do N) [formas de plural] são formas literárias pouco usadas.

Além destas, as quatro línguas românicas dispõem das seguintes formas complexas, onde é possível distinguir a referência a [+ humanos] e [– animados]:

[+hum.]	seja quem for	sea quien sea	chiunque	quiconque
	quem quer que seja	quien quera que sea	chicchessia	que que ce soit n'importe qui
[–anim.]	o que quer que seja	sea lo que sea	checchessia	quoi que ce soit n'importe quoi

Alguns exemplos ilustrativos:

Seja quem for sabe isto.	Cualquiera sabe esto.	Chiunque (chicchessia) sa questo. Chiunque potrebe venire cosi.	N'importe qui sait cela.
Eu farei o que quer que seja.	Yo haré cualquier cosa/ lo que sea.	Io faró qualsiasi cosa/qualunque cosa.	

12.2. QUANTIFICAÇÃO DISTRIBUTIVA

O quantificador distributivo *cada* e seus correspondentes nas línguas românicas só se usam no singular. As formas de pronome são em geral obtidas pelo acrescentamento de *um,a* e seus equivalentes.

12.2.1. Adjetivos

cada (inv.)	cada (inv.)	ciascuno ogni (masc. fem. sem plural)	chaque (inv.)
Cada homem é mortal.	Cada hombre es mortal.	Ogni/ciascuno uomo è mortale.	Chaque homme est mortel.

12.2.2. Pronomes

cada um,a cada qual	cada uno,a	ciascuno,a ognuno,a	chacun,e
Eu indiquei um trabalho para cada um deles.	Yo he dado un laboro a cada un de ellos.	Io ho datto un lavoro a ciascuno de loro.	J'ai donné un devoir à chacun d'eux.

12.3. QUANTIFICADORES EXISTENCIAIS (VALORES DE SINGULARIDADE OU PLURALIDADE): QUANTIFICADORES DISCRETOS

12.3.1. Adjetivos

algum,a,s,as	alguno,a,os,as	alcuni,e (pl.)	quelque,s
um,a,uns,umas	uno,a,os,as	qualche (sempre no sing.)	un,e,des
pouco,a,os,as	poco,a,os,as	poco,a,pochi,e	peu de
muito,a,os,as	mucho,a,os,as	molto,a,i,e	beaucoup de
tanto,a,os,as	tanto,a,os,as	tanto,a,i,e	tellement de
outro,a,os,as	outro,a,os,as	altro,a,i,e	autre,s d'autres
bastante,s (1)	demasiado	troppo,a,i,e	trop de
bastante,s (2)	bastante,s	abbastanza	assez de
diverso,a,os,as	----------	diverso,a,i,e	divers
vários,as	varios,as	vario,a,i,e	plusieurs
certo,a,os,as	cierto,a,os,as	certo,a,i,e	certain,e,s,es

Obs.: 1. No português do Brasil *bastante* não flexiona e é comumente empregado como forma de quantificar nomes massivos: *bastante dinheiro*; *imenso* só se usa como adjetivo e nunca como advérbio de quantidade: *esse imenso Portugal*.

2. Os dois sentidos de *bastante* em português ["em elevado número" (1) e "o suficiente para" (2)] são dados nas outras línguas por palavras distintas:

(1) Ele bebeu bastante vinho.	El ha bebido demasiado vino.	Ha bevuto troppo vino.	Il a bu trop de vin.
(2) É bastante peixe.	Es bastante pez.	C'è abbastanza pesce per tutti.	C'est assez de poisson pour tout le monde.

3. Enquanto em potuguês, espanhol e francês *vários* e seus correspondentes se usam sempre no plural, no italiano *parechio* pode usar-se no singular com o significado de *algum*: *Lui ha parechio denaro*.

12.3.2. Pronomes (variáveis ou invariáveis)

muito	mucho	molto, assai	beaucoup (de)
pouco	poco	poco	peu de
um,a,uns,umas	uno,a,os,as	uno,a (sem pl.)	l'un, l'une les uns, les unes
outro,a,os,as	otro,a,os,as	altro,a,i,e altri (= un altro)	un autre, une autre d'autres (só masc. sing.)
algo (alguma coisa)	algo	qualcosa/qualche cosa	quelque chose
alguém	alguien	qualcuno	quelqu'un

12.4. QUANTIFICAÇÃO DE CONJUNTO VAZIO

12.4.1. Adjetivos e formas variáveis de pronomes

nenhum,a,uns,umas	ninguno,a,os,as ningún: ningún sitio	nessuno,a	aucun,e,s,es nul, nulle pas un, pas une
Destes livros não li nenhum.	Destos libros no he leído ninguno.	Di questi libri non ne ho letto nessuno/alcuno	De ces livres je n'en lu aucun.

Obs.: Em português, a forma *algum*, quando posposta ao N, toma valor negativo: *Pessoa alguma chegou = Não chegou nenhuma pessoa*.

Em espanhol, a construção existe mas é literária: *No llegò persona alguna*.

12.4.2. Pronomes invariáveis

[+ hum.]	ninguém	nadie	nessuno	personne
[– hum.]	nada	nada	nulla niente	rien

Sobre a sintaxe das frases contendo palavras de sentido negativo veja-se o capítulo XVIII.

12.5. ELEMENTOS DE QUANTIFICAÇÃO: SÍNTESE DAS DIFERENÇAS PRINCIPAIS

São as seguintes as principais diferenças na expressão da quantificação nas quatro línguas:

1. Os clíticos *en* e *ne* em francês e italiano: nestas duas línguas usam-se clíticos nas construções quantitativas como forma de representar o núcleo nominal da construção. O valor desse núcleo nominal é normalmente recuperado pelo contexto:

Il a mangé beaucoup de fraises. / Il en a mangé beaucoup.
Ha mangiato molte fragole. / Ne ha mangiato molte.

2. Em francês usam-se *un*, *des*, *quelques* e numerais em distribuição complementar:

J'ai lu des/dix/quelques livres.
**J'ai lu des quelques livres.*

Em português e espanhol o indefinido *um* pode combinar-se com o cardinal exprimindo a quantidade aproximada:

Li uns dez livros nas férias.
He leído unos diez libros en vacaciones.

3. Em francês, *des* não pode surgir isolado, mesmo numa construção com o clítico *en*, ao contrário dos seus correspondentes nas outras línguas:

**J'en ai mangé des.*
J'en ai mangé plusieurs.

4. Em francês, muitos quantificadores são invariáveis e exigem a preposição *de* antes do nome.

5. Para exprimir a quantificação não definida de uma substância, o francês dispõe do chamado "artigo partitivo" (ver cap. VII):

Je veux de l'eau/du pain.

O italiano dispõe também do artigo partitivo:
Vorrei dell'acqua/vorrei del pane.

XIII

A quantificação: os numerais

Os numerais podem exprimir a cardinalidade ou a ordem.

13.1. NUMERAIS CARDINAIS

13.1.1. Formas

	Português	Espanhol	Italiano	Francês
0	zero	cero	zero	zero
1	um, uma	uno, una	uno, una	un, une
2	dois	dos	due	deux
3	três	três	tre	trois
4	quatro	cuatro	quattro	quatre
5	cinco	cinco	cinque	cinq
6	seis	seis	sei	six
7	sete	siete	sette	sept
8	oito	ocho	otto	huit
9	nove	nueve	nove	neuf
10	dez	diez	dieci	dix
11	onze	once	undici	onze
12	doze	doce	dodici	douze
13	treze	trece	tredici	treize
14	quatorze (PB) catorze (PB e PE)	catorce	quattordici	quatorze
15	quinze	quince	quindici	quinze
16	dezesseis (PB) dezasseis (PE)	dieciséis	sedici	seize
17	dezessete (PB) dezassete (PE)	diecisiete	diciassette	dix-sept
18	dezoito	dieciocho	diciotto	dix-huit
19	dezenove (PB) dezanove (PE)	diecinueve	diciannove	dix-neuf
20	vinte	veinte	venti	vingt
21	vinte e um, -a	veintiuno, -a	ventuno, -a	vingt et un, -e
22	vinte e dois/duas	veintidós	ventidue	vingt-deux
30	trinta	treinta	trenta	trente
31	trinta e um, -a	treinta y uno, -a	trentuno, -a	trente et un, -e
33	trinta e três	treinta y três	trentatré	trente-trois

40	quarenta	cuarenta	quaranta	quarante
44	quarenta e quatro	cuarenta y quatro	quarantaquatto	quarante-quatre
50	cinquenta	cincuenta	cinquanta	cinquante
55	cinquenta e cinco	cincuenta y cinco	cinquantacinque	cinquante-cinq
60	sessenta	sesenta	sessanta	soixante
66	sessenta e seis	sesenta y seis	sessantasei	soixante-six
70	setenta	setenta	settanta	soixante-dix
77	setenta e sete	setenta y siete	settantasette	soixante-dix-sept
80	oitenta	ochenta	ottanta	quatre-vingts
88	oitenta e oito	ochenta y ocho	ottantaotto	quatre-vingt-huit
90	noventa	noventa	novanta	quatre-vingt-dix
99	noventa e nove	noventa y nueve	novantanove	quatre-vingt-dix--neuf
100	cem	cien	cento	cent
101	cento e um	ciento uno, -a	centuno	cent um, -e
102	cento e dois	ciento dos	centodue	cent deux
111	cento e onze	ciento once	centoundici	cent onze
123	cento e vinte e três	ciento veintitrés	centoventitré	cent vingt-trois
200	duzentos, -as	doscientos, -as	duecento	deux cents
300	trezentos, -as	trescientos, -as	trecento	trois cents
400	quatrocentos, -as	cuatrocientos, -as	quattrocento	quatre cents
500	quinhentos, -as	quinientos, -as	cinquecento	cinq cents
600	seiscentos, -as	seiscientos, -as	seicento	six cents
700	setecentos, -as	setecientos, -as	settecento	sept cents
800	oitocentos, -as	ochocientos, -as	ottocento	huit cents
900	novecentos, -as	novecientos, -as	novecento	neuf cents
1.000	mil	mil	mille	mille
15.000	quinze mil	quince mil	quindicimila	quinze mille
100.000	cem mil	cien mil	centomila	cent mille

Exemplos de números complexos:

O ano *1793*:
PORTUGUÊS: *mil setecentos e noventa e três*
ESPANHOL: *mil setecientos noventa y três*
ITALIANO: *millesettecentonovantatré*
FRANCÊS: *mil sept cent quatre-vingt-treize* ou *dix-sept cent quatre-vingt-treize*

O numeral *726.342.783*:
PORTUGUÊS: *setecentos e vinte e seis milhões trezentos e quarenta e dois mil setecentos e oitenta e três*
ESPANHOL: *setecientos veintiséis millones trescientos cuarenta y dos mil setecientos ochenta y três*
ITALIANO: *settecentoventisei milioni trecentoquarantaduemila settecentottantatré*
FRANCÊS: *sept cent vingt-six millions trois cent quarante-deux mille sept cent quatre-vingt-trois*

13.1.2. Formação e emprego

1. De 22 a 99, os numerais apresentam formação regular nas quatro línguas: em português e em espanhol, os elementos são unidos por meio de um coordenante; em francês, por meio de um traço de união (com exceção dos numerais com *un*, *-e* de 21 a 71); em italiano, por mera justaposição. Somente em português se conserva a conjunção depois de *cento* e seus múltiplos.

Observa-se essa mesma distribuição das línguas em relação à concordância (port. e esp.) e à não concordância (it. e fr.) em gênero dos nomes de centenas a partir de 200.

2. O espanhol e o português apresentam as variantes *ciento/cien* e *cento/cem* nos mesmos contextos: *cien vezes/cem vezes*, *cien mil/cem mil*, mas *ciento y dos/cento e dois*, *cinco por ciento/cinco por cento*.

As poucas variantes entre os usos brasileiro e europeu estão indicadas no quadro anterior.

3. Somente em italiano há um plural para *mille*: *milla*. Diante de *uno* e *otto*, *venti* perde o *-i* final e *trenta*, *quaranta* etc. o *-a* final.

Nos cardinais compostos com *uno*, *-a* é frequente a queda da vogal final, qualquer que seja a palavra seguinte; ex.: *ventun libri* (vinte e um livros), *trentun navi* (trinta e um navios).

4. O francês distingue-se das línguas meridionais na formação dos numerais 70, 80 e 90: procede-se a uma adição em 70, 75 (*soixante-dix* = 60 + 10; *soixante-quinze* = 60 + 15), a uma multiplicação em 80 (*quatre-vingts* = 20 x 4), ou à combinação

das duas operações em 90 (*quatre-vingt-dix* = (20 x 4) + 10). Na Bélgica e na Suíça, entretanto, usam-se as formas *septante*, *huitante* (ou *octante*) e *nonante*.

De 1.100 a 1.999 é possível escolher entre as formas "regulares" (*mille cent...*, *mille neuf cent...*) e as formas *onze cent... dix-neuf-cent...*

Algumas particularidades gráficas: a) usa-se um traço de união entre os algarismos das dezenas e os das unidades (com exceção de *un*, *-e*); b) não se escreve o *-s* do plural que ocorre em *quatre-vingts* ou em *deux cents*, *trois cents* etc. quando estes são seguidos de outro algarismo; c) na designação das datas, a forma *mille* dá lugar à forma breve *mil*.

13.2. NUMERAIS ORDINAIS

13.2.1. Formas

	Português	Espanhol	Italiano	Francês
1°	primeiro	primero	primo	premier
2°	segundo	segundo	secondo	second, deuxième
3°	terceiro	tercero	terzo	troisième
4°	quarto	cuarto	quarto	quatrième
5°	quinto	quinto	quinto	cinquième
6°	sexto	sexto	sesto	sixième
7°	sétimo	séptimo	settimo	septième
8°	oitavo	octavo	ottavo	huitième
9°	nono	noveno	nono	neuvième
10°	décimo	décimo	decimo	dixième
11°	décimo primeiro	undécimo	undicesimo	onzième
12°	décimo segundo	duodécimo	dodicesimo	douzième
13°	décimo terceiro	décimo tercero	tredicesimo	treizième
20°	vigésimo	vigésimo	ventesimo	vingtième
21°	vigésimo primeiro	vigésimo primero	ventunesimo	vingt et unième
30°	trigésimo	trigésimo	trentesimo	trentième
40°	quadragésimo	cuadragésimo	quarantesimo	quarantième
50°	quinquagésimo	quincuagésimo	cinquantesimo	cinquantième
60°	sexagésimo	sexagésimo	sessantesimo	soixantième
70°	septuagésimo	septuagésimo	settantesimo	soixante-dixième
80°	octogésimo	octogésimo	ottantesimo	quatre-vingtième
90°	nonagésimo	nonagésimo	novantesimo	quatre-vingt--dixième
100°	centésimo	centésimo	centésimo	centième
1.000°	milésimo	milésimo	millesimo	millième

Também no que se refere à formação dos ordinais, as quatro línguas se organizam em dois grupos, de um lado o português e o espanhol, de outro o italiano e o francês:

- as duas primeiras adotam a forma ordinal para os algarismos justapostos; ex.:
  trigésimo sexto (36°) *octogésimo quinto* (85°)
- nas duas últimas, as formas cardinais são simplesmente acrescidas de um sufixo específico após perderem a vogal átona final:
- *esimo* em italiano a partir de 11°; ex.:
  trentaseiesimo *ottantacinquesimo*
- *ième* em francês a partir de 2°; ex.:
  trente-sixième *quatre-vingt-cinquième*

Obs.: O italiano (a partir de 11°) também possui ordinais compostos, menos usados; ex.: *vigesimoprimo* (21°).

Os ordinais variam em gênero e número nas quatro línguas, concordando com os nomes ou pronomes a que se referem; em francês, porém, em virtude da terminação, a marca feminina só se manifesta em *première* e *seconde*.

13.2.2. Emprego

1. Se em italiano e em francês empregam-se sem dificuldade todas as formas ordinais, nas línguas ibéricas as formas compostas são de emprego raro. Por exemplo, para traduzir

il centocinquantaquattresimo giorno dell'anno (it.) e
le cent-cinquante-quatrième jour de l'année (fr.),
costuma-se dizer simplesmente
o dia cento e cinquenta e quatro do ano (port.) e
el dia ciento cincuenta y cuatro del año (esp.).

Para indicar a ordem das páginas de um livro, em espanhol e em português também se empregam normalmente as formas cardinais: *página dos/página dois*.

2. Essa resistência às formas latinizantes também se manifesta na numeração dos séculos, dos soberanos e dos papas, de diferentes maneiras nas quatro línguas.

Nesses casos, em português como em espanhol não se empregam os ordinais nas referências numéricas acima de *décimo*. Diz-se *El siglo VI* (*sexto*)*/O século VI* (*sexto*), *Alfonso IV* (*cuarto*)*/Afonso IV* (*quarto*), mas *El siglo XVIII* (*dieciocho*)*/O século XVIII* (*dezoito*), *León XIII* (*trece*)*/Leão XIII* (*treze*).

Em italiano, para os séculos a partir do XIII, a par dos ordinais *il secolo tredicesimo*, *quattordicesimo* etc., empregam-se preferencialmente as formas baseadas nos cardinais *il Duecento*, *il Trecento* até *il Novecento* (o século XX).

Paradoxalmente, o francês, que utiliza correntemente seus ordinais, limita-os ao primeiro na designação dos reis ou papas; ex.:

François premier (Francisco I) porém *Henri quatre* (Henrique IV)
Jean-Paul premier (João Paulo I) *Pie sept* (Pio VII)

XIV

Morfossintaxe do verbo

14.1. INTRODUÇÃO

A origem latina comum conferiu à morfossintaxe do verbo em português, espanhol, italiano e francês um padrão estrutural fundamentalmente idêntico. As categorias de tempo/modo e de número/pessoa, bem como as variações aspectuais, são expressas mediante os mesmos recursos gramaticais, a despeito de algumas divergências no conjunto dos tempos e no emprego de umas poucas formas, que a exposição a seguir tem por objetivo salientar.

14.1.1. Terminologia: quadro comparativo

Não são muitas as diferenças terminológicas para designar os tempos e os modos, como revela o quadro seguinte:

Formas impessoais			
Infinitivo impessoal (PB) Infinitivo (ou infinito) não flexionado (PE)	Infinitivo	Infinito	Infinitif
Gerúndio	Gerundio	Gerundio/ Participio presente	Gérondif/ Participe présent
Particípio	Participio	Participio passato	Participe passé
Formas pessoais			
Infinitivo pessoal (PB) Infinitivo flexionado (PE)			
Presente	Presente	Presente	Présent
Pretérito imperfeito	Pretérito imperfecto	Imperfetto	Imparfait
Pretérito perfeito simples	Pretérito indefinido	Passato remoto	Passé simple
Futuro do presente simples (PB) Futuro simples (PE)	Futuro imperfecto	Futuro semplice	Futur simple
Futuro do pretérito simples (PB) Condicional simples (PE)	Condicional (simple o imperfecto)	Condizionale presente	Conditionnel présent

Pretérito perfeito composto	Pretérito perfecto	Passato prossimo	Passé composé
Pretérito mais-que-perfeito simples/composto	Pretérito Pluscuamperfecto	Trapassato prossimo	Plus-que-parfait
----------	Pretérito anterior	Trapassato remoto	Passé antérieur
Futuro composto	Futuro perfecto	Futuro anteriore	Futur antérieur
Futuro do pretérito composto (PB) Condicional composto (PE)	Condicional composto (o perfecto)	Condizionale passato	Conditionnel passé
Subjuntivo (PB) Conjuntivo (PE)	Subjuntivo	Congiuntivo	Subjonctif
Presente	Presente	Presente	Présent
Pretérito imperfeito	Pretérito imperfecto	Imperfecto	Imparfait
Futuro (simples)	Futuro imperfecto	----------	----------
Pretérito perfeito (PB) Perfeito (PE)	Pretérito perfecto	Passato	Passé
Pretérito mais-que-perfeito	Pretérito pluscuamperfecto	Trapassato	Plus-que-parfait
Futuro composto	Futuro perfecto	----------	----------
Imperativo	Imperativo	Imperativo	Impératif

No quadro acima, explicitamos a nomenclatura dos "tempos compostos" relativa apenas às formas verbais que expressam algum tempo. Chamam-se tempos compostos porque são expressos mediante um verbo auxiliar seguido do particípio do verbo principal. Os verbos auxiliares não só participam da construção das formas compostas, como intervêm na história de certas formas simples.

14.1.2. Apresentação dos verbos auxiliares

A seleção dos principais verbos auxiliares – cuja conjugação, muito irregular, figura no anexo I – separa nitidamente o português e o espanhol de um lado, e o italiano e o francês de outro: em face dos pares *haver/ter*, *ser/estar*, do português, e *haber/tener*, *ser/estar*, do espanhol, o italiano e o francês se servem fundamentalmente do verbo que corresponde, na maioria das vezes, ao primeiro membro dos referidos pares, respectivamente *avere* e *essere*, *avoir* e *être*. Esquematizando:

haver	haber	avere	avoir
ter	tener		
ser	ser	essere	être
estar	estar		

Como veremos (cf. 14.4.1, 15.2.1), a repartição entre os diferentes auxiliares pode variar de uma língua para outra por motivos sintáticos ou semânticos.

Estes auxiliares intervêm principalmente na expressão:

- do "aspecto", isto é, a duração ou desenvolvimento da ação, como na perífrase *estava pintando*, que acentua a duração do processo de *pintar*, na combinação *havia/tinha pintado*, que expressa a conclusão, no passado, do ato de *pintar*;
- da "voz", em que o auxiliar *ser* – ou mesmo *estar* – é usado junto ao particípio para exprimir a condição de "paciente" do sujeito. Cf. *era/estava pintado* e *pintava*;
- e de certas modalidades, como, por exemplo, a obrigação (*ter* ou *haver de pintar*) e a possibilidade (*poder pintar*).

Obs.: Em português, as formas *encontrei* (pretérito perfeito simples do indicativo) e *tenho encontrado* (pretérito perfeito composto do indicativo) expressam diferenças aspectuais de um fato situado em um momento passado. *Encontrei* denota um ato único, e equivale ao francês *j'ai retrouvé*, ao espanhol *he encontrado* e ao italiano *ho trovatto*. *Tenho encontrado*, por sua vez, significa um fato que tem início em algum momento do passado e se repete ou se estende até o momento presente.

14.1.3. As três classes de conjugação

Cada forma verbal consiste na combinação de um radical e uma terminação, p. ex.: *cant-o*, *cant-as*, *cant-ava*, *cant-ei* são formas do verbo *cant-ar*. Essas terminações variam de acordo com a classe formal – ou conjugação – a que o verbo pertence, como se nota no infinitivo dos verbos *cantar*, *vender* e *unir*, que pertencem, respectivamente, à primeira, à segunda e à terceira conjugação. A vogal destacada nos exemplos, chamada vogal temática, aparece em muitas outras formas, conforme comprovam as seguintes sequências:

cantar, *cantamos*, *cantais*, *cantarás*, *cantariam*, *cantai*
vender, *vendemos*, *vendeis*, *venderás*, *venderiam*, *vendei*
partir, *partimos*, *partis*, *partirás*, *partiriam*, *parti*

Nas outras três línguas há também três conjugações. Em português, espanhol e italiano encontram-se as mesmas vogais temáticas, *a*, *e*, *i*. O francês é,

a esse respeito, mais complexo: a vogal temática da primeira conjugação é normalmente grafada como *e*, e se pronuncia como [e] em posição tônica e como [ə] mudo ou neutro em posição átona; a segunda conjugação não se caracteriza por nenhuma vogal temática, compreendendo, porém, dois subtipos: um com o infinitivo terminado em *-re* (p. ex.: *vendre* [vender]) e outro com o infinitivo em *-oir* (p. ex.: *devoir* [dever]); somente na terceira conjugação o francês se equipara às outras três línguas, já que apresenta, no infinitivo, a vogal temática *i*. O quadro abaixo resume os três tipos de conjugação nas quatro línguas, segundo a terminação dos respectivos infinitivos:

Primeira conjugação	cantar	cantar	cantare	chanter
Segunda conjugação	vender	vender	vendere	vendre devoir
Terceira conjugação	unir	unir	unire	unir

Não há, entre as quatro línguas, correspondência total na distribuição dos verbos pelas três conjugações. A lista das exceções é muito extensa e requer consulta frequente aos dicionários. São citados a seguir alguns exemplos que servem para ilustrar as espécies de divergência.

Português e espanhol comparados ao italiano e ao francês:

consistir	*consistir*	*consistere*	*consister*
decidir	*decidir*	*decidere*	*décider*
repetir	*repetir*	*repetere*	*répéter*

As quatro línguas se agrupam duas a duas:

oferecer	*ofrecer*	*offrire*	*offrir*
permitir	*permitir*	*permettere*	*permettre*
conceber	*concebir*	*concepire*	*concevoir*
gemer	*gemir*	*gemere*	*gémir*

Apenas uma língua em face das outras três:

morrer	*morir*	*morire*	*mourir*
receber	*recibir*	*ricevere*	*recevoir*
seguir	*seguir*	*seguire*	*suivre*
aparecer	*aparecer*	*apparire*	*apparaître*
ter	*tener*	*tenere*	*tenir*

14.2. AS FORMAS NÃO PESSOAIS

As formas não pessoais ocupam um lugar central no sistema morfológico das quatro línguas: o infinitivo é a forma que representa o verbo no dicionário, além de ser um ponto de referência para a formação de outros tempos; o gerúndio mostra intacta a raiz em uma série de verbos franceses com infinitivo contracto (ex.: *écri*-re [escrever] e seu gerúndio *écriv*-ant); esta raiz intacta, deduzida do gerúndio, é utilizada na construção de pessoas plurais do presente do indicativo, do presente do subjuntivo, do pretérito imperfeito e, às vezes, do pretérito perfeito. O particípio é indispensável para a formação dos tempos compostos e da voz passiva. Além disso, as formas não pessoais servem para construir um amplo rol de locuções verbais.

14.2.1. O infinitivo

Já vimos (cf. 14.1.3) que a vogal temática do infinitivo indica a conjugação em que se enquadra o verbo.

Note-se que, se em português e em espanhol todos os infinitivos são acentuados na última sílaba, na segunda conjugação em italiano não há esta uniformidade: uns são paroxítonos (p. ex.: *dovere*) e outros, mais numerosos, são proparoxítonos (p. ex.: *vendere*).

Em português, vale lembrar, o infinitivo perde o *-r* final quando vem seguido pelas formas *-lo*, *-la*, *-los*, *-las*, variantes dos pronomes átonos *o*, *a*, *os*, *as* (p. ex.: *cantá-la*, *vendê-lo*, *achá-las*).

14.2.2. O gerúndio

As formas regulares são:

Primeira	*cant***ando**	*cant***ando**	*cant***ando**	*chant***ant**
Segunda	*vend***endo**	*vend***iendo**	*vend***endo**	*vend***ant**
Terceira	*un***indo**	*un***iendo**	*un***endo**	*un***issant**

Observações:

O italiano e o espanhol têm uma desinência comum para a segunda e a terceira conjugações, ao passo que o português conserva as três vogais temáticas.

Em francês, o gerúndio é formado pela desinência única *-ant* nas três conjugações; na maior parte dos verbos da terceira conjugação, contudo, a raiz é ampliada pelo infixo *-iss-* (ex.: *un-**iss**-ant*). Apenas cerca de vinte verbos não apresentam esse infixo; são exemplos:

dormir (dormir)	*dormant*	*ouvrir* (abrir)	*ouvrant*
partir (ir-se, partir)	*partant*	*servir* (servir)	*servant*
sortir (sair)	*sortant*	*venir* (vir)	*venant*

O gerúndio dos verbos franceses do segundo grupo apresentam outra dificuldade quando apresentam um tema diverso do que ocorre no infinitivo, o qual serve para a formação de outros tempos do paradigma (cf. 14.2): muitas vezes modifica-se, gráfica e foneticamente, a parte final do radical. Os exemplos a seguir ilustram essas particularidades:

- *-gnant* para os verbos em *-aindre*, *-eindre*, *-oindre*:

craindre (temer)	*craignant*
feindre (fingir)	*feignant*
joindre (juntar)	*joignant*

- *-sant* para os verbos em *-uire* ou consoante + *-ire*:

conduire (conduzir)	*conduisant*
construire (construir)	*construisant*
dire (dizer)	*disant*
lire (ler)	*lisant*
e também	
faire (fazer)	*faisant*

- *-ssant* para os verbos em *-ître*:

paraître (parecer)	*paraissant*
croître (crescer)	*croissant*

- *-vant* para:

boire (beber)	*buvant*
écrire (escrever)	*écrivant*

- e outros casos como:

prendre (tomar)	*prenant*

14.2.3. O particípio

14.2.3.1. Particípio "passado" e particípio "presente"

Em italiano e em francês, por oposição ao particípio *passato* ou *passé*, menciona-se a existência de um "particípio presente", que em francês é expresso pela mesma forma do gerúndio, mas em italiano se apresenta com marcas formais próprias:

- *-ante* para os verbos em *-are* (parlare → parlante)
- *-ente* para os verbos em *-ire* (partire → partente)

14.2.3.2. Formas regulares do particípio

As formas regulares do particípio comum são:

Primeira	cantado	cantado	cantato	chanté
Segunda	vendido (seguido)	vendido	venduto	vendu suivi (de suivre)
Terceira	unido (vestido)	unido	unito	uni vêtu (de vêtir)

Não há paralelismo com a formação do gerúndio, uma vez que, no caso, o português, assim como o espanhol, não apresenta mais do que duas desinências: *-ado* para a primeira conjugação e *-ido* para a segunda e a terceira. Em italiano há uma desinência para cada grupo. Em francês, a segunda e a terceira conjugações oferecem duas vogais desinenciais cuja distribuição é desigual: *u* predomina na segunda conjugação, *i* na terceira. A mesma dupla possibilidade reaparece no pretérito indefinido (cf. 14.3.8.1).

14.2.3.3. Os particípios irregulares

Entre estes, os chamados *particípios fortes* se distinguem por apresentarem uma raiz especial na qual incide o acento tônico. Encontramo-los nas quatro línguas, embora no português e no espanhol seu número seja mais limitado do que no francês e, sobretudo, no italiano, em que são numerosos. Além disso, no caso do italiano, estes particípios pertencem a verbos que também são fortes no pretérito indefinido. O quadro abaixo exemplifica tais particípios:

-duzir: duzido	-ducir: ducido	-durre: **dotto**	-duire: **duit**
meter: metido	meter: metido	mettere: **messo**	mettre: **mis**
morrer: morrido/ **morto**	morir: **muerto**	morire: **morto**	mourir: **mort**
nascer: nascido/ **nato**	nacer: nacido/ **nato**	nascere: **nato**	naître: **né**
pôr: **posto**	poner: **puesto**	porre: **posto**	--------
prender: prendido **preso**	prender: prendido/ **preso**	prendere: **preso**	prendre: **pris**
romper: rompido/ **roto**	romper: **roto**	rompere: **rotto**	rompre: **rompu**
volver: volvido	volver: **vuelto**	volgere: **volto**	--------

Outras irregularidades:

- a desinência própria de um grupo passa a outra conjugação, por exemplo: em italiano *esistito* para *esistere*, *venuto* para *venire*... e em francês *été* para *être*;
- algumas que não admitem sistematização, como nos exemplos:

abrir: aberto	abrir: abierto	aprire: aperto	ouvrir: ouvert
oferecer: oferecido	ofrecer: ofrecido	offrire: offerto	offrir: offert

14.3. FORMAS PESSOAIS SIMPLES

Nossa exposição acompanha a distribuição morfológica que se impõe, por um lado, entre as formas simples e, por outro, entre as que requerem a mediação de um auxiliar, isto é, as formas compostas.

14.3.1. Blocos de conjugação

De modo geral, nas quatro línguas observa-se a constituição dos mesmos blocos de conjugação:

- os presentes do indicativo, do subjuntivo e do imperativo;
- os futuros do presente e do pretérito (condicional);
- o pretérito imperfeito do indicativo;
- o pretérito indefinido do indicativo com o pretérito e o futuro do subjuntivo, sem que deixem de manifestar-se certas diferenças, especialmente no modo subjuntivo.

Considerando somente as formas simples, o espanhol atual com suas três séries de formas (*um presente, dois pretéritos imperfeitos*) tem tantas – embora não idênticas – quantas tem o português (*presente, pretérito imperfeito, futuro simples*), ao passo que o italiano não oferece mais do que duas possibilidades (*presente, imperfeito*) e o francês comum apenas uma (*le présent*, cf. 15.4.2.5).

14.3.2. As marcas de pessoa

A divergência mais notável entre as quatro línguas diz respeito às marcas pessoais, como já assinalamos a propósito dos pronomes da mesma espécie (cf. 8.1). Neste aspecto, o português, o espanhol e o italiano – que em geral podem indicar a pessoa do sujeito tão somente por meio da desinência verbal – distinguem-se do francês, que requer na maioria dos casos a presença de um pronome sujeito unido ao verbo.

Esta ocorrência do pronome na conjugação francesa justifica-se plenamente na comunicação oral, já que as três formas verbais do singular e a última do plural, apesar de suas diferenças gráficas, têm ordinariamente a mesma pronúncia.

Assim, no presente do indicativo e do subjuntivo
je chante, tu chantes, il/elle chante, ils/elles chantent

ou no imperfeito do indicativo
je chantais, tu chantais, il/elle chantait, ils/elles chantaient

a forma estritamente verbal é pronunciada uniformemente [ʃãt] para o presente e [ʃãtɛ] para o imperfeito; portanto, só o pronome indica sem ambiguidade a que sujeito o verbo se aplica.

O mesmo desgaste oral das desinências, compensado pela presença de um pronome, ocorre em certas zonas dialetais do espanhol (na Andaluzia ou na América) e na língua popular do Brasil. Por outro lado, o português falado no Brasil, diferentemente do português europeu, prefere a construção com a presença do pronome pessoal sujeito mesmo quando a desinência verbal já o assinala (ex.: *eu canto, eu posso* são mais comuns do que *canto* e *posso*).

Reunindo os morfemas de pessoa e número que estruturam mais regularmente as conjugações nas quatro línguas, obtemos o seguinte resultado (em que Ø não significa o vazio, mas a presença de uma vogal variável):

P1	Ø	Ø	Ø	Ø / -s
P2	-s	-s	Ø	-s
P3	Ø	Ø	Ø	Ø / -t
P4	-mos	-mos	-mo	-nos
P5	-is	-is	-te	-ez
P6	-m	-n	-no	-nt

Nota-se claramente, deste ponto de vista, que há muitos pontos em comum:

- o conjunto de formas do singular – marcadas principalmente por diferenças vocálicas – opõe-se ao conjunto das formas do plural – de marcas mais consistentes, com a presença de *m* ou de *n* para P4 e P6;
- o português e o espanhol apresentam grande afinidade; o italiano e o francês, por outro lado, se distinguem pelas marcas do singular: vocalismo para o primeiro, variedade para o segundo.

Recordemos ainda uma vez que a presença de um pronome enclítico modifica às vezes a parte final da desinência, como nas formas espanholas *lavémonos, lavaos*. É o que acontece com o *-s* ou o *-z* final dos verbos portugueses quando a eles se segue o pronome *o(s)* ou *a(s)*, como demonstram os exemplos

vendemo-las (vendemos + as), *fa-lo* (faz + o) (cf. 8.3.2.b). Também a desinência *–mos* de P4 perde o *-s* final diante de *nos*: *lavamo-nos* (lavamos + nos).

Nos itens a seguir, continuaremos a apresentar paradigmas paralelos de seis formas, sem esquecer, contudo, que no Brasil, em Portugal e na América hispânica já não se empregam as formas referentes a P5 (cf. 8.4.2.2, 8.4.2.3).

14.3.3. O infinitivo flexionado ou pessoal do português

Esta é uma das maiores originalidades da língua portuguesa: a possibilidade de acrescentar desinências pessoais à forma do infinitivo para a construção de um "infinitivo flexionado", "conjugado" ou "pessoal":

P1	*fazer*	P4	*fazer***mos**	
P2	*fazer***es**	P5	*fazer***des**	em face da forma impessoal *fazer*
P3	*fazer*	P6	*fazer***em**	

A desinência especial *-des*, de P5, encontra-se também no futuro do subjuntivo e no presente do indicativo de uns poucos verbos da segunda e da terceira conjugações (*ler*, *ter*, *ver*, *pôr*, *vir*, *ir*, *rir* e respectivos derivados). Os paradigmas do infinitivo flexionado e do futuro do subjuntivo se confundem na maior parte dos verbos, v.g. todos os regulares e os irregulares fracos. No caso dos verbos irregulares fortes – que apresentam no pretérito perfeito (simples) um tema diverso do infinitivo impessoal – o futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito, segue um paradigma distinto do infinitivo pessoal (cf. *fazeres* e *fizeres*, *sabermos* e *soubermos*) (cf. 14.3.9.2).

14.3.4. Presente do indicativo e presente do subjuntivo

Estes dois presentes vêm agrupados a seguir segundo suas semelhanças formais.

14.3.4.1. O presente do indicativo regular

Primeira conjugação (verbos em *-ar* e seus equivalentes nas outras línguas)

canto	*canto*	*canto*	*je chante*
cantas	*cantas*	*canti*	*tu chantes*
canta	*canta*	*canta*	*il chante*
cantamos	*cantamos*	*cantiamo*	*nous chantons*
cantais	*cantáis*	*cantate*	*vous chantez*
cantam	*cantan*	*cantano*	*ils chantent*

Segunda conjugação (verbos em *-er* e seus equivalentes nas outras línguas)

vendo	*vendo*	*vendo*	*je vends*
vendes	*vendes*	*vendi*	*tu vends*
vende	*vende*	*vende*	*il vend*
vendemos	*vendemos*	*vendiamo*	*nous vendons*
vendeis	*vendéis*	*vendete*	*vous vendez*
vendem	*venden*	*vendono*	*ils vendent*

Terceira conjugação (verbos em *-ir* e seus equivalentes nas outras línguas)

uno	*uno*	*unisco*	*j'unis*
unes	*unes*	*unisci*	*tu unis*
une	*une*	*unisce*	*il unit*
unimos	*unimos*	*uniamo*	*nous unissons*
unis	*unís*	*unite*	*vous unissez*
unem	*unen*	*uniscono*	*ils unissent*

Observa-se, mais uma vez, a grande semelhança entre as desinências do português e do espanhol, inclusive na distinção das três vogais temáticas em P4 e P5. A distância é maior em relação ao francês.

O *-o* de P1 é comum às três línguas meridionais; o italiano, por sua vez, singulariza-se em P2 com sua desinência *-i*. Além disso, esta língua apresenta o tema ampliado mediante o infixo *-isc-* no presente da maior parte dos verbos da terceira conjugação. Entre os que se conjugam sem o infixo – pouco numerosos – incluem-se *aprire*, *coprire*, *dormire*, *seguire*, *sentire*, *servire*, *soffrire* e *vestire*; exemplo: *parto*, *parti*, *parte*, *partiamo*, *partite*, *partono*.

Em francês observa-se uma situação análoga nos verbos da terceira conjugação: a maioria oferece um infixo *-is(s)-* (presente já no gerúndio), mas diferentemente do italiano, que o apresenta nas pessoas P1, P2, P3 e P6, em francês só o encontramos pronunciado nas formas do plural.

Ainda em francês, a distinção entre as desinências da primeira conjugação (*-e*, *-es*, *-e*) e as da segunda e da terceira (*-s*, *-s*, *Ø / t*) se verifica somente na modalidade escrita, uma vez que na linguagem falada ficam mudas. Com estas últimas desinências, produzem-se algumas simplificações:

- nos verbos terminados em *-dre*, não se acrescenta um *-t* ao *-d* final, ex.: *il vend*;
- os verbos da terceira conjugação sem infixo perdem, de P1 a P3, a consoante que precede a desinência do infinitivo, ex.: *vivre* (viver): *je/tu vis*, *il vit*, *nous vivons*...; *servir* (servir): *je/tu sers*, *il sert*, *nous servons*...

14.3.4.2. O presente do subjuntivo regular

Primeira conjugação			
cante	cante	canti	je chante
cantes	cantes	canti	tu chantes
cante	cante	canti	il chante
cantemos	cantemos	cantiamo	nous chantions
canteis	cantéis	cantiate	vous chantiez
cantem	canten	cantino	ils chantent
Segunda e terceira conjugações			
venda una	venda una	venda unisca	je vende j'unisse
vendas etc.	vendas etc.	venda unisca	tu vendes tu unisses
venda	venda	venda unisca	il vende il unisse
vendamos	vendamos	vendiamo uniamo	nous vendions nous unissions
vendais	vendáis	vendiate uniate	vous vendiez vous unissiez
vendam	vendan	vendano uniscano	ils vendent ils unissent

Nas línguas meridionais não há diferença entre a segunda e a terceira conjugações, se se excetua o infixo *-isc-* dos verbos italianos do tipo *unir*; em francês, com exceção também para os verbos em *-iss-*, nota-se que as desinências são iguais para as três conjugações.

Em português, como no espanhol, o presente do subjuntivo é expresso por desinências vocálicas que o distinguem nitidamente do presente do indicativo (cf. *cante* x *canto*, *venda* x *vendo*), e opõem a primeira conjugação (*cante*, *cantemos*) às outras duas (*venda*, *vendamos*; *una*, *unamos*).

Em italiano, dominam o *-i* na primeira conjugação e o *-a* na segunda e terceira, exceto em P4 e P5, que têm desinências idênticas. A homonímia das três pessoas do singular, a identidade de P4 entre indicativo e subjuntivo e a unicidade de P2 nos dois modos dos verbos em *-are* são fatores de ambiguidade.

Em francês, observa-se também muita homonímia entre os modos: as desinências de P1, P2, P3 e P6 do subjuntivo de todas as conjugações são idênticas às do presente do indicativo dos verbos em *-er*. A distinção se manifesta somente em P4 e P5 com a adição de um *-i-* no subjuntivo. A presença desse *i*, no entanto, torna essas formas do subjuntivo idênticas às do pretérito imperfeito do indicativo.

14.3.4.3. Alterações gráficas

Certas modificações puramente ortográficas se justificam para conservar a regularidade fonética das formas verbais; dependem das convenções gráficas de cada língua.

Observem-se as alternâncias que se produzem em português e em espanhol, por exemplo:

tocar,	*toco*,	*toquemos*
pagar,	*pago*,	*paguemos*
proteger,	*proteja*,	*protejamos*
distinguir,	*distinga*,	*distingamos*

e espanhol *alcanzar*, *alcanzo*, *alcancemos*, português *alcançar*, *alcanço*, *alcancemos*...

O mesmo acontece em italiano, por exemplo:

toccare,	*tocco*,	*tocchiamo*,	para preservar o som [k], ou
segare,	*sego*,	*seghiamo*,	para o som [g].

E em francês:

tracer (traçar),	*je trace*,	*nous traçons* [s]
manger (comer),	*je mange*,	*nous mangeons* [3]
employer (empregar),	*j'emploie*,	*nous employons* (alternância [wa] diante de vogal muda e [way] diante de vogal pronunciada)...

14.3.4.4. As irregularidades dos presentes

14.3.4.4.1. Irregularidades que afetam o vocalismo do radical

A ditongação da vogal tônica é um fenômeno muito difundido em espanhol (ex.: *pensar/pienso*, *querer/quiero*, *morir/muero*), mas inexistente em português (cf. *pensar/penso*, *querer/quero*, *morrer/morro*). Em italiano e em francês, esta alteração se manifesta em alguns verbos da segunda e da terceira conjugações. Como exemplo, para o indicativo:

e > ie	o > uo	e > ie	e > oi [wa]
sedere (estar sentado)	*movere* (mover)	*acquérir* (adquirir)	*devoir* (dever)
siedo	*muovo*	*j'acquiers*	*je dois*
siedi	*muovi*	*tu acquiers*	*tu dois*
siede	*muove*	*il acquiert*	*il doit*
sediamo	*moviamo*	*nous acquérons*	*nous devons*
sedete	*movete*	*vous acquérez*	*vous devez*
siedono	*muovono*	*ils acquièrent*	*ils doivent*

e *tenere* (manter), *tieni*, *teniamo*... e *tenir*, *tu tiens*, *nous tenons*...
solere (costumar), *suoli*, *soliamo*... *recevoir* (receber), *tu reçois*, *nous recevons*...

- Em português, o [e] e o [o] do radical dos verbos em *-ir* passam respectivamente a *i* e *u* na primeira pessoa (P1) do presente do indicativo – ex.: *sirvo* (servir), *firo* (ferir), *durmo* (dormir), *cubro* (cobrir) –, mas são pronunciados como vogais abertas, respectivamente [ɛ] e [ɔ], em P2, P3 e P6. São poucos os verbos que, como *agredir* e *polir*, seguem o padrão espanhol (ex.: *pedir*, *pido*, *pides*, *pide*, *piden*), apresentando *i* e *u* nessas mesmas pessoas: *agrido*, *agrides*, *agride*, *agridem*; *pulo*, *pules*, *pule*, *pulem*.
- Todo o presente do subjuntivo é formado, em português como em espanhol, do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo; ex.: *sirva*, de *sirvo*; *cubra*, de *cubro*; *pida* (peça), de *pido* (peço).
- Em francês, certas variações gráficas assinalam uma mudança de timbre da vogal do radical segundo ela se encontre em sílaba átona ou tônica; ex.:

céder (ceder)	*nous cédons* [e]	mas	*je cède* [ɛ]
crever (arrebentar)	*nous crevons* [ə]	mas	*je crève* [ɛ]
acheter (comprar)	*nous achetons* [ə]	mas	*j'achète* [ɛ]
jeter (lançar)	*nous jetons* [ə]	mas	*je jette* [ɛ]
appeler (chamar)	*nous appelons* [ə]	mas	*j'appelle* [ɛ]...

14.3.4.4.2. Irregularidades que modificam o consonantismo do radical

O presente do subjuntivo reproduz, em português como em espanhol, qualquer irregularidade específica do radical de P1 no presente do indicativo. Em italiano, a alteração de P1 se manifesta também em P6; no entanto, sua repercussão no subjuntivo não é total, já que não afeta as formas de P4 e P5. Nos exemplos a anomalia vem assinalada em negrito:

creio, crês...	creo, crees...	credi, credi...
→ **creia**, creias...	→ crea, creas...	→ creda, creda...
meço, medes...	mido, mides...	(= misurare)
→ **meça**, meças...	→ mida, midas...	
ouço/oiço, ouves...	**oigo**, oyes...	odo, odi...
→ **ouça**, ouças...	→ **oiga**, oigas...	→ oda, oda...
peço, pedes...	pido, pides...	(= chiedere)
→ **peça**, peças...	→ pida, pidas...	
perco, perdes...	pierdo, pierdes...	perdi, perdi...
→ **perca**, percas...	→ pierda, pierdas...	→ perda, perda...
saio, sais...	**salgo**, sales...	**salgo** (subo), sali, sale, saliamo, salite, **salgono**
→ **saia**, saias...	→ **salga**, salgas...	→ **salga**, **salga**, **salga**, saliamo, saliate, **salgano**
trago, trazes...	**traigo**, traes...	**traggo**, trai, trae, traiamo, traete, **traggono**
→ **traga**, tragas...	→ **traiga**, traigas...	→ **tragga**, **tragga**, **tragga**, traiamo, traiate, **traggano**
vejo, vês...	**veo**, ves...	vedo, vedi...
→ **veja**, vejas...	→ **vea**, veas...	→ veda, veda...

Esta mesma anomalia atinge os verbos muito irregulares do port. e do esp.: *digo/digo*, *faço/hago*, *ponho/pongo*, *tenho/tengo*, *venho/vengo*... (cf. anexo III).

Em português, os verbos *fazer*, *dizer*, *trazer* e todos os verbos em *-uzir* (*conduzir*, *traduzir* etc.) perdem o *e* final em P3 no presente do indicativo: *faz*, *conduz*.

14.3.4.4.3. Irregularidades simultaneamente vocálicas e consonânticas

O verbo francês oferece a melhor ilustração desse fato quando, na segunda e na terceira conjugações, coexistem dois temas, um curto e outro ampliado, que na maioria das vezes ocorre no gerúndio. Nestes verbos, é variável a distribuição das formas dentro dos presentes:

- com os verbos em *-re* ou *-ir*, a fronteira se estabelece entre as formas curtas de P1, P2, P3 do modo indicativo e todas as restantes construídas com o tema do gerúndio;
- com os verbos em *-oir* (e *boire* [beber]), somente P4 e P5, dos modos indicativo e subjuntivo adotam o tema ampliado, cuja consoante final reaparece, porém, em P6 do indicativo e nas formas P1, P2, P3 e P6 do subjuntivo.

Seguem-se alguns exemplos, diferentes dos citados ao longo deste capítulo:

naître (nascer) naissant	je nais, -s, -t	nous naissons, -ez, -ent	que je naisse, -es, -e, -ions...
coudre (coser) cousant	je couds, -s, -d	nous cousons, -ez, -ent	que je couse, -es, -e, -ions...
résoudre (resolver) résolvant	je résouds, -s, -d	nous résolvons, -ez, -ent	que je résolve, -es, -e, -ions...
haïr (odiar) haïssant	je hais, -s, -t	nous haïssons, -ez, -ent	que je haïsse, -es, -e, -ions...
dormir (dormir) dormant	je dors, -s, -t	nous dormons, -ez, -ent	que je dorme, -es, -e, -ions...
devoir (dever) devan	je dois, -s, -t	ils doivent nous devons, vous devez	que je doive, -es, -e, -ent nous devions, vous deviez
recevoir (receber) recevant	je reçois, -s, -t	ils reçoivent nous recevons, -ez	que je reçoive, -es, -e, -ent nous recevions, -iez
boire (beber) buvant	je bois, -s, -t	ils boivent nous buvons, -ez	que je boive, -es, -e, -ent nous buvions, -iez

14.3.4.4.4. Outras irregularidades

Além das irregularidades que aparecerão no anexo I, assinalaremos aqui o comportamento peculiar de alguns verbos franceses em *-ir* que adotam as desinências da primeira conjugação no presente do indicativo: *assaillir*, *couvrir*, *cueillir*, *offrir*, *ouvrir*, *souffrir*; ex.:

cuillir (recolher): *je cueille*, *-es*, *-e*, *-ent*, *nous cueillons*, *-ez*
ouvrir (abrir): *j'ouvre*, *-es*, *-e*, *-ent*, *nous ouvrons*, *-ez*

14.3.5. O imperativo

As quatro línguas possuem um imperativo afirmativo:

Primeira conjugação				
P2	canta!	¡canta!	canta!	chante!
P3	cante (você)!	¡cante (usted)!	canti (lei)!	-----
P4	cantemos!	¡cantemos!	cantiamo!	chantons!
P5	cantai!	¡cantad!	cantate!	chantez!
P6	cantem (vocês)!	¡canten (ustedes)!	cantino (loro)!	-----
Segunda conjugação				
P2	vende!	¡vende!	vendi!	vends!
P3	venda!	¡venda!	venda!	-----
P4	vendamos!	¡vendamos!	vendiamo!	vendons!
P5	vendei!	¡vended!	vendete!	vendez!
P6	vendam!	¡vendan!	vendano!	
Terceira conjugação				
P2	une!	¡une!	unisci!	unis!
P3	una!	¡una!	unisca!	-----
P4	unamos!	¡unamos!	uniamo!	unissons!
P5	uni!	¡unid!	unite!	unissez!
P6	unam!	¡unan!	uniscano!	-----

Como se vê, a formação do imperativo reúne, mais uma vez, as duas línguas ibéricas:

- P2 tem parentesco com o presente do indicativo, mas sem marca pessoal;
- P5 apresenta desinência específica;
- P3, P4 e P6 são tomadas ao presente do subjuntivo.

A interlocução cerimoniosa em português e em espanhol é expressa por meio de P3 e P6. Em algumas áreas do Brasil, porém, como o Rio de Janeiro, as formas *você* e *vocês* são bem coloquiais, ao contrário das formas *usted* e *ustedes* espanholas, que são cerimoniosas. No uso coloquial mais descontraído, o português do Brasil emprega, nas frases imperativas, a forma da P3 (*você*) do presente do indicativo; ex.: ***Vem** comigo*, ***Fas** isso pra mim*, ***Deixa** de ser bobo*.

Em francês, por outro lado, uma vez que a cortesia se expressa por meio da pluralização de P2 (isto é, com P5, cf. 8.5.2), as formas se limitam a três, todas claramente indicativas (sem *-s* gráfico para a P2 dos verbos em *-er*, embora torne

a aparecer em combinação com os pronomes *en* e *y*; ex.: *Parles-en* [Dize-o]), mas sem a presença dos pronomes sujeitos.

O italiano apresenta uma organização intermediária: P2 (embora sem a marca *-i* específica de P2 nos verbos em *-are*) e P5 indicativas, P3 e P6 subjuntivas, e P4 como forma comum aos dois modos.

Os poucos imperativos irregulares do espanhol, do italiano e do francês acham-se no anexo III.

Os contrastes anteriores se acentuam com a negação; ex. para a primeira conjugação, por exemplo:

P2	não cantes!	¡no cantes!	non cantare!	ne chante pas!
P3	não cante (você)!	¡no cante (usted)!	non canti (lei)!	-----
P4	não cantemos!	¡no cantemos!	non cantiamo!	ne chantons pas!
P5	não canteis!	¡no cantéis!	non cantate!	ne chantez pas!
P6	não cantem (vocês)!	¡no canten (ustedes)!	non cantino (loro)!	-----

Os exemplos acima revelam que o português e o espanhol utilizam no imperativo negativo as mesmas formas do presente do subjuntivo, que o francês utiliza as formas do presente do indicativo, e que o italiano adota as formas do imperativo afirmativo, exceto em P2, cuja forma é tomada ao infinitivo. Em italiano, a presença da negação não impede a ênclise do pronome átono. "Não me olhes" diz-se em italiano *Non mi guardare* ou *Non guardarmi*.

Obs.: Em situações bem coloquiais, o português do Brasil não faz diferença formal entre imperativo afirmativo e imperativo negativo além da presença da palavra *não*; ex. *não faz* (você) isso comigo; por favor, *não corre* muito não.

14.3.6. Futuro do presente e futuro do pretérito (condicional)

14.3.6.1. Formas regulares

Nas quatro línguas, estes dois tempos provêm de uma antiga perífrase construída pela combinação do infinitivo e do auxiliar correspondente a *haver*. Assim, em português, cantarei (*cantar* + *hei*) significava inicialmente algo como *hei de cantar*, e *cantaria* representa *cantar* + *h(av)ia*.

As desinências do futuro do presente são as do presente do indicativo do auxiliar (cf. anexo III):

cantar-(h)ei > cantarei	cantar-(h)e > cantaré	cantar(e)-(h)o > canterò	chanter-ai > chanterai
cantar-(h)ás > cantarás	cantar-(h)as > cantarás	cantar(e)-(h)ai > canterai	chanter-as > chanteras
cantar-(h)á > cantará	cantar-(h)a > cantará	cantar(e)-(h)a > canterà	chanter-a > chantera
cantar-(hav)emos > cantaremos	cantar-(hab)emos > cantaremos	cantar(e)-(av)emo* > canteremo	chanter-(av)ons > chanterons
cantar-(hav)eis > cantareis	cantar-(hab)éis > cantaréis	cantar(e)-(av)ete > canterete	chanter-(av)ez > chanterez
cantar-(h)ão > cantarão	cantar-(h)an > cantarán	cantar(e)-(h)anno > canteranno	chanter-ont > chanteront

* Forma antiga que passou a abbiamo

Observe-se que o italiano se distingue pela evolução da vogal *a* do infinitivo da primeira conjugação, que passa a *e*: *cantare* + *ho* não dá **cantarò* mas *canterò*, *cantare* + *hai* dá *canterai*, e não **cantarai*. O mesmo ocorre com as formas do futuro do pretérito (ou condicional). Este tempo apresenta no italiano uma singularidade ainda maior: suas desinências não provêm do pretérito imperfeito do auxiliar, como se passa nas outras línguas

cantar-(hav)ia > cantaria	cantar-(hab)ía > cantaría	chanter-(av)ais > chanterais
cantar-(hav)ias > cantarias	cantar-(hab)ías > cantarías	chanter-(av)ais > chanterais
cantar-(hav)ia > cantaria	cantar-(hab)ía > cantaría	chanter-(av)ait > chanterait
cantar-(hav)íamos > cantaríamos	cantar-(hab)íamos > cantaríamos	chanter-(av)ions > chanterions
cantar-(hav)íeis > cantaríeis	cantar-(hab)íais > cantaríais	chanter-(av)iez > chanteriez
cantar-(hav)iam > cantariam	cantar-(hab)ían > cantarían	chanter-(av)aient > chanteraient

mas do "passato remoto" (= pretérito perfeito simples) *e(bb)i*, *avesti*, *ebbe*...:

cantar(e)-ei > canterei
cantar(e)-(av)esti > canteresti
cantar(e)-ebbe > canterebbe
cantar(e)-(av)emmo > canteremmo
cantar(e)-(av)este> cantereste
cantar(e)-ebbero> canterebbero

As outras conjugações conservam as respectivas vogais temáticas: *venderei, venderesti...*; *unirei, uniresti...* Devido à particularidade de sua origem, este tempo não apresenta em P6 o *-no* tão característico de quase todos os demais tempos.

Em português, a origem perifrástica desses dois futuros é nitidamente revelada pela inserção possível dos pronomes átonos (= clíticos) entre o infinitivo e a desinência – a mesóclise. Construções do tipo *Nós nos encontraremos em Lisboa* e *Eu o receberia com muito prazer*, com pronome sujeito expresso, apresentam as seguintes variantes, típicas do registro escrito do português europeu:

Encontrar-nos-emos em Lisboa.
Recebê-lo-ia com muito prazer.

A expressão polida de um desejo se constrói no português do Brasil com o futuro do pretérito:

Eu gostaria muito de conhecer esta senhora.

ao passo que na língua falada de Portugal se emprega regularmente o pretérito imperfeito:

Gostava muito de conhecer esta senhora.

14.3.6.2. Uma particularidade das formas de futuro

Os futuros do presente e do pretérito irregulares resultam de fenômenos de contração que às vezes suscitam a inserção de uma consoante de ligação ou a assimilação com o *-r* da desinência. Nos exemplos – que são raros em português – apresenta-se apenas a P3, mas a modificação vale para todas as pessoas (as formas regulares aparecem entre parênteses):

dirá	dirá	(dirà)	(dira)
(deverá)	(deberá)	dovrà	devra
(saberá)	sabrá	saprà	saura
(porá)	pondrá	(porrà)	(mettra)
(valerá)	valdrá	varrà	vaudra
(quererá)	querrá	vorrà	voudra
(verá)	(verá)	vedrà	verra

Em francês a lista se amplia: *il pleuvra*, de *pleuvoir* (chover); *il courra*, de *courir* (correr); il *recevra*, de *recevoir* (receber)...

14.3.7. Pretérito imperfeito do indicativo

14.3.7.1. Conjugação regular

Primeira conjugação

P1	**cantava**	**cantaba**	**cantavo**	**je chantais**
P2	**cantavas**	**cantabas**	**cantavi**	**tu chantais**
P3	**cantava**	**cantaba**	**cantava**	**il chantait**
P4	**cantávamos**	**cantábamos**	**cantavamo**	**nous chantions**
P5	**cantáveis**	**cantabais**	**cantavate**	**vous chantiez**
P6	**cantavam**	**cantaban**	**cantavano**	**ils chantaient**

Segunda conjugação

P1	**vendia**	**vendía**	**vendevo**	**je vendais**
P2	**vendias**	**vendías**	**vendevi**	**tu vendais**
P3	**vendia**	**vendía**	**vendeva**	**il vendait**
P4	**vendíamos**	**vendíamos**	**vendevamo**	**nous vendions**
P5	**vendíeis**	**vendíais**	**vendevate**	**vous vendiez**
P6	**vendiam**	**vendían**	**vendevano**	**ils vendaient**

Terceira conjugação

P1	**unia**	**unía**	**univo**	**je servais**	**j'unissais**
P2	**unias**	**unías**	**univi**	**tu servais**	**tu unissais**
P3	**unias**	**unía**	**univa**	**il servait**	**il unissait**
P4	**uníamos**	**uníamos**	**univamo**	**nous servions**	**nous unissions**
P5	**uníeis**	**uníeis**	**univate**	**vous serviez**	**ils unissiez**
P6	**uniam**	**uniam**	**univano**	**ils servaient**	**ils unissaient**

Observações:

O português e o espanhol utilizam os mesmos grupos de terminações, um para a primeira conjugação – port. *-ava*, esp. *-aba* – e outro para a segunda e a terceira conjugações – port. *-ia*, esp. *-ía*.

O italiano apresenta uma terminação distinta para cada conjugação: *-avo*, *-evo*, *-ivo*. Além disso, diferentemente das demais línguas peninsulares, o acento muda de sílaba nas P4 e P5.

O francês utiliza a mesma desinência em todas as conjugações, sendo que uma parte dos verbos da terceira tem o tema ampliado pelo infixo *-iss-* antes de receber a desinência.

14.3.7.2. Algumas irregularidades

- Três em português: *punha*, *tinha* e *vinha*, respectivamente de *pôr*, *ter* e *vir*.
- Seis em italiano (calcadas no infinitivo original latino): *bevevo* (bebia), *conducevo* (conduzia), *dicevo* (dizia), *facevo* (fazia), *ponevo* (punha) e *traevo* (trazia).
- Em francês, a regra é simples: o pretérito imperfeito é formado a partir do tema do gerúndio; por isso, temos (cf. 14.2.2): *craignant* → *je craignais* (eu temia), *lisant* → *je lisais* (eu lia), *buvant* → *je buvais* (eu bebia), *prenant* → *je prenais* (eu pegava)...; as duas únicas exceções são *j'avais* (ger. *ayant* [tendo]) e *je savais* (ger. *sachant* [sabendo]).

14.3.8. Pretérito perfeito

14.3.8.1. O paradigma regular

No padrão regular, o acento incide sempre na desinência:

Primeira conjugação

P1	**cantei**	**canté**	**cantai**	**je chantai**
P2	**cantaste**	**cantaste**	**cantasti**	**tu chantas**
P3	**cantou**	**cantó**	**cantò**	**il chanta**
P4	**cantamos***	**cantamos**	**cantammo**	**nous chantâmes**
P5	**cantastes**	**cantasteis**	**cantaste**	**vous chantâtes**
P6	**cantaram**	**cantaron**	**cantarono**	**ils chantèrent**

* No português europeu escreve-se *cantámos*, com um acento para assinalar que a vogal é aberta.

Segunda conjugação

P1	**vendi**	**vendí**	**vendei***	**je vendis**	**je pourvus**
P2	**vendeste**	**vendiste**	**vendesti**	**tu vendis**	**tu pourvus**
P3	**vendeu**	**vendió**	**vendé***	**il vendit**	**il pourvut**
P4	**vendemos**	**vendimos**	**vendemmo**	**nous vendîmes**	**nous pourvûmes**
P5	**vendestes**	**vendisteis**	**vendeste**	**vous ventîtes**	**vous pourvûtes**
P6	**venderam**	**vendieron**	**venderono***	**ils vendirent**	**ils pourvurent**

* Em italiano, para P1, P3 e P6 existem também *vendetti*, *vendette* e *vendettero*.

Terceira conjugação

P1	**uni**	**uní**	**unii**	**je servis**	**j'unis**	**je courus**
P2	**uniste**	**uniste**	**unisti**	**tu servis**	**tu unis**	**tu courus**
P3	**uniu**	**unió**	**unì**	**il servit**	**il unit**	**il courut**
P4	**unimos**	**unimos**	**unimmo**	**nous servîmes**	**nous unîmes**	**nous courûmes**
P5	**unistes**	**unisteis**	**uniste**	**vous servîtes**	**vous unîtes**	**vous courûtes**
P6	**uniram**	**unieron**	**unirono**	**ils servirent**	**ils unirent**	**ils coururent**

Observações:

As marcas de pessoa e número deste tempo não se enquadram plenamente na descrição geral apresentada mais acima (cf 14.3.2):

- em português e em espanhol, ausência do *-s* característico de P2;
- a P5 do português não apresenta *-i* na última sílaba;
- em italiano, uma característica própria de P4 é o *m* dobrado, que, por conseguinte (cf. 14.3.6.1), também se encontra no futuro do pretérito (condicional);
- o francês apresenta as desinências peculiares *-mes*, *-tes* em P4 e P5; e nos verbos do tipo *unir* (isto é, com infixo *-is-*) as formas de P1 e P3 não se distinguem das do presente.

Quanto à vogal temática, o português e o italiano distinguem melhor que o espanhol as três conjugações graças a *a*, *e*, *i*. Em francês, o *a* domina na primeira conjugação, ao passo que nas outras ocorre uma dupla possibilidade: *i* (como em *vendre*, *servir*, *unir*) ou *u* [y] (como em *pourvoir* e *courir*).

Por último, no português brasileiro são homófonas, nas três conjugações, as formas de P4 no pretérito perfeito e no presente do indicativo.

14.3.8.2. Irregularidades

As irregularidades, relativamente poucas em português e em espanhol, mas numerosas em italiano e em francês, dizem respeito sobretudo a verbos da segunda conjugação.

14.3.8.2.1. Pretéritos fracos e pretéritos fortes

A oposição entre pretéritos perfeitos "fracos" (com desinências tônicas em todas as pessoas) e "fortes" (com acento no radical em certas pessoas) manifesta-se nos quatro idiomas, de forma parecida nas línguas meridionais; em francês, dada a frequência de "passés simples" monossilábicos, não é fácil determinar onde termina o radical e começa a desinência.

Tomemos um exemplo de pretérito forte: o verbo *saber* e seus equivalentes:

saber	*saber*	*sapere*	*savoir*
soube	***supe***	***seppi***	*je* ***sus***
soubeste	*supiste*	*sapesti*	*tu* ***sus***
soube	***supo***	***seppe***	*il* ***sut***
soubemos	*supimos*	*sapemmo*	*nous* ***sûmes***
soubestes	*supisteis*	*sapeste*	*vous* ***sûtes***
souberam	*supieron*	***seppero***	*ils* ***surent***

Do ponto de vista acentual, vê-se que em todas as línguas ibéricas as pessoas fortes são duas (P1 e P3) e em italiano três (P1, P2 e P6). Nestas mesmas pessoas fortes, nos três idiomas, nota-se uma modificação da desinência; assim é que o pretérito forte italiano perde o *-no* característico de P6. Quanto ao radical, acha-se mais ou menos alterado em todas as pessoas no português, no espanhol e no francês, ao passo que no italiano a variação se produz apenas nas pessoas fortes.

Em português a homonímia entre P1 e P3 com um *-e* final não é uma constante; mesmo sem o *-e* final, a identidade das duas pessoas ainda persiste em *quis* (*querer*); já em *fiz/fez* (*fazer*) ou em *pus/pôs* (*pôr*), P1 e P3 se distinguem pela mudança da vogal.

Seria ocioso reproduzir a longa lista dos mais de cem "passati remoti" fortes do italiano; além dos que figurarão no anexo III, oferecemos aqui apenas alguns poucos exemplos que ilustram a diferença relativamente ao português, uns com o pretérito forte francês correspondente, outros específicos do italiano:

conoscere (conhecer),	*conobbi...*	*je connus...*
leggere (ler),	***lessi***	*je* ***lus***
mettere (colocar),	***misi***	*je* ***mis***
parere (parecer),	***parvi***	*je* ***parus***
prendere (pegar),	***presi***	*je* ***pris***
chiudere (fechar),	***chiusi***	
correre (correr),	***corsi***	
dirigere (dirigir),	***diressi***	
perdere (perder),	***persi***	
valere (valer),	***valsi***	

14.3.8.2.2. Uma particularidade dos verbos franceses

Alguns verbos franceses, cuja formação obedece a uma regra que não tem aplicação geral, são por isso considerados irregulares; trata-se de parte dos verbos que, tendo no gerúndio um tema diferente do que ocorre no infinitivo, apresentam, porém, no pretérito perfeito o mesmo tema do gerúndio (cf. 14.2.2); são eles:

- os verbos em *-indre*, ex.:

craindre (temer) → *craignant* → *je craignis, tu craignis...*

- os verbos em *-uire*, ex.:

conduire (conduzir) → *conduisant* → *je conduisis, tu conduisis...*

e

écrire (escrever) → *écrivant* → *j'écrivis, tu écrivis...*

14.3.8.2.3. Outras irregularidades

Encerrando esta parte, apresentam-se a seguir certas irregularidades de difícil sistematização:

beber/bebi	*beber/bebí*	*bere/bevvi*	*boire/je bus*
crescer/cresci	*crecer/crecí*	*crescere/crebbi*	*croître/je crûs*
mover/movi	*mover/moví*	*muovere/mossi*	*mouvoir/je mus*
nascer/nasci	*nacer/nací*	*nascere/nacqui*	*naître/je naquis*
resolver/resolvi	*resolver/resolví*	*risolvere/risolsi*	*résoudre/je résolus*
viver/vivi	*vivir/viví*	*vivere/vissi*	*vivre/je vécus*

14.3.9. Os pretéritos imperfeitos e os futuros do subjuntivo

14.3.9.1. Pretéritos imperfeitos

	Português	Español	Italiano	Français
Primeira conjugação				
P1	cantasse	cantase cantara	cantassi	je chantasse
P2	cantasses	cantases cantaras	cantassi	tu chantasses
P3	cantasse	cantase cantara	cantasse	il chantât
P4	cantássemos	cantásemos cantáramos	cantassimo	nous chantassions
P5	cantásseis	cantaseis cantarais	cantaste	vous chantassiez
P6	cantassem	cantasen cantaran	cantassero	ils chantassent

Segunda conjugação

P1	vendesse	vendiese vendiera	vendessi	je vendisse
P2	vendesses	vendieses vendieras	vendessi	tu vendisses
P3	vendesse	vendiese vendiera	vendesse	il vendît
P4	vendêssemos	vendiésemos vendiéramos	vendessimo	nous vendissions
P5	vendêsseis	vendieseis vendierais	vendeste	vous vendissiez
P6	vendessem	vendiesen vendieran	vendessero	ils vendissent

Terceira conjugação

P1	unisse	uniese uniera	unissi	j'unisse je courusse
P2	unisses	unieses unieras	unissi	tu unisses tu courusses
P3	unisse	uniese uniera	unisse	il unît il courût
P4	uníssemos	uniésemos uniéramos	unissimo	nous unissons nous courussions
P5	unísseis	unieseis unierais	uniste	vous unissiez vous courussiez
P6	unissem	uniesen unieran	unissero	ils unissent ils courussent

Este tempo é formado a partir do pretérito perfeito do indicativo:

- Em português, espanhol e francês o mecanismo é simples: a forma de base é P6, seja para os verbos regulares, seja para os irregulares:

Port.	*venderam*	→	*vendesse, vendesses...*
	fizeram	→	*fizesse, fizesses...*
Esp.	*vendieron*	→	*vendiese, vendieses...*
	hicieron	→	*hiciese, hicieses...*
Fr.	*ils vendirent*	→	*je vendisse, tu vendisses...*
	ils firent	→	*je fisse, tu fisses...*

- Em italiano, a filiação à P6 do pretérito perfeito só é perceptível em verbos muito irregulares como *essere* (→ *fossi*), *dare* (→ *dessi*), *stare* (→ *stessi*); para esta língua, a regra geral de formação seria partir da P2 do pretérito perfeito do indicativo, substituindo o elemento final *-ti* por *-si*:
  vendesti → *vendessi, vendessi...*
  facesti → *facessi, facessi...*

Observações:

- O bimorfismo deste subjuntivo é exclusivo do espanhol; a forma em *-ra* existe também em português, especialmente no uso escrito formal, mas pertence ao modo indicativo.
- Enquanto o espanhol e o francês não distinguem as desinências da segunda e da terceira conjugações, o português e o italiano separam bem os três grupos.
- Há homonímia entre P1 e P3 no português e no espanhol, e entre P1 e P2 no italiano.
- A desinência italiana de P6 não tem o *-no* tão característico dos demais tempos.
- Nos verbos franceses do tipo *unir* (com infixo), as P1, P2 e P6 coincidem com as formas do presente do subjuntivo: nesta língua o acento circunflexo da P3 é característico deste tempo e permite, na segunda e na terceira conjugações, assinalar a diferença relativamente ao pretérito perfeito do indicativo.

14.3.9.2. O futuro do subjuntivo

O italiano e o francês desconhecem este tempo. Ele já existiu no espanhol e somente se conserva em textos arcaicos ou que adotam um estilo arcaizante, como certos textos jurídicos ou exageradamente cultos. O português, ao contrário, o mantém vivo em qualquer registro de língua, embora sintaticamente ele só possa ocorrer em orações subordinadas (cf. 15.4.5). A base de sua formação é a mesma do pretérito imperfeito do subjuntivo (cf. 14.3.9.1). Exemplificamo-lo a seguir com os verbos *cantar*, *unir* (regulares) e *fazer/hacer* (irregular):

cantar	fizer	unir	cantare	hiciere	uniere
cantares	fizeres	unires	cantares	hicieres	uniere
cantar	fizer	unir	cantare	hiciere	uniere
cantarmos	fizermos	unirmos	cantáremos	hiciéremos	uniéremos
cantardes	fizerdes	unirdes	cantareis	hiciereis	uniereis
cantarem	fizerem	unirem	cantaren	hicieren	unieren

Para os verbos regulares e para os verbos irregulares fracos – cujo pretérito perfeito segue o paradigma dos verbos regulares – confundem-se as formas do futuro do subjuntivo e as do infinitivo flexionado, inclusive na P5, cuja desinência é *-des* (cf. 14.3.3).

14.3.10. Pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo do português

O português é a única das quatro línguas que possui uma forma simples com o valor de mais-que-perfeito, caracterizada pela desinência *-ra*. Assim como o pretérito imperfeito e o futuro do subjuntivo, este tempo é formado a partir do tema do pretérito perfeito. Oferecemos a seguir um exemplo do paradigma regular em cada conjugação (*cantar*, *vender*, *unir*) e um exemplo de verbo irregular forte (*fazer*):

cantara	*vendera*	*unira*	*fizera*
cantaras	*venderas*	*uniras*	*fizeras*
cantara	*vendera*	*unira*	*fizera*
cantáramos	*vendêramos*	*uníramos*	*fizéramos*
cantáreis	*vendêreis*	*uníreis*	*fizéreis*
cantaram	*venderam*	*uniram*	*fizeram*

Observações:

- Há homonímia entre o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito em P6.
- Os verbos regulares e os irregulares fracos apresentam pessoas (P2, P3 e P5) que só se distinguem das correspondentes no futuro do presente pela posição do acento.
- Embora tenham a mesma origem histórica, o pretérito mais-que-perfeito simples do português e o subjuntivo espanhol em *-ra* expressam atualmente conteúdos temporais e modais diferentes (cf. 15.1.3, 15.2.5).

14.4. AS FORMAS COMPOSTAS

14.4.1. Os "tempos compostos"

Nas quatro línguas, a uma série de formas simples corresponde uma série paralela de "tempos compostos". O português e o espanhol dispõem, por exemplo, de um infinitivo simples (*cantar/cantar*) e um infinitivo composto (*ter cantado/haber cantado*), de um gerúndio simples (*cantando/cantando*) e um gerúndio composto (*tendo cantado/habendo cantado*), de um futuro simples (*cantaremos/cantaremos*) e um futuro composto (*teremos cantado/habremos cantado*). Esse paralelismo vale para qualquer forma simples, com exceção do imperativo e do próprio particípio.

Dispondo de um único auxiliar (*haber*) para essa relação, o espanhol moderno exemplifica a situação mais simples no conjunto das quatro línguas românicas.

Em português a questão é um pouco mais complexa. A história da língua registra dois auxiliares para essa função – *ter* e *haver* –, mas o português moderno dá ampla preferência a *ter*. Por essa razão, apresentaremos nossos exemplos unicamente com o auxiliar *ter*: *tenho falado*, *tínhamos saído*, *teremos chegado*. Uma consequência dessa dupla possibilidade é que o pretérito mais-que-perfeito pode apresentar três formas: *cantara*, *tinha cantado* e *havia cantado*. Outra evidência da complexidade do português acha-se no emprego peculiar do chamado "pretérito perfeito composto" (ex.: *tenho saído*, *temos falado*), cujo conteúdo temporal é distinto do das formas espanholas correspondentes: *he salido* e *habemos hablado* equivalem às formas simples *saí* e *falamos*. Por outro lado, o português não conhece o pretérito anterior (cf. 15.2.6).

Peculiar é também a situação do italiano e do francês, idiomas que utilizam dois verbos (it. *avere* ou *essere*, fr. *avoir* ou *être*) Enquanto o português e o espanhol empregam o mesmo verbo para formar seus tempos compostos (cf. *tenho comido/he comido*, *tenho vindo/he venido*), o italiano e o francês escolhem auxiliares distintos segundo a classe do verbo principal: a maioria, aqui exemplificada pelos correspondentes ao português *comer*, se constrói com *avere/avoir* (*ho mangiato/j'ai mangé*), mas alguns outros, aqui representados pelos correspondentes ao português *vir*, se constroem com *essere/être* (*sono venuto/je suis venu*).

Relevadas as peculiaridades já referidas, é inegável a simplicidade do mecanismo geral de formação dos tempos compostos, ilustrada exemplarmente a seguir pelo pretérito perfeito, seja com o mesmo auxiliar nas quatro línguas:

tenho lavado	*he lavado*	*ho lavato*	*j'ai lavé*
tens lavado	*has lavado*	*hai lavato*	*tu as lavé*
tem lavado	*ha lavado*	*ha lavato*	*il a lavé*
temos lavado	*hemos lavado*	*abbiamo lavato*	*nous avons lavé*
tendes lavado	*habéis lavado*	*avete lavato*	*vous avez lavé*
têm lavado	*han lavado*	*hanno lavato*	*ils ont lavé*

seja através de um verbo em forma pronominal, a qual impõe uma mudança de auxiliar em italiano e em francês:

tenho-me lavado	*me he lavado*	*mi sono lavato*	*je me suis lavé*
tens-te lavado	*te has lavado*	*ti sei lavato*	*tu t'es lavé*
tem-se lavado	*se ha lavado*	*s'è lavato*	*il s'est lavé*
temo-nos lavado	*nos hemos lavado*	*ci siamo lavati*	*nous nous sommes lavés*
tendes-vos lavado	*os habéis lavado*	*vi siete lavati*	*vous vous êtes lavés*
têm-se lavado	*se han lavado*	*si sono lavati*	*ils se sont lavés*

O francês apresenta, por sua vez, uma especificidade: a formação de tempos "surcomposés" (duplamente compostos), ou seja, a possibilidade de se aplicar ao particípio a forma composta do auxiliar, p. ex.:

Il a eu vite chanté a partir de *il a chanté* (ele cantou)
J'aurais été parti a partir de *je serais parti* (eu teria ido embora)

Para conhecer as circunstâncias do emprego dessas formas, ver 15.2.6.

14.4.2. A voz passiva

Graças ao par de auxiliares *ser/estar*, pode considerar-se que as duas línguas ibéricas distinguem uma passiva de ação (*ser*) e uma passiva de estado (*estar*). Comparem-se:

PORT.: *A casa é aberta pelo porteiro.* / *A casa está sempre aberta.*
ESP.: *La casa es abierta por el portero.* / *La casa está siempre abierta.*

Pode-se exprimir uma dualidade semelhante em italiano graças a *essere* e a outro auxiliar, *venire*. Em francês não existe essa distinção morfológica: o auxiliar *être* assume as duas interpretações. Por essa razão, podem-se propor as seguintes equivalências:

ação (**port.** *ser*)	(**it.**) *La casa viene aperta dal portiere.*	(**fr.**) *La maison est ouverte par le portier.*
estado (**port.** *estar*)	(**it.**) *La casa è sempre aperta.*	(**fr.**) *La maison est toujours ouverte.*

É também possível exprimir a voz passiva nas quatro línguas recorrendo-se à construção pronominal da 3ª pessoa:

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Vende-se bem o vinho este ano.	Este año se vende bien el vino.	Quest'anno se vende bene il vino.	Cette année le vin vend bien.
Vendem-se bem as nozes.	Las nueces se venden bien.	Le noci si vendono bene.	Les noix se vendent bien.

Esta solução é mais amplamente adotada pelas três línguas meridionais; o francês utiliza com mais frequência o auxiliar *être* ou a construção impessoal com o pronome *on* (cf. 8.5.1).

Os problemas suscitados pelos auxiliares da voz passiva e pelos que intervêm em outras perífrases verbais serão comentados no capítulo seguinte (cf. 15.3).

XV

Emprego e sintaxe das formas verbais

Assim como no capítulo anterior, neste nos limitaremos a chamar atenção para as disparidades mais notáveis entre as quatro línguas, nas quais intervêm não só o valor próprio de cada forma, suas relações com outras, mas ainda o registro de língua escolhido.

15.1. A PROPÓSITO DE CERTAS FORMAS VERBAIS SIMPLES

15.1.1. O infinitivo

A natureza simultaneamente verbal e nominal do infinitivo se revela diferentemente nas quatro línguas. O português, o espanhol e o italiano admitem que ao infinitivo se anteponham os mesmos determinantes que precedem o substantivo, especialmente o artigo:

Ao sair de casa...	Al salir de casa...	Nell'uscire di casa...
O suceder dos acontecimentos...	El sucederse los acontecimientos...	Il succedersi degli eventi...

O francês exclui tal possibilidade, salvo nos poucos casos em que o infinitivo se tenha transformado em legítimo substantivo (ex.: *le déjeuner*, *le boire* [o jantar, a bebida]). Os exemplos anteriores seriam traduzidos em francês como:

A sa sorti/Lorsqu'il sortit de chez lui...
La succession des événements...

O infinitivo pode vir acompanhado, tanto em português como em espanhol, de seu próprio sujeito:

(port. Brasil) *Observou-me sem eu perceber.* (esp.) *Me observó sin notarlo yo.*
(port. Europa) *Observou-me sem eu o perceber.*

(port. Brasil) *Viaja por necessitar sua saúde.* (esp.) *Viaja por necesitarlo su salud.*
(port. Europa) *Viaja por necessitá-lo a sua saúde.*

Essa construção é possível, embora pouco frequente, em italiano:

Per essere Elena figlia di Maria. (Por ser Helena filha de Maria.),

mas absolutamente inaceitável em francês.

Para os estrangeiros que estudam o português, a existência de uma dupla variedade de infinitivo – o não flexionado e o flexionado – é um problema. Sem entrar em detalhes, pode-se dizer que a escolha entre uma variedade e outra está sujeita às seguintes condições gerais:

- Emprega-se a variedade não flexionada nas construções em que o infinitivo não tem sujeito próprio (*costuma-se dizer que...*) ou quando, combinados em um enunciado, o infinitivo e o verbo flexionado que o acompanha têm o mesmo sujeito (*vamos sair, acabam de chegar, podes dormir*).
- Se, entretanto, o infinitivo tem um sujeito diferente do atribuído ao verbo da oração principal, ocorre a forma flexionada (*Pouco importa terem eles tanto dinheiro*; *Até receberes a resposta, não sairei daqui*).

15.1.2. O gerúndio e formas afins

Já vimos (cf. 14.2.2, 14.2.3) que em francês o gerúndio e o "participe présent" não se distinguem morfologicamente – a não ser pela presença da preposição *en* no primeiro caso –, mas desempenham funções diferentes: o gerúndio atua como complemento circunstancial que se aplica ao sujeito do verbo principal, ao passo que o particípio presente, apesar de invariável, qualifica o pronome ou substantivo que o precede como se fosse um autêntico adjetivo. Exemplos:

Je l'ai vu en sortant du bureau.	(Eu o vi ao sair do escritório.)
Je l'ai vu sortant du bureau.	(Eu o vi sair do escritório.)
Des revues intéressant beaucoup de gens.	(Revistas que interessam a muita gente.)

Em italiano, a distinção morfológica entre gerúndio e particípio presente é evidente, e a diferença funcional deles equivale ao que se passa em francês:

Ho incontrato l'addetto ai lavori recando il macchinario.
(Levando a maquinaria, encontrei-me com o capataz.)
Ho incontrato l'addetto ai lavori recante il macchinario.
(Encontrei-me com o capataz que levava a maquinaria.),

mas o uso do particípio presente com função verbal em italiano é muito menos frequente do que em francês.

15.1.3. As formas em *-ra* do português e do espanhol

Somente as duas línguas ibéricas conservaram esta forma, herdada do pretérito mais-que-perfeito latino *ama(ve)ram*, que adquiriu na Idade Média um duplo valor:

- temporal, com o valor de passado do modo indicativo (*tinha amado*), e
- modal, como equivalente de um condicional ou de um subjuntivo (*amaria*, *amasse*).

Se o espanhol acabou por privilegiar o traço modal, integrando a forma *amara* no modo subjuntivo e produzindo um quase equivalente do pretérito imperfeito *amase*, o português preservou seu valor temporal. Com isso, *amara* expressa o mesmo conteúdo temporal da forma composta corrente *tinha* ou *havia amado* (cf. 15.2.5).

Para o futuro do subjuntivo do português, que não ocorre senão em orações subordinadas, remetemos à parte dedicada à oração complexa (cf. 15.4.5).

15.2. RELAÇÕES ENTRE TEMPOS SIMPLES E TEMPOS COMPOSTOS

15.2.1. A escolha do auxiliar

O português e o espanhol não se diferenciam nesse ponto, salvo no chamado pretérito perfeito composto (*tenho amado*), que em português tem um emprego peculiar (cf. obs. em 14.1.2). De modo geral, pode-se dizer que a diferença entre formas simples e formas compostas diz respeito ao aspecto: enquanto a forma simples significa a realização do fato em dada ocasião, a forma composta exprime a ação terminada nessa mesma ocasião. Com *Pedro cantava* evocamos a ação que se desenvolve em certo momento do passado, ao passo que em *Pedro tinha cantado* a mesma ação se acha consumada ou "perfeita" nesse mesmo momento.

Uma vez que em italiano e em francês os auxiliares variam segundo o tipo de verbo (cf. 14.4.1), é necessário dar alguns esclarecimentos. *Avere/avoir* estão em distribuição complementar com *essere/être*: estes últimos são empregados com os verbos pronominais e certos verbos intransitivos, de sorte que o particípio concorda com o sujeito; exemplo:

Giovanna ha pettinato la bambola.	*Jeanne a peigné la poupée.*	(Joana penteou a boneca.)
Giovanna si è pettinata.	*Jeanne s'est peignée.*	(Joana se penteou.)'
Siamo arrivate.	*Nous sommes arrivées.*	(Chegamos [nós = mulheres].)

Nem sempre, porém, estas línguas coincidem na escolha do auxiliar do verbo intransitivo:

- Em italiano se dirá para o próprio verbo *essere* "***sono** stato*" (*estive* ou *fui*), mas em francês o verbo *être* se constrói com *avoir*: *j'**ai** été*;
- Outros exemplos:

(it.) *Mi **sono** sembrati offesi.* = (fr.) *Ils m'**ont** semblé offensés.* (Eles me pareceram ofendidos.),

(it.) ***Siamo** riusciti a entrare.* = (fr.) *Nous **avons** réussi à entrer.* (Conseguimos entrar.)

O enunciado francês *il a plu* se constrói como o espanhol *ha llovido*, ao passo que o italiano oferece duas possibilidades: *è piovuto* e *ha piovuto*...

Outra divergência: com os três verbos italianos *dovere* (dever), *potere* (poder) e *volere* (querer) o auxiliar recomendado no tempo composto é geralmente o que exige o infinitivo que o segue. Por exemplo, se ocorre o mesmo auxiliar em:

Carlo ha dovuto (*potuto*, *voluto*) *telefonare.* (Carlos teve de [pôde, quis] telefonar.)
Charles a dû (*pu*, *voulu*) *téléphoner.*

é porque se diz ***ha** telefonato* com *avere*. No entanto, haverá discrepância entre *Carlo è dovuto uscire* (embora também se admita *Carlo ha dovuto uscire*) e *Charles a dû sortir* (Carlos teve de sair), porque o verbo italiano *uscire* se constrói com o auxiliar *essere*.

De modo geral, quando há diferença de auxiliar entre as duas línguas, o *avoir* francês ocorre com mais frequência que o *essere* italiano.

15.2.2. Concordância do particípio nas formas compostas

O italiano e o francês distinguem-se também das duas línguas ibéricas no que se refere à concordância do particípio empregado com *haver* ou seus equivalentes: *haver* ou *ter* (port.), *avere* (it.), *avoir* (fr.).

Temos dormido.	*Hemos dormido.*
Tinham-na aberto, a janela.	*La habían abierto, la ventana.*

Obs.: A construção portuguesa *Temos a janela aberta* corresponde à espanhola *Tenemos la ventana abierta*, que não constitui mais um "tempo composto" de *abrir*.

Em italiano e em francês, é possível a concordância com o objeto direto; os princípios que a regem não são inteiramente iguais: em italiano o único caso em que a concordância é obrigatória é quando o complemento é um pronome da terceira pessoa:

*L'anno **aperta**, la finestra.* (Abriram-na, a janela.),

mas

Hanno aperto (melhor que *aperta*) *la finestra.* (Abriram a janela.)
La finestra che hanno aperto (mais frequente que ... *aperta*). (A janela que abriram.)

ao passo que em francês a concordância do particípio ocorre se o complemento precede o verbo:

Ils l'ont ouverte, la fenêtre.
La fenêtre qu'ils ont ouverte.

em contraste com:

Ils ont ouvert la fenêtre.

15.2.3. Condicionais simples e composto

Na expressão do "futuro do passado", o italiano se distingue pelo uso da forma composta, enquanto o português, o espanhol e o francês empregam o condicional (no Brasil, futuro do pretérito):

Português	Espanhol	Inglês	Francês
Disse-me que nunca se casaria.	*Me dijo que nunca se casaría.*	*Mi disse che non si sarebbe mai sposato.*	*Il m'a dit qu'il ne se marierait jamais.*

15.2.4. Pretérito perfeito simples (ou pretérito indefinido) e pretérito perfeito composto (ou pretérito perfeito)

A opção entre estes tempos tem motivações às vezes sutis. A mesma denominação "pretérito perfeito" para as duas formas esconde uma diferença de natureza: em espanhol, *cantó* é o passado temporal de *canta* – o falante situa o fato em seu próprio passado –, enquanto *há cantado* exprime um passado aspectual, ou seja, assinala, antes de qualquer coisa, a conclusão do processo expresso pelo verbo. Como nos dois casos o resultado é a evocação de algo passado, é natural que a convivência das duas formas origine alguns problemas.

1. Em espanhol, em geral, lida-se com essa convivência. Em face do mesmo acontecimento do passado, o falante pode revelar claramente o hiato com o presente

perfeito composto sugerir a relação que o fato guarda com o momento em que se produz o enunciado ou o próprio falante. Por exemplo:

- Às cinco da tarde alguém pode declarar: *Esta mañana há llovido* ou *Esta mañana llovió* (ambas traduzem-se em português como "Esta manhã choveu"), sendo a primeira forma a que indica a referência a uma ação passada dentro de um período de tempo finalizado (aqui o "hoje"); a segunda insiste, antes, na oposição com o momento da enunciação.
- *La guerra civil del 36 fue horrible* dirá o historiador, ao passo que um ex-combatente podia testemunhar vários anos depois do conflito: *La guerra civil ha sido horrible*.

Sabe-se, porém, que o uso não é uniforme em todo o âmbito de língua espanhola: na língua falada a oposição não é tão evidente e existem áreas nas quais predomina nitidamente uma forma sobre a outra, como é o caso do perfeito simples nas Canárias e em grande parte da América.

2. O português revela-se mais sensível ao corte entre passado e presente, dando preferência ao "pretérito perfeito simples" para a evocação de um fato consumado:

A guerra civil espanhola foi horrível.
Édison inventou o fonógrafo.

Para as ações que se estendem até o momento da enunciação, emprega-se o "pretérito perfeito composto" (cf. obs. em 14.1.2).

3. O italiano é ainda capaz de manter a distinção entre as duas formas. Em *Edison inventò il fonografo nel 1877*, a invenção é situada em um passado muito distinto do presente; já em *Edison ha inventato il fonógrafo*, o fato mantém certa atualidade, é como se se dissesse: "Édison é o inventor do fonógrafo". Contudo, principalmente na Itália do norte, a língua falada tende a generalizar o "passato prossimo" (*ha inventato*) em detrimento do "passato remoto" (*inventò*) dizendo *Edison ha inventato il fonografo nel 1877*, ao passo que no sul se manifesta a preferência inversa.

4. Quanto ao francês, sabe-se que em seu período clássico conviveram as duas formas e que, segundo aquela prática, podia-se admitir tanto *Edison inventa le phonographe* como *Edison a inventé le phonographe*, com os matizes mencionados para o italiano.

Atualmente, porém, a distinção se tornou nítida: a língua escrita formal adota, no relato de fatos passados, o "passé simple" (= pretérito perfeito simples), enquanto na língua falada não se emprega senão a forma composta, ou seja, o "passé composé". Noutras palavras, a diferença passou a depender da modalidade de uso dos enunciados.

Nossa exposição procurou percorrer a variedade de soluções que as quatro línguas têm proporcionado ou podem proporcionar relativamente à coexistência das duas formas de passado – a simples e a composta – diretamente ligadas ao presente.

15.2.5. Os três mais-que-perfeitos do indicativo do português

Como já assinalamos (cf. 14.4.1, 15.1.3), há em português três maneiras de exprimir uma época anterior a outra do passado:

- sem auxiliar: *amara* (pretérito mais-que-perfeito simples),
- com o auxiliar *ter*: *tinha amado* (pretérito mais-que-perfeito composto),
- com o auxiliar *haver*: *havia amado* (pretérito mais-que-perfeito composto).

Trata-se de três formas que têm o mesmo sentido em português. A língua falada espontânea só emprega, porém, as formas compostas, preferencialmente com o auxiliar *ter*. Todas ocorrem nos usos escritos, sendo que a forma simples constitui um traço de estilo mais formal.

15.2.6. O pretérito anterior

O português desconhece este tempo. O espanhol (*hube cantado*) e o italiano (o "traspassato remoto": *ebbi cantato*) o empregam pouco e somente nas orações subordinadas temporais da língua literária. Em francês, no entanto, mantém-se na língua escrita:

Il eut vite fait de dîner.	(Ele acabou rápido de jantar.)
Quand il eut mangé, il partit.	(Quando acabou de comer, foi-se embora.)

Na língua falada, uma vez que o perfeito composto substitui o simples (cf. 15.2.4), o que se usa é a forma duplamente composta do perfeito simples:

Il a eu vite fait de dîner.

Quand il a eu mangé, il est parti.,

enunciados cuja tradução em português é a mesma que vale para os dois anteriores.

15.3. A VOZ E OUTRAS PERÍFRASES VERBAIS

15.3.1. *Ser* e *estar*

A correspondência geralmente estabelecida entre o par *ser – estar*, característico do português e do espanhol, com o par italiano *venire – essere* (cf. 14.4.2) na expressão da voz passiva não é rigorosa: de fato, *venire* é mais compatível com a ideia de ação-processo e *essere* com a de estado; mas é comum que a interpretação da perífrase seja influenciada pelo contexto.

Por outro lado, o verbo *stare* não é estranho ao italiano – cf. a fórmula corrente de saudação *Come stai?* (Como está?), para exprimir uma dada situação; em contexto de duração, adquire o valor de *ficar, permanecer* que encontramos no verbo francês *rester* (que também procede do latim *stare*) e no espanhol *quedarse*. Exemplos:

(it.) *Non può* ***stare*** *un giorno senza vederla.*
(fr.) *Il ne peut pas* ***rester*** *un jour sans la voir.*
(esp.) *No puede* ***quedarse*** *um dia sin verla.*
(Não consegue ficar um dia sem vê-la.)

Nas construções atributivas em geral, os verbos *ser* e *estar* do português e do espanhol expressam a distinção entre uma propriedade constitutiva, inerente – com *ser* – e um aspecto relacionado a uma dada circunstância – com *estar*. Exemplos:

(port.) *O corredor* ***é*** *escuro* (trata-se de uma característica constitutiva do corredor)/*O corredor* ***está*** *escuro* (trata-se de uma situação circunstancialmente motivada)

Não se conhece em italiano, tampouco em francês, esta oposição direta; em ambos os casos a tradução mais comum se expressa com o verbo *essere* ou *être*.

(it.) *Il corridoio è oscuro.* (fr.) *Le couloir* ***est*** *sombre.*

15.3.2. Outras perífrases verbais

15.3.2.1. Perífrases aspectuais

Servem para significar numerosos matizes relativos ao aspecto, isto é, à estrutura interna da ação (seu início, curso, fim, resultado, duração, repetição...). São mais numerosas em português, espanhol e italiano do que em francês.

Voltamos a encontrar entre elas o verbo *estar* (it. *stare*), que, seguido de gerúndio (ou de *a* + *infinitivo*, no port. europeu), expressa um fato em processo:

(port. Brasil) ***Está*** *estudando.*
(port. Europa) ***Está*** *a estudar.*
(esp.) ***Está*** *estudiando.*
(it.) ***Sta*** *studiando* (ou com o infinitivo precedido de *'a'*: *Sta a studiare*).
(fr.) *Il* ***est*** *en train d'étudier* (aspecto durativo).

Vários outros verbos podem servir de elo entre o sujeito e as formas não pessoais, por exemplo:

- com o gerúndio: *ir* insiste no aspecto progressivo:
  (port. Brasil) *O tempo* ***vai*** *melhorando.*
  (esp.) *El tiempo* ***va*** *mejorando.*
  (it.) *Il tempo* ***va*** *migliorando.*
  (fr.) *Le temps s'améliore peu à peu* (aspecto durativo).
- com o particípio: os verbos de movimento portugueses *andar*, *ir* e *vir* e os espanhóis *andar*, *ir* e *venir*:
  (port. Europa) *O Pedro* ***anda/vai*** *muito preocupado.*
  (esp.) *Pedro* ***anda/va*** *muy preocupado.*

Trata-se de um estado que se prolonga numa dada extensão de tempo.

No port. do Brasil esses usos são comuns com advérbios de modo (*bem, mal*) e com expressões preposicionadas que denotam estado: *Os negócios* ***vão/andam/vêm/correm*** *bem*.

Em italiano, os verbos *andare* e *venire* ocorrem em construções como:

I documenti ***andarono*** *smarriti.* (Perderam-se os documentos.)
Venne *molto ammirata.* (Foi muito admirada.),

expressões que podem ter valor passivo, mas com matiz dinâmico; o *andare* italiano permite também introduzir um matiz de necessidade:

Va *considerato che...* (Deve-se considerar/ter em consideração que...)

Outro semiauxiliar frequente do português é *ficar*, com sentido resultativo, correspondente ao espanhol *quedar*:

(port.) *A porta* ***ficou*** *fechada.*
(esp.) *La puerta* ***quedó*** *cerrada.*

Para o significado locativo (port. *Onde fica o Palácio?*), em espanhol usa-se o verbo *estar*: *Donde está el Palacio?*.

- com o infinitivo: *voltar a* (port.), *volver a* (esp.), *tornare a* (it.) para o sentido de repetição:
  ***Voltou a** rir.* ***Volvió a** reí.* ***Tornò a** ridere.*
  estar para (port., esp.), *stare per* (it.) para exprimir a iminência:
  ***Está para** partir.* ***Está para** salir.* ***Sta per** partire.*

Em todos estes casos o francês tem que recorrer a outros meios para matizar o aspecto da ação. No entanto, as perífrases verbais não são totalmente ignoradas nessa língua. Exemplos:

- com o verbo *venir* (vir) para o passado recente:
  ***Acaba de** sair.* ***Acaba de** salir.* ***È appena** uscito.* Il vient de *sortir.*

- com o verbo *aller* (ir) para um futuro mais ou menos próximo:
  ***Vai** chover.* ***Va a** llover.* ***Sta per** piovere.* ***Il va** pleuvoir.*

Em português usa-se regularmente esta perífrase na língua falada para a expressão do futuro temporal.

15.3.2.2. Perífrases modais

Expressam a necessidade ou a obrigação e se constroem com um infinitivo. Exemplos:

***É preciso** dormir.*	***Hay que** dormir.*	***Bisogna** dormire.*	***Il faut** dormir.*
***Hei de** trabalhar.*	***He de** trabajar.*	***Ho da** lavorare.*	***J'ai à** travailler.*
***Deves** falar.*	***Tienes que/ Debes** hablar.*	***Devi** parlare.*	***Tu dois** parler.*
*A casa **está por** pintar.*	*La casa **está por** pintar.*	*La casa **è da** dipingere.*	*La maison **est à** peindre.*

15.4. AS RELAÇÕES VERBAIS NO PERÍODO COMPOSTO

15.4.1. Princípios gerais

As principais diferenças que se observam entre as quatro línguas dizem respeito ao emprego dos modos verbais indicativo e subjuntivo. Recordemos que, graças ao modo, o falante expressa sua atitude relativamente ao processo verbal: com o modo indicativo, ele assume plenamente a afirmação do processo; com o modo subjuntivo, ele não a assume plenamente. Se este princípio geral parece simples, sua aplicação a cada um dos idiomas apresenta matizes, diversifica-se, já que não se mostra com nitidez, em todas as partes, a linha de fronteira entre os dois modos.

Poucas são as divergências que se manifestam nas orações independentes.

À guisa de exemplo, assinalemos que a presença de um advérbio de dúvida como *talvez* ou das correspondentes formas espanholas *acaso*, *talvez*, *quizá*(s) diante do verbo pode provocar a passagem ao subjuntivo, ao passo que, em italiano e em francês, o advérbio de dúvida não é capaz de alterar o modo indicativo do verbo:

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Talvez (você) tenha/ (tu) tenhas razão.	Acaso tengas razón.	Forse hai ragione.	Peut-être as-tu raison/ Peut-être que tu as raison.

Por outro lado, nas orações subordinadas, as divergências no emprego dos dois modos são mais numerosas. Para ilustrá-las organizaremos nossa exposição em função dos três tipos clássicos de subordinadas:

- as substantivas ou completivas, que desempenham função de substantivo:
  no papel de sujeito: *Parece lógico que ela esteja feliz* (= *Sua felicidade parece lógica*);
  no papel de complemento: *Admito que ela esteja feliz* (= *Admito sua felicidade*);
- as adjetivas ou relativas, que atuam como adjetivos:
  ...um rapaz que trabalha bem (= *um rapaz trabalhador*);
  ...um médico que possa curar-me (= *um médico capaz de curar-me*);
- as que atuam como advérbios ou complementos circunstanciais, chamadas, por isso, *adverbiais* ou *circunstanciais*:
  finais: *para que eu saiba* (= *para minha informação*);
  causais: *porque choveu* (= *por causa da chuva*);
  temporais: *enquanto ela viajava* (= *durante sua viagem*);
  concessivas: *embora seja difícil* (= *apesar das dificuldades*);

15.4.2. Nas orações substantivas

15.4.2.1. Casos de convergência das quatro línguas

Ind.	*Sabemos que Paulo está em Roma.*	*Sabemos que Pablo está en Roma.*	*Sappiamo che Paolo è a Roma.*	*Nous savons que Paul est à Rome.*
Subj.	*Quero que me digas a verdade.*	*Quiero que me digas la verdad.*	*Voglio che tu mi dica la verità.*	*Je veux que tu me dises la vérité.*

No entanto, as quatro línguas aqui estudadas se afastam também em virtude de disparidades dignas de nota, motivadas por vários fatores, como o sentido do verbo (ou outro elemento) subordinante e seu contexto (seu tempo, ausência ou presença de negação etc.).

Como não é nossa intenção aqui pormenorizar este estudo, daremos destaque a apenas alguns exemplos reveladores:

15.4.2.2. Variação da atitude e respectiva expressão modal

Os enunciados abaixo exemplificam a intepretação da fronteira modal que se manifesta na gradação que vai do certo ou categórico ao provável ou possível:

Ind.	É certo que João virá.	Es cierto que vendrá Juan.	È certo che verrà Giovanni.	Il est certain que Jean viendra.
Subj.	É provável que João venha.	Es probable que venga Juan.	È probabile che venga Giovanni.	Il est probable que Jean viendra.
	É possível que João venha.	Es possible que venga Juan.	È possibile che venga Giovanni.	Il est possible que Jean vienne.

Em três línguas ocorre o subjuntivo à medida que o falante se afasta da certeza. Em francês é menos clara a separação entre certeza e probabilidade; por isso, para esta noção há preferência pelo modo indicativo, o que não impede o emprego do subjuntivo em *Il est probable que Jean vienne*.

15.4.2.3. O verbo *esperar*

Com o verbo *esperar* (port., esp.), *sperare* (it.), *espérer* (fr.), as construções usuais – com certa margem de flexibilidade, particularmente em italiano – são:

Espero que venha.	Espero que venga.	Spero che venga/verrà.	J'espère qu'il viendra.
(PB) Não espero mais que venha. (PE) Já não espero que venha.	Ya no espero que venga.	Non spero più che venga.	Je n'espère plus qu'il vienne.

Vemos que, no enunciado afirmativo, as duas línguas ibéricas preferem o subjuntivo devido à incerteza implicada pela ideia de esperança; por seu turno, o francês, valorizando a possibilidade de realização da esperança, opta pelo indicativo; o italiano, por sua vez, admite a opção entre os dois modos. Com a negação – vale dizer, descartada a esperança – as quatro línguas recorrem ao subjuntivo.

Esses quatro verbos só podem ser comparados relativamente a parte de seu conteúdo semântico, já que o *sperare* italiano e o *espérer* francês ignoram o valor de "aguardar" que o *esperar* das línguas ibéricas também expressa.

15.4.2.4. Verbos de opinião

Com um verbo de opinião como *crer* (port.), *creer* (esp.), *credere* (it.), *croire* (fr.), é o italiano que se destaca por preferir o subjuntivo na subordinada, não só na formulação negativa da opinião mas também na afirmativa:

Não creio que tenha razão.	Non creo que tenga razón.	Non credo che abbia ragione.	Je ne crois pas qu'il ait raison.
Creio que tem razão.	Creo que tiene razón.	Creddo che abbia ragione.	Je crois qu'il a raison.

A construção com o indicativo, também possível, dá à crença um tom de convicção mais forte:

Credo che verrà. (Creio que virá.)
Credo che sarebbe meglio così. (Creio que seria melhor assim.)

15.4.2.5. A concordância dos tempos

O tempo do verbo principal pode influir no tempo do verbo subordinado, como comprovam os seguintes exemplos de orações que se acham subordinadas a um verbo de vontade e que refletem o uso atual das três línguas meridionais e o do francês clássico nos séculos XVII e XVIII:

Quero/Será preciso que venhas.	Quiero/Será preciso que vengas.	Voglio/Bisognerà che tu venga.	Je veux/Il faudra que tu viennes.
Queria/Seria preciso que viesses.	Yo quería/ Sería preciso que vinieras ou vinieses.	Volevo/ Bisognerebbe che tu venissi.	Je voulais/Il faudrait que tu vinsses.

De acordo com estes exemplos, a correspondência é a seguinte:

Presente ou futuro	Presente
Passado ou futuro do pretérito (condicional)	Imperfeito

Quando se empregam tempos compostos, o auxiliar toma a forma temporal conveniente.

Esta "regra" não se aplica com todo o rigor. Em português, como em espanhol, não é impossível ouvir e dizer *Mandaram que estudasse/Mandaron que estudiara* (ou *estudiase*) e *Mandaram que estude/Mandaron que estudie*. A única exigência é que, com um verbo de vontade, o verbo subordinado se encontre em um tempo posterior ao do verbo principal.

Com os demais verbos que regem subjuntivo o verbo subordinado guarda sua independência temporal. Os seguintes exemplos com verbos principais de dúvida ilustram essa relativa autonomia:

Duvido/Não creio que seja/fosse verdade.	Dudo/No creo que sea/fuera ou fuese verdad.	Dubito/Non credo che sia/fosse vero.	Je doute/Je ne crois pas que ce soit/fût vrai.

Em francês moderno, em todo o caso, já não se registram problemas de concordância temporal, porque caíram em desuso os pretéritos imperfeito e mais-que-perfeito do subjuntivo. Em francês corrente diz-se:

Je voulais/Il faudrait que tu viennes. (Eu queria/Seria preciso que você viesse.)

Je regrettais que tu ne sois pas venu. (Eu lamentaria que [ou se] você não viesse.)

Na língua escrita mais elaborada ainda se podem encontrar estes dois tempos quando se trata dos verbos *être* e *avoir* e da terceira pessoa do singular de qualquer outro verbo. No que se refere à concordância dos tempos, tanto quanto em outros aspectos, o francês se revela menos conservador do que as três línguas meridionais.

15.4.3. Nas orações adjetivas

As poucas diferenças se observam, sobretudo, nas orações que qualificam um antecedente indeterminado, especialmente em contexto de futuro:

O último que **sair** (subj.) fechará a porta.	El último que **salga** (subj.) cerrará la puerta.	L'ultimo che **uscirà** (ind.) chiuderà la porta.	Le dernier qui **sortira** (ind.) fermera la porte.
Dormirás onde **puderes.**	Dormirás donde **puedas.**	Dormirai dove **potrai.**	Tu dormiras où tu **pourras.**

Vemos que, nestes casos, enquanto o português e o espanhol recorrem respectivamente ao futuro e ao presente do modo subjuntivo, o italiano e o francês utilizam o futuro do indicativo.

15.4.4. Nas orações adverbiais

Nestas, o modo do verbo depende do tipo de relação que existe entre as duas proposições, relação esta que se expressa, antes de qualquer coisa, pela conjunção que introduz a subordinada, como teremos oportunidade de ilustrar mais adiante (cf. 16.2).

Também aqui nos limitaremos a mais uns poucos exemplos.

15.4.4.1. Subordinadas temporais introduzidas por *quando*

Se o contexto é de presente ou de passado, a construção é idêntica nas quatro línguas:

Quando **posso**, saio.	Cuando **puedo**, salgo.	Quando **posso**, esco.	Quand je **peux**, je sors.
Quando **pude**, saí.	Cuando **pude**, salí.	Quando **potei**, uscii.	Quand **j'ai pu**, je suis sorti.

Por outro lado, em contextos de futuro, observamos novamente algumas divergências:

Quando **puder**, sairei.	Cuando **pueda**, saldré.	Quando **potrò**, uscirò.	Quand je **pourrai**, je sortirai.

Enquanto o espanhol requer o presente do subjuntivo, o português adota o futuro do mesmo modo – solução que era conhecida no espanhol antigo. O italiano e o francês, por seu turno, empregam o mesmo tempo (futuro) e modo (indicativo) da oração principal.

Se se trata de um futuro referido a um momento do passado, a transposição apresenta algumas peculiaridades:

Eu sabia que quando **pudesse**, sairia/saía.	Yo sabía que cuando **pudiera**, saldría.	Sapevo che quando **avrei potuto**, sarei uscito.	Je savais que quand je **pourrais**, je sortirais.

Se o futuro do pretérito (condicional) se impõe na completiva das quatro línguas, observamos, por outro lado, que o italiano requer não o futuro do pretérito simples, mas sua forma composta (cf. 15.2.3).

Na oração adverbial, o português e o espanhol adotam o pretérito imperfeito do subjuntivo, ao passo que o italiano e o francês optam pelo futuro do pretérito (condicional); contudo, também neste caso trata-se da forma composta do futuro do pretérito. O italiano admite ainda, nas mesmas condições, o imperfeito do subjuntivo – uma vez mais, composto – na subordinada temporal (*Sapevo che quando avessi potuto, sarei uscito*), fato que tem semelhanças parciais com as línguas ibéricas.

15.4.4.2. Subordinadas condicionais introduzidas por *se*

Partamos dos três enunciados seguintes:

Se posso, saio.	Si puedo, salgo.	Se posso, esco.	Si je peux, je sors.
Se **puder**, sairei.	Si puedo, saldré.	Se **potrò**/posso, uscirò.	Si je peux, je sortirai.
Se pudesse, sairia/saía.	Si pudiese/pudiera, saldría.	Se potessi, uscirei.	Si je **pouvais**, je sortirais.

Uma vez mais, as diferenças se manifestam em contexto de futuro. Com este tempo do indicativo no verbo subordinante, somente em português há alteração do modo na oração subordinada, com o emprego do futuro do subjuntivo; o francês, assim como o espanhol moderno, conserva o modo indicativo, mas no tempo presente, enquanto o italiano é o único dos quatro idiomas que admite o futuro do indicativo na subordinada como construção preponderante.

Para a relação com o conteúdo condicional da oração principal, as três línguas meridionais requerem, na subordinada, o pretérito imperfeito do subjuntivo; somente o francês, que perdeu esta forma, recorre ao imperfeito do indicativo. Esta mesma prática se observa nas comparativas hipotéticas introduzidas por "como se":

como se fosses rico.	como si fueras/ fueses rico.	come se (tu) fossi rico.	comme si tu étais riche.

Advertências:

a) As construções indicadas são as mais frequentes e não excluem certa liberdade, sobretudo em italiano, que favorece a expressão de não poucos matizes semânticos.

b) Em Portugal, a língua falada contemporânea prefere substituir o futuro do pretérito (condicional) da oração principal (ex.: *sairia*) pelo imperfeito do indicativo (*saía*).

c) Uma particularidade do francês se revela na coordenação de duas subordinadas hipotéticas, de sorte que a segunda possa ser introduzida por um *que* seguido de um subjuntivo; ex.:
Si nous ne répondons pas et que le danger soit réel...
(Se não respondemos e o perigo é real...)

15.4.5. O futuro do subjuntivo do português

Conforme acabamos de ver, este tempo continua bem vivo no português moderno, ao passo que no espanhol atual não figura mais nos registros correntes; também no italiano e no francês esta forma não existe mais. Esta particularidade do português é o motivo de dificuldades para os falantes de outras línguas românicas. Por isso é importante realçar as condições de seu uso: ele não é empregado senão em orações subordinadas, para a expressão de uma ação ou estado hipotéticos, prováveis, que ordinariamente se situam no futuro, mas também podem situar-se no presente. Por esta razão, é frequente a permuta entre o futuro e o presente do subjuntivo na expressão do mesmo conteúdo temporal.

Além das orações relativas (cf. 15.4.3), temporais (cf. 15.4.4.1) e condicionais (cf. 15.4.4.2), podemos citar outras subordinadas:

a) relativas: com *que*, ex.: *As pessoas que **quiserem*** (ou ***queiram***) *informação poderão pôr-se em contato comigo*;

b) comparativas: com *como*, ex.: *Será como **quiseres*** (ou ***queiras***);

c) temporais:

- com *depois que*, *logo que*, ex.: *Logo que **puder*** (ou ***possa***), *apareço*;
- com *sempre que*, ex.: *Pode chamar-me sempre que **quiser*** (ou ***queira***);
- com *enquanto*, ex.: *Enquanto **estiver** aqui, fico à sua disposição.*

É interessante lembrar que ao lado das conjunções e locuções conjuntivas temporais dos exemplos anteriores existem outras que introduzem verbos no presente, mas não no futuro do subjuntivo: *antes que* (*Antes que amanheça, vou-me embora*); *até que* (*Não descansarei até que acabe este trabalho*).

Esta dupla sintaxe, que corresponde à do espanhol antigo, tem sua explicação. Com as conjunções do primeiro grupo, as que regem o futuro do subjuntivo, a ação expressa na subordinada temporal é anterior à que se declara na principal (*Podes vir quando quiseres* implica que o desejo de vir precede à vinda). Com as do segundo grupo, as que se constroem com o presente do subjuntivo, ocorre o contrário: *antes* implica que a ação significada pela oração subordinada é posterior à que vem expressa na principal.

XVI

As conjunções

As conjunções são palavras invariáveis que ligam constituintes da oração ou partes de orações. Duas orações ou partes de uma oração podem unir-se sem que uma delas seja constituinte da outra. Neste caso, as orações ou partes da oração se acham coordenadas e a conjunção que as liga se chama conjunção coordenativa (16.1). Se, no entanto, uma das orações tiver com a outra um nexo de dependência, estamos perante uma construção de subordinação e a palavra que as liga é uma conjunção subordinativa (16.2). Num caso particular de subordinação, as orações relativas, o que articula as duas frases são pronomes relativos (ver cap. XI).

16.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

16.1.1. Aditivas ou copulativas

A conjunção aditiva básica é *e*; com valor negativo o português tem *nem* ou *nem...nem*. O quadro seguinte apresenta estas conjunções nas quatro línguas românicas:

e	y/e	e/ed	et
nem	ni	né	ni
nem...nem	ni...ni	né...né	ni...ni
nem...tampouco	ni...tanpoco		ni...non plus
e...também não		e/ed...neanche	et...non plus

Eis alguns exemplos ilustrativos:

Conheço a Dinamarca e a Alemanha.	Conozco la Dinamarca y l' Alemaña.	Conosco la Danimarca e la Germania.	Je connais le Danemark et l'Allemagne.
Não irei a Roma nem a Paris.	No iré ni a Roma ni a París. No iré a Roma ni a París.	Non andrò a Roma né a Parigi. Non andrò né a Roma né a Parigi.	Je n'irai pas à Rome ni à Paris. Je n'irai ni à Rome ni à Paris.
Não irá a Roma e eu também não/e eu tampouco.	No irá a Roma ni yo tampoco.	Non andrà a Roma ed io neanche/neanch' io.	Il n'ira pas à Rome et moi non plus/ni moi non plus.

Assinale-se que, quando *nem* em português e equivalentes em espanhol e italiano seguem o verbo, a negação não é obrigatória; quando se encontram antes do verbo, a negação não é empregada nessas línguas, ao contrário do francês, em que *ne* é obrigatório (ver 18.9).

16.1.2. Alternativas

A conjunção fundamental é *ou* em português, *o* em espanhol, *o* em italiano e *ou* (*bien*) em francês:

Quer chá ou café?	Quiere té o café?	Vuole tè o caffè/ oppure caffè?	Voulez-vous du thé ou du café?

Ou...ou usa-se para exprimir alternativas que se excluem.

Ou e ainda *quer...quer*, *seja...seja*, *ora...ora* exprimem alternativas que podem ou não excluir-se.

seja...seja	sea...sea	sia...sia/che	soit...soit
ora...ora	ya...ya	o...o	ou (bien)...ou (bien)
quer...quer	quier...quier	talvolta...talvolta talvolta...talaltra	

Em espanhol, *o* torna-se *u* antes de palavras começadas por vogal: *uno u outro*.

16.1.3. Adversativas

Servem para ligar dois constituintes de frase ou duas frases em que a segunda exprime uma ideia de contraste:

mas	pero/mas, sino	ma	mais
porém	sin embargo	però	pourtant
todavia		tuttavia	cependant
contudo	contodo	pure, eppure	toutefois
no entanto	no obstante	nondimeno	néanmoins

Em espanhol, *mas* é menos frequente que *pero*; *sino* usa-se depois de um termo negativo: *No era el, sino su hermano*.

Outros exemplos:

Gosto desta casa, mas parece-me muito cara.	Me gusta esta casa, pero me parece muy cara.	Mi piace questa casa, ma mi pare molto cara.	Cette maison me plait, mais elle me semble bien chère.
Contudo, move-se!	¡Y sin embargo, se mueve!	Eppur si muove!	Et pourtant elle tourne!

16.1.4. Conclusivas

As conjunções conclusivas servem para introduzir uma oração que exprime uma consequência em relação à primeira oração:

pois	pues	dunque	donc
logo	luego	quindi	pourquoi
portanto	por eso, por lo tanto	pertanto	c'est pourquoi
por conseguinte	por consiguiente	di conseguenza	par conséquent
assim			ainsi, aussi

Exemplos:

Penso, logo existo.	Pienso, luego existo.	Penso, dunque sono.	Je pense, donc je suis.

Tal como a forma *pois*, também *pues*, *dunque* e *donc* podem usar-se em frases simples para marcar a insistência:

Pois venha!	¡Pues venga!	Venga dunque!	Venez donc!

Aussi leva à inversão da ordem normal de palavras:
Jean est parti; aussi, peut-on préparer sa chambre.

16.1.5. Explicativas

Estas conjunções servem para ligar duas orações, de maneira que a segunda delas apresenta uma razão para o ato de exprimir o conteúdo da primeira. Aproximam-se por isso das conjunções subordinadas causais (16.2.4); no entanto, distinguem-se delas porque a oração explicativa segue sempre a outra oração, ao contrário das subordinadas, em que a ordem das proposições pode variar:

pois	pues	poiché	car
porquanto		giacché	
com efeito	en effecto	in fatti	en effet

Exemplos:

Fale mais alto, pois ouço mal.	Hable más fuerte, pues oigo mal.	Parli più forte, in fatti sento male.	Parlez plus fort, car j'entends mal.

16.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

16.2.1. Integrantes

A conjunção fundamental é a mesma para as quatro línguas, independentemente de certas diferenças de grafia e de pronúncia: *que* em português, espanhol e francês, *che* em italiano:

Disse-me que viria.	Mi dijo que vendría.	Mi disse che sarebbe venuto.	Il m'a dit qu'il viendrait.

16.2.2. Finais

Para introduzir uma oração que exprime a finalidade ou o propósito do conteúdo expresso pela primeira oração, as conjunções e locuções mais frequentes são:

para que	para que	perché	pour que
a fim de que	a fin de que	affinché	à fin que

Exemplos:

Telefono-lhe para que seja o primeiro a saber a notícia.	Le telefoneo, para que sea el primero en saber la noticia.	Le telefono, perché sia il primo a sapere la notizia.	Je vous téléphone pour que vous soyez le premier à savoir la nouvelle.

16.2.3. Consecutivas

As quatro línguas possuem um conjunto numeroso de locuções para introduzir uma oração que exprime relativamente a outra a ideia de consequência:

tão...que	tan ...que	così...che	si...que
tanto que	tanto que	a tal punto che	tant...que
de modo que	de modo que	di modo che	de façon que
de forma que	de forma que		
de maneira que	de manera que	in maniera che	
de sorte que	de suerte que	talmente che	de (telle) sorte que

Exemplos:

Fala tão depressa que não posso compreendê-lo.	Habla tan de prisa que no puedo enterderlo.	Parla così in fretta che non posso capirlo.	Il parle si vite que je ne peux pas le comprendre.

16.2.4. Causais

As conjunções causais introduzem uma oração que exprime a razão de ser ou a causa do conteúdo da outra oração:

porque	porque	perché	parce que
pois que	puesto que	poiché	puisque
já que	ya que	giacché	comme
como	como	siccome	
dado que	dado que	dato che	étant donné que
uma vez que	desde el momento en que	dal momento che	du moment que

Obs.: Como os quadros revelam, o italiano dispõe de uma conjunção *perché* que tem valor de finalidade (ver 16.2.2) e de causa.

Não pode vir porque está doente.	No podrá venir porque está enfermo.	Non potrà venire perché è malato.	Il ne pourra pas venir, parce qu'il est malade.
Porque está doente, não pode vir.	Porque está enfermo, no podrá venir.	Perché è malato, non potrà venire.	Parce qu'il est malade, il ne pourra pas venir.

16.2.5. Temporais

Podem exprimir relações de simultaneidade, anterioridade, posteridade entre duas proposições:

quando, como	cuando, como	quando, allorché, come	quand, lorsque, comme
enquanto	mientras	mentre	pendant que
antes que	antes de que	prima che	avant que
depois que	despues de que	dopo che	après que
apenas, mal	apenas	appena	dès que, à peine
até que	hasta que	finché	jusqu'à ce que
sempre que, cada vez que	siempre que, cada vez que	ogni volta che	toutes les fois que

Exemplos:

Quando puder sairei/saio.	Cuando pueda saldré.	Quando potrò, uscirò.	Quand je pourrai, je sortirai.

16.2.6. Condicionais ou hipotéticas

Além de *se* e seus equivalentes nas outras línguas e de locuções com *se*, há uma série de outras locuções com *que* para marcar uma hipótese:

se	si	se	si
como se	como si	come se	comme si
caso	en caso (de) que	nel caso che	au cas où
contanto que	con tal (de) que	purché	pourvu que
desde que	con la condición (de) que	a condizione che	à condition que

Exemplos:

Se pudesse, sairia.	Si pudiera, saldría.	Se potessi, uscirei.	Si je pouvais, je sortirais.
Contanto que venha, tudo estará bem.	Con tal que venga, todo irá bien.	Purché venga, tutto andrà bene.	Pourvu qu'il vienne, tout ira bien.

16.2.7. Concessivas

A oração concessiva, tal como a adversativa, exprime uma situação inesperada ou uma situação que não é conforme as expectativas, relativamente ao conteúdo da outra oração:

embora	aunque	benché	quoique
se bem que	si bien	sebbene	bien que
não obstante		nonostante	
apesar de que	a pesar de que	malgrado che	malgré que
ainda que		ancorché	encore que

A maior parte das conjunções concessivas leva ao uso do subjuntivo/conjuntivo. *Même si* em francês e *anche se* em italiano selecionam o indicativo. Em espanhol, *aunque* pode admitir o indicativo ou o conjuntivo:

Aunque llueve, saldrás./Aunque llueva, saldrás.

Outros exemplos:

Embora tenha fome, não vou comer.	Aunque tenga hambre, no vo a comer.	Benché abbia fame, non mangerò.	Quoique j'ai faim, je ne mangerai pas.

É de notar a expressão francesa *avoir beau* infinitivo, correspondente ao italiano *ha un bel(lo)* infinitivo, de sentido concessivo ou contrastivo: *Il a beau étudier, il n'a pas réussi l'examen. Ha un bello studiare, non è stato promesso.*

16.2.8. A conjunção *como*

Como e seus equivalentes nas outras línguas (*como* em espanhol, *come/siccome* em italiano e *comme* em francês) exprimem diferentes valores, em particular o comparativo e a causa. A oração iniciada por *como* causal ocupa sempre a primeira posição, já que expressa uma informação pressuposta, conhecida:

Mente como respira.	Miente como respira.	Mente come respira.	Il ment comme il respire.
Como chovia, não saí.	Como llovía, no salí.	Siccome pioveva, non sono uscito.	Comme il pleuvait, je ne suis pas sorti.

XVII

As preposições

17.1 ASPECTOS GERAIS

Assim como as conjunções e os pronomes relativos, as preposições são elementos de relação e, por isso, se antepõem a unidades que se tornam, em virtude delas, partes sintaticamente dependentes de unidades maiores. O que as particulariza nesse conjunto é o fato de virem seguidas de substantivos, pronomes substantivos, adjetivos, infinitivos e até mesmo advérbios: *rosto* **de** *menina*, *café* ***sem*** *açúcar*, *mensagem* ***para*** *alguém*, *cair* ***de*** *podre*, *cansado* **de** *trabalhar*, *viajar* ***para*** *longe*. Podem ser simples (*de*, *para*, *desde*) ou compostas, formando as chamadas locuções prepositivas (*apesar de*, *em volta de*, *quanto a*).

Tanto quanto as demais espécies de conectivos, as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções de que participam. Essa maior ou menor relevância semântica da preposição está relacionada às possibilidades de opção de quem fala ou escreve no momento de construir os enunciados. Em muitos casos, a preposição não é escolhida conforme o sentido que é capaz de acrescentar às construções, mas exigida pela palavra que a precede, seja um verbo, um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Em *penso* ***em*** *você*, *ela depende* ***de*** *mim*, *sonhei* ***com*** *ela*, *estou confiante* ***na*** *vitória*, *cidade* ***de*** *Roma*, *tenho medo* ***de*** *fantasma*, *contas relativas* ***ao*** *mês*, *moro perto* ***do*** *trabalho*, a preposição, enfraquecida, tende a ser um apêndice formal de um núcleo representado pela palavra que a precede, e a palavra ou palavras que se seguem têm o papel de complemento desse núcleo. Esta função puramente sintática dessas preposições explica sua maior frequência de uso nas quatro línguas românicas, como se verá mais à frente.

Diversa é a situação da preposição em *viajou* ***sem*** *destino*, *viajou* ***com*** *a família*, *viajou* ***para*** *o Sul*, *viajou* ***pelo*** *litoral*, *viajou* ***entre*** *os meses de abril e junho*, *caixa* ***de*** *madeira*, *caixa* ***para*** *charutos*, *colher* ***de*** *sobremesa*, *colher* ***de*** *pau*, *colher* ***de*** *conhaque*. Neste conjunto de exemplos, a preposição forma com a unidade seguinte um sintagma preposicional que equivale, pela posição que ocupa e pelas relações de sentido que expressa, a um adjetivo ou a um advérbio, além de se destacar, por ser uma opção entre outras, pelo significado que acrescenta à construção. Uma vez que sempre contribuem para o significado das construções, as locuções prepositivas são deste segundo tipo.

17.2. AS PREPOSIÇÕES MAIS FREQUENTES

Os estudos estatísticos do vocabulário português, espanhol, italiano e francês revelam que se reduz a um pequeno número (por volta de seis em cada uma das quatro línguas estudadas) o elenco de preposições simples mais frequentemente empregadas. Por ordem decrescente, *de* em português, *de* em espanhol, *di* em italiano e *de* em francês são as mais usuais, seguidas, na mesma ordem das línguas estudadas,

por *a* e *à*; *em*, *en*, *in*, *en*. Essas três primeiras preposições – *de*, *a* e *em* – representam cerca de oitenta por cento do total das ocorrências de preposições nas quatro línguas românicas. As outras preposições mais frequentes são as equivalentes a *para*, *por* e *com*. Vejamos as correspondências, nas três outras línguas, das seis preposições mais frequentes:

de	de	di da	de
a	a	a	à
em	en	in	dans (en)
para por	para por	per	pour/par
com	con	con	avec

Podem-se notar as semelhanças com a preposição *a* (*à*, em francês), a preposição *de* (*di*, em italiano) e a preposição *em* (italiano *in*, francês e espanhol *en*). É de notar, ainda, a diferença do equivalente de *com* em francês (*avec*). A preposição *de* se desdobra em italiano em *di* e *da*. Os equivalentes das preposições *para* e *por* do português se uniformizam em italiano (*per*) e se "alternam" em francês (*pour/par*). Analisemos, então, de maneira mais precisa, o conteúdo semântico e as condições de emprego das seis preposições apresentadas.

17.2.1. A preposição *de* e seus equivalentes

Esta preposição tem emprego variado, devendo-se distinguir, numa comparação das quatro línguas, principalmente os seguintes tipos de ocorrência:

a) expressão de "genitivo", relacionador nominal com diferentes significados (*casa* **de** *Pedro*, "posse"; *anel* **de** *ouro*, "matéria"; *lista* **de** *telefones*, "conteúdo");

b) preposição dependente de verbos e de substantivos e adjetivos correspondentes a esses verbos, geralmente com valor locativo (*veio* **de** *Paris/vinda* **de** *Paris*; *aproximou-se* **de** *alguém*; *fugiu* **da** *cadeia/fuga* **da** *cadeia/fugitivo* **da** *cadeia*), e ocasionalmente com outros significados (*falar* **de** *política*);

c) preposição que assinala um atributo (*chamar alguém* **de** *ladrão*);

d) preposição que assinala uma causa (*morrer* **de** *sede/morto* **de** *sede*, *cair* **de** *podre*);

e) preposição que assinala um modo, um meio (*dormir* **de** *pijama*, *viajar* **de** *avião*);

f) preposição que assinala um agente (*ser conhecido* **de** [= *por*] *todos*).

A simetria entre as quatro línguas é por vezes rompida:

A casa *de* Pedro	A casa *de* Pedro	La casa *di* Pietro	La maison *de* Pierre
A cidade *de* Roma	La ciudad *de* Roma	La città *de* Roma	La ville *de* Rome
O melhor *de* todos	El mejor *de* todos	Il migliore *di* tutti	Le meilleur *de* tous
Morrer *de* sede	Morir *de* sed	Morire *di* sete	Mourir *de* soif
Falar *de* política	Hablar *de* política	Parlare *di* politica	Parler *de* politique
Acercar-se *de* Aproximar-se *de* Avizinhar-se *de*	Acercarse *a* Aproximarse *a*	Avvicinarsi *a* Approssimarsi *a*	S'approcher *de*
Vem *de* Paris	Viene *de* Paris	Viene *da* Parigi	Il vient *de* Paris
É conhecido *de/por* todos	Es conocido *de/por* todos	È conosciuto *da* tutti	Il est connu *de* tous
De terça a quinta	*Del* martes a jueves	*Dal* martedì al giovedì	*Du* mardi au jeudi
Chamar alguém *de* ladrão	Tachar a uno *de* ladrón	Dare *del* ladro a qualcuno	Traiter quelq'un *de* voleur
É proibido fumar	Está proibido fumar	È vietato fumare	Il est défendu *de* fumer

Como se pode depreender do quadro comparativo, o italiano *da* rompe o paralelismo. Nessa língua, a preposição *da* é empregada nos seguintes casos:

- Para indicar o lugar de onde se vem: *È arrivato* **da** *Parigi* (*Chegou de Paris*).
- Como equivalente de *por* para introduzir um complemento de agente: *L'ultimo libro pubblicato* **da** *questo autore* (O último livro publicado *por* este autor).
- No sentido de *em casa de*: Habita **dal** fratello (Mora *com* o irmão [= na casa do irmão]).

A preposição *da* se opõe, às vezes, a *di*, criando diferenças semânticas interessantes. Em *un bicchiere* **di** *vino* (um copo de vinho), por exemplo, *di* assinala o conteúdo do copo; já em *un bicchiere* **da** *vino*, *da* expressa a finalidade: um copo utilizado para servir/beber vinho.

Como já vimos em outro capítulo, *di* é empregado com os comparativos de superioridade e de inferioridade, como, por exemplo: *Maria è più (meno) intelligente **di** Pietro*". Nesse caso as três outras línguas empregam *que*: *Maria é **mais** (menos) inteligente (do) **que** Pedro*.

É de notar ainda uma peculiaridade do francês, como ilustra o último exemplo do quadro, ao usar a preposição *de* para introduzir uma oração infinitiva numa construção impessoal: *Il est défendu **de** fumer* (É proibido fumar).

17.2.2. A preposição *a* e seus equivalentes

A preposição *a* tem também diferentes valores, destacando-se o *a* expressão do dativo (*Dei o livro **a** Pedro*), o *a* locativo (*Vou **a** Paris*) e o *a* temporal (*Sairei **ao** meio-dia*). Em geral, há equivalentes nas quatro línguas românicas para estes três valores. A preposição *a* em francês, porém, distingue-se de suas correspondentes em português, espanhol e italiano por exprimir valores de posse e de determinação que nessas línguas são expressos por *de*, *em*, *com* e seus equivalentes.

Vejamos o quadro abaixo:

Dou este livro *a/ao* Pedro	Doy este libro *a* Pedro	Do questo libro *a* Pietro	Je donne ce livre *à* Pierre
Este carro é *de/do* João	Este coche es *de* Juan	Questa macchina è *di* Giovanni	Cette voiture est *à* Jean
Volta *a/para* casa	Vuelve *a* casa	Torna *a* casa	Il rentre *à* la maison
Fica *em* casa	Se queda *en* casa	Rimane *a/in* casa	Il reste *à* la maison
Às três (horas)	*A* las tres	*Alle* (ore) tre	*À* trois heures
Papel *de* cartas	Papel *de* cartas	Carta *da* lettere	Papier *à* lettres
Torta *de* maçã	Tarta *de* manzana	Torta *di* mele	Tarte *aux* pommes
O homem *com (a)/de (a)* barba branca	El hombre *com/de* barba blanca	L'uomo *com la/dalla* barba bianca	L'homme *à* la barbe blanche
De joelhos	*De* rodillas	*In* ginocchio	*À* genoux
Pensa *em* tudo	Piensa *en* todo	Pensa *a* tutto	Il pense *à* tout

Note-se, em espanhol, a existência de acusativo preposicional, ou seja, o emprego da preposição *a* entre o verbo e um objeto direto humano. Esse acusativo preposicional é raramente usado em português, salvo se o objeto é um pronome pessoal acentuado (*Ele só conhece **a** mim*; *Conheço-o **a** ele*). Em italiano e em francês tais formas não são empregadas.

Conheço o seu amigo	Conozco *a* su amigo	Conosco il suo amico	Je connais son ami

No português brasileiro, alguns valores locativos da preposição *a* (*Chegamos **a** casa*; *Sentei-me **à** mesa*; *Vou **a** Petrópolis*) pertencem às variedades formais da língua; nos usos informais ou coloquiais, falados e escritos, o normal é o emprego de *em* (*Chegamos **em** casa*; *Sentei **na** mesa*; *Vou **em** Petrópolis*).

Em português diz-se *Vou **ao** cabeleireiro*, como em espanhol *Voy **a** la peluquería*. Para a mesma construção, o italiano emprega *dal* e o francês *chez*: *Vado **dal** parruchiere*; *Je vais **chez** le coiffeur*.

Com o infinitivo introduzido por um verbo de movimento, como *ir*, o espanhol e o italiano empregam a preposição *a*, enquanto em português e em francês tal preposição não é usada.

Vou visitar a cidade	Voy *a* visitar la ciudad	Vado *a* visitare la città	Je vais visiter la ville

17.2.3. A preposição *em* e seus equivalentes

O sentido locativo (interiorização espacial, temporal ou mais abstrato) encontra o seu equivalente nas preposições *en* em espanhol, *in* em italiano e *en/dans* em francês. Esse paralelismo, entretanto, nem sempre se dá perfeitamente, como se pode observar no quadro abaixo, devendo destacar-se os valores de algumas preposições: *dans/en*, em francês, pode ter valor temporal igual a *de* (port./esp.) e *in* (it.). Ao português *como* podem corresponder o *da* (it.) e o *en* (fr.). Note-se ainda o *en* (fr.) na expressão de intensidade *de plus en plus*.

Nesta cidade	*En* esta ciudad	*In* questa città	*Dans* cette ville
Na caixa *Dentro da* caixa	*En* la caja *Dentro de* la caja	*Nella* cassa *Dentro alla* cassa *Dentro* la cassa	*Dans* la caisse

Falar *em* francês	Hablar *en* francés	Parlare *in* francese	Parler *en* français
No inverno	*En* invierno	*D'*inverno *In* inverno	*En* hiver
De férias	*De* vacaciones	*In* vacanza	*En* vacances
Está *em/na* França	Está *en* Francia	È *in* Francia	Il est *en* France
A sátira social *em* Bocage	La sátira social *en* Bocage	La satire sociale *in* Bocage	La satire sociale *chez* Bocage
Vai *a/à* França	Va *a* Francia	Va *in* Francia	Il va *en* France
Comportar-se *como* uma pessoa bem educada	Portarse *como* una persona bien educada	Comportarsi *da* persona educata	Se conduire *en* personne bien élevée
É *cada vez mais* difícil	Es *cada vez más* difícil	È *sempre* più difficile	C'est *de plus en plus* difficile
Dentro de dois dias	*Dentro de* dos días	*Fra/tra* due giorni	*Dans* deux jours

Caso típico da língua francesa a ser considerado é o emprego de *chez*, que, como vimos em quadro anterior, significa *em casa de*, mas que pode, conforme o exemplo acima, significar também *na obra de*.

17.2.4. As preposições *para*, *por* e seus equivalentes

Os valores expressos pela preposição *para* estão relacionados a dois significados fundamentais: direção (*Viajou* ***para*** *São Paulo*) e finalidade (*Viajou* ***para*** *descansar*). *Por*, entretanto, serve a uma gama de sentidos bem mais variada, entre os quais vale destacar *causa*, *meio* e *substituição/permuta*.

Embora à primeira vista as ideias de causa e finalidade sejam noções opostas, as preposições *por* (port. e esp.) e *para* (port. e esp.), que as exprimem respectivamente, se equivalem algumas vezes (*Faça algo* ***por/para*** *mim*, isto é "em meu favor", "no meu interesse"). O que motiva um movimento, um ato ou uma atitude tanto pode antecedê-los no tempo (causa) como vir após eles (finalidade), donde a confusão cognitiva dessas duas áreas de significado. Essa sobreposição de sentidos só é absorvida, porém, pela preposição *por* (cf. o francês *pour* e o italiano *per*), conforme se comprova em *Eles brigam* ***por*** *qualquer coisa* (causa) e *Eles lutam* ***por*** *melhores salários* (finalidade).

Vejamos os empregos dessas preposições nas quatro línguas.

Partiu *para* Paris	Salió *para* Paris	È partito *per* Parigi	Il est parti *pour* Paris
Trouxe um presente *para* Maria	He traído un regalo *para* María	Ho portato un regalo *per* Maria	J'ai apporté un cadeau *pour* Marie
Tenho trabalho *para* seis meses	Tengo trabajo *para* seis meses	Ho (del) lavoro *per* sei mesi	J'ai du travail *pour* six mois
Vim aqui *para* ver o Pedro	He venido aqui *para* ver a Pedro	Sono venuto qui *per* vedere Pietro	Je suis venu ici *pour* voir Pierre
Comprei flores *para* ela	He comprado flores *para* ella	Ho comprato (dei) fiori *per* lei	J'ai acheté des fleurs *pour* elle
Apreciei-o *por* (*pelas*) suas qualidades	Le he apreciado *por* sus cualidades	L'ho apprezzato *per* le sue qualità	Je l'ai apprécié *pour* ses qualités
Fechado *por* motivo de falecimento	Cerrado *por* defunción	Chiuso *per* lutto	Fermé *pour* cause de décès
Despacharam a carta *pelo* correio	Despacharon la carta *por* el correo	Hanno spedito la lettera *per* posta	Ils ont expédié la lettre *par* la poste
Sacrificar-se *pela* pátria	Sacrificarse *por* la patria	Sacrificarsi *per* la patria	Se sacrifier *pour* la patrie
Comprei-o *por* mil francos	Lo compré *por* mil francos	L'ho comprato *per* mille franchi	Je l'ai acheté *pour* mille francs
Dez *por* cento	Diez *por* ciento	Dieci *per* cento	Dix *pour* cent
Por mais inteligente que seja	*Por* más inteligente que sea	*Per* quanto sai intelligente	*Pour* intelligent qu'il soit
Fui enganado *por* ela	Fui engañado *por* ella	Sono stato ingannato *da* lei	J'ai été trompé *par* elle
Sinto muita simpatia *por* ela	Siento mucha simpatía *por* elle	Provo molta simpatia *per* lei	J'éprouve beaucoup de sympatie *pour* elle

As semelhanças entre o português, o espanhol e o italiano são claras. O italiano distingue-se no grupo pelo uso de *da*, que é empregado para assinalar o complemento de agente: *Sono stato ingannato* ***da*** *lei* (Fui enganado *por ela*). As diferenças mais evidentes, porém, aparecem em francês, que emprega ora *par*, ora *pour*.

Não é difícil ver que *por* exprime principalmente a origem e a causa e *para* exprime o objetivo e a intenção. As duas significações, no entanto, podem ser traduzidas em francês pela preposição *pour*. O interrogativo francês *pourquoi?* pode equivaler a causa – *pour quelle raison?* (por quê? – por qual razão?) ou objetivo – *dans quel but?* (por quê? – com que objetivo?). A resposta à pergunta *Pourquoi faites-vous cela?* (Por que você faz isso?) pode ser *parce que* + verbo no indicativo, para enunciar uma causa, tanto quanto *pour que* + verbo no subjuntivo, para enunciar um propósito: *Parce qu'il est riche* (Porque ele é rico); *Pour qu'il soit heureux* (Para que ele seja feliz).

17.2.5. A preposição *com* e seus equivalentes

A preposição *com* tem os equivalentes *con* em espanhol, *con* em italino e *avec* em francês. Entre os seus valores, destacam-se os de companhia e de instrumento.

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Estou a trabalhar (trabalhando) *com* o Pedro	Estoy trabajando *con* Pedro	Sto lavorando *con* Pietro	Je suis en train de travailler *avec* Pierre
Corta o pão *com* uma faca	Corta el pan *con* un cuchillo	Taglia il pane *con* un coltello	Il coupe le pain *avec* un couteau

Em alguns casos pode haver oposição entre *com* e *sem* (*café* **com/sem** *açúcar*, *calçar os sapatos* **com/sem** *meias*, *passear* **com/sem** *os filhos*). Note-se que em outros empregos, nomeadamente com verbos recíprocos (*colaborar* **com**, *concordar* **com**, *jogar* **com**), tal permuta é impossível.

17.3. OUTRAS PREPOSIÇÕES E LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

As quatro línguas românicas estudadas dispõem de um vasto conjunto de preposições e locuções prepositivas. Ainda que com menor ocorrência, tais conjuntos têm significado mais preciso e, como regra geral, a correspondência entre o português, o espanhol, o italiano e o francês se torna mais regular. Assim, por exemplo:

Debaixo da mesa	*Debajo de* la mesa	*Sotto* il tavolo	*Sous* la table
Sob a mesa	*Bajo* la mesa	*Sotto* la dominazione romana	*Sous* la domination romaine
Sob (a) dominação romana	*Bajo* la dominación romana		
Sobre a mesa	*Sobre* la mesa	*Sul/sopra* il tavolo	*Sur* la table
Em cima da mesa	*Encima de* la mesa		
Na mesa	*En* la mesa		
Falar *sobre/acerca de* um tema	Hablar *sobre/acerca de* un tema	Parlare *su/sopra/di/in torno a* un tema	Parler *sur* un sujet

Vejamos, finalmente, outras preposições e locuções prepositivas em português e seus equivalentes nas três outras línguas:

antes de	antes de	prima di	avant
ao lado de	al lado de	accanto a	à côté de
ao longo de	a lo largo de	lungo	le long de
até/até a	hasta	fino a	jusqu'à
atrás de	detrás de	dietro a	derrière
através de	a través de	attraverso	à travers
contra	contra	contro	contre
desde	después de	dopo	après
depois de	desde	(fin) da	depuis
diante de	delante de	davanti a	devant
durante	durante	durante	pendant
em direção a	hacia	verso	vers
fora de	fuera de	fuori de	au dehors de hors de
junto a/de	junto a	presso	auprès de/chez
longe de	lejos de	lontano da	loin de
perto de	cerca de	vicino a	près de
sem	sin	senza	sans

XVIII

Os advérbios

18.1. ASPECTOS GERAIS

Os advérbios formam uma ampla e heterogênea classe de palavras morfologicamente invariáveis. Por sua invariabilidade, os advérbios assemelham-se às preposições e conjunções; pelo caráter acessório de grande número de advérbios, têm muito em comum com os adjetivos.

Os advérbios são, na maior parte dos casos, unidades periféricas na construção dos enunciados: sua função típica é acompanhar outras unidades, com as quais se relacionam como meio de expressão de uma variada gama de noções: lugar (*aqui*, *ali*), tempo (*hoje*, *sempre*, *depois*), modo (*assim*, *devagar*, *vagarosamente*), quantidade (*muito*, *bastante*, *menos*), atitude mental (*talvez*, *possivelmente*, *evidentemente*), delimitação conceptual (*geograficamente*, *cientificamente*, *politicamente*) etc.

A maior parte dos advérbios funciona junto a verbos (*Você canta bem*, *Acordei tarde*, *Voltarei amanhã*, *Permaneçam aqui*, *Ela saiu imediatamente*). Outros servem para graduar a significação tanto de verbos (*João trabalha muito*, *As crianças gritavam demais*), como de adjetivos (*Maria era muito rica*, *A água está fria demais*) e outros advérbios (*João trabalha muito devagar*, *Acho que cheguei cedo demais*). Outros, ainda, incidem sobre o conteúdo de frases inteiras (*Francamente, eu não a compreendo*; *Naturalmente eles estão viajando*; *Talvez você possa ajudar-me*).

18.2. ADJETIVOS E ADVÉRBIOS

Muitos advérbios são formados a partir de adjetivos, seja mediante a conversão do adjetivo em forma invariável (ex.: *As nuvens passavam baixo*), seja pelo acréscimo do sufixo *-mente* à forma feminina do adjetivo (ex.: *Eles conversavam calmamente*).

Nas quatro línguas é possível empregar adjetivos em função adverbial, por exemplo:

Bater *forte*	Pegar *fuerte*	Picchiare *forte*	Frapper *fort*
Falar *claro*	Hablar *claro*	Parlare *chiaro*	Parler *clair*

Em português, o emprego adverbial de adjetivos é muito comum: *andar direito*, *caminhar torto*, *falar difícil* ("exprimir-se numa linguagem de difícil compreensão"), *jogar limpo* ("jogar de forma honesta"). Também na publicidade se encontra este uso, não só em português, como nas demais línguas românicas: *vestir-se jovem*, em francês *s'habiller jeune*, em italiano *vestirsi giovane*.

18.3. FORMAÇÃO DOS ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

O sufixo *-mente* – em francês *-ment* – provém da palavra latina *mente*, forma ablativa do substantivo feminino *mens, mentis* (espírito, intenção, atitude). Nas quatro línguas, o adjetivo assume a forma feminina ao vir seguido pelo sufixo *-mente*. Portanto, para formar esses advérbios, é necessário observar a flexão em gênero do adjetivo correspondente:

lentamente	lentamente	lentamente	lentement

O francês apresenta algumas irregularidades:

- Depois de uma consoante, a marca *-e* do feminino passa por vezes a *-é*: *aveuglément* (cegamente), *énormément* (enormemente), *précisément* (precisamente), ao passo que tende a desaparecer após uma vogal: *obstinément* (obstinadamente), *poliment* (polidamente), *résolument* (decididamente).
- Certos adjetivos provenientes de particípios presentes latinos em –ANS (acusativo –ANTEM) e –ENS (acusativo –ENTEM), pertencentes em latim à classe em que não há distinção mórfica entre masculino e feminino (cf. *élégant* < lat. *elegantem*, *récent* < lat. *recentem*), perderam aquelas terminações: *élégamment* (elegantemente, e não **élégant-ement*), *couramment* (correntemente, e não **courant-ement*), *puissamment* (poderosamente, e não **puissant-ement*) *récemment* (recentemente, e não **récent-ement*).

Numa sequência coordenada de advérbios em *-mente*, o português e o espanhol acrescentam o sufixo apenas à última forma, sobretudo se esta vem precedida de e. Tal possibilidade não existe no italiano e no francês, conforme atestam os seguintes exemplos:

Pura e simplesmente	Pura y simplesmente	Puramente e simplicemente	Purement et simplement

São muitas as relações de sentido expressas pelos advérbios em *-mente*. Quase sempre essa diversidade advém do modo de significar inerente aos adjetivos de que derivam, como ocorre com os advérbios *atualmente*, *antigamente* e *frequentemente* – que, analogamente aos adjetivos de que derivam, expressam relações de tempo –, e com *evidentemente* e *provavelmente* – que, assim como os adjetivos de que derivam, expressam atitudes (certeza *versus* incerteza) da pessoa que fala ou escreve relativamente à "veracidade" de sua declaração.

Observação:

A exposição anterior deixa claro que nem todos os advérbios em *-mente* são "advérbios de modo", como é comum acreditar-se. Esta classificação é restrita aos advérbios que, de fato, servem para caracterizar ou qualificar o processo ou ação denotados pelo verbo (ex.: *Veste-se **elegantemente**, Caminhava **distraidamente***).

18.4. ALGUNS ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE MODO

assim	así	così	ainsi
bem	bien	bene	bien
mal	mal	male	mal
depressa	pronto, de prisa	presto	vite
às pressas			
devagar	despacio	piano	lentement
de propósito	adrede, a/de propósito, a posta	apposta	exprès
com/de boa vontade, com gosto	com gusto, de buena gana, de buen grado	volentieri	volontiers
às cegas	a ciegas	alla ciega	à l'aveuglette
pelo avesso, às avessas	al revés	alla rovescia	à l'envers

Alguns exemplos:

Ele disse isto *de propósito*	Ha dicho esto *de propósito*	Ha detto questo *apposta*	Il a dit cela *exprès*
Vestiu o pulôver *pelo avesso* (PB)	Se há puesto el jersey *al revés*	Si è messo il pullover *alla rovescia*	Il a mis son pullover *à l'envers*
Enfiou a camisola *às avessas* (PE)			

18.5. ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE LUGAR

Há dois tipos de advérbios de lugar: os dêiticos, que denotam posições relativamente ao lugar em que se encontra a pessoa que fala/escreve (*aqui*, *aí*, *ali*) e os antitéticos, geralmente organizados na língua como pares que denotam localizações opostas (*dentro/fora*, *perto/longe*, *acima/abaixo*). Os primeiros foram apresentados em quadro comparativo das quatro línguas juntamente com as palavras demonstrativas (ver cap. X).

Apresenta-se a seguir uma relação de advérbios e locuções adverbiais que exprimem posições no espaço e com frequência formam pares antitéticos:

perto	cerca	vicino	près
longe	lejos	lontano	loin
dentro	dentro	dentro	dedans
fora	fuera	fuori	dehors
embaixo, abaixo	abajo	giù, in basso	en bas
em cima, acima	arriba	su, in alto	en haut
atrás, detrás	detrás, atrás	dietro	derrière
em frente à frente, adiante	delante	davanti	devant
ao lado	al lado	accanto	à côté
no meio	en medio	in mezzo	au millieu
em/por toda parte	por/en todas partes	dappertutto, dovunque	partout
à direita	a la derecha		à droite
à esquerda	a la izquierda		à gauche
em nenhum lugar, em lugar algum, em nenhuma parte, em parte alguma, em parte nenhuma	en ninguna parte	da nessuna parte	nulle part

18.6. ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE TEMPO

Os advérbios de tempo pertencem a três subclasses: a primeira subclasse abrange os que denotam momentos ou ocasiões relativamente a um dado ponto de referência. Este ponto pode ser:

a) o instante em que se fala/escreve, ou algum outro ponto de referência instituído no próprio discurso (*agora*, *antes*, *depois*, *então*, *logo*);

b) o dia mesmo da enunciação (*hoje*, *ontem*, *amanhã*);

c) um ponto de referência implícito, subentendido pelos interlocutores (*cedo/tarde*).

Os itens "a" e "b" apresentam exemplos de advérbios dêiticos.

A segunda subclasse compreende os advérbios que se referem à duração do fato expresso pelo verbo. Eles assinalam não uma época relativa a um dado ponto de referência, mas a frequência com que o fato acontece: *sempre*, *nunca*, *jamais*, *raramente*, *frequentemente*, *habitualmente*, *esporadicamente* etc.

A terceira subclasse é representada pelo par *já/ainda*, que corresponde à distinção entre os aspectos perfectivo e imperfectivo.

18.7. QUADROS COMPARATIVOS

18.7.1. Pares antitéticos

antes depois	antes después	prima dopo	avant après
cedo tarde	temprano tarde	presto tardi	tôt tard
agora então antigamente em outra ocasião	ahora entonces antiguamente en outro tiempo	ora allora una vuolta	maintenant alors autre fois

18.7.2. Sequência dos dias na linha do tempo

anteontem	anteayer	ieri l'altro l'altro ieri	avant-hier
ontem	ayer	ieri	hier
hoje	hoy	oggi	aujourd'hui
amanhã	mañana	domani	demain
depois de amanhã	pasado mañana	dopodomani	après-demain

18.7.3. Advérbios e locuções que expressam a frequência da ação

sempre	siempre	sempre	toujours
nunca, jamais	nunca, jamás	mai	jamais
às vezes, por vezes	a veces	talvolta, a volte	parfois
algumas vezes	algunas veces	certe volte	quelquefois
uma vez	una vez	una volta	une fois
duas vezes	dos veces	due volte	deux fois
várias vezes	varias veces	parecchie volte	plusieurs fois
muitas vezes	a menudo, muchas veces	spesso	souvent
outra vez, de novo, novamente	otra vez	un'altra volta, di nuovo	une autre fois, de nouveau
de vez em quando	de vez en cuando	di quando in quando	de temps en temps

Observações:

a) O advérbio *jamais* tem sempre sentido negativo no português moderno. Já o advérbio francês *jamais* pode ter um sentido positivo e um sentido negativo. Equivalentes de *jamais* positivo:

Ele desapareceu *para sempre/para nunca mais*	Ha desaparecido *para siempre*	È scomparso *per sempre*	Il a disparu *jamais*

a) Em francês diz-se *si jamais* e em espanhol *si jamás* para o sentido da expressão *se alguma vez*, do português.

a) Em português, tanto quanto no espanhol e no italiano, a partícula negativa (*não*, *no*, *non*) desaparece quando *jamais/nunca* (port.), *jamás/nunca* (esp.) e *mai* (it.) – e, de resto, qualquer outra palavra negativa – ocorrem antes do verbo. No uso padrão, o francês exige a presença de *ne* em todos os casos. Observem-se as variantes no quadro abaixo:

Não o encontrei *nunca/jamais*	*No* le he encontrado *nunca/jamás*	*Non* l'ho *mai* incontrato	Je *ne* l'ai *jamais* rencontré
Nunca/jamais o encontrei	*Nunca/jamás* le he encontrado	*Mai* l'ho incontrato	*Jamais* je *ne* l'ai rencontré

18.7.4. *Já*, *mais* e *ainda*

já	ya	già	déjà
ainda	todavía, aún	ancora	encore
mais	ya	più	plus
Ele já chegou	*Ya ha llegado*	*È già arrivato*	*Il est déjà arrivé*
Ele já não quer trabalhar (PE) *Ele não quer mais trabalhar (PB)*	*Ya no quiere trabajar*	*Non vuole più lavorare*	*Il ne veut plus travailler*
Ele ainda dorme/Ele ainda está dormindo	*Duerme todavía/ aún*	*Dorme ancora*	*Il dort encore*
Ele ainda não chegou	*Todavía/aún no há llegado*	*No è ancora arrivato*	*Il n'est pas encore arrivé*
Ele já não dorme (PE) *Ele não está mais dormindo (PB)*	*Ya no duerme/No duerme ya*	*Non dorme più*	*Il ne dort plus*

Os advérbios *já*, *mais* (frases negativas) e *ainda* servem para enfatizar que o fato expresso na frase é um acontecimento que se estende na linha do tempo, sujeito a mudança, em relação ao qual existem um *antes* e um *depois*.

Um enunciado como *A água já está quente* expressa, implicitamente, a existência, na consciência prévia dos interlocutores, de uma água em processo de aquecimento. Com o advérbio *ainda* – *A água ainda está quente* –, o dado anterior, partilhado, é *A água está quente*. Por outro lado, consideradas as frases *O médico já vem* (afirmação categórica sobre um fato iminente) e *O médico ainda vem* (formulação de uma expectativa sobre fato futuro), está claro que a ação de *vir* só é potencial em ambas por causa do tipo do verbo (*ir*, *vir*, *chegar* etc.); o que as difere é o grau de compromisso do enunciador com a veracidade da proposição O MÉDICO VEM. *Já* e *ainda* são, por isso, advérbios que assinalam não as épocas ou etapas do acontecimento, mas duas representações mentais da realidade das coisas que são objeto de nosso raciocínio: representação como dado categórico (*já está*), ainda que não consumado (*já vem*), e representação como dado provisório, em processo (*ainda está*), ou simplesmente potencial (*ainda vem*).

Pode-se negar a frase *O médico já vem* de dois modos, antepondo em ambos os casos o advérbio *não* ao verbo: *O médico já não vem* (uso tipicamente lusitano) ou *O médico não vem mais* (uso tipicamente brasileiro). A frase negativa com o advérbio de tempo *mais* exprime situações definitivas: *O médico não vem mais* é a negação tanto de *O médico já vem* como de *O médico ainda vem.*

Observações:

Já (port.), *ya* (esp.) *già* (it.) têm uma flexibilidade de uso que não se encontra no *déjà* do francês.

Já sei	*Ya* lo sé	Lo so bene	Je (le) sais bien
Realmente, é verdade	Sí que es verdad!	*Già*! È vero!	C'est bien vrai!
Perfeito! Pronto!	*Ya* está!	Ecco!	Ça y est!
Já vou	*Ya* voy!	Vengo subito!	J'arrive de suite
Acabe (com) isso *já* (= logo)			Finissez cela immédiatement

18.8. ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE QUANTIDADE E DE INTENSIDADE

Já nos referimos a alguns deles quando tratamos dos comparativos e superlativos de adjetivos e dos numerais. São eles: *mais*, *menos*, *meio*, *tanto* (*tão*), *pouco*, *muito*, *bastante*, *demasiado*, *demais*, *assaz*. Acrescentaremos aqui apenas o advérbio *meio*, substituível por "um tanto", "um pouco". Ao funcionarem como advérbios, são, de regra, invariáveis. Exemplos:

Trabalhas *mais/menos* (*do*) *que* eu	Trabajas *más/menos que* yo	Lavori *più/meno di* me	Tu travailles *plus/moins que* moi
Pedro é *tão* rico *quanto* João	Pedro es *tan* rico *como* Juan	Pietro è *così* ricco *come* Giovanni	Pierre est *aussi* riche *que* Jean

Gosto *tanto* de cinema *quanto* de teatro	Me gusta *tanto* el cinema *como* el teatro	Mi piace *tanto* il cinema *quanto* il teatro	J'aime *autant* le cinéma *que* le théâtre
Comes *pouco/muito/bastante/demais*	Comes *poco/mucho/bastante/demasiado*	Mangi *poco/molto/abbastanza/troppo*	Tu manges *peu/beaucoup/assez/trop*
É *muito* simpática	Es *muy* simpática	È *molto* simpatica	Elle est *très* sympathique

Em português, emprega-se *tão* junto a adjetivos e advérbios (*Não fale tão alto*, *Não vá tão depressa*) e *tanto* junto a verbos (*Não chore tanto*). Em espanhol ocorre alternância análoga entre *tan* e *tanto* (*No hables tan alto*, *No vayas tan de prisa*, *No llores tanto*) e entre *muy* e *mucho* (*Ella es muy simpática*, *Ella trabaja mucho*). Em francês, esta diferença combinatória é expressa por advérbios distintos: *très* junto a adjetivos e advérbios, e *beaucoup* junto a verbos (*Elle est très sympathique*, *Elle marche très vite*, *Elle travaille beaucoup*).

Entre os advérbios que exprimem uma ideia de igualdade podem-se relacionar as seguintes formas de relativa frequência:

também	también	anche	aussi

que, ao serem negadas, passam a:

também não, nem ... também	tampoco	neanche	non plus

Exemplos:

Você (tu) cantará (cantarás), e eu *também*	Tú cantarás y yo *también*	Tu canterai e *anch'*io	Toi tu chanteras et moi *aussi*
Você (tu) não cantará (cantarás), e eu *também não/nem* eu *também*	Ni cantarás ni yo *tampoco*	Non canterai *neanch'*io	Tu ne chanteras pas *ni* moi *non plus*

Observações:

- Não se deve confundir o português *assaz* ou o francês *assez*, que correspondem a *bastante*, com o italiano *assai*, que significa *muito*.
- No português literário antigo, o advérbio *meio* podia ocorrer flexionado em gênero e número (*Ela estava meia cansada, Eles ficaram meios tontos*). No uso escrito padrão moderno, esse advérbio é invariável, como os demais (*Ela estava meio cansada, Eles ficaram meio tontos*). A variação em gênero – mas não em número – é corrente na fala popular do Brasil (*Ele estava meio tonto, Ela estava meia tonta*).

18.9. A NEGAÇÃO E A AFIRMAÇÃO

18.9.1. A negação proposicional e predicativa

Para formar uma frase negativa em português, em espanhol e em italiano, é suficiente colocar uma única partícula – *não* (port.), *no* (esp.), *non* (it.) – antes do verbo. Em francês, pelo menos no uso formal e escrito, são necessárias duas unidades, *ne* e *pas*, que se posicionam, respectivamente, antes e depois do verbo. Se o verbo negado ocorre no infinitivo, *ne* e *pas* se colocam juntos antes dele.

Eles não falam	**No hablan**	**Non parlano**	**Ils ne parlent pas**
Não o conheço	**No lo conozco**	**Non lo conosco**	**Je ne le connais pas**
Prefiro não encontrá-lo/Prefiro não o encontrar	**Prefiero no encontrarlo**	**Preferisco no incontrarlo**	**Je préfère ne pas le rencontrer**

O português, o espanhol e o italiano dispensam essa partícula quando o verbo já vem precedido de outra palavra negativa. Diz-se e escreve-se, portanto:

Não vem *ninguém*	*No* viene *nadie*	*Non* viene *nessuno*
mas	mas	mas
Ninguém vem	*Nadie* viene	*Nessuno* viene

Também em relação a este aspecto o francês se distingue das outras três línguas. Se uma outra palavra negativa ocorre na frase, antes ou depois do verbo, o *pas* desaparece, mas o *ne* é mantido:

Personne ne vient ou *Il ne vient personne.*
Jamais tu ne sors ou *Tu ne sors jamais.*
Je ne veux rien.
Aucun élève ne le sait.

Observações:

- No uso coloquial do português brasileiro, a negação tende a ser reforçada com a repetição da partícula *não* após o verbo:
  Não sei, não.
  Ninguém veio, não.
  Não disse nada, não.
- Na forma negativa de *Eles ficaram um pouco felizes*, a expressão de intensidade pode vir precedida de *nem* e pode dar lugar a *nada*: *Eles não ficaram nem um pouco felizes* ou *Eles não ficaram nada felizes.*
- No uso familiar do italiano, também se observa uma tendência a intensificar a negação com um elemento acrescentado ao verbo: *mica* (migalha). Por exemplo:
  Non è mica male. (Não está nada mal).
  Nesta língua, se houver na frase partículas como *più*, *ancora*, *mai*, a ordem das palavras é semelhante ao francês *ne...pas*: *Gianni non parla più/mai/ancora.*
- Em francês, a associação *ne...pas* surgiu também de um desejo de reforço do morfema de negação primitivo *ne* graças à utilização de signos que denotavam um objeto reduzido como *point* (ponto), *goutte* (gota), *mie* (migalha) e *pas* (passo).

Um exemplo de tais acidentes históricos é que ao enunciado *Não sei* (port.) podem corresponder, em francês, três versões: uma, arcaizante: *Je ne sais*; a do padrão formal e escrito: *Je ne sais pas*; e a coloquial e familiar, que se limita a um único elemento negativo, o segundo: *Je sais pas.*

Conforme acabamos de ver (cf. *Personne ne vient...*), o *ne* se associa a outros morfemas negativos e, neste caso, também tende a desaparecer na língua popular. Exemplos:

Personne vient. – Tu sors jamais.
Je veux rien. – Aucun élève le sait.

Novamente encontramos *ne* nas fórmulas restritivas correspondentes à construção *não...a não ser/senão* do português:

Não falava a não ser/senão disso	No hablaba más que/sino de eso	No parlava che di questo	*Il ne parlait que de cela*, que, na linguagem coloquial, pode passar a: *Il parlait que de ça*

Esse mesmo *ne* ocorre nas orações subordinadas que dependem de um verbo como *craindre* (temer, recear), que implica um desejo negativo (*temer que algo aconteça ~ desejar que algo não aconteça*). É o chamado "*ne* expletivo". Um exemplo:

Je crains qu'il ne vienne pas. (Receio que ele não venha.)
[= *Ma crainte, c'est qu'il vienne.*]

Por sua vez, a segunda partícula *pas* é suprimida com os verbos *pouvoir*, *savoir*, *oser*: *Il ne peut se décider à partir.*

Observação:

O advérbio fr. *guère*, primitivamente sinônimo de *muito*, somente é empregado em enunciados negativos. Exemplo:

Il ne parle guère. (Ele não fala muito).
Il n'est guère bavard. (Ele não é muito falante).

Na linguagem coloquial, os enunciados deste tipo se constroem sem o *ne*:
Il parle guère.
Il est guère bavard.

18.9.2. A negação de constituintes

Para negar constituintes, utiliza-se em português, espanhol e italiano a mesma partícula que acompanha o verbo. Em francês, porém, utiliza-se *non* ou *non pas* em vez de *ne pas*. Exemplos:

A política de não intervenção	La política de non intervención	La politica de non intervento	La politique de non intervention
Não longe dali	No lejos de allí	Non lontano da lì	Non loin de là
Tu (você) estás (está) aqui para descansar, não para trabalhar	Estás aqui para descansar, no para trabajar	Sei qui per riposarti, non per lavorare	Tu es ici pour te reposer, non (pas) pour travailler

Ele é médico, não engenheiro	El es médico, no ingeniero.	Lui è médico, non ingegnere.	Il est médecin, non ingénieur.
Eu quero queijo, não fruta	Yo quero queso, no fruta.	Io voglio il formaggio, non la fruta.	Je veux du fromage, pas des fruits.

Observações:

- Em francês quer *non*, quer *pas* podem negar um constituinte:
  Il est médecin, non ingénieur.
  Je veux du fromage, pas des fruits.
  C'est elle et pas lui que je veux voir.
- *Pas* precede em geral o termo contrastado; contudo, quando o termo é breve, *pas* (ou *non*) pode segui-lo:
  Tu l'aimes, moi non/moi pas/pas moi.
- Nas construções do tipo *Você está aqui para descansar, não para trabalhar*, em que se enfatiza a afirmação ao negar-se a alternativa contrária, o *não* ocorre frequentemente precedido de *e*: *Você está aqui para descansar, e não para trabalhar.*
- Em não poucas expressões, o francês usual admite um simples *pas* em vez de *non* ou de *non pas*. Exemplos:
  Pas loin de là – C'est une comédie, pas un drame.
  (É uma comédia, e não um drama.)

18.9.3. Afirmação e negação como respostas a um enunciado anterior

18.9.3.1. Resposta positiva

Em português, espanhol e francês utiliza-se a mesma unidade afirmativa para responder a uma informação ou a uma pergunta, sejam estas positivas ou negativas. Exemplos:

Pedro está em casa	Pedro está en casa	Pietro è a casa
Pedro está em casa? – Sim (, está)	¿Está Pedro en casa? – Sí (, está)	Pietro è a casa? – Sì (, c'è)
Pedro não está em casa	Pedro no está en casa	Pietro non è a casa
Pedro não está em casa?	¿No está Pedro en casa?	Pietro non è a casa?

Observação:

No português brasileiro, não é usual a resposta afirmativa por meio de *sim*; normalmente repete-se o verbo ou o advérbio *já*, quando este ocorre na pergunta. Se a pergunta contém uma locução verbal, repete-se apenas o verbo auxiliar. Exemplos:

Sabe onde ele está? – Sei.
Pode me ajudar? – Posso.
Já conhece o Rio de Janeiro? – Já (ou *Conheço*)

Em francês, por outro lado, faz-se uma distinção entre:

- um *oui* puramente afirmativo, para confirmar uma informação ou responder a uma pergunta positiva. Exemplo:
  Pierre est chez lui. (Pedro está em casa.)
  – Oui (il y est).
  Est-ce que Pierre est chez lui? (Pedro está em casa?)
  – Oui (il y est).

e

- um *si* que constitui sempre a refutação de uma negação presente no enunciado anterior. Exemplo:
  Pierre n'est pas chez lui
  – Si (il y est).
  Est-ce que Pierre n'est pas chez lui?
  – Si (il y est).

18.9.3.2. Resposta negativa

As quatro línguas adotam uma solução idêntica com um único morfema negativo. Desse modo, para os quatro enunciados anteriores, a resposta negativa será:

– Não (, não está)	– No (, no está)	– No (, non c'è)	– Non (, il n'y est pas)

Observe-se que, neste caso, o italiano emprega *no* em vez de *non*.

Outros advérbios ou locuções relacionados com as ideias de afirmação e de negação

Sim e *não* podem ser reforçados para formar expressões enfáticas. Exemplos:

	Que sí Que non	Ma sì Ma no	Mais oui/si Mais non
Claro que sim Caro que não	Claro que sí Claro que non	Certo che sì Certo Che no	Bien sûr que oui Bien sûr que non
	Pues sí		Eh bien oui

Não veio? – Veio, sim!	¿No vino? – ¡Que sí!	Non è venuto? – Ma sì!	Il n'est pas venu? – Mais si!
Veio? – Não veio, não!	¿Vino? – ¡Que non!	È venuto? – Ma non!	Il est venu? – Mais non!

Entre os numerosos termos e expressões que influem na afirmação ou na negação de algo, citemos pelo menos um elemento que se situa entre estes polos:

pode ser talvez	acaso quizá(s) tal vez	forse	peut-être

ANEXOS

I, II, III e Referências

ANEXO I
TABELA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS UTILIZADOS

1. As consoantes

Oclusivas surdas	[p]	pai	padre	padre	père
	[t]	terra	tierra	terra	terre
	[k]	corpo	cuerpo	corpo	corps
Oclusivas sonoras	[b]	bem	bien	bene	bien
	[d]	data	data	data	date
	[g]	gota	gota	goccia	goutte
		logo (bras.)			
Constritivas surdas	[f]	forte	fuerte	forte	fort
	[θ]		ciego (eur.)		
	[s]	sete	siete	sette	sept
	[ʃ]	chá		scena (cena)	chat (gato)
	[x]		girar		
			mujer		
Constritivas sonoras	[β]		lobo		
	[v]	vinho		vino	vin
	[ð]		lado		
	[z]	rosa		rosa	rose
		zero			zero
	[ʒ]	já			jeune
		agir			manger
	[ɣ]	logo (eur.)	luego		
Africadas	[ts]			alzare	
	[dz]			zero	
	[tʃ]		chica	dolce	
	[dʒ]			giro	
Nasais	[m]	mar	mar	mare	mer
	[n]	nove	nueve	nove	neuf
	[ɲ]	vinha	viña	vigna	vigne
Laterais	[l]	ler	leer	leggere	lire
	[ʎ]	filho	calle (rua)	figlio	
	[ɬ]	falta (eur.)			
Vibrantes	[r]	caro	caro	caro	
	[rr]		carro	carro	
	[ʀ]	carro			mari (marido)

2. As vogais

Centrais	[a]	mar	mar	mare	patte (pata)
	[ɐ]	banho (eur.)			
	[ə]	levar (eur.)			
Anteriores	[ɛ]	terra	tierra	terra	terre
	[e]	rede	red	rete	chanté
	[i]	fio	hilo	filo	(cantado)
					lit (leito)
Posteriores	[ɑ]				pâte (massa)
	[ɔ]	pó	forma	forte	fort
	[o]	lobo	lobo	amore	faux (falso)
	[u]	puro	puro	puro	loup (lobo)
Anteriores arredondadas	[œ]				peur (medo)
	[ø]				jeu (jogo)
	[y]				pur (puro)
Nasais	[ɑ̃]				blanc
	[ɐ̃]	lã, campo			(branco)
	[œ̃]				brun
	[ɛ̃]				(moreno)
					fin (fim)
	[ẽ]	vento			plein (cheio)
	[ĩ]	fim			
	[ɔ̃]				bon
	[õ]	bomba			
	[ũ]	algum			

3. As semivogais

[j]	pai sábio	pie	piede	pied
[w]	pau tábua	bueno	buono	oui
[ɥ]				nuit

ANEXO II
CONFRONTO PRÁTICO DAS FORMAS LEXICAIS

SIMETRIAS RECORRENTES

A evolução das línguas românicas fez com que seus léxicos se distanciassem da base comum latina, seguindo percursos às vezes idênticos, às vezes diversos. Em meio às diferenças, entretanto, relevantes simetrias são frequentemente reconhecíveis. A simples consciência desse fato possibilita o domínio imediato de vasta parte do léxico, tanto do antigo como do moderno, mesmo que não se disponha de conhecimentos etimológicos. A coluna latina das tabelas abaixo é somente um ponto de referência; não constitui base necessária à comparação. Exemplificaremos as simetrias formais que, do ponto de vista atual, são as mais importantes. Ressalve-se que os vocábulos aqui utilizados como exemplo nem sempre têm significados totalmente idênticos.

SIMETRIAS OBSERVADAS NAS VOGAIS

1. VOGAIS ÁTONAS

1.1. Nas sílabas finais

1.1.1. Particularidades do francês

a) À unidade final grafada *e*, *o* e *i* corresponde Ø (= zero):

MURU- SEPTEM	muro sete	muro siete	muro sette	mur sept

O fenômeno pode influenciar a consoante precedente: ao it./esp./port. *-vo* e *-ve* corresponde o fr. *-f*:

VIVU- OVU- NOVEM	vivo ovo nove	vivo huevo nueve	vivo uovo nove	vif œuf neuf

b) Ao *-a* corresponde um *e* mudo:

ROSA VIVA DURA	rosa viva dura	rosa viva dura	rosa viva dura	rose vive dure

Cf. as formas masculinas e femininas do fr. *vif/vive* e *dur/dure*, conforme demonstram as correspondências anteriores.

1.1.2. Particularidade do italiano

O italiano distingue-se das outras três línguas por empregar, regularmente, o *-e* átono final mesmo quando este é precedido de consoante dental não oclusiva:

PAC-	paz	paz	pace	paix
MAR-	mar	mar	mare	mer
FIN-	fim (1)	fin	fine	fin

(1) Ver 4.6 deste anexo.

1.2. Em sílaba interna

Em sílaba interna, o italiano conserva com bastante nitidez vogais átonas que comumente desapareceram nas formas correspondentes das demais línguas:

SECULU-	século	siglo	secolo	siècle
FRAXINU-	freixo	fresno	frassino	frêne

1.3. Em sílaba inicial

A um *i* átono italiano corresponde frequentemente um *e* nas demais línguas:

MELIOR-	melhor	mejor	migliore	meilleur
RECIPERE	receber	recebir	ricevere	recevoir

Às preposições átonas it. *di*, *in* correspondem, analogamente, formas com *e* nas demais línguas: fr., esp. *de*, *en*; port. *de*, *em*.

2. VOGAIS TÔNICAS

2.1. O *e* e o *o* tônicos do português e seus equivalentes nas demais línguas

a) Ao *e* tônico do português, seja fechado ou aberto, corresponde frequentemente um ditongo *ie* no espanhol, no italiano e no francês:

MEL	mel	miel	miele	miel
FERU-	fero	fiero	fiero	fier

b) Ao *o* tônico, fechado ou aberto, do português corresponde frequentemente *ue* no espanhol, *uo* no italiano e *eu/œu* ([ø], [œ]) no francês:

OVU-	ovo	huevo	uovo	œuf
MORIT(UR)	morre	muere	muore	(il) meurt

c) No espanhol, os ditongos *ie* e *ue* também aparecem antes de uma consoante dobrada ou de um grupo de consoantes, posição em que, nas outras três línguas, se mantém a vogal simples:

TERRA	terra	tierra	terra	terre
PORTA	porta	puerta	porta	porte

2.2. Equivalentes franceses ao port./esp./it. *e* e *o* em sílaba aberta

a) A um *e* (fechado) port./esp./it. corresponde o ditongo *oi* [wa]:

PIRA	pera	pera	pera	poire
TELA	teia	tela	tela	toile
HABERE	haver	haber	avere	avoir

b) O *o* longo latino geralmente deu lugar a um *o* simples, fechado em espanhol e em italiano, e fechado ou excepcionalmente aberto em português. No francês, porém, geralmente corresponde a *eu* [œ], às vezes *ou* [u]; a última quando a sílaba é fechada por um grupo consonantal (originário) nas outras três línguas:

HORA	hora	hora	ora	heure
FLOR-	flor	flor	fiore	fleur
CO(HO)RT-	corte	corte	corte	cour

2.3. O *e* francês como equivalente ao *a* nas outras línguas:

MAR-	mar	mar	mare	mer
SAL	sal	sal	sale	sel
CAPRA	cabra	cabra	capra	chèvre

Cf. também algumas desinências: ao infinitivo em *-ar(e)* e ao particípio em *-ato/-ado* das demais línguas correspondem *(chant)er* e *(chant)é* em francês.

Na sílaba fechada o francês também apresenta a vogal *a:*

ART-	arte	arte	arte	art

2.4. O português *ou/oi* tem como equivalente nas demais línguas uma vogal simples (normalmente *o*):

AURU-	ouro/oiro	oro	oro	or
CAUSA	coisa/cousa	cosa	cosa	chose
PAUCU-	pouco	poco	poco	peu

SIMETRIAS OBSERVADAS NAS CONSOANTES

3. NA POSIÇÃO INICIAL (E EVENTUALMENTE TAMBÉM NA INTERNA)

3.1. Os equivalentes à consoante palatal grafada "ch" no português são cons. + *l* no francês, *ll* no espanhol e cons. + *i* no italiano:

PLAGA	chaga	llaga	piaga	plaie
	chato	[plato] (1)	piatto	plat
PLENU-	cheio	lleno	pieno	plein
FLAMMA	chama	llama	fiamma	flamme
AFFLARE	achar	hallar	-	-
CLAV-	chave	llave	chiave (2)	clef
CLAMARE	chamar	llamar	chiamare	(ex)clamer

(1) Ver tabela seguinte.

(2) O "ch" representa a consoante velar /k/.

No entanto, em espanhol, encontramos em alguns casos os grupos *pl*, *cl*, *bl*, e, no português, *pr*, *cr*, *br* (trata-se de palavras "semieruditas"):

PLAGIA	praia	playa	(s)piaggia	plage
PLACERE	prazer	placer	piacere	plaisir
BLANK (germ.)	branco	blanco	bianco	blanc
CLAVU-	cravo	clavo	chiodo	clou

Fenômenos análogos ocorrem às vezes também na posição interna:

DUPLU-	dobre	doble	doppio	double
IMPLICARE	empregar	emplea	impiegare	employer

3.2. Os encontros *s* + consoante: na posição inicial ocorre um *e-*, exceto no italiano (e no francês frequentemente não ocorre o *-s-*):

SCHOLA	escola	escuela	scuola	école
SPATHA	espada	espada	spada	épée
STUDIU-	estudo	estudio	studio	étude

Obs.: Já houve na história do italiano um vocalismo semelhante, p. ex., *em ispalla*, e ainda hoje se utilizam expressões como *per iscritto*, *per ischerzo*.

É diferente, no entanto, o caso dos equivalentes a não poucas palavras semieruditas que têm uma vogal etimológica antes de *-s-*:

HISTORIA	história	historia	storia	histoire
AESTIMARE	estimar	estimar	(e)stimare	estimer

O *s* interno figura regularmente nas palavras portuguesas, espanholas e italianas, mas é eliminado no francês (cuja escrita, no entanto, apresenta um vestígio dessa perda no acento circunflexo sobre a vogal):

PASTA	pasta	pasta	pasta	pâte
PISCARI	pescar	pescar	pescare	pêcher
COSTA	costa	costa	costa	côte
TEMPESTA (1)	tempestade	tempestad	tempesta	tempête

(1) Forma latina tardia; no latim clássico, o nominativo singular era TEMPESTAS; nos demais casos, TEMPESTĂT-.

3.3. Os equivalentes franceses ao *ca* são *che* (em sílaba aberta) e *cha* (em sílaba fechada) (cf. 2.3 deste Anexo):

CARU-	caro	caro	caro	cher
CANTARE	cantar	cantar	cantare	chanter
ADCAPTARE	(1)	(1)	accattare	acheter (comprare)
ARCA	arca	arca	arca	arche
CABALLU-	cavalo	caballo	cavallo	cheval

(1) Existe um verbo no espanhol e no português, *acatar*, mas com significados totalmente diferentes ("respeitar" e outros); p. ex.: *Acata os conselhos dos pais* (respeita, *i. e.*, segue, os conselhos).

3.4. O equivalente espanhol ao *f-* inicial + vogal é normalmente *h-* (mudo):

FICU-	figo	higo	fico	figue
FARINA	farinha	harina	farina	farine
FORMICA	formiga	hormiga	formica	fourmi

Antes de *ue*, contudo, também o espanhol apresenta *f*, p. ex.: *fuego*, (fogo). O mesmo vale para as palavras (semi)eruditas, p. ex. *familia*. Cf. também *humear* (soltar fumaça), (intransitivo) e *fumar* (transitivo, p. ex.: *fumar um cigarro*).

3.5. Os equivalentes ao português e francês [ʒ] são o italiano [dʒ] e espanhol [dʒ] ou [x]:

IUGU-	jugo	yugo	giogo	joug
GENER-	genro	yerno	genero	gendre
GELU	gelo	hielo	gelo	gel
IUVEN-	jovem	joven	giovane	jeune
IURARE	jurar	jurar	giurare	jurer

4. EM POSIÇÃO INTERNA

4.1. Os equivalentes às consoantes duplas italianas são, na pronúncia das demais línguas, consoantes simples: na escrita, encontramos, às vezes, uma consoante dupla, noutras vezes uma consoante simples:

PASSARE	passar [pɐ'sar]	pasar	passare	passer [pa'se]
MITTIT	mete	mete	mette	il met

Ao it. *-rr-* corresponde, no entanto, uma consoante dupla no espanhol (p. ex.: it./esp. *carro*). No português, a pronúncia do *-rr-* é generalizadamente velar, correspondendo a uma consoante simples.

Em muitos casos ocorrem, em port., fr. e esp., formas semieruditas que reproduzem grupos consonantais da forma latina:

OBSERVARE	observar	observar	osservare	observer
OBTINERE	obter	obtener	ottenere	obtenir
ACTU-	ato	acto	atto	acte
EFFECTU-	efeito	efecto	effetto	effet

Ver também 4.4 deste anexo.

4.2. Oclusivas simples intervocálicas ou antes de *-r*

a) Sonoras em português e no espanhol, mas surdas no italiano. Em francês, ora sonoras, ora Ø:

SAPERE	saber	saber	sapere	savoir
RIPA	riba (1)	riba (1)	ripa/ riva	rive
-ATA	-ada	-ada	-ata	-ée (2)
VITA	vida	vida	vita	vie
PETRA	pedra	piedra	pietra	pierre
AMICA	amiga	amiga	amica	amie
DICO	digo	digo	dico	(je) dis (3)

(1) Cf. com o mesmo significado esp. *ribera*, port. *ribeira*.

(2) Em relação aos dois *e*, ver 1.1.1 (b) e 2.3 deste anexo.

(3) A forma antiga era *je di*: o *-s* é fenômeno meramente gráfico que não remonta ao *-c-* latino.

b) O italiano mantém como oclusivas sonoras consoantes que de modo geral se tornaram fricativas sonoras ou desapareceram nas demais línguas:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
PED-	pé	pie	piede	pied (1)
CRUDU-	cru	crudo [ð]	crudo	cru
CRUDEL-	cruel	cruel	crudele	cruel
PAGANU-	pagão (2)	pagano [ɣ]	pagano	païen

(1) O *d* é grafia etimológica.

(2) Mantidas entre vogais, estas consoantes se abrandaram como fricativas no português europeu, mas continuam oclusivas no português do Brasil.

Um tanto similar é o caso das formas italianas (g) g [(d)dʒ] e seus equivalentes:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
FUGERE	fugir [ʒ]	huir (1)	fuggire	fuir
RADIU-	raio	rayo	raggio	Rai

(1) Quanto ao *h-* inicial, ver 3.4 deste anexo.

4.3. Ao português *lh* [ʎ] podem corresponder o espanhol *j* [x], o grupo italiano *cchi* ([kkj]) e o francês *il(l)* [j]:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
OC(U)LU-	olho	ojo	occhio	œil
VET(U)LA > VECLA	velha	vieja	vecchia	vieille

Em algumas outras palavras, porém, essa simetria fonética revela uma consoante comum [ʎ] ao português e ao italiano, grafada respectivamente como *lh* e *gl(i)*:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
FILIA	filha	hija	figlia	fille
MELIOR-	melhor	mejor	migliore	meilleur

4.4. O encontro consonantal latino -CT- está na origem de diferenças regulares também: ao português e francês *-it*, correspondem o espanhol *-ch-* [tS] e o italiano *-tt-*:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
OCTO	oito	ocho	otto	huit
LECTU-	leito	lecho	letto	lit
NOCT-	noite	noche	notte	nuit (1)

(1) Este t é meramente gráfico.

4.5. A sequência *-xi* do pretérito perfeito latino teve evolução semelhante em português, italiano e francês – uma sibilante surda ou sonora –, mas deu resultado bem diferente no espanhol – um *j*, pronunciado [x]:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
DIXI	disse	dije	dissi	(je) dis
TRADUXI	traduzi	traduje	tradussi	(je) traduisis

Em muitas palavras semieruditas, encontramos *x* em port., esp. e fr. (mas também frequentemente o *j* nas formas espanholas):

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
LUXU-	luxo	lujo	lusso	luxe
FIXU-, FIXARE	fixo, fixar	fijo, fijar	fisso, fissare	fixe, fixer
EXEMPLU-	exemplo	ejemplo	esempio (1)	exemple
EXAMEN	exame	examen	esame (1)	examen

(1) Nas palavras iniciadas por es-, o italiano apresenta um *-s* simples; cf., p. ex., as formas *esercito(-are)*, *esaltare*, correspondentes ao espanhol *ejército(-ar)*, *exaltar*.

4.6. O espanhol, o italiano e o francês conservam, no interior da palavra, o *n* e o *l* que o português normalmente perdeu:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
LUNA	lua	luna	luna	lune
SONAT	soa	suena	suona	sonne
CAELU-	céu	cielo	cielo	ciel
MANU-	mão	mano	mano	main
SUNT	são	son	sono	sont
CAN-	cão	[perro]	cane	chien
ACTION-	ação	acción	azione	action

Note-se que a ausência de um *n* é compensada pela nasalização das vogais circundantes.

Às palavras italianas terminadas em *-ine/-ene,* o correspondente na grafia portuguesa é *-m*; na pronúncia, temos um ditongo nasal:

FIN-	fim	fin	fine	fin
BENE	bem	bien	bene	bien

Em muitos casos, a forma portuguesa sem *l/n* apresenta, como compensação, um *i*:

TELA	teia	tela	tela	toile
FRENU-	freio	freno	freno	frein
AVENA	aveia	avena	avena	avoine
CATENA	cadeia	cadena	catena	chaîne
ARENA	areia	arena	arena	arène

Nota-se também em alguns vocábulos portugueses a presença de um *-i-* onde as demais línguas não apresentam nenhum fonema: cf. port. *ideia*, esp. *idea*, it. *idea*, fr. *idée*.

4.7. O equivalente francês a *l* + consonante e a *-l* final é um *u* que se combina com a vogal precedente formando *au* [o], *ou* [u] e *eu* [ø]:

ALTU-	alto	alto	alto	haut
SALVARE	salvar	salvar	salvare	sauver
ULTRA	ultra- (1)	ultra- (1)	oltre	outre
COL(A)PU-	golpe	golpe	colpo	coup
*FILTIR (germ.)	feltro	fieltro	feltro	feutre
PELL-	pele	piel	pelle	peau

(1) Somente como prefixo.

Vale lembrar que neste caso o *l* português em final de sílaba se pronuncia [ɬ] no uso europeu e mais comumente [w] no uso brasileiro.

SIMETRIAS COMPLEXAS

5. INTRODUÇÃO

Em muitos casos, determinada palavra é afetada por mais de um fenômeno de simetria. Assim, p. ex., nas formas francesas, espanholas e portuguesas destacadas:

CARU-	caro	caro	caro	cher (2.3 + 3.3)
FOLIA	folha	hoja (3.4 + 4.3)	foglia	feuille
PLANU-	chão (3.1 + 4.6)	llano	piano	plan
PLENU-	cheio (3.1 + 4.6)	lleno	pieno	plein

Em certos casos, uma divergência pode condicionar outra; já vimos alguns exemplos em 1.1.1 e 4.6 deste anexo, adicionamos aqui dois outros casos análogos.

6. A CONTRAÇÃO DE DUAS VOGAIS EM UMA

Este fenômeno pode ser consequência da ausência de uma consoante intervocálica (presente, por sua vez, nas formas italianas – ver 4.2 e 4.6 deste anexo):

COLOR-	cor	color	colore	couleur
VIDERE	ver	ver	vedere	voir
VENIRE	vir	venir	venire	venir
TENERE	ter	tener	tenere	tenir
LANA	lã	lana	lana	laine
GERMANA	irmã	hermana	germana	sœur
SECURU-	seguro	seguro	sicuro	sûr
MATURU-	maduro	maduro	maturo	mûr

7. O APARECIMENTO, NAS DEMAIS LÍNGUAS, DO *E* NO LUGAR DO ITALIANO *A*

Pode ser condicionado aos fenômenos consonantais mostrados em 4.4. e 4.5 deste anexo. No francês, esse fato se dá na pronúncia, mas não é representado na grafia:

FACTU-	feito	hecho	fatto	fait [fɛ]
LACT-	leite	leche	latte	lait [lɛ]
AX-	eixo	eje	asse	axe (1)

(1) Latinismo etimológico, ver 4.5 deste anexo.

ANEXO III
PARADIGMAS VERBAIS

1. VERBOS REGULARES
1.1. Equivalentes aos verbos regulares portugueses em *-ar*

Infinitivo impessoal			
cantar	cantar	cantare	chanter

Infinitivo pessoal
cantar
cantares
cantar
cantarmos
cantardes
cantarem

Gerúndio			
cantando	cantando	cantando	chantant

Particípio passado			
cantado	cantado	cantato	chanté

Presente do indicativo			
canto	canto	canto	je chante
cantas	cantas	canti	tu chantes
canta	canta	canta	il chante
cantamos	cantamos	cantiamo	nous chantons
cantais	cantáis	cantate	vous chantez
cantam	cantan	cantano	ils chantent

Presente do subjuntivo/conjuntivo			
cante	cante	canti	je chante
cantes	cantes	canti	tu chantes
cante	cante	canti	il chante
cantemos	cantemos	cantiamo	nous chantions
canteis	cantéis	cantiate	vous chantiez
cantem	canten	cantino	ils chantent

Imperativo afirmativo			
canta	canta	canta	chante
cante	cante	canti	
cantemos	cantemos	cantiamo	chantons
cantai	cantad	cantate	chantez
cantem	canten	cantino	

Pretérito imperfeito do indicativo			
cantava	cantaba	cantavo	je chantais
cantavas	cantabas	cantavi	tu chantais
cantava	cantaba	cantava	il chantait
cantávamos	cantábamos	cantavamo	nous chantions
cantáveis	cantabais	cantavate	vous chantiez
cantavam	cantaban	cantavano	ils chantaient

Pretérito perfeito do indicativo			
cantei	canté	cantai	je chantai
cantaste	cantaste	cantasti	tu chantas
cantou	cantó	cantò	il chanta
cantámos/ cantamos (1)	cantamos	cantammo	nous chantâmes
cantastes	cantasteis	cantaste	vous chantâtes
cantaram	cantaron	cantarono	ils chantèrent

(1) Em Portugal, com acento agudo sobre o *a*.

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo				
cantasse	cantase	cantara	cantassi	je chantasse
cantasses	cantases	cantaras	cantassi	tu chantasses
cantasse	cantase	cantara	cantasse	il chantât
cantássemos	cantásemos	cantáramos	cantassimo	nous chantassions
cantásseis	cantaseis	cantarais	cantaste	vous chantassiez
cantassem	cantasen	cantaran	cantassero	ils chantassent

Pretérito mais-que-perfeito
cantara
cantaras
cantara
cantáramos
cantáreis
cantaram

Futuro do subjuntivo/conjuntivo			
cantar	cantare		
cantares	cantares		
cantar	cantare		
cantarmos	cantáremos		
cantardes	cantareis		
cantarem	cantaren		

Futuro do presente do indicativo			
cantarei	cantaré	canterò	je chanterai
cantarás	cantarás	canterai	tu chanteras
cantará	cantará	canterà	il chantera
cantaremos	cantaremos	canteremo	nous chanterons
cantareis	cantaréis	canterete	vous chanterez
cantarão	cantarán	canteranno	ils chanteront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)			
cantaria	cantaría	canterei	je chanterais
cantarias	cantarías	canteresti	tu chanterais
cantaria	cantaría	canterebbe	il chanterait
cantaríamos	cantaríamos	canteremmo	nous chanterions
cantaríeis	cantaríais	cantereste	vous chanteriez
cantariam	cantarían	canterebbero	ils chanteraient

1.2. Equivalentes aos verbos regulares portugueses em *-er*

Infinitivo impessoal			
vender	vender	vendere	vendre

Infinitivo pessoal
vender
venderes
vender
vendermos
venderdes
venderem

Gerúndio			
vendendo	vendiendo	vendendo	vendant

Particípio passado			
vendido	vendido	venduto	vendu

Presente do indicativo			
vendo	vendo	vendo	je vends
vendes	vendes	vendi	tu vends
vende	vende	vende	il vend
vendemos	vendemos	vendiamo	nous vendons
vendeis	vendéis	vendete	vous vendez
vendem	venden	vendono	ils vendent

Presente do subjuntivo/conjuntivo			
venda	venda	venda	je vende
vendas	vendas	venda	tu vendes
venda	venda	venda	il vende
vendamos	vendamos	vendiamo	nous vendions
vendais	vendáis	vendiate	vous vendiez
vendam	vendan	vendano	ils vendent

Imperativo afirmativo			
vende	vende	vendi	vends
venda	venda	venda	
vendamos	vendamos	vendiamo	vendons
vendei	vended	vendete	vendez
vendam	vendan	vendano	

Pretérito imperfeito do indicativo			
vendia	vendía	vendevo	je vendais
vendias	vendías	vendevi	tu vendais
vendia	vendía	vendeva	il vendait
vendíamos	vendíamos	vendevamo	nous vendions
vendíeis	vendíais	vendevate	vous vendiez
vendiam	vendían	vendevano	ils vendaient

Pretérito perfeito do indicativo			
vendi	vendí	vendei	je vendis
vendeste	vendiste	vendesti	tu vendis
vendeu	vendió	vendé	il vendit
vendemos	vendimos	vendemmo	nous vendîmes
vendestes	vendisteis	vendeste	vous vendîtes
venderam	vendieron	venderono	ils vendirent

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

vendesse	vendiese	vendiera	vendessi	je vendisse
vendesses	vendieses	vendieras	vendessi	tu vendisses
vendesse	vendiese	vendiera	vendesse	il vendît
vendêssemos	vendiésemos	vendiéramos	vendessimo	nous vendissions
vendêsseis	vendieseis	vendierais	vendeste	vous vendissiez
vendessem	vendiesen	vendieran	vendessero	ils vendissent

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

vendera
venderas
vendera
vendêramos
vendêreis
venderam

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

vender	vendiere
venderes	vendieres
vender	vendiere
vendermos	vendiéremos
venderdes	vendiereis
venderem	vendieren

Futuro do presente do indicativo

venderei	venderé	venderò	je vendrai
venderás	venderás	venderai	tu vendras
venderá	venderá	venderà	il vendra
venderemos	venderemos	venderemo	nous vendrons
vendereis	venderéis	venderete	vous vendrez
venderão	venderán	venderanno	ils vendront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

venderia	vendería	venderei	je vendrais
venderias	venderías	venderesti	tu vendrais
venderia	vendería	venderebbe	il vendrait
venderíamos	venderíamos	venderemmo	nous vendrions
venderíeis	venderíais	vendereste	vous vendriez
venderiam	venderían	venderebbero	ils vendraient

1.3. Equivalentes aos verbos regulares portugueses em *-ir*

Português	Español	Italiano	Français

Infinitivo impessoal

unir	servir	unir	unire	servire	unir	servir

Infinitivo pessoal

unir	servir
unires	sevires
unir	servir
unirmos	servirmos
unirdes	servirdes
unirem	servirem

Gerúndio

unindo	servindo	uniendo	unendo	servendo	unissant	servant

Particípio passado

unido	servido	unido	unito	servito	uni	servi

Presente do indicativo

uno	sirvo	uno	unisco	servo	j'unis	je sers
unes	serves	unes	unisci	servi	tu unis	tu sers
une	serve	une	unisce	serve	il unit	il sert
unimos	servimos	unimos	uniamo	serviamo	nous unissons	nous
unis	servis	unís	unite	servite	vous unissez	servons
unem	servem	unen	uniscono	servono	ils unissent	vous servez
						ils servent

Presente do subjuntivo/conjuntivo

una	sirva	una	unisca	serva	j'unisse	je serve
unas	sirvas	unas	unisca	serva	tu unisses	tu serves
una	sirva	una	unisca	serva	il unisse	il serve
unamos	sirvamos	unamos	uniamo	serviamo	nous unissions	nous
unais	sirvais	unáis	uniate	serviate	vous unissiez	servions
unam	sirvam	unan	uniscano	servano	ils unissent	vous serviez
						ils servent

Imperativo afirmativo

une	serve	une	unisci	servi	unis	sers
una	sirva	una	unisca	serva		
unamos	sirvamos	unamos	uniamo	serviamo	unissons	servons
uni	servi	unid	unite	servite	unissez	servez
unam	sirvam	unan	uniscano	servano		

Pretérito imperfeito do indicativo

unia	servia	unía	univo	servivo	j'unissais	je servais
unias	etc.	unías	univi	etc.	tu unissais	tu servais
unia		unía	univa		il unissait	il servait
uníamos		uníamos	univamo		nous unissions	nous
uníeis		uníais	univate		vous unissiez	servions
uniam		unían	univano		ils unissaient	vous serviez
						ils servaient

Pretérito perfeito do indicativo

uni	servi	uní	unii	servii	j'unis	je servis
uniste	etc.	uniste	unisti	etc.	tu unis	etc.
uniu		unió	unì		il unit	
unimos		unimos	unimmo		nous unîmes	
unistes		unisteis	uniste		vous unîtes	
uniram		unieron	unirono		ils unirent	

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

unisse	servisse	uniese	uniera	unissi	servissi	j'unisse	je servisse
unisses	etc.	unieses	unieras	unissi	etc.	tu unisses	etc.
unisse		uniese	uniera	unisse		il unît	
uníssemos		uniésemos	uniéra-	unissimo		nous unissions	
unísseis		unieseis	mos	uniste		vous unissiez	
unissem		uniesen	unierais	unissero		ils unissent	
			unieran				

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

unira	servira
uniras	etc.
unira	
uníramos	
uníreis	
uniram	

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

unir	servir	uniere
unires	etc.	unieres
unir		uniere
unirmos		uniéremos
unirdes		uniereis
unirem		unieren

Futuro do presente do indicativo

unirei	servirei	uniré	unirò	servirò	j'unirai	je servirai
unirás	etc.	unirás	unirai	etc.	tu uniras	etc.
unirá		unirá	unirà		il unira	
uniremos		uniremos	uniremo		nous unirons	
unireis		uniréis	unirete		vous unirez	
unirão		unirán	uniranno		ils uniront	

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

uniria	serviria	uniría	unirei	servirei	j'unirais	je servirais
unirias	etc.	unirías	uniresti	etc.	tu unirais	etc.
uniria		uniría	unirebbe		il unirait	
uniríamos		uniríamos	uniremmo		nous unirions	
uniríeis		uniríais	unireste		vous uniriez	
uniriam		unirían	unirebbero		ils uniraient	

2. VERBOS AUXILIARES E DE LIGAÇÃO

O objetivo das tabelas a seguir é tão somente ilustrar as equivalências morfológicas de verbos cujos empregos são, em muitos casos, claramente distintos nas diferentes línguas (ver 4.1.2).

2.1. Os equivalentes morfológicos do português *ser*

Infinitivo impessoal			
ser	ser	essere	être
Infinitivo pessoal			
ser			
seres			
ser			
sermos			
serdes			
serem			
Gerúndio			
sendo	siendo	essendo	étant
Particípio passado			
sido	sido	stato	été
Presente do indicativo			
sou	soy	sono	je suis
és	eres	sei	tu es
é	es	è	il est
somos	somos	siamo	nous sommes
sois	sois	siete	vous êtes
são	son	sono	ils sont
Presente do subjuntivo/conjuntivo			
seja	sea	sia	je sois
sejas	seas	sia	tu sois
seja	sea	sia	il soit
sejamos	seamos	siamo	nous soyons
sejais	seáis	siate	vous soyez
sejam	sean	siano	ils soient

Imperativo afirmativo			
sê	sé	sii	sois
seja	sea	sia	
sejamos	seamos	siamo	soyons
sede	sed	siate	soyez
sejam	sean	siano	
Pretérito imperfeito do indicativo			
era	era	ero	j'étais
eras	eras	eri	tu étais
era	era	era	il était
éramos	éramos	eravamo	nous étions
éreis	erais	eravate	vous étiez
eram	eran	erano	ils étaient
Pretérito perfeito do indicativo			
fui	fui	fui	je fus
foste	fuiste	fosti	tu fus
foi	fue	fu	il fut
fomos	fuimos	fummo	nous fûmes
fostes	fuisteis	foste	vous fûtes
foram	fueron	furono	ils furent

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo				
fosse	fuese	fuera	fossi	je fusse
fosses	fueses	fueras	fossi	tu fusses
fosse	fuese	fuera	fosse	il fût
fôssemos	fuésemos	fuéramos	fossimo	nous fussions
fôsseis	fueseis	fuerais	foste	vous fussiez
fossem	fuesen	fueran	fossero	ils fussent

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
fora
foras
fora
fôramos
fôreis
foram

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

for	fuere
fores	fueres
for	fuere
formos	fuéremos
fordes	fuereis
forem	fueren

Futuro do presente do indicativo

serei	seré	sarò	je serai
serás	serás	sarai	tu seras
será	será	sarà	il sera
seremos	seremos	saremo	nous serons
sereis	seréis	sarete	vous serez
serão	serán	saranno	ils seront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

seria	sería	sarei	je serais
serias	serías	saresti	tu serais
seria	sería	sarebbe	il serait
seríamos	seríamos	saremmo	nous serions
seríeis	seríais	sareste	vous seriez
seriam	serían	sarebbero	ils seraient

2.2. Os equivalentes morfológicos do português *estar*

Infinitivo impessoal

estar	estar	stare

Infinitivo pessoal

estar
estares
estar
estarmos
estardes
estarem

Gerúndio

estando	estando	stando

Particípio passado

estado	estado	stato

Presente do indicativo

estou	estoy	sto
estás	estás	stai
está	está	sta
estamos	estamos	stiamo
estais	estáis	state
estão	están	stanno

Presente do subjuntivo/conjuntivo

esteja	esté	stia
estejas	estés	stia
esteja	esté	stia
estejamos	estemos	stiamo
estejais	estéis	stiate
estejam	estén	stiano

Imperativo afirmativo

está	está	sta/stai/sta'
esteja	esté	stia
estejamos	estemos	stiamo
estai	estad	state
estejam	estén	stiano

Pretérito imperfeito do indicativo

estava	estaba	stavo
estavas	estabas	stavi
estava	estaba	stava
estávamos	estábamos	stavamo
estáveis	estabais	stavate
estavam	estaban	stavano

Pretérito perfeito do indicativo

estive	estuve	stetti
estiveste	estuviste	stesti
esteve	estuvo	stette
estivemos	estuvimos	stemmo
estivestes	estuvisteis	steste
estiveram	estuvieron	stettero

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo			
estivesse	estuviese	estuviera	stessi
estivesses	estuvieses	estuvieras	stessi
estivesse	estuviese	estuviera	stesse
estivéssemos	estuviésemos	estuviéramos	stessimo
estivésseis	estuvieseis	estuvierais	steste
estivessem	estuviesen	estuvieran	stessero

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
estivera
estiveras
estivera
estivéramos
estivéreis
estiveram

Futuro do subjuntivo/conjuntivo	
estiver	estuviere
estiveres	estuvieres
estiver	estuviere
estivermos	estuviéremos
estiverdes	estuviereis
estiverem	estuvieren

Futuro do presente do indicativo		
estarei	estaré	starò
estarás	estarás	starai
estará	estará	starà
estaremos	estaremos	staremo
estareis	estaréis	starete
estarão	estarán	staranno

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)		
estaria	estaría	starei
estarias	estarías	staresti
estaria	estaría	starebbe
estaríamos	estaríamos	staremmo
estaríeis	estaríais	stareste
estariam	estarían	starebbero

2.3. Os equivalentes morfológicos do português *haver*

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Infinitivo impessoal			
haver	haber	avere	avoir
Infinitivo pessoal			
haver			
haveres			
haver			
havermos			
haverdes			
haverem			
Gerúndio			
havendo	habiendo	avendo	ayant
Particípio passado			
havido	habido	avuto	eu
Presente do indicativo			
hei	he	ho	j'ai
hás	has	hai	tu as
há	ha	ha	il a
havemos	hemos	abbiamo	nous avons
haveis	habéis	avete	vous avez
hão	han	hanno	ils ont
Presente do subjuntivo/conjuntivo			
haja	haya	abbia	j'aie
hajas	hayas	abbia	tu aies
haja	haya	abbia	il ait
hajamos	hayamos	abbiamo	nous ayons
hajais	hayáis	abbiate	vous ayez
hajam	hayan	abbiano	ils aient

Imperativo afirmativo

há		abbi	aie
haja		abbia	
hajamos		abbiamo	ayons
havei		abbiate	ayez
hajam		abbiano	

Pretérito imperfeito do indicativo

havia	había	avevo	j'avais
havias	habías	avevi	tu avais
havia	había	aveva	il avait
havíamos	habíamos	avevamo	nous avions
havíeis	habíais	avevate	vous aviez
haviam	habían	avevano	ils avaient

Pretérito perfeito do indicativo

houve	hube	ebbi	j'eus
houveste	hubiste	avesti	tu eus
houve	hubo	ebbe	il eut
houvemos	hubimos	avemmo	nous eûmes
houvestes	hubisteis	aveste	vous eûtes
houveram	hubieron	ebbero	ils eurent

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

houvesse	hubiese	hubiera	avessi	j'eusse
houvesses	hubieses	hubieras	avessi	tu eusses
houvesse	hubiese	hubiera	avesse	il eût
houvéssemos	hubiésemos	hubiéramos	avessimo	nous eussions
houvésseis	hubieseis	hubierais	aveste	vous eussiez
houvessem	hubiesen	hubieran	avessero	ils eussent

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

houvera
houveras
houvera
houvéramos
houvéreis
houveram

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

houver	hubiere
houveres	hubieres
houver	hubiere
houvermos	hubiéremos
houverdes	hubiereis
houverem	hubieren

Futuro do presente do indicativo

haverei	habré	avrò	j'aurai
haverás	habrás	avrai	tu auras
haverá	habrá	avrà	il aura
haveremos	habremos	avremo	nous aurons
havereis	habréis	avrete	vous aurez
haverão	habrán	avranno	ils auront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

haveria	habría	avrei	j'aurais
haverias	habrías	avresti	tu aurais
haveria	habría	avrebbe	il aurait
haveríamos	habríamos	avremmo	nous aurions
haveríeis	habríais	avreste	vous auriez
haveriam	habrían	avrebbero	ils auraient

2.4. Os equivalentes morfológicos do português *ter*

Infinitivo impessoal

ter	tener	tenere	tenir

Infinitivo pessoal

ter
teres
ter
termos
terdes
terem

Gerúndio

tendo	teniendo	tenendo	tenant

Particípio passado

tido	tenido	tenuto	tenu

Presente do indicativo

tenho	tengo	tengo	je tiens
tens	tienes	tieni	tu tiens
tem	tiene	tiene	il tient
temos	tenemos	teniamo	nous tenons
tendes	tenéis	tenete	vous tenez
têm	tienen	tengono	ils tiennent

Presente do subjuntivo/conjuntivo

tenha	tenga	tenga	je tienne
tenhas	tengas	tenga	tu tiennes
tenha	tenga	tenga	il tienne
tenhamos	tengamos	teniamo	nous tenions
tenhais	tengáis	teniate	vous teniez
tenham	tengan	tengano	ils tiennent

Imperativo afirmativo

tem	ten	tieni	tiens
tenha	tenga	tenga	
tenhamos	tengamos	teniamo	tenons
tende	tened	teniate	tenez
tenham	tengan	tengano	

Pretérito imperfeito do indicativo

tinha	tenía	tenevo	je tenais
tinhas	tenías	tenevi	tu tenais
tinha	tenía	teneva	il tenait
tínhamos	teníamos	tenevamo	nous tenions
tínheis	teníais	tenevate	vous teniez
tinham	tenían	tenevano	ils tenaient

Pretérito perfeito do indicativo

tive	tuve	tenni	je tins
tiveste	tuviste	tenesti	tu tins
teve	tuvo	tenne	il tint
tivemos	tuvimos	tenemmo	nous tînmes
tivestes	tuvisteis	teneste	vous tîntes
tiveram	tuvieron	tennero	ils tinrent

Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo

tivesse	tuviese	tuviera	tenessi	je tinsse
tivesses	tuvieses	tuvieras	tenessi	tu tinsses
tivesse	tuviese	tuviera	tenesse	il tînt
tivéssemos	tuviésemos	tuviéramos	tenessimo	nous tinssions
tivésseis	tuvieseis	tuvierais	teneste	vous tinssiez
tivessem	tuviesen	tuvieran	tenessero	ils tinssent

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

tivera
tiveras
tivera
tivéramos
tivéreis
tiveram

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

tiver	tuviere
tiveres	tuvieres
tiver	tuviere
tivermos	tuviéremos
tiverdes	tuviereis
tiverem	tuvieren

Futuro do presente do indicativo

terei	tendré	terrò	je tiendrai
terás	tendrás	terrai	tu tiendras
terá	tendrá	terrà	il tiendra
teremos	tendremos	terremo	nous tiendrons
tereis	tendréis	terrete	vous tiendrez
terão	tendrán	terranno	ils tiendront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

teria	tendría	terrei	je tiendrais
terias	tendrías	terresti	tu tiendrais
teria	tendría	terrebbe	il tiendrait
teríamos	tendríamos	terremmo	nous tiendrions
teríeis	tendríais	terreste	vous tiendriez
teriam	tendrían	terrebbero	ils tiendraient

2.5. Os equivalentes ao português *ir*

A conjugação deste verbo em português e em espanhol é resultante da combinação de três raízes supletivas, provenientes dos verbos latinos *ire*, *vadre* e *esse* (formas do perfeito e respectivos derivados). O francês emprega basicamente o radical *all-* (do lat. *ambulare*) e suplementarmente os radicais *i-* e *va-*. O italiano usa dois radicais, *va(d)-* e *and*. Em espanhol e português, *ir* e (com um significado mais concreto) *andar* são dois verbos distintos.

Infinitivo impessoal			
ir	ir	andare	aller
Infinitivo pessoal			
ir			
ires			
ir			
irmos			
irdes			
irem			
Gerúndio			
indo	yendo	andando	allant
Particípio passado			
ido	ido	andato	allé
Presente do indicativo			
vou	voy	vado (vo)	je vais
vais	vas	vai	tu vas
vai	va	va	il va
vamos	vamos	andiamo	nous allons
ides	vais	andate	vous allez
vão	van	vanno	ils vont
Presente do subjuntivo/conjuntivo			
vá	vaya	vada	j'aille
vás	vayas	vada	tu ailles
vá	vaya	vada	il aille
vamos	vayamos	andiamo	nous allions
vades	vayáis	andiate	vous alliez
vão	vayan	vadano	ils aillent

Imperativo afirmativo			
vai	ve	va/vai/va'	va
vá	vaya	vada	
vamos	vamos /vayamos	andiamo	allons
ide	id	andate	allez
vão	vayan	vadano	
Pretérito imperfeito do indicativo			
ia	iba	andavo	j'allais
ias	ibas	andavi	tu allais
ia	iba	andava	il allait
íamos	íbamos	andavamo	nous allions
íeis	ibais	andavate	vous alliez
iam	iban	andavano	ils allaient
Pretérito perfeito do indicativo			
fui	fui	andai	j'allai
foste	fuiste	andasti	tu allas
foi	fue	andò	il alla
fomos	fuimos	andammo	nous allâmes
fostes	fuisteis	andaste	vous allâtes
foram	fueron	andarono	ils allèrent
Pretérito imperfeito do subjuntivo/conjuntivo			
fosse	fuese	fuera	andassi	j'allasse
fosses	fueses	fueras	andassi	tu allasses
fosse	fuese	fuera	andasse	il allât
fôssemos	fuésemos	fuéramos	andassimo	nous allassions
fôsseis	fueseis	fuerais	andaste	vous allassiez
fossem	fuesen	fueran	andassero	ils allassent
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo				
fora				
foras				
fora				
fôramos				
fôreis				
foram				

Futuro do subjuntivo/conjuntivo

for	fuere
fores	fueres
for	fuere
formos	fuéremos
fordes	fuereis
forem	fueren

Futuro do presente do indicativo

irei	iré	andrò	j'irai
irás	irás	andrai	tu iras
irá	irá	andrà	il ira
iremos	iremos	andremo	nous irons
ireis	iréis	andrete	vous irez
irão	irán	andranno	ils iront

Futuro do pretérito do indicativo (condicional)

iria	iría	andrei	j'irais
irias	irías	andresti	tu irais
iria	iría	andrebbe	il irait
iríamos	iríamos	andremmo	nous irions
iríeis	iríais	andreste	vous iriez
iriam	irían	andrebbero	ils iraient

REFERÊNCIAS

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1994.

ALI, Manuel Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda; GARCIA MARQUES, Maria Lucía; SEGURA DA CRUZ, Maria Luísa (eds.). *Português Fundamental*, v. II, t. 1.: *Inquérito de Frequência*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

BACH, Svend; BRUNET, Jacqueline; MASTRELLI, Carlo Alberto. *Quadrivio Romanzo: dall'italiano ao Francese, allo Spagnolo, al Portoghese*. Firenze: Accademia della Crusca, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BORBA, Francisco da Silva (coord.). *Dicionário gramatical de verbos*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1991.

BRUNET, Jacqueline. *Grammaire Critique de l'Italien*. Vincennes: Presses Universitaires, 1991, v. 10-11.

CALVO RIGUAL Cesáreo; GIORDANO Ana. *Diccionario Italiano-Español, Español-Italiano*. Barcelona: Herder, 1995.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CANTERA, Jesús de; VICENTE, Eugenio. *Gramática Francesa*. 2. ed. Madrid: Cátedra, 1994.

CARRERA DÍAZ, Manuel. *Curso de Lengua Italiana*, v. I: *Práctica*. Barcelona: Ariel, 1997.

_____. *Curso de Lengua Italiana*, v. II: *Teoría*. Barcelona: Ariel, 1997.

_____. *Manual de Gramática Italiana*. Barcelona: Ariel, 1998.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

CUNHA, Celso; LINDLEY CINTRA, Luis F. de. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DELGADO-MARTINS, M. R. *Ouvir falar*: introdução à fonética do português. Lisboa: Caminho, 1988.

Diccionario Collins GEM Español-Portugués, Portugués-Español. Barcelona: Gruijalbo Mondadori, 1998.

Diccionario Señas para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DUARTE, I. *Língua Portuguesa: Instrumentos de Análise*. Lisboa: Unversidade Aberta, 2000.

ELIA, Sílvio. *Preparação à Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FARIA, I. H. et al. (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4ª ed. (conforme a nova ortografia). Curitiba: Positivo, 2009.

FIGUEIREDO, O.; FIGUEIREDO, E. B. *Dicionário Prático para o Estudo do Português: da Língua aos Discursos*. Porto: Asa, 2003.

FONSECA, J. *Língua e Discurso*. Porto: Porto Editora, 2001.

GARCÍA PELAYO Y GROSS, Ramón et al. *Gran Diccionario Español-Francés, Francés-Español*. Barcelona: Larousse, 1997.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2.922 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª ed. (com a nova ortografia da língua portuguesa). Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1.986 p.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1997.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O Português da Gente: a Língua que Estudamos, a Língua que Falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

JENSEN, Jørgen Schmitt. Quatre grammaires comparées des langues romanes aujourd'hui. *La Tribune Internationale des Langues Vivantes*, n. 20, p. 23-29, 1996.

JENSEN, Jørgen Schmitt; LOHSE, Birger. *Elementær Portugisisk Grammatik*. Munksgaards, 1993.

LIMA, J. P. *Pragmática Linguística. O Essencial sobre Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2006.

LOPES, A. C. M.; RIO-TORTO, G. *Semântica. O Essencial sobre Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2007.

LOPES, Oscar. *Gramática Simbólica do Português*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-Português*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MATEUS, M. H. et al. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

_____ et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATEUS, M. H.; CARDEIRA, E. *Norma e Variação. O Essencial sobre Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2007.

MATEUS, M. H.; VILLALVA, A. *O Essencial sobre Linguística*. Lisboa: Caminho, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Unesp, 2000.

PERES, J.; MÓIA, T. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1995.

PERINI, Mário A. *Modern Portuguese: a Reference Grammar*. Yale: Yale University Press, 2002.

RIO-TORTO, G. *Morfologia Derivacional. Teoria Geral e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora, 1998.

RODRIGUES, Vera Cristina. *Dicionário Houaiss de Verbos da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

TEYSSIER, Paul. *Comprendre les Langues Romanes: du Français à l'Espagnol, au Portugais, à l'Italien e au Roumain*. Paris: Chandeigne, 2004.

_____. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

_____. *Manuel de Langue Portugaise – Portugal-Brésil*. Paris: Klincksieck, 1984. (Trad. port. *Manual de Língua Portuguesa – Portugal-Brasil*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.)

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria A. Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa/São Paulo: Edições 70/Martins Fontes, 1971.

VILELA, Mário. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1999.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

Este livro foi composto na tipografia ITC Caslon 224
e impresso sobre papel offset 90 g/m²
pela Cromosete em novembro 2010.

Ana Maria Brito
Doutora em Linguística e Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Birger Lohse
Professor da Universidade de Copenhague, Dinamarca. Mestre em Filologia Portuguesa e Espanhola.

Godofredo de Oliveira Neto
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde é Professor Associado de Literatura Brasileira.

José Carlos de Azeredo
Doutor em Letras pela UFRJ e Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Conheça também:
Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos

Escrevendo Pela Nova Ortografia

Gramática Houaiss da Língua Portuguesa